



João Francisco Lisboa

.....

JORNAL DE TIMON



Mesa Diretora

Biênio 2003/2004

Senador José Sarney
Presidente

Senador Paulo Paim
1º Vice-Presidente

Senador Eduardo Siqueira Campos
2º Vice-Presidente

Senador Romeu Tuma
1º Secretário

Senador Alberto Silva
2º Secretário

Senador Heráclito Fortes
3º Secretário

Senador Sérgio Zambiasi
4º Secretário

Suplentes de Secretário

Senador João Alberto Souza
Senador Geraldo Mesquita Júnior

Senadora Serys Slhessarenko
Senador Marcelo Crivella

Conselho Editorial

Senador José Sarney
Presidente

Joaquim Campelo Marques
Vice-Presidente

Conselheiros

Carlos Henrique Cardim
João Almino

Carlyle Coutinho Madruga
Raimundo Pontes Cunha Neto

.....

Edições do Senado Federal – Vol. 28

JORNAL DE TIMON

**Eleições na Antiguidade. Eleições na
Idade Média. Eleições na Roma Católica,
Inglaterra, Estados Unidos, França, Turquia**

*

Partidos e eleições no Maranhão

João Francisco Lisboa



Brasília – 2004

EDIÇÕES DO
SENADO FEDERAL
Vol. 28

O Conselho Editorial do Senado Federal, criado pela Mesa Diretora em 31 de janeiro de 1997, buscará editar, sempre, obras de valor histórico e cultural e de importância relevante para a compreensão da história política, econômica e social do Brasil e refletirão sobre os desafios do país.

Projeto gráfico: Achilles Milan Neto

© Senado Federal, 2004

Congresso Nacional

Praça dos Três Poderes s/nº – CEP 70165-900 – Brasília – DF

CEEDIT@senado.gov.br

[Http://www.senado.gov.br/web/conselho/conselho.htm](http://www.senado.gov.br/web/conselho/conselho.htm)

.....

Lisboa, João Francisco, 1812–1863.

Jornal de Timon : eleiçõesna Antigüidade, eleições na Idade Média, eleiçõesna Roma Católica, Inglaterra, Estados Unidos, França, Turquia, partidos e eleiçõesno Maranhão / João Francisco Lisboa. -- Brasília : Senado Federal, Conselho Editorial, 2004.

326 p. -- (Edições do Senado Federal ; v. 28)

1. Eleição, história, Antigüidade. 2. Eleição, história, Idade Média. 3. Eleição, história, Maranhão. 4. Partido Político, história, Maranhão. I. Título. II. Série.

CDD 324.9

.....

.....

Sumário

UM HISTORIADOR HUMANISTA

José Sarney

pág. 13

ELEIÇÕES NA ANTIGUIDADE

ESPARTA E ATENAS

Licurgo revolucionário – Hérault-de-Séchelles, e as leis de Minos e Sólon – Os escrutinadores presos, e a maioria dos gritos – As assembleias populares em Atenas – A guarda cita – Os oradores de estado – Os marujos na tribuna – Extraordinária eloquência de um orador mudo – Os vencedores de Salamina – Aristides passando chapas – Um rei comunista – As quarenta e seis eleições de Fócion – Os três monstros de Atenas.

pág. 17

ROMA

A REPÚBLICA

Direito eleitoral – O traje dos candidatos – O decênviro Ápio votando em si mesmo – Os Gracos – A nobreza e a plebe – Discurso de Tibério – Os clubes de Santana e São João, em Roma – Os caceiteiros romanos – As urnas roubadas – Os nomencladores, pontos da comédia eleitoral – Balcões de comércio de votos – Banquete de dez mil mesas – Pedradas nas ruas – Os convênios dos candidatos – Alianças político-matrimoniais – Um cesto de lixo – Catão descalço e apedrejado – As cédulas escritas por uma só mão – A taquigrafia e o sistema de rollha – O triúnviro Marco Antônio saltando telhados – As suas barbas e a sua saia de mulher.

pág. 31

O IMPÉRIO

O historiador Tácito – A troca de cabeças – O século de Péricles e de Augusto – As adoções imperiais, começadas em Augusto e continuadas em Luís Napoleão – Circulares de Tibério, garantindo a liberdade do voto – O jornalista Cremúcio Cordo – Um imperador vermelho e o cônsul *Incitatus* – Um pobre homem recrutado para imperador – O manjar dos deuses – Os casamentos de Nero – Galba logrando os seus eleitores – As beijocas de Otão – O alarve imperial e o pastelão monstro – Os imperadores de teatro – A púrpura ou a morte.

pág. 57

ELEIÇÕES NA IDADE MÉDIA E TEMPOS MODERNOS

ROMA CATÓLICA

Eleições dos papas – S. Pedro, chefe de grupo, faz resistência à justiça, comete o crime de ofensas físicas com mutilação, e muda de partido – Missão do Papado – Os pontífices tribunos – Aliança da religião e da democracia – Uma palavra derriba um rei – Cento e trinta e sete pessoas mortas na eleição do Papa Dâmaso – Um frango com seu recheio de papas – Excomunhões eleitorais – Um Pontífice guardador de porcos – A melhor maneira de descobrir as chaves de S. Pedro.

pág. 69

INGLATERRA – ESTADOS UNIDOS

O primeiro inglês que comprou votos – Progressiva carestia do gênero – Uma eleição por quatro libras no princípio, e um voto por três milhões no fim – Eleições de um só voto – A Inglaterra posta fora da lei – Tarifa das consciências – Os brancos e os azuis – Procição e música eleitoral – Carros, dísticos e bandeiras – Batalha de lama, frutas podres, ovos chocos e soco – Bebidas temperadas – Digníssimos eleitores estirados pelas ruas – Os Hustings – O Poll – Os Imparciais.

pág. 77

FRANÇA

Grande contraste – O crime de Bonaparte – A corrupção eleitoral – Fidelidade recíproca dos eleitores e eleitos – Eleições de um só indivíduo em dezenas de colégios – Uma dúzia de Constituições – O sufrágio universal – Escravidão da França.

pág. 93

TURQUIA

Progressos admiráveis da liberdade neste país – O Sultão cultor das letras e tradutor de Virgílio – Passeios e manobras eleitorais.

pág. 97

EPÍLOGO

Contradição de Timon – Estamos justificados – Aparências falaces – A Grécia, rainha das artes e das letras – Roma, senhora do Universo – A Inglaterra fica nos confins do mundo – O Templo da Paz – Cartago vencedora de Roma – As esquadras inglesas – Lorde Palmerston – *Civis Romanus Sum* – Os mágicos do Novo Mundo – A Princesa das Nações – O novo Adamastor, e o novo Cabo das Tormentas – Rosas, o degolador – O México – Os dons da providência esterilizados – Assunto para sérias meditações.

pág. 99

PARTIDOS E ELEIÇÕES NO MARANHÃO

O presidente candidato – O festim de Baltasar – O tiro de S. Marcos – Ban de i ra i m p e r i a l no tope grande – Há de ser bispo – O derradeiro dia de um condenado – Testamento presidencial – Reuniões, conversações, promessas e profissões de fé – Posse do novo presidente – Artigos de jornais sobre este grande acontecimento – O *Postilhão* e a *Trombeta* – A Despedida – Ternura Policial.

pág. 107

II

Instalação doméstica do novo presidente – O palácio do Governo – Conforto – Criados do paço – Jardins e perfumes – O tenente-coronel Fagundes – Um homem prestante – Cavalos baratos – Diversas espécies do gênero – Presidente – O *Porto Franco*.

pág. 131

III

Denominações, bandeiras, credos, profissões de fé – Cangambás, muruçocas, jaburus, bacuraus – Ligas, organizações, coalizões, fusões, cisões, dissoluções, recomposições – Receita pronta e eficaz para criar um partido – Retrato – Um presidente imparcial – Proteção à lavoura, cultura do *palma christi* – Perseguições aos quilombos.

pág. 145

IV

Última mão de recrutamento – Candura de presidente – rompimento – Polêmica – Os pequenos jornais – Uma voz do outro mundo, ou acandidatura do Sr. Anastácio Pedro.

pág. 167

V

A patuléia – A pedintaria – As subscrições e impostos eleitorais – O dia 28 de julho e o dia 7 de setembro – Festejos populares – O convento do Carmo e o Teatro dos Couros – Eloquência de clubes – Arroz-de-pato – As procissões – Rixas, espancamentos e tumultos – Descrições e polêmicas de jornais – Modelos de estilo grandilóquo-festival – Vanilóquio.

pág. 181

VI

Aproximação do dia da eleição – Exasperação dos partidos – Infidelidade do correio, roubo e morte de estafetas – Curiosa correspondência eleitoral – Espancamento e mortes, distúrbio universal – O medo, nume adorado por antigos e modernos – Diversos graus de falsificação – Decisão de um Conselho de recurso – O partido vencedor fraccionado – Anarquia na votação – Apuração final – Jogo de atas – Admirável exemplo de fidelidade política – Contradições, esquecimentos e apologia do autor – Assembléia provincial – Eleições municipais – Decepções, novas cisões e coalizões.

pág. 199

VII

Últimas cenas e últimas feições – Os instrumentos dos partidos – As eleições – Os grandes e pequenos jornais – A luz do Inferno de Milton – Os presidentes – *Faciamus experimentum anima vili.*

pág. 219

VIII

Os partidos considerados em si mesmos – Sua fraqueza, instabilidade e efêmera duração – Cartas de *Americus* – Ilusões da infância – Aplicação exclusiva à política – Algaravia e fantasmagoria dos partidos – A carreira dos empregos – Presunção e desvanecimento da mocidade – Conselhos de Droz – A moralidade da fábula – O Mal passando da vida política para a civil – Sua generalidade, publicidade e impunidade – Tranqüilidade, boa fé e cinismo do crime – Juízo unânime dos partidos sobre a sua própria corrupção.

pág. 237

IX

Época de maravilhas e catástrofes – Os tribunos e os reis justificados pela mão do algoz – O poder imperial, único poder efetivo entre nós – O Imperador deve reinar, governar e administrar – Grandeza do mal e do remédio – Extirpação dos partidos – Presidências políticas e presidências administrativas – O Bem, por meio do trabalho, da indústria e da riqueza.

pág. 257

TIMON A SEUS LEITORES

Arguições a Timon – Sua Apologia – O Sistema de intervenção e de abstenção – O egoísmo, ou a ambição – Uma andorinha só não faz verão – Os retratos e a difamação da Província – O vício pudibundo.

pág. 265

CONSIDERAÇÕES GERAIS

A propaganda e a negação do Direito Revolucionário – A realeza e a democracia – As repressões e as anistias.

pág. 271

ÍNDICE ONOMÁSTICO

pág. 321

.....

Um historiador humanista

Senador JOSÉ SARNEY

A democracia tem, por definição, um desafio: a representatividade, como escolher quem realmente expresse a vontade e a opinião de muitos. Desde sua invenção, na Antiguidade, uma imensa variedade de soluções tem sido proposta, cada uma com particularidades que se alteram a todo instante. No Maranhão, João Francisco Lisboa procedeu ao exame das eleições ao longo da História, detendo-se longamente nas práticas locais.

João Francisco Lisboa nasceu a 22 de março de 1812, em Pirapemas, no Itapicuru, no Maranhão, região onde explodiria, poucos anos depois, a Balaiada. Feitos os primeiros anos de estudo em São Luís, passa os anos seguintes na fazenda paterna. Só volta a estudar quando vem trabalhar como caixeiro na capital maranhense, mas aí revela a capacidade de aprender que o tornaria um intelectual conhecido ainda que só saindo da província aos 43 anos.

Sua primeira vocação é o jornalismo político, e se sucedem os pequenos jornais de luta, de sua responsabilidade ou de outros: em 1832, O Brasileiro e o Farol Maranhense; de 34 a 36, o Eco do Norte; a partir de 38, a Crônica Maranhense. Ele explicaria: “Quando comecei a escrever, não havia opinião pública no Maranhão.”

Em 34, casou com dona Violante Luísa da Cunha. No ano seguinte aceitou trabalhar como secretário do governo do Barão de Pindaré, Costa Ferreira. Achou que devia explicações aos leitores, que poderiam duvidar de sua integridade: “Mais de um lugar havemos rejeitado, e quanto ao de secretário, aceitamo-lo: 1º, por nos julgarmos com capacidade para bem desempenhá-lo; 2º, para termos de que viver honestamente; 3º, porque o governo com quem íamos servir merecia a nossa estima e confiança.”

Eleito deputado duas vezes, pelos liberais, se destacou pelo interesse pelos problemas da educação — educação pública, como se dizia então. Quando começa o domínio conservador, marcado por um assassinato político em Caxias, Lisboa volta ao jornalismo com a Crônica Maranhense. Segundo Sotero dos Reis, “não era João Francisco Lisboa o jovem inexperiente e fogoso que no Brasileiro e no Farol esposava as idéias dos exaltados, mas o homem amadurecido pela experiência, formado a todo gênero de literatura no estudo particular do seu gabinete, o político profundo, o escritor abalizado e o adversário mais temível pela insigne maestria com que manejava a pena, quer em assuntos sérios, quer no ridículo em que ninguém podia competir com ele”.

Empobrecido, em 1840 deixa a aventura da Crônica e começa uma carreira de advogado, e advogado de banca bem sucedida, “tanto assim — diz seu biógrafo, Antônio Henriques Leal, no Pantheon Maranhense — que, nos quatorze anos de prática em nosso foro, vivendo folgadoamente e com todos os confortos que se podem ter na capital de uma província, conseguiu reunir um pecúlio bastante para poder manter-se forro de trabalhos forçados para o resto da vida”.

Mantém uma colaboração no Eco do Norte, até que em 42 aceita o convite de Inácio José Ferreira para dirigir o Publicador Maranhense, o que fará até 1855. Em 1848 volta à Assembléia Provincial.

A partir de 1852, transformando mais uma vez seu destino, João Francisco Lisboa dedica-se aos estudos históricos. Inicia a publicação, primeiro em fascículos, depois em volumes, do *Jornal de Timon*, heterônimo que o assinala como historiador. Os quatro primeiros fazem um estudo das eleições ao longo da história, desde a antiguidade até seu tempo. Depois vem o retrato, sob o manto de um personagem inventado, dos procedimentos políticos do Maranhão, que vê com um olhar a um tempo irônico e desesperado.

Descrevia Leal: “A propósito de eleições e partidos do Maranhão, como para complexo do quadro, ilustração e simplificação das instituições e sistema político, esboça os tipos do presidente de província, do candidato, de diversos soezes sicofantas por hábito, por interesse, por imitação; do jornalista sem pudor e caluniador de profissão, e do escritor de boa-fé e ancho de si; do caudilho eleitoral, e da ralé do povo ou gentilha; e fá-lo com crítica tão consumada e espirituosa que torna de tais retratos a parte não menos aprazível e estimada desse trabalho.”

A parte mais interessante do *Jornal de Timon*, no entanto, é a da visão dos sistemas políticos do século XIX. Vale a reflexão, não de todo ultrapassada, sobre a probidade política na Inglaterra e na França: na ilha as eleições eram fraudulentas, os políticos acima de qualquer suspeita; no continente eleições impecáveis elegiam personagens corruptos. Já então, com pouco mais de setenta anos da Constituição Americana, louvava o respeito quase sagrado que lhe tinham os seus políticos, lembrando o acordo entre Henry Clay e John Quincy Adams para a vitória na Câmara dos Representantes, ninguém tendo alcançado número no colégio eleitoral.

Lisboa é, no *Jornal de Timon*, severo com os nossos hábitos políticos e severo com os partidos. Há sem dúvida um lado de amargura em seu retrato, mas o fato concreto é que ainda estamos por construir um sistema representativo que reflita integralmente, de maneira estável e eficiente, a vontade do povo brasileiro.

Depois de seu ingresso nos estudos históricos, João Francisco Lisboa dedicou-se à História. Foi o grande iniciador dos estudos sobre os jesuítas no Norte do Brasil, sobre Antônio Vieira, sobre Beckman, so-

bre o Maranhão, sua povoação, suas lutas. Em 1855 foi para o Rio de Janeiro, e daí para Lisboa, onde substitui Gonçalves Dias como pesquisador dos arquivos históricos portugueses. Como o poeta, morreu fora da terra natal, longe das palmeiras e do sabiá.

.....

Eleições na Antiguidade

ESPARTA E ATENAS

LICURGO REVOLUCIONÁRIO – HÉRAULT-DE-SÉCHELLES, E AS LEIS DE MINOS E SÓLON – OS ESCRUTINADORES PRESOS, E A MAIORIA DOS GRITOS – AS ASSEMBLÉIAS POPULARES EM ATENAS – A GUARDA CITA – OS ORADORES DE ESTADO – OS MARUJOS NA TRIBUNA – EXTRAORDINÁRIA ELOQUÊNCIA DE UM ORADOR MUDO – OS VENCEDORES DE SALAMINA – ARISTIDES PASSANDO CHAPAS – UM REI COMUNISTA – AS QUARENTA E SEIS ELEIÇÕES DE FÓCION – OS TRÊS MONSTROS DE ATENAS.

D

ENTRE os diversos povos da Antiguidade, os gregos e romanos foram os que mais largamente exercitaram o direito eleitoral. Deles pois me hei de exclusivamente ocupar, não para escrever uma obra completa acerca das suas instituições e costumes políticos, mas tão-somente para dar uma leve tintura do que diz respeito à manifestação da vontade popular no meneio dos públicos negócios.

A Grécia, de que primeiro tratarei, era dividida em uma infinidade de repúblicas, onde todas as formas e princípios preponderavam alternativamente, desde a democracia pura, a aristocracia, e as monarquias, mistas e temperadas do princípio popular, até à mais desordenada anarquia, à oligarquia, e à tirania propriamente dita, que naqueles tempos significava o Governo de um só, usurpado e exercido contra as leis, de um modo opressivo e odioso. O estado de perturbação em que constantemente viveram aquelas repúblicas, produzia e facilitava incessantes e repetidas mudanças e modificações no princípio constitutivo do Governo.

Assim, já estas diversas formas em si, já a sua instabilidade e pouca duração, isto é, a mudança de umas para outras formas, tudo concorria poderosamente para o exercício e ação da vontade do povo, revelada nos votos da multidão.

No nosso moderno sistema representativo, ou o Governo se denomine república, ou monarquia constitucional, o povo, não a multidão ou totalidade dos habitantes de um país, mas o povo depurado e qualificado, pelos haveres, pela idade, pelo domicílio, ou já simplesmente certas classes do povo, mais graduadas pelas riquezas, pelos cargos, ou profissões, uma vez feita a escolha dos seus representantes ou procuradores, fica inteiramente apartado da direção dos negócios públicos; nem mais exerce sobre eles outra influência que a da opinião, influência, é certo, colossal e irresistível, e o primeiro poder das sociedades bem organizadas, depois da invenção da imprensa e dos jornais, contanto que alcance, como na Inglaterra, modelar-se pela própria sabedoria.

Nas repúblicas antigas, porém, com especialidade em Esparta e Atenas, que pela sua preeminência escolherei, com exclusão das outras, para assunto deste pequeno trabalho, o povo, a multidão, o sufrágio universal, não só elegia os chefes do Governo, e os legisladores, senão também os juizes, os magistrados, os administradores e funcionários de toda espécie, os generais de mar e terra, os embaixadores, e ainda os pontífices das religiões; e não contente de se fazer servir por tão numerosos delegados, vinha ele mesmo conhecer e decidir, e ordinariamente nos foros e praças públicas, únicas cabais para tão vastas assembléias, de todos os negócios de paz e de guerra, das leis, dos impostos, das contas do erário, das recompensas dos beneméritos, da naturalização dos estrangeiros, dos processos judiciários, da educação, dos costumes, e até acerca da habitação, do vestuário, e do alimento dos cidadãos.

Na infância da vida e ciência política, os meios e fórmulas empregadas para tantas e tão complicadas eleições e votações eram singulares e pitorescas em todo extremo. O leitor o irá julgando no decurso desta narração.

Considerando Licurgo na corrupção dos costumes dos seus concidadãos, assentou de regenerá-los, reformando desde os seus

fundamentos as instituições e leis pátrias; e para abalançar-se a tão gloriosa e arriscada empresa, não fez a menor conta, que eu saiba ao menos, da doutrina com tanto abuso hoje preconizada e seguida de que as leis devem acomodar-se aos costumes. Fez uma revolução, isto é, insurgiu-se contra as leis e costumes do seu país, escutando tão-somente as inspirações da divindade, de uma consciência pura, e de um gênio nascido para mudar a face das cousas, e como penhor da sua heróica temeridade ofereceu, aos contemporâneos a vida, e à posteridade a memória e a reputação. Triunfou, e como se há de saber sem grande estranheza, compôs o Senado em sua totalidade de parciais seus, todos grandes revolucionários, e cúmplices na recente mudança.

Eis aqui uma primeira eleição por imposição revolucionária; mas o grande homem, o legislador por excelência, sabendo bem que não podia ser eterno no poder, proveu desde logo sobre a maneira de preencher as vagas que fossem ocorrendo para o diante.

Essas vagas só podiam ser preenchidas por cidadãos maiores de sessenta anos, recomendáveis, pela sua sabedoria e virtude, entre os mais sábios e virtuosos. É manifesto que não se trata aqui de uma virtude simples e ordinária, mas de uma tal excelência, perfeição, e sublimidade que pudesse avultar e sobressair no meio de um povo tão afamado por sua pureza e rigidez, como o espartano. A nossa sábia e providente constituição, que nesta parte derivou quase em linha reta da de Licurgo, dispõe no seu artigo 45 que o Senador tenha de idade quarenta anos para cima, apresente folha corrida limpa de crimes, e seja pessoa de saber, capacidade, e virtudes, com preferência os que tiverem feito serviços à pátria.

Sem examinar por ora como esta lei se cumpre, vejamos como em Esparta se elegia o Senador.

Ajuntava-se o povo na praça pública; e em uma casa vizinha, donde ninguém podia ver a multidão, nem ser visto por ela, mas onde, cm desconto, tudo se ouvia distintamente, encerrava-se uma porção de cidadãos *escolhidos*, isto é, creio eu, cidadãos conhecidos por seu patriotismo, e de uma fama pura e irrepreensível. Mas como e por que modo eram eles *escolhidos* e qualificados para serem encerrados, e ouvirem sem ver?

Lembra-me ter lido que Hérault-de-Séchelles, membro famoso da Convenção francesa, sendo eleito para a comissão que tinha de organizar a constituição, cheio de pachorra e ingenuidade escrevera um bilhete ao bibliotecário-mor da república para que tivesse a bondade de mandar-lhe os volumes das leis de Minos e Licurgo, pois os havia mister, a fim de extrair os apontamentos necessários para o seu trabalho. Estou bem persuadido que nas leis e regulamentos eleitorais do sábio grego haviam de estar prevenidas todas as hipóteses e ocorrências imagináveis, mas não tendo à minha disposição as bibliotecas de Paris, sou forçado a contentar-me com o que diz Plutarco, único amigo que me é dado consultar neste ponto.

Reunida pois a assembléia, e devidamente encerrados os notáveis da república, começava a melindrosa operação. Apresentavam-se incontinenti os candidatos, e não em turba, mas cada um por sua vez, e segundo a sorte o determinava; e atravessando a praça, com os olhos cravados no chão, e sem proferir uma só palavra, era acolhido pelas aclamações, mais ou menos estrepitosas, dos votantes derramados em torno, ou dispostos em alas. Então os notáveis encerrados que, como se observou, tudo podiam ouvir, mas nada ver, registravam cuidadosamente em tábuas a esse fim destinadas o grau mais ou menos subido do clamor e arruído popular, com referência ao primeiro, segundo ou terceiro candidato que passava, conforme a ordem do sorteio, sem aliás saberem qual verdadeiramente fosse cada um deles. — O que tinha a fortuna de excitar uma algazarra mais estrugidora, era proclamado Senador. Coroados de flores, e acompanhado de uma turba de mancebos e raparigas, que entoavam hinos ao seu mérito e triunfo, o feliz candidato corria imediatamente ao templo para render graças aos deuses, donde, penso eu, se introduziu o costume de cantar-se o *Te-Deum* nas nossas apurações finais. Do templo passava o candidato à casa de todos os seus parentes, cada um dos quais era obrigado a servir-lhe um refresco; e concluídas estas visitas, à sala dos banquetes públicos, onde só havia de extraordinário darem-lhe duas rações em vez de uma.

Todos os outros negócios se decidiam pelo mesmo teor com a só diferença que em vez dos notáveis, era um dos éforos quem verificava a maioria, e quando isso lhe era impossível só pela apreciação dos

clamores e da algazarra, contava os votos por cabeça, fazendo arrumar os de cada opinião a um lado distinto.

Estas assembléias se convocavam ordinariamente para a lua cheia, e dos cidadãos só eram admitidos a votar os maiores de trinta anos, contanto que a esse requisito reunissem uma reputação sem mancha. Entre as diversas exclusões, sobressai a dos covardes, fugitivos dos combates, que não podiam ser votantes, e muito menos elegíveis, e para serem conhecidos eram obrigados a trazer a cabeça descoberta, a usar andrajos de cores variegadas, e a rapar metade da barba somente, deixando crescer a outra metade. A cada um que os encontrava, era lícito espancá-los sem que a eles o fosse o queixar-se ou defender-se. Talvez a sabedoria do legislador imaginasse este meio feliz e inocente de fazer evaporar a exaltação eleitoral.

Os lacedemônios costumavam passear as ruas da cidade armados de grossos bastões, recurvados na ponta superior à feição de algumas bengalinhas e chapéus-de-sol dos nossos modernos elegantes; mas era-lhes vedado penetrar com eles o recinto do campo eleitoral, sem dúvida para que no calor do seu entusiasmo não fossem tentados a fazer um uso menos prudente daqueles persuasivos instrumentos.

Neste breve resumo do sistema eleitoral de Esparta, mostra-se que já naquelas remotas e ditosas eras se manipulava a matéria com bastante discrição e inteligência, as condições de elegibilidade e incapacidade definidas; as candidaturas, o passeio eleitoral, o modo de votar, o de apurar os votos, a seqüestração dos escrutinadores como a do júri atual, os cânticos, aplausos e banquetes em honra do candidato triunfante, as precauções policiais contra o cacete, deveram sem dúvida prender a atenção dos modernos Licurgos, se a rude e severa Esparta não fosse neste ponto, como em muitos outros, tão somenos da brilhante e buliçosa Atenas. É em Atenas, modelo aliás ultrapassado por este nosso povo tão amável como espirituoso, é nas suas variadas cenas eleitorais e parlamentares, que ele encontrará um assunto digno das suas profundas e maliciosas observações.

Não obstante as sugestões poderosas do patriotismo e da ambição, e o alto interesse que deviam sempre excitar os negócios públicos em um estado livre, as assembléias populares de Atenas nem por isso eram muito numerosas nos primitivos tempos da república; e para que

os cidadãos comparecessem a dar o seu voto, era mister obrigá-los por meio da violência ou das multas. Mas depois que, conhecida a ineficácia daqueles recursos, se tomou o acordo de dar uma gratificação de três óbolos aos presentes, o povo começou a ser mais assíduo, concorrendo sobretudo em grande maioria, como é bem fácil de supor, os indivíduos das classes menos abastadas, que pelo só fato das suas tumultuárias reuniões, e ainda mais pelos seus furores e violências em algumas ocasiões, afugentavam a maior parte dos nobres e ricos.

Além de que a famosa lei pela qual Sólon, com o fito de prevenir os perigos da inação e indiferença, punia os cidadãos que em tempos de agitação se não declarassem abertamente por algum dos partidos, era bem própria para arremessar na liça a todos sem exceção; e a experiência não tardou a mostrar que ela bem longe de prevenir os perigos, pela intervenção, ainda que obrigada, dos bons, os agravou ao contrário pela exuberância e natureza dos concorrentes.

O mesmo Sólon havia promulgado outra lei tolhendo aos cidadãos das últimas classes o exercício das magistraturas elevadas; mas o sábio e virtuoso Aristides propôs e obteve a ab-rogação. Veio depois Péricles, o mais brilhante e magnífico ambicioso que porventura nos depara a história, e lisonjeando a plebe com adulações, liberalidades e espetáculos, a pôs de maneira nos seus interesses, e rebaixou tanto a influência das classes superiores, que todas as precauções de Sólon para preservar os grandes interesses do estado das inconseqüências e desregramentos da mesma plebe, desarmaram em vão, e se tornaram perfeitamente inúteis.

É nessa fase da constituição política de Atenas que cumpre observar as suas assembléias. Não eram admitidas a elas as mulheres, os menores de vinte anos, os notados de infâmia, os condenados por uma infinidade de delitos, os estrangeiros enfim, sendo punido de morte todo aquele que sem ser cidadão de Atenas se introduzia nas suas assembléias, reputado por esse só fato como violador e usurpador da soberania do povo.

Para o exercício porém de certos cargos mais importantes, o de orador do estado, por exemplo (e havia dez a quem corria particular obrigação de defender os interesses da pátria perante o Senado e o povo), se requeriam condições mais onerosas, como fossem talentos

extraordinários, e grande reputação de virtude, para que não acontecesse, dizia-se, que o povo se deixasse guiar pelos alvitres, ainda que cordatos, de homens infames e perdidos. Isto era o que ditava a lei e a razão; mas como, em rigor, a ninguém era expressamente defeso subir à tribuna e opinar, ver-se-á como desta permissão se abusava com grande descomedimento e escândalo.

A assembléia se reunia ordinariamente logo ao amanhecer, na praça do mercado, na do Pnice, nos teatros, ou em outros quaisquer recintos acomodados ao intento e à multidão. Seis mil sufrágios eram necessários para dar força de lei a qualquer deliberação, mas nos casos urgentes bastava um número inferior. A presidência se deferia aos principais do Senado; e os generais do exército ocupavam assentos distintos. Para manter a ordem, requisitava-se a guarda cita, espécie de gendarmes ou polícia, que pela ocupação se assemelhava às guardas suíças que algumas nações modernas costumavam trazer a soldo, e pela pronúncia bárbara e atravessada, e sobretudo pelo vício dominante da embriaguez, aos regimentos de irlandeses que há cerca de vinte e cinco anos se rebelaram no Rio de Janeiro contra a população inerme, e contra o próprio Governo que se havia lembrado de os pôr a seu serviço.

Entretanto este fato de uma libérrima e antiga república pôr a ordem da sua capital, e o exercício da sua soberania, sob a proteção armada de uma guarda de bárbaros, é para fazer refletir um pouco aos que entre nós tanto declamam contra o engajamento de estrangeiros em geral; e prova pelo menos que o desditoso Camilo Desmoulins improvisava com a costumada leviandade quando, impacientado e contrariado nas suas tentativas revolucionárias pelas rondas ativas e incessantes de Lafaiete e da Guarda Nacional, exclamava nos seus espirituosos panfletos: *No Cerâmico ao menos não havia patrulhas!* Não, infelizmente, havia, e foram ali tão inúteis e impotentes para prevenir o mal, como em Paris, e em tantos outros lugares.

Depois que todos os assistentes tomavam assento, purificava-se o lugar por meio de sacrifícios, e um rei d'armas, alçando a voz, e implorando o auxílio dos deuses, bolçava horríveis imprecações contra os oradores venais que se deixassem corromper para enganar o Senado e o povo. Eram depois os cidadãos convidados a dar a sua opinião sobre os negócios pendentes, e como a matéria se julgasse esgotada ou discutida,

passava-se aos votos, que se tomavam às vezes por escrutínio, porém mais ordinariamente erguendo-se as mãos, em sinal de aprovação. Lido o decreto sem reclamação, a assembléia se dissolvia com o mesmo tumulto que desde o começo reinara nas suas deliberações.

Às vezes, e precedendo proposta, os votos se tomavam por tribos, separadamente, forma que de ordinário dava mais preponderância às classes pobres.

Segundo a lei, nenhum decreto se devia submeter à deliberação popular, sem prévia discussão e aprovação do Senado, a quem competia toda a iniciativa; mas estas, como tantas outras barreiras opostas à precipitação do povo, foram por ele pouco a pouco derribadas, sendo impotente para defendê-las um Senado ânuo, cujos membros, findo o tempo de suas funções, recaíam na antiga dependência, e se apresentavam nas assembléias a solicitar favores da mesma multidão que ainda há pouco tinham dirigido.

Desta gradual relaxação dos princípios resultou que certas magistraturas, a princípio só conferidas a homens de uma integridade a toda prova, por meio de uma eleição livre e escrupulosa, já depois se outorgavam por via de sorteio; e afinal, desprezada a eleição como a sorte, cada qual manejou a intriga e o dinheiro para alcançar todo e qualquer emprego, e introduzir-se até no próprio Senado. A iniciativa deste caiu em completo desprezo; e não só os seus decretos eram constantemente rejeitados, mas outros se propunham incontinenti à assembléia popular, de que ele nunca tivera conhecimento, não bastando, para impedir estas irregularidades, os esforços que empregavam os presidentes tirados do seu seio, ora chamando os oradores à questão, ora recusando admitir as proposições novas à discussão, ora finalmente adiando a assembléia para mais favorável ocasião; porquanto o povo, impaciente ou furioso, não só abafava as suas determinações pelos clamores, como os forçava a ceder o lugar a outros mais condescendentes.

Já não eram as leis, e os magistrados por ela depositadamente instituídos que exerciam influência nas assembléias, senão os turbulentos e facciosos que arrastavam a multidão pela sua audácia, os ricos que a corrompiam com o seu ouro, e os oradores que a comoviam pela sua eloquência.

Estes oradores de profissão, dentre os quais, como já observei, os dez mais qualificados se chamavam até *oradores do estado*, consagravam todo o seu tempo aos negócios públicos, nem era possível que o tivessem mais para outra qualquer ocupação. Os estudos e a experiência requerida para que pudessem primar na sua sublime e arriscada profissão eram imensos; e as leis ainda multiplicavam as dificuldades, exigindo nelas uma infinidade de condições, a qual delas mais rigorosa, a fim de os conselheiros do povo fossem homens superiores a toda suspeita, virtuosos, sábios, amigos da pátria, e interessados na manutenção da ordem e das instituições.

Mas tal é a vaidade da prudência humana, que todas estas prevenções legais não preservavam a tribuna de ser invadida por gente corrompida e de baixa condição, e até por marujos bêbados e ignorantes, a quem, nada menos, o povo acolhia às vezes com mais favor do que a oradores experimentados; capricho singular, de que tão amargamente se queixava Demóstenes.

Entretanto, mais doloroso ainda era ver os mesmos grandes oradores aviltados e corrompidos pelo ouro. O próprio Demóstenes recebeu de Hárpalo, sátrapa asiático, um dom de vinte talentos, dentro de uma taça de ouro, primorosamente trabalhada, que havia excitado a sua admiração, e isto para que defendesse na assembléia do povo os interesses do opulento estrangeiro. Este ao menos foi punido, e na impossibilidade de pagar uma forte multa a que foi condenado, viu-se obrigado a desterrar-se da pátria que, contudo, amava mais que a vida; porém Dê-mades, o seu grande rival, que de remeiro das galeras da república passara a ser um dos seus primeiros oradores, e atingira à mais perfeita eloquência, esse até fazia alarde e zombaria da própria corrupção. Aludindo aos muitos presentes que recebia dos inimigos da sua pátria, dizia rindo: “Quando casar minha filha, o dote será feito à custa das potências estrangeiras.” A um ator famoso e de grande mérito que se gabava de ter recebido um talento por uma só representação: “Não é grande maravilha (disse-lhe ele) que recebesses um talento por ter falado; porque a mim me tem dado o grande rei muito mais de dez para estar calado!”

Quando os grandes homens chegavam a este grau de abjeção, não era maravilha que as divisões e as intrigas, fermentando de contínuo no seio da república, rebentassem com mais força nas suas tumultuosas

assembléias. Os oradores acudiam a elas, ajudando-se, uns de chefes militares cuja proteção tinham ganhado, e outros de facciosos subalternos, cujo furor dirigiam e utilizavam. Mal se avistavam, travava-se a formidável peleja de palavras e injúrias; a multidão reprovava ou aplaudia, clamando, vociferando, e soltando estrepitosas gargalhadas; e no meio deste clamor imenso e confuso, nem mais se podia ouvir a voz dos presidentes, a dos guardas dispostos por toda a parte para manter a ordem, a do próprio orador enfim que destarte naufragava na mesma tempestade que excitara.

Algum tempo imaginou-se obviar à desordem, sorteando-se em cada assembléia uma das dez tribos, a fim que, rodeando a tribuna, a preservasse da confusão e tumulto, e tivesse a missão especial de acudir pelas leis violadas; baldada precaução! a tribo escolhida, arrebatada pela torrente que devia sustentar, se baralhava com as outras; e o mal, derivando igualmente da forma do Governo, e do caráter do povo, se mostrava rebelde a todos os remédios, e superava tudo.

Destes quadros gerais, passemos agora a algumas cenas particulares que não caracterizam menos as instituições, o espírito e os costumes daqueles antigos republicanos.

Em uma eleição geral foi preterido um cidadão benemérito, e sempre anteriormente honrado pelo voto popular. Cuidai vós que ele por isso perturbou o estado, ou procurou pelo menos embaraçar, enredar e anular a eleição? Não, contentou-se com proferir estas simples palavras: “Folgo de haver Esparta encontrado trezentos cidadãos mais dignos que eu!”

Ganha a memorável batalha de Salamina, os generais gregos se dirigiram ao istmo de Corinto, e segundo a antiga usança, congregaram-se junto do altar de Netuno, para conferirem aos mais dignos os prêmios do valor e mérito. Tomados os votos, a ninguém coube a maioria, porque aconteceu que todos aqueles heróis, vencedores do grande rei, votaram em si mesmos, adjudicando-se cada um o principal prêmio!

Entretanto, nestes nossos degenerados tempos modernos, o célebre progressista português Passos Manuel, em uma circunstância decisiva, deixou de ser eleito deputado, porque recusou votar em si, apesar dos conselhos dos amigos, e das sugestões da sua própria ambição e patriotismo!

Havia em Atenas uma espécie de banimento denominado ostracismo, o qual servia não à punição de crimes, mas à segurança da liberdade, arredando-se por meio dele do seio da república os cidadãos que por sua demasiada influência, ainda alcançada a preço de grandes serviços, pudessem aspirar à dominação. Era uma satisfação dada ao povo que folgava de rebaixar quantos lhe faziam sombra, e cujo ciúme se adoçava com a sua queda. Para dar-se o ostracismo era mister, como em outros muitos casos, o concurso de seis mil votantes; os votos escreviam-se em pequenas conchas, e depositados em lugar próprio, eram apurados, sendo obrigado o que obtinha a maioria a desterrar-se por dez anos, se antes disso não era revocado, como freqüentemente acontecia.

As dissensões de Temístocles e Aristides perturbavam a república; para obviar ao perigo, recorreu-se ao ostracismo. O virtuoso Aristides assistia à votação; um camponês analfabeto assentado a seu lado rogou-lhe que escrevesse por ele na concha o nome do grande cidadão. Surpreso Aristides, perguntou-lhe que mal lhe tinha feito o acusado? “Nenhum”, respondeu o camponês, “nem sequer o conheço; mas estou fatigado de ouvir sempre e por toda parte chamá-lo justo.” Aristides escreveu o próprio nome, foi banido, e ao sair de Atenas, ao revés de Aquiles e Coriolano, ergueu as mãos ao céu, e rogou aos deuses que protegessem a pátria para que ela em tempo algum nem mais houvesse mister lembrar-se do pobre desterrado.

Nestes tempos, e neste nosso país não tenho notícia de personagem alguma que chapeasse à maneira de Aristides.

Ágis, rei de Esparta, vendo a decadência e corrupção da sua pátria, e querendo regenerá-la, empreendeu restaurar as antigas constituições de Licurgo, e nesse intuito propôs a partilha das terras, a abolição das dívidas, e outras medidas que durante três séculos, tinham feito a prosperidade e a glória dos lacedemônios. A reforma foi debatida primeiro no Senado, e depois perante a assembléia do povo; e como os votos eram discordes, Ágis, que como se vê, era um rei socialista, e mesmo algum tanto comunista, adiantando-se para a multidão, empregou, para vencer toda a resistência, o seguinte expediente corruptor, que naquele tempo produziu um efeito imediato, mas hoje pareceria singular, e seria certamente pouco imitado. “Ponho em comum”, disse ele, “todos os meus haveres, tanto em terras de lavrar, como em campos de pastagens,

que montam a não pequeno cabedal, e a tudo isso ajunto seiscentos talemões em moeda de prata. Este exemplo há de ser seguido por minha mãe, minha avó, por todos os meus parentes e amigos enfim, que é a gente mais abastada dentre os lacedemônios.” O povo enleado, e cativo de tanta magnanimidade, clamou que a era de Licurgo se renovava, aplaudiu, e votou.

O pio e instruído leitor sabe perfeitamente não só que todas estas medidas não foram promulgadas de uma só vez, senão que dentre aqueles que apoiavam o príncipe reformador, uns aprovavam certas reformas, e rejeitavam outras. Assim Agesilau (não se trata do ilustre guerreiro deste nome), um dos mais poderosos cidadãos daquele tempo, vexado por seus inumeráveis credores, era grande partidário da abolição das dívidas; e ao mesmo tempo como senhor de grandes propriedades territoriais, não inclinava de modo algum para a partilha e comunidade dos bens. Este e outros dissidentes pois, unidos aos eternos amigos da ordem, opositores inevitáveis de toda e qualquer inovação, raça que naquele tempo não florescia menos que hoje, de maneira tal combateram e perseguiram a Ágis, que com ser príncipe e rei, e o que mais é, de uma república democrática, o lançaram em masmorra; e ali apesar do povo, e mediante o voto do mesmo Senado que nos princípios o auxiliara, lhe deram morte de garrote, primeiro a ele, depois à avó e à mãe.

Filopêmen foi oito vezes eleito general dos aqueus; no tempo da última eleição contava já setenta anos de idade. Exemplo singular de constância na afeição popular!

Todo mundo conhece a Fócion, o ateniense, esse grande modelo de todas as virtudes, e o mais singular exemplo de esquisita popularidade que nos apresenta a História. Nem a multidão, nem os seus oradores e lisonjeiros o amavam, e ele da sua parte lhes pagava na mesma moeda. Não é menos conhecido o seu dito, em uma ocasião em que tendo opinado na assembléia do povo, foi por este aplaudido e vitoriado. “Disse eu acaso algum disparate?”, perguntou ele, confuso e admirado daquela desusada aprovação.

Não obstante esta pouca simpatia, Fócion foi eleito pelo povo não menos de quarenta e cinco vezes para general e diversos outros cargos da república, sem nunca achar-se nas assembléias eleitorais, ou fazer a menor solicitação; é certo também que uma vez eleito, nunca

recusava os cargos. Plutarco procura explicar a contradição que se nota entre a sua impopularidade e estas repetidas escolhas, dizendo que os atenienses amavam os oradores agradáveis e levianos, para seu simples divertimento; mas que quando se tratava dos negócios graves, e do comando dos exércitos, o povo, sábio e sisudo como nenhum outro, elegia então os cidadãos mais capazes, sem embargo de serem ao mesmo tempo os mais austeros e rudes em censurar os seus caprichos e devaneios. Contra uma tal explicação está todavia a última eleição de Fócion, isto é, a quadragésima sexta, que vou agora narrar.

Depois de haver prestado eminentes serviços à pátria, e já na última velhice, Fócion foi injustamente acusado de traição. Atado e conduzido em um carro, atravessou ignominiosamente as ruas de Atenas, para ser julgado na assembléia do povo, em que desta feita tomaram parte os mais vis malfeitores, os escravos e ainda as mesmas mulheres. Bem que a princípio alguns bons cidadãos vertessem lágrimas, e fizessem ouvir vozes de piedade, vendo-se estes obrigados a retirar-se, amedrontados do furor da plebe; quando se veio a proceder à votação, ninguém se deixou ficar sentado, todos se ergueram como por um só movimento, e os mais dos votantes até se coroaram de flores. A sentença de morte foi unânime!

Reconduzido à masmorra, foi o venerável ancião, durante todo o trajeto, alvo dos mais atrozes insultos, e um dos seus inimigos até lhe escarrou no rosto. No momento fatal, cedeu ele a precedência para a morte aos seus companheiros de infortúnio, todos de idade menor que a sua; de maneira que quando lhe chegou a vez estava esgotada a taça do suplício. Então o algoz, homem de uma pontualidade e exatidão que faria honra a qualquer banqueiro moderno, declarou que já tinha feito o seu dever, e certamente não havia aí obrigá-lo a moer outra dose de cegude, se lhe não pagassem primeiro as suas doze dracmas, que era o preço legal. Como esta dificuldade financeira, gastando o tempo, punha embaraço ao livre curso da justiça republicana, Fócion, voltando-se para um de seus amigos presentes, lhe disse com a mais perfeita serenidade: *“Pois que em Atenas não se pode morrer grátis, rogo-vos que pagueis a este homem as custas que reclama.”*

Passados tempos, os atenienses arrependeram-se! Estes amáveis republicanos tinham esta apreciável qualidade: raro era o homem

eminente entre eles que escapasse à morte ou ao desterro; mas o arrependimento vinha sempre após, se bem que ordinariamente... quando já não podia aproveitar. Pelo que, não julgo que Demóstenes, ao partir também para o seu desterro, os caracterizasse injustamente, quando, erguendo as mãos para a cidadela, e dirigindo-se a Minerva, exclamou: *“Protetora destes muros, é possível que patrocines a três monstros tão odiosos, como o mocho, a serpente e o povo?”*

.....

Roma

A REPÚBLICA

DIREITO ELEITORAL – O TRAJE DOS CANDIDATOS – O DECÊNVIRO
ÁPIO VOTANDO EM SI MESMO – OS GRACOS – A NOBREZA E A
PLEBE – DISCURSO DE TIBÉRIO – OS CLUBES DE SANTANA E SÃO
JOÃO, EM ROMA – OS CACETEIROS ROMANOS – AS URNAS
ROUBADAS – OS NOMENCLADORES, PONTOS DA COMÉDIA
ELEITORAL – BALCÕES DE COMÉRCIO DE VOTOS – BANQUETE DE
DEZ MIL MESAS – PEDRADAS NAS RUAS – OS CONVÊNIOS DOS
CANDIDATOS – ALIANÇAS POLÍTICO-MATRIMONIAIS – UM CESTO
DE LIXO – CATÃO DESCALÇO E APEDREJADO – AS CÉDULAS
ESCRITAS POR UMA SÓ MÃO – A TAQUIGRAFIA E O SISTEMA DE
ROLHA – O TRIÚNVIRO MARCO ANTÔNIO SALTANDO TELHADOS –
AS SUAS BARBAS E A SUA SAIA DE MULHER.

E

M ROMA, o teatro onde se representam as cenas eleitorais alarga-se quase indefinidamente, tomando as proporções gigantescas deste povo cuja grandeza ainda nunca foi igualada. Historiar e analisar as suas instituições políticas nem é para o mesquinho talento do escritor, nem para a estreiteza desta publicação. Ao demais, o leitor instruído se enfadaria de gastar o tempo sem proveito na reprodução enfraquecida das idéias sublimes e das obsevações profundas e judiciosas que sobre o assunto fizeram Maquiavel e Montesquieu.

Basta dizer que nunca povo algum, como o romano, deu maiores e mais constantes ocasiões ao exercício do direito eleitoral, seja pela natureza das suas instituições, seja pela sua grandeza quase contemporâ-

nea da sua existência e fundação, seja enfim pela larga duração da sua vida. No primeiro período da história romana dominou a realeza; mas os reis eram eletivos. Expulsos os Tarquínios, governaram a nobreza e o povo promiscuamente, com variadas alternativas, preponderando hoje a democracia, amanhã a aristocracia, e decidindo-se tudo constantemente pelos votos, do *forum* ou do povo, dos diversos magistrados e tribunais, e do Senado enfim, que era o Parlamento da época.

A autoridade consular, quase a única nos primitivos tempos, era simultaneamente executiva, militar, administrativa, financeira, judiciária, civil e criminal, e abrangia até a polícia sobre os costumes. Esta imensa autoridade contudo se foi enfraquecendo e decompondo gradualmente, com o curso dos acontecimentos, e com a criação sucessiva de vários outros cargos, como os dos pretores, questores, edis, censores e tribunos, por quem a mesma autoridade se fracionou e repartiu. Foi uma vez violentamente interrompida pela rápida, mas dura tirania dos decênviros; ficava suspensa nas ditaduras, umas legais e gloriosas, outras sanguinolentas e obtidas pela força e pode se dizer que feneceu de todo com a monarquia militar dos imperialismos. Esta mesma porém era eletiva, e a escolha se fazia ora pelo voto dos prelimineantes e das legiões, ora do Senado espavorido da sua tremenda prerrogativa.

Durante a república, a nação votava dividida em centúrias, em cúrias e em tribos; as últimas divisões era mais favoráveis ao povo, a primeira aos nobres.

Desde a instituição do Governo popular até o tempo dos Gracos, em que as discórdias e perturbações civis começaram a mudar de aspecto e caráter, transformando-se em grandes e sanguinolentas colisões, as cousas marcharam menos mal, e o direito eleitoral sempre se exerceu com alguma regularidade. Mas depois, crescendo os vícios com a prosperidade e as riquezas, as instituições se corromperam, e do direito eleitoral, como de todos outros, só restou um vão simulacro. “Os ambiciosos (diz Montesquieu, citando a Cícero por seu turno) conduziam a Roma cidades e nações inteiras para perturbar as eleições ou convertê-las em seu proveito; as assembléias eram verdadeiras conjurações, dava-se o nome de *comícios* a um bando de sediciosos e malfeitores; tudo se tornou quimérico, a autoridade, as leis e o mesmo povo; e a anarquia

era tal que já por fim se não podia apurar quando realmente se votava um decreto, e quando se não votava.”

Estudemos porém estas instituições e estes costumes na própria fonte; vejamos a história dos grandes acontecimentos, e a vida dos grandes homens; a ação, em vez dos publicistas e pensadores.

Era costume em Roma, já do tempo de Coriolano apresentar-se o candidato apenas envolto em uma simples toga, sem outras roupas e grandes vestimentas. Plutarco, que o refere, duvida se o costume se introduziu por ser humilde e conforme à situação de um candidato suplicante, se para facilitar-lhe a ostentação e mostra das cicatrizes, prova do seu valor nos combates; nega porém positivamente que a proibição do cinto e dos refolhos se fizesse com o fim de evitar que trouxessem escondido o dinheiro com que comprassem os sufrágios na mesma praça, e por assim dizer, em flagrante votação. O tráfico eleitoral de compra e venda não se introduziu senão largo tempo depois, secretamente, passo a passo, não de chofre, e a olhos vistos, por maneira que nunca se pôde saber ao certo qual o romano que abriu o exemplo de corromper o povo e os magistrados. Isto honra certamente os primeiros tempos da república, mas a mim já me parece bem singular a idéia que teve Plutarco de fazer a apologia do traje eleitoral dos candidatos de então.

Malgrado a liberdade, paz e ordem que lograva a república, as contendidas entre os patrícios e os plebeus eram freqüentes e constantes, e estes últimos por vezes abalaram de Roma para o Monte Aventino, donde não regressavam aos lares domésticos, sem promessas e concessões dos nobres; mas de ordinário bastava um simples discurso, um apólogo como o de Menênio Agripa sobre a disputa do estômago e dos braços, para comovê-los e determiná-los.

De repente, e por uma cruel tirania, foi interrompido este estado de cousas tolerável, senão próspero e perfeito. Foi a tirania dos decênviros, eleitos, com exclusão e suspensão de todas as outras magistraturas, como remédio heróico para obviar àquelas contendidas e disputas, que à inexperiência do povo mal-sofrido se afiguravam o mal em todo o seu excesso. Mas para logo conheceu ele o erro deplorável em que cáira; únicos dominadores da república, os decênviros reuniam o poder consular ao tribúncio, o legislativo e o executivo ao judiciário. O abuso desta imensa autoridade seguiu bem de perto a sua indiscreta concessão; posto

que os decênviros tivessem o direito de convocar quer o povo, quer o Senado, abstiveram-se sempre e cuidadosamente de usar dele; além de que, os mesmos Senadores viram-se obrigados a expatriar-se. Roma ofereceu então o doloroso espetáculo de uma grande cidade dividida em duas classes; de um lado uma pequena turba de odiosos opressores; do outro, uma multidão imensa de oprimidos. A tirania cessou com o crime de Ápio e o sacrifício de Virgínia; uma votação a elevou, uma sublevação a prostrou.

Timon deu esta breve notícia do decenvirato para ter ocasião de contar a seguinte curiosa anedota eleitoral. A primeira vez que se houve de proceder à renovação destes magistrados, quase não houve nobre que se não apresentasse candidato, mas nenhum o fez com tanto ardor como Ápio, o decênviro há pouco mencionado. A sua devoradora ambição, revelando-se em manejos e cabalas de todo o gênero com que armava à popularidade, gerou no âmbito dos colegas primeiro as suspeitas, depois os receios dos futuros perigos. Pelo que traçaram um ardil com que, guardadas as aparências, fosse ao mesmo tempo honrado em sua pessoa, e embaraçado nos seus intentos. Deram-lhe pois a primazia para que fosse ele quem designasse ao voto do povo os nomes dos dez candidatos, esperando que a modéstia o tolhesse de indicar o seu. *Ille vero impedimentum pro occasione arripuit*, diz Tito Lívio; isto é, não só se propôs a si mesmo, senão também em primeiro lugar, com grande porém inútil estupefação dos sócios. Este rasgo faz recordar os vencedores de Salamina, e os escrúpulos de Passos Manuel.

Os trezentos anos decorridos desde a expulsão dos Tarquínios até os Gracos foram a idade de ouro da república; as desordens que até então rebentaram no seio dela não se caracterizaram por seus resultados funestos e irreparáveis, nem os partidos triunfantes se infamaram com vinganças implacáveis. As multas eram o castigo mais usual; não foram muitos os desterrados, as condenações capitais ainda em menor número. E as mais das sentenças, como a dos filhos de Bruto, e a de Mânlio, precipitado da rocha Tarpeia, eram justas posto que severas. Maquiavel observava nos seus *Discursos sobre Tito Lívio*, que sobretudo neste glorioso período os romanos se mostraram muito outros do que os gregos das diversas repúblicas. Atenas desterrava Aristides e Temístocles, fazia morrer a Milcíades na prisão, das conseqüências de suas gloriosas feridas, e

dava a beber a cegude a Sócrates e Fócion, enquanto o Senado romano recebia com todas as honras ao cônsul Varrão, derrotado pelos seus erros e incapacidade, e lhe agradecia como um serviço eminente o não ter desesperado da salvação da república. E querendo o ditador Papírio Cursor fazer suplicar a Fábio, porque contra as regras da disciplina, e em menoscabo das suas ordens, combatera e vencera os samnitas, o pai do réu argumentou em defesa, e foi poderoso argumento para a absolvição, que nunca os romanos, em seus maiores reveses, haviam pensado em punir os generais vencidos com a mesma severidade que Papírio queria usar com Fábio vencedor.

Nas lutas com o Senado, o povo ora usava da sua superioridade nos sufrágios, ora recusava marchar para a guerra, ora ameaçava retirar-se da cidade, ora enfim promulgava leis violentas, e condenava nos seus comícios os que lhe faziam demasiada resistência. O Senado, já defendido pela própria sabedoria e justiça, e pelo respeito que a glória das principais famílias e a virtude dos grandes homens inspirava ao povo, opunha também eficaz resistência, recorrendo aos terrores religiosos, adiando as assembléias, sob pretexto de não serem favoráveis aos auspícios, suscitando um tribuno contra outro, nomeando ditadores, e entre-tendo os espíritos nas distrações das novas e incessantes guerras. O que porém servia mais poderosamente a conjurar os perigos, era a sua paternal condescendência em satisfazer parte das exigências do povo, para obter a remissão das outras, sempre firme e constante na máxima de preferir a salvação da república aos privilégios de qualquer ordem ou magistratura.

Os Gracos foram as primeiras vítimas ilustres do sistema de violência e sangue que se inaugurou em seu tempo. Filhos da imortal Cornélia, netos do primeiro Cipião, nobres, ricos, grandes na paz e na guerra, não menos pela fortaleza e valor, que pela temperança, liberalidade e eloquência, nada obstante, os Gracos tiveram em menosprezo a aliança da prepotente e cautelosa aristocracia do Senado, tão hábil aliás, e pronta em acariciar e absorver todos os grandes talentos, e preferiram seguir as partes do povo, e amparar os pobres das injustiças dos seus opressores. Ambos os heróis populares foram vilmente assassinados; a sua memória tem sido ainda mais vilmente caluniada, os seus nomes são ainda hoje sinônimos de sedição e desordem; mas de mim confesso que

rara vez tenho encontrado na História, essa longa narração de crimes e atrocidades de todo gênero, exemplos de tão clara virtude, e de caracteres tão nobres, elevados e generosos, como os dos Gracos. Não entra porém no meu propósito apreciá-los mais que sob as relações eleitorais, e quando muito, sob as oratórias e parlamentares.

Havia em Roma o costume de vender-se parte das terras conquistadas ao inimigo, reservando-se a outra parte no domínio público para ser aforada ao povo por quantias módicas e razoáveis. Mas a cobiça dos ricos não pôde por muito tempo sofrer esta partilha, e encarecendo o preço das rendas, conseguiu a pouco e pouco despojar os pobres, isto é, a grande massa da população, dos mesquinhos campos que cultivavam com suas próprias mãos, e regavam com o suor do seu rosto. E já os nobres se não pagavam somente das terras que arrendavam em seu próprio nome, porquanto, ajudando-se de suas grandes riquezas e de pessoas interpostas, tomavam novos arrendamentos em nome delas, e acrescentavam cada dia os seus vastos domínios. E porque por uma parte os fizessem cultivar por adventícios e escravos, e por outra, pela miséria e penúria comesse a escassear a população, acontecia até que às vezes faleciam os cidadãos necessários para as guerras. A estes intoleráveis abusos pretendeu Tibério Graco pôr um termo, propondo as suas famosas leis sobre terras, conhecidas pelo nome de *leis agrárias*. A primeira lei proposta era tão suave e cheia de equidade quanto se podia desejar, e cabal por certo a contentar a todos, menos os que tivessem o ânimo cego e perturbado pelas paixões e pela cobiça. Os aforamentos feitos aos nobres eram contrários às antigas leis, e evidentemente nocivos à prosperidade da república. Não obstante, a nova lei só impunha aos arrendatários a obrigação de abrir mão das terras, mediante uma compensação, para serem elas distribuídas aos pobres a quem faleciam todos os meios de vida. Ora segundo as antigas disposições podiam ser os nobres, não só expulsos, mas ainda punidos e multados, pela sua violação.

O povo, desta feita ao menos, mais moderado e prudente que os seus inimigos, satisfez-se com esta pequena reforma, e consentiu no esquecimento do passado, uma vez que lhe afiançassem o porvir; não assim os ricos e grandes proprietários, que estimulados a um tempo, pela avarizia, contra a lei, e por despeito e capricho, contra o legislador, se demasiaram contra este em toda casta de injúrias e calúnias, assoa-

lhando que um novador audaz perturbava e punha em perigo a paz da república. Mas debalde empenhavam os seus recursos, que todos desfechavam em vão contra a sua eloquência vitoriosa e irresistível, quando do alto da tribuna, e cercado de uma imensa multidão, comovido, patético e entusiasmado, Tibério Graco dizia ao povo: “Os animais ferozes que vagueiam por toda a Itália, ao menos têm covis em que se abriguem e repousem; os cidadãos porém que tomam as armas, e vertem o seu sangue para defendê-la, esses só têm nela a luz que os alumia, e o ar que respiram, pois sem casa, ou outro qualquer estabelecimento fixo, discorrem incertos por toda parte, seguidos das mulheres e filhos, em miséria e desamparo. Ó romanos, os cônsules vos iludem quando vos exortam a combater pelos vossos deuses e túmulos; porque qual de vós, dentre essa densa multidão, pode dizer que tem um altar no seu lar doméstico, ou um túmulo onde guarde as cinzas dos seus maiores? Combatei e morrei para manter o luxo e opulência de vossos duros opressores; senhores do universo vos chamam, mas não tendes sequer um palmo de terra em que pôr os pés!”

Ninguém ousou responder a este discurso, e desesperando de vencer pela discussão, os adversários de Tibério Graco recorreram a outros meios, e conseguiram atrair à sua parcialidade Marco Otávio, um dos seus colegas no tribunado. Um dos principais característicos desta instituição era que a oposição ou o *veto* de um só tribuno bastava para paralisar as deliberações de todos os outros reunidos. Otávio opôs-se. Tibério Graco irritado desta inopinada oposição (pois Otávio era seu amigo, e homem de bem) retirou a lei moderada, e apresentou outra mais severa, determinando a imediata expulsão dos usurpadores das terras. Daí incessantes e vigorosos combates de tribuna entre ele e Otávio; e posto que a veemência e a obstinação da luta, como a grandeza dos interesses disputados, devessem escandecer o ânimo dos oradores, observa Plutarco que nunca o tribuno popular, esse pretendido símbolo da anarquia, deixou escapar uma só palavra imperiosa e malsoante; que tal era a bondade de sua índole, e a delicadeza e honestidade da sua educação!

Vendo Tibério que Otávio era pessoalmente interessado na questão, como possuidor de grande quantidade de terras do domínio público, propôs-lhe que abrisse mão delas, que ele lhe comporia o preço, à sua própria custa, posto não fosse grandemente rico. Otávio recu-

sou. A oferta como a recusa eram igualmente honrosas; mas no ponto a que as cousas tinham chegado, já não era um simples ato de magnanimidade e dignidade pessoal, que poderia salvar a república. Depois de grandes alternativas e da suspensão do exercício de quase todas as funções públicas, a lei passou. Os nobres se vestiram de dó e luto, e percorriam as praças com um ar morno e abatido, como excitando a compaixão pela pretendida injustiça que acabavam de sofrer, mas ao mesmo tempo armavam traições e emboscadas para fazer assassinar a Tibério. Cada dia eram novos tumultos e perigos; os ricos faziam arrebatam as urnas, para estorvar a operação dos sufrágios; os cidadãos se armavam e ameaçavam reciprocamente; os principais chefes já não ousavam de sair à rua, sem grande acompanhamento e à luz dos archotes; as portas das suas casas eram guardadas por turmas imensas de partidários. Este estado de cousas intolerável não podia durar muito, e efetivamente teve um desfecho funesto e inaudito até àquela época.

Imagine o leitor duas multidões de adversários rancorosos e exasperados, reunidos em dous locais vizinhos, como, por exemplo, em Santana e São João.¹ Um dia que Tibério Graco assistia no Capitólio à assembléia do povo, veio de repente um Senador da sua amizade avisá-lo que o Senado estava reunido, e os seus inimigos, não obstante a oposição do cônsul, resolutos a matá-lo, havendo para isso colocado grande cópia de escravos e clientes. Derramada a notícia entre os que se achavam mais próximos, cada um se armou para a defesa, conforme permitiam as circunstâncias, partindo-se até em pedaços para esse fim os chuchos de que os lictores se serviam para arredar e conter a multidão. Surpresos e enleados os que ficavam a larga distância pelo que viam fazer, pois não tinham ouvido o aviso, pediam em altos gritos a significação daquele desusado movimento. Foi então que Tibério Graco lembrou-se de levar a mão à cabeça, buscando, por este sinal, dar a conhecer aos que não podiam ouvi-lo, o perigo que o ameaçava.

Denunciado imediatamente este gesto no Senado como prova manifesta e irrefragável de que Tibério aspirava à realeza, isto é, a pôr diadema na cabeça, os padres conscritos, como cada um pode imaginar,

1 Igrejas desta cidade onde, pelo tempo em que escreve o autor, reuniam-se os partidos políticos para tratar de questões eleitorais, e às vezes saíam em procissão a percorrer as ruas. (Dos EEdd.)

fizeram uma admirável explosão de patriotismo antimonárquico. Deuses imortais! (exclamavam voz em grito). Que crime abominável! Aspirar à realeza! Atentar à majestade do povo romano! E sobressaía entre todos Cipião Nasica, a quem a perda de uma imensa quantidade de terras tornara furioso contra o tribuno, e que nesta ocasião, aludindo à oposição e tibieza do cônsul, homem justo e moderado, ergueu-se e exclamou: “Pois que o primeiro magistrado traiçoa a república, sigam-me todos aqueles que quiserem acudir à liberdade e às leis em perigo!” Dito isto, guiou ao Capitólio seguido de uma imensa tropa armada de punhais, e pesadas massas e bastões; sendo que os veneráveis Senadores, porque não foram prevenidos a tempo, viram-se obrigados a armar-se com os fragmentos de bancos e outros móveis da cúria, que o tumultuoso arranco havia feito pedaços.

Desarmado pela maior parte, e assoberbado pela fúria do inopinado acometimento, o povo reunido no Capitólio não lhes pôde sustentar o ímpeto, e disparando em confusa e desordenada fuga, uns se precipitavam sobre os outros, embaraçando-se reciprocamente. Os agressores, *cacetando*, a um e outro lado, com galhardia sem igual, como quem não encontrava resistência, mataram cerca de trezentos; e o próprio Tibério Graco, arrastado na fuga, resvalou, caiu, e foi imediatamente morto. O primeiro que o feriu foi Públio Satureio, um de seus colegas, dando-lhe com uma perna de banco na cabeça; seguiu-se-lhe Lúcio Rufo, e outros que o acabaram, vangloriando-se sempre dali por diante desta imortal proeza. Os cadáveres de Tibério, e das demais vítimas, depois de mil ultrajes, foram arrastados e lançados no Tibre, recusados pela crueldade dos vencedores à piedade dos parentes e amigos que os solicitaram em vão para render-lhes as honras fúnebres.

Ignoro se a cidade iluminou-se depois desta esplêndida vitória, que aliás foi festejada com o suplicio e desterro de muitos dos cúmplices do odioso conspirador popular. Tudo isso entretanto encontra a sua natural explicação na embriaguez da mesma vitória. O que é porém mais para notar-se é que cerca de sessenta anos depois, Cícero, o grande orador, o virtuoso cidadão, espírito tão vasto e brilhante, com caráter fraco e vaidoso, para desterrar as irresoluções do Senado, puxar-lhe pelos brios, e fazê-lo votar a morte dos cúmplices de Catilina, citasse a ação de Nasica como digna de imitação e de louvor, e exemplo de deci-

dido e ardente patriotismo! Quanto a este pretendido vingador de leis, pouco se logrou do seu triunfo; preponderando algum tempo depois a facção popular, não podia ele sair à rua que se não visse assaltado das invectivas e clamores públicos; e obrigado a deixar a Itália, errou sem destino certo por algum tempo, devorado de melancolia, e porventura acossado dos remorsos, até que em Pérgamo deu fim sua triste existência.

Morto Tibério, Caio Graco, seu irmão, determinou seguir o exemplo glorioso que ele lhe legara, renovar as suas leis, e vingar a sua morte. Na sua primeira eleição ao tribunado, concorreu uma tal multidão de toda a Itália, que em Roma não havia casas onde se agasalhassem, e sendo a praça insuficiente para conter o povo, no dia dos comícios, muitos votaram de cima dos tetos e muros. Impotente para resistir-lhe de outro modo, o partido dos nobres tentou primeiro superar a Caio nas liberalidades e favores concedidos ao povo, aliciando para esse fim, como no tempo de Tibério, um dos tribunos, seus colegas. Maquiavel observou depois, bem que a outro propósito, que o meio mais fácil e seguro de contrastar a ambição, mormente nas repúblicas corrompidas, é antecipá-la em todos os caminhos por onde ela pode chegar a seus fins. Não surtindo porém estes expedientes todos os bons resultados que deles se prometiam os nobres, suscitaram uma sedição, na qual Caio Graco assassinado, não já com trezentos dos seus concidadãos somente, senão com perto de três mil, foi, como o irmão mais velho, arremessado ao Tibre, depois porém de previamente degolado, e pagando o cônsul Opímio, a quem lhe apresentou a cabeça decepada, o equivalente do seu peso em ouro de lei.

Um fragmento dos seus discursos, que nos foi conservado, dá a conhecer como teve a previsão de seu triste fim, e como salteado de um desses súbitos esmorecimentos a que não são estranhas, ainda as almas de mais forte têmpera, hesitou algum tempo se abandonaria a carreira tempestuosa dos negócios, “Ó romanos”, dizia ele, “Caio Graco, descendente de tão nobres avós, perdido o irmão por vossa causa, único resta, com um tenro filhinho, da casa ilustre de Cipião Africano e Tibério Graco. Se eu vô-la pedisse, acaso me negaríeis a graça de buscar no retiro, com o descanso, a salvação das últimas relíquias desta raça, a fim de que não pereça toda inteira a memória do seu nome?” Palavras penetrantes e dolorosas, se as aproximamos do seu final destino!

Antes de encerrar a época dos Gracos, referirei um caso que pela sua mesma singeleza serve de caracterizar a integridade e inocência daqueles tempos, em que aliás os costumes começaram a declinar. Depois de concluídas umas eleições consulares, a que presidira Tibério Graco, recordou-se ele de haver por inadvertência preterido certa cerimônia augural, aliás de pouca importância, pelo que participou incontinenti a omissão ao colégio dos áugures, e por ordem deste, os dous cônsules, que haviam já partido, um para as Gálias cisalpinas, e outro para a Córsega, regressaram a Roma, e depuseram a autoridade, procedendo-se a novas eleições.

Nos nossos tempos parece que não reinam os mesmos escrúpulos e superstições; pelo menos os jornais têm referido sob impressões e tons diversos, que nas nossas eleições provinciais de fevereiro, neste ano de graça de 1852, nem um só dos eleitores do colégio de Itapicurumirim acudiu a ouvir a missa do Espírito Santo; tendo acontecido a mesma cousa, no precedente janeiro, ao Parlamento português, que todavia sempre mandou dous dos seus membros à patriarchal da antiga Ulisséia, como para representá-lo em comissão perante o poder legal e constituído da Divindade.

A nova época se abre com os maiores e mais gloriosos nomes que jamais ilustraram as páginas da História, e ressoaram nos muros da antiga dominadora do mundo: Catão, Cícero, César, e o grão Pompeu! Mas parece que por uma irrisão e acinte do destino, a grandeza das nomeadas contrasta positivamente com a pequenez e miséria dos atos que se vão narrar, e onde a ambição, ajudada da fraude, da corrupção e da violência, leva quase sempre de vencida o patriotismo e todas as mais virtudes, ou frouxas, ou mal favorecidas da opinião e dos poderes dominantes.

Roma era uma cidade cuja população, nos dias da sua maior grandeza (e segundo a variedade das melhores opiniões), se elevava de quatro até sete milhões de habitantes. É em verdade a mais vasta agregação de homens que inda viu o universo. Associai na idéia o número à forma do Governo, isto é, a democrática, em que a multidão interferia; e o espírito recuará salteado de horror, na consideração de quão trabalhosa, fadigosa e insana seria a profissão da política no meio de um tal povo.

Isto ainda não é muito; imagine agora a obrigação que tinham os candidatos de conhecer um por um todos os cidadãos, de cortejá-los à direita e à esquerda nos dias de reunião, e de saudar a cada um pelo seu nome, sob pena de impopularidade e naufrágio eleitoral, no caso de erro, equívoco e desatenção! Hoje em dia, que a comunicação coletiva pela imprensa tanto supre e auxilia a particular e individual, e que as nossas cidadezinhas de vinte e trinta mil almas, nem mereceriam as honras de simples aldeias ou arrabaldes de Roma, que comparação podem sofrer com o mais obscuro cabalista romano, os nossos políticos, reputados e pretendidos ativos, que quando assinam algumas centenas de circulares impressas, litografadas, ou copiadas à mão, se arrojam, exaustos a uma rede ou canapé, e julgam comprometida a sua preciosa saúde?

Dos romanos cumpre todavia confessar que quase esmagados sob o peso da enorme tarefa, imaginaram suavizá-lo, confiando o estudo e aplicação deste ramo da ciência a escravos e libertos de que se faziam acompanhar sob o título de nomencladores, os quais murmurando ao ouvido dos amos os nomes de quantos cidadãos obscuros e desconhecidos encontravam, lhes facilitavam a importuna mas indispensável saudação. Entretanto parece que o povo não se mostrou grandemente lisonjeado com a introdução destes *apontadores* para o desempenho da sua grande e terrível comédia; uma lei proibiu o uso dos nomencladores; e os candidatos distraídos e desmemoriados deviam perder tanto no favor público, quanto ganhassem os que eram dotados das faculdades contrárias, entre os quais, refere a história, foram eminentes Marco Túlio, Crasso, César e Catão, sendo que este último foi o que observou mais religiosamente a lei proibitiva dos nomencladores.

Bem entendido, quando a ocasião dava lugar ao exercício desses, e de outros semelhantes dotes do ânimo, o que, na época em que estamos, rara vez acontecia. “Os que pleiteavam e solicitavam então os cargos”, diz Plutarco, “armavam suas mesas e balcões no meio das praças públicas, e compravam com descaramento inaudito os sufrágios dos cidadãos; estes, vendidos assim os votos, guiavam ao Campo de Marte, não para dá-los simplesmente a favor de quem os havia comprado, mas para sustentar a cabala a espada, a pau e a pedra; sucedendo daí que rara vez se dissolvia a assembléia, sem que a tribuna ficasse manchada de

sangue. A cidade, engolfada na anarquia, semelhava um navio sem leme prestes a soçobrar no meio da tormenta!”

Deste quadro geral a admirável penetração e perspicácia dos meus amáveis leitores deduzirá sem dúvida, e por antecipação, as cenas particulares, as ações individuais, e as anedotas enfim que as lutas eleitorais ofereciam em Roma, e nem creio que se deixem surpreender pela sua pasmosa semelhança com as cenas de hoje, porque sem dúvida terão também advertido, como o ilustre escritor que hei por vezes citado no curso deste opúsculo, – que quem estuda os acontecimentos contemporâneos, e os que se passaram na antiguidade, alcança facilmente que os mesmos desejos e as mesmas paixões reinam hoje como então, sempre, em todos os povos, e em todos os Governos, devem produzir constantemente os mesmos resultados. Refiramos não obstante esses fatos e cenas particulares.

A corrupção individual não era o único meio usado; ela se exercia coletivamente também, e sobre o povo em massa por meio de enormes distribuições, e de festins e banquetes verdadeiramente monstruosos. Crasso, em um dos seus consulados, deu um festim ao povo, em que houve dez mil mesas postas, distribuindo depois a cada cidadão (Roma tinha sete milhões de habitantes) trigo para três meses! O grão Pompeu, seu companheiro no consulado, não querendo ser excedido, a propósito da inauguração do seu famoso teatro, fez celebrar jogos ginásticos, e combates de animais ferozes de diversas espécies, e que houve passante de quinhentos leões mortos, terminando tudo com o combate dos elefantes, o mais curioso e terrível espetáculo que até então admirara Roma. Em presença disto, quase me envergonho de mais para o diante falar nas nossas iluminações e transparentes com engoiadas pinturas de caboclos, e no magro arroz-de-pato, causa nada menos, e excitação do fervoroso patriotismo dos modernos quirites.

César empregava os seus soldados não só em combater os bárbaros, adquirindo por isso a glória imortal que lhe facilitou o império, mas em dominar as eleições, fazendo-os a esse fim partir de seu exército para Roma; e foi esta uma das estipulações positivas no concerto que fez com Pompeu e Crasso, em virtude do qual César continuaria no Governo das Gálias, e os dous últimos solicitariam um novo consulado. A notícia da aliança destas eminentes personagens, que a História desig-

nou pelo nome de primeiro triunvirato, arredou todos os concorrentes: só a grande alma de Catão (*atrocis anima Catonis*), redobrando de vigor na proporção dos perigos, não afracou em face desta primeira conjuração, que mais tarde devia produzir a ruína da liberdade, e a do mesmo Pompeu, então ator mui principal nela. Catão sustentou com todo o peso da sua influência e alto renome, a candidatura de Domício, seu cunhado e amigo, e cidadão virtuoso em quem confiava; e de maneira tal contrastou a cabala dos triúnviros, que o povo começou a propender contra eles, avisado e esclarecido acerca dos seus planos liberticidas. Em tais circunstâncias, Pompeu e Crasso, desesperando de vencer com os meios até ali empregados, lícitos não, mas em que ao menos se guardavam as aparências de ordem, recorreram à violência aberta, e traçaram emboscadas a Domício; e quando este, no dia dos comícios, se dirigia antes de amanhecer ao Campo de Marte para tomar lugar, acompanhado dos amigos, e precedido de escravos que os alumiam, foi de repente assaltado por um numeroso bando de assassinos, que matando o escravo que ia na frente, feriram e puseram em fuga os demais. Catão, posto que logo ferido em um braço, resistiu algum tempo, mas oprimido pelo número, viu-se obrigado a acolher-se com os amigos, que o não abandonaram, à casa de Domício, onde estiveram encerrados (*encurralados* diriam hoje os nossos espirituosos jornalistas) todo o tempo que os vencedores levaram a prefazer o ato eleitoral. Os dous triúnviros foram eleitos por grande maioria!...

Poucos dias depois tinha de proceder-se à eleição do pretor; e Catão, julgando este cargo assaz poderoso para por meio dele lutar com vantagem contra os triúnviros, apresentou-se inopinadamente candidato; mas Pompeu que presidia à eleição, prevendo logo toda a eficácia da resistência de Catão, e que a pretura, em mãos tão puras e vigorosas, competiria facilmente com o consulado; e vendo que, começada a operação, a primeira tribo em massa lhe dera seus votos, usou de um ardil vergonhoso para embarçar o seu triunfo, isto é, fingiu que ouvira trovejar, e com esse pretexto adiou a eleição, e dissolveu a assembléia, porquanto os romanos, supersticiosos em todo o extremo, abstinham-se de praticar qualquer ato, quando os agouros eram funestos, e por tais tinham o trovão, em ato de eleição, e uma infinidade de outros fenômenos naturais. Apartado assim este formidável competidor e designado novo dia para a

eleição quase às ocultas, consegue Pompeu fazer nomear um certo Vatinio, seu devoto e parcial, gastando porém enorme quantidade de dinheiro, e fazendo primeiro afugentar da praça, à força aberta, os melhores cidadãos. Catão acudiu tarde para baldar esta eleição fraudulenta, mas falou ao povo com tal eloquência, e predisse de um modo tão inspirado os infortúnios que a ambição dos triúnviros preparava à pátria, que os que se tinham vendido, esquivaram-se corridos de vergonha, e o orador, aplaudido e vitoriado, foi reconduzido ao seu domicílio por uma multidão tal como nunca se vira em alguma outra eleição de pretor.

Quase em seguida Caio Trebônio propôs a distribuição das províncias entre os cônsules; com isto punha-se a coroa e remate aos planos da grande conjuração; todos esmoreceram, só Catão ficou firme, e conseguindo a muito custo subir à tribuna, esteve por duas horas a esclarecer o povo, e a desmascarar os triúnviros. Então Trebônio impaciente o fez lançar da tribuna por um lictor, e como Catão, mesmo embaixo, continuasse a clamar vigorosamente, e a excitar a indignação de quantos o ouviam, o lictor travou dele, e o arrebatou para fora da praça. Mal que se viu livre, tornou ele à tribuna, e continuou com mais vigor o discurso encetado; até que os lictores, pondo-lhe de novo as mãos, o conduziram à prisão, sem conseguirem todavia quebrantar-lhe o ânimo, e abafar-lhe a voz, que cada vez mais comovia as ondas populares derramadas em torno. O temor fê-lo soltar em breves horas, e o resto do tempo passou-se inutilmente. No dia seguinte recomeçou a mesma cena ignóbil de corrupção e de violência; houve larga distribuição de dinheiro, os cidadãos foram expulsos e maltratados, alguns mortos ali mesmo; e Catão, debatendo-se e gritando no meio dos assassinos, o próprio integérrimo Catão já clamava por seu turno que também ouvira ribombar o trovão, e procurando na astúcia, onde já não valiam a eloquência e a coragem, demorar a funesta medida. Em tudo porém baldou o empenho; as províncias foram distribuídas a talante dos cônsules, e entre eles ambos.

Eleito pretor para o ano seguinte, entendeu Catão principalmente nos meios mais eficazes de extirpar a corrupção eleitoral, e fez passar no Senado um decreto, em virtude do qual os indivíduos nomeados para os diversos cargos eram obrigados, ainda não havendo acusadores, a justificar-se perante os tribunais, declarando, sob juramento, que meios tinham empregado para vencer a eleição. Ora, como o juramento

ainda então era religiosamente respeitado, e não tinha conta a multidão dos que vendiam o voto, imenso foi o clamor que se levantou contra esta lei odiosa, queixando-se muitos de que lhes tiravam o pão, privando-os do único meio de vida que tinham, e vinha a ser – o seu voto. O caso é que a primeira vez que Catão se mostrou em público, depois da sua promulgação, foi apupado e corrido a pedra pelos seus amáveis cidadãos.

Entretanto como a lei subsistia, imagine o pio leitor os apertos e tribulações em que se havia de ver um pobre candidato, receando, por uma parte, as penas da mesma lei; e por outra, que abstendo-se ele dos meios de corrupção, os seus rivais não tirassem partido da sua forçada inação! A crise tornou-se tão assustadora que foi mister para conjurá-la um *convênio*, à feição destes que a nossa cidade tem visto engendrar da noite para o dia. Congregaram-se pois todos os cabalistas e assentaram por unanimidade de votos que cada um depositasse a quantia de cento e vinte e cinco mil dracmas, tomando todos o empenho sagrado de solicitar os cargos, somente pelos meios honestos e legais, pena ao contraventor, que comprasse votos, de perder a soma depositada. Daí guiaram para a casa de Catão, a quem escolheram para depositário, testemunha e árbitro, lavraram-se as escrituras, e o tabelião portou por fé que viu contar o dinheiro. Na primeira eleição que se seguiu, Catão, postado junto ao tribuno que presidia aos comícios, percebeu que um dos signatários violava a convenção e para logo determinou sem mais figura ou estrépito de juízo, que a quantia convinda fosse distribuída pelos outros; mas estes magnânimos cidadãos a recusaram, declarando-se assaz vingados do prevaricador pela desonra que lhe vinha de ser condenado por um homem tal como Catão, cuja retidão exaltavam até às nuvens. Isto é o que conta Plutarco; Timon porém ousa arriscar a seguinte conjectura, e vem a ser, que estes virtuosos compromissários, tendo muito presente a máxima caritativa do famoso verso de Terêncio:

Homo sum, et humani nihil a me alienum puto,

lançavam então a terra estas sementes da indulgência e generosidade, como provimento para os tempos de penúria.

Nos nossos dias, certo jornalista de um partido logrado em tal e quejanda convenção acerca do número de eleitores, que lhe devia caber em partilha, lastimava com uma ingenuidade sem igual que se houvesse preterido a cautela de escrever e homologar o compromisso! Quem se não lastimava, que eu saiba, era a lei que manda proceder à eleição livremente, por maioria de votos, e sem dependência de convênios, escritos ou verbais.

Um pacto singular na forma como este, porém ilícito e torpe na substância, refere Cícero nas suas cartas a Ático: “Os cônsules”, diz ele, “ficaram desonrados, e cheios de infâmia, porque C. Mêmio denunciou ao Senado o pacto que de parceria com o seu competidor ao consulado futuro, tinham feito com eles; os cônsules prometiam favorecer a candidatura dos dous nas próximas eleições; e estes, pela sua parte, obrigavam-se a pleitear e apresentar três áugures que sob juramento declarassem haver assistido à promulgação da lei curiata, que aliás nunca foi promulgada, e dous consulares que fizessem igual declaração sobre um falso *senatus-consulto* de interesse dos cônsules; e quando lhes faltassem com estas honradas testemunhas, os candidatos pagariam aos mesmos cônsules quatrocentos mil sestércios!” Eu deduzo daqui, além da espantosa corrupção a que os romanos tinham chegado, que aquela quantia era ao mesmo tempo o preço razoável, estimado por peritos e entendedores, já do perjúrio de cinco personagens eminentes, já da eleição de dous cônsules.

Mas tornando à lei odiosa que criava tantos embaraços, e obrigava a tantos rodeios, devemos presumir que não duraria muito. O grão Pompeu querendo elevar ao consulado Afrânio, que não era digno de tal, espalhou o dinheiro às mãos cheias: a distribuição fazia-se publicamente nos seus jardins, ninguém em Roma o ignorava, e poucos seriam os que não tirassem da notícia o proveito que ela oferecia.

O que mais cimentou a aliança de Pompeu e César, foi o casamento do primeiro com Júlia, filha de César, donde se vê que o emprego desta máquina política não tem nada de moderno. Catão clamava indignado contra este tráfico vergonhoso de casamentos e mulheres, cujos lucros eram as liberdades públicas sacrificadas, o Governo das províncias, os comandos dos exércitos, e a prostituição em suma do império, mas clamava em vão; e quando mais tarde, depois do rompimento daqueles

dois grandes homens, alguns deploravam que pelas suas dissensões tivessem arruinado a república; “*Ao contrário*”, dizia Catão, “*foi a sua união que a perdeu.*”

Feita a liga pelo casamento, um dos sócios propôs várias leis para o estabelecimento de colônias, e distribuição de terras pelos pobres: Catão opôs-se como de costume, não que tivesse objeções a fazer contra a distribuição em si mesma, mas porque uma tal liberalidade, partindo de tais personagens, lhe era mais que muito suspeita, e lhe fazia recear as recompensas que eles mais tarde teriam de pedir ao povo pelas larguezas com que então o lisonjeavam. Nesta oposição era ajudado por grande número de Senadores, por Luculo, Cícero, e o cônsul Bíbulo; de modo que receando César e Pompeu tanto poder e influência, quando o cônsul se dirigia à praça, o mandaram insultar de mil modos pela plebe, lançando-se-lhe até um cesto de lixo; depois a pedra e a tiros de arremesso muitos foram feridos, alguns mortos, e os mais afugentados. Mantida por este teor a liberdade do campo, as leis foram votadas.

Em uma destas refregas, que eram freqüentes, caindo alguns dos combatentes mortos junto a Pompeu, ficou este todo manchado de sangue, a ponto de lhe ser preciso mudar de vestidos, e daí até se originou o aborto de sua mulher Júlia que desmaiou com a vista repentina da toga ensangüentada.

O infatigável e incorruptível Catão, que cada dia se expunha a novos perigos, vendo que para conjurá-los não era poderosa a só influência da sua virtude e eloqüência, quebrava às vezes do usado rigor, e ora, para interromper uma eleição perdida, fingia o mal-agourado ruído do trovão, como já referi, ora, para encher o tempo, falava de propósito um dia inteiro no Senado, como aconteceu quando César solicitou as honras do triunfo, e o mais é que com a demora conseguiu o intento, pois o futuro ditador, vendo-se contrariado, desistiu da pretensão.

As modernas maiorias, para obstar à perda ou roubo do tempo por meio de discursos premeditadamente longos ou repetidos, têm adotado certas medidas cujo complexo, em eloqüência quase de taberna, se tem denominado *rolha*. Esta contramina escapou aos romanos.

Depois da derrota de Catilina, e do suplício dos seus cúmplices (Timon não segue a ordem cronológica, cita os fatos conforme fazem melhor ao seu intento de caracterizar os costumes eleitorais e políticos

do tempo), César, suspeito de havê-los favorecido, e receoso das imputações futuras, procurou fortificar-se, chamando e atraindo a seu partido as relíquias da conjuração, e todos os membros corrompidos e viciosos da república, dos quais se ajudava para trazer tudo perturbado. Catão, temendo por seu turno tamanha influência sobre uma gentilha indigente, ávida e pronta a amotinar-se, persuadiu ao Senado que a pusesse nos seus interesses, o que com efeito conseguiu, fazendo distribuir por ela uma enorme quantidade de trigo, que não montou a menos de duzentos e cinqüenta talentos, ou cerca de seis milhões da nossa moeda!

Por estes mesmos tempos, Metelo, tribuno do povo, de acordo com César, entrou a formar assembléias sediciosas, e propôs uma lei para que Pompeu com suas tropas fosse quanto antes chamado à Itália, sob o falso pretexto de precaver a cidade contra as conspirações dos partidistas de Catilina, mas em verdade para pô-lo à frente dos negócios, e investi-lo de uma autoridade quase absoluta. Catão, o indefectível defensor da liberdade, como já o leitor está suspeitando, fez-lhe a costumada oposição. No dia em que o povo devia votar acerca da lei, Metelo dispôs na praça, em ordem de batalha, todos os seus escravos, e toda a tropa de estrangeiros e gladiadores armados; e tendo por si uma grande parte do povo, sempre sequioso de novidades e mudanças, e o decidido apoio de César, contava já ganha a vitória. Catão, é certo, tinha por si os principais e os melhores cidadãos, mas estes, impotentes para arredar ou vencer o perigo, apenas podiam expor-se generosamente a ele; pelo que, unidos à sua família, assustada e desfeita em pranto, instaram com Catão toda a precedente noite para que abrisse mão dos seus intentos. Ele porém inacessível ao temor, consolava a uns, e animava a outros, como quem se encaminhava antes a uma batalha e morte certa que ao pacífico exercício de um direito. Dormiu tranqüilamente, e ao amanhecer dirigiu-se à praça, bem que ainda no trajeto alguns amigos, raros e esmorecidos, com quem acaso ia topando, pelessem por dissuadi-lo.

Chegando à praça, achou o templo de Castor e Pólux cercado de homens armados, os degraus ocupados pelos gladiadores, e à entrada, no lugar mais eminente, Metelo, assentado junto a César. Catão rompeu denodadamente por meio daquelas turbas ameaçadoras, que todavia se lhe abriram com respeito, a ele e a mais um amigo que levava pela mão, fechando-se para todos os mais, e foi sentar-se justamente entre César e

Metelo, para impedir que se falassem em segredo. A novidade e audácia da ação surpreendeu os dous, e parte da multidão, que o aplaudiu, e com os aplausos a si própria se excitava para sustentá-lo e defendê-lo. Então começou uma das mais curiosas cenas deste gênero que nos oferece a História: o secretário de Metelo levantou-se para ler publicamente a lei, Catão o atalhou e interrompeu; Metelo a tomou do secretário, e começava a sua leitura, quando Catão lha arranca das mãos; Metelo que a sabia de cor, vai recitá-la, e eis o companheiro de Catão, de nome Termo, que lhe põe a mão na boca, e o impede de falar. Segue-se uma luta, o povo entra a comover-se e a ceder, quando Metelo, fazendo sinal a seus satélites, manda carregar com grande vozeria, derramando por todos os lados a confusão e o terror. Tudo fugiu, e Catão, exposto a uma chuva de pedras e tiros de todo o gênero, acabaria ali, se não fora a generosa dedicação de Licínio Murena, a quem ele acusara outrora como corruptor dos sufrágios, e que naquele aperto, envolvendo-o em sua toga, e cingindo-o nos braços, o arrastou animosamente para fora do lugar e do perigo.

Em outra eleição a que o mesmo Catão assistiu, dando ele fé de que as tábuas dos sufrágios eram quase todas escritas pela mesma mão, denunciou o caso aos tribunos, e fez anular a eleição posto que o candidato favorecido fosse seu particular amigo. Se este homem severo volvesse hoje à vida, e visse as nossas chapas impressas e litografadas, talvez, de indignado, rasgasse de novo as entranhas, refugiando-se por uma vez na morte, contra a perpétua corrupção do mundo.

César para ganhar a afeição popular fez gastos enormes, já em magníficas obras públicas, já em suntuosos festins que franqueava ao povo, em um dos quais, sendo edil, fez combater seiscentos e quarenta gladiadores dos pares; e conta-se que antes de obter o seu primeiro cargo, já estava endividado na soma enorme de mil e trezentos talentos. Isto porém lhe valeu nas classes inferiores a imensa popularidade que lhe facilitou depois o caminho do império.

Quando pela morte de Metelo vagou o lugar de grão-pontífice, César se deu pressa em apresentar-se candidato, malgrado a importância e autoridade pessoal dos seus dous concorrentes, um dos quais, Catulo, lhe mandou oferecer secretamente uma soma avultadíssima; mas

César, recusando-a, lhe fez saber que estava resolvido a gastar quantia maior, primeiro que abandonasse a cabala, em que afinal triunfou.

Marco Túlio Cícero, o imortal orador, que mais ou menos tomou parte em todas estas cenas que ficam referidas, já como ator principal, já como simples testemunha, já como filósofo e observador, oferece na sua vida uma notável circunstância eleitoral; a sua primeira eleição para cônsul, durante as ameaças da próxima conjuração de Catilina, foi feita, não por escrutínio, segundo o uso antigo, mas por meio de uma imensa e gloriosa aclamação popular, que se levantou no foro, mal que assomou o ilustre candidato.

Nas suas cartas a Ático narra ele como no Senado os grupos entravam em luta para obter ou embaraçar algum decreto ou medida, uns fazendo ruído com os pés para impedir que fosse ouvido este ou aquele orador, outros arrojando escarros contra os vizinhos a quem queriam molestar e afugentar, levantando-se e saindo, outros enfim estrepitosamente, para que a sessão fosse suspensa e adiada.

O escândalo era tamanho, e César, durante a sua ditadura, tinha em tão pouca conta o Senado, que muitas vezes fabricava ele só os *senatus-consultos* que bem lhe parecia, e firmava-os com os nomes dos primeiros Senadores que lhe acudiam à memória. “Chega-me às vezes a notícia (escrevia Cícero em suas cartas) que um *senatus-consulto*, decretado sob proposta minha, está sendo executado na Síria e na Armênia, sem que eu dele aliás tivesse nunca o menor conhecimento; e muitos príncipes me têm escrito agradecendo o empenho que pus em alcançar-lhes o título de reis, quando a verdade é que eu sei tampouco dos seus títulos, como da sua própria existência!”

Este mesmo Cícero, segundo refere Plutarco, foi o inventor da taquigrafia daqueles tempos, desconhecida antes do seu consulado. Cícero procurou os copistas mais hábeis e expeditos, ensinou-lhes o uso de certas notas que em poucos e pequenos caracteres encerravam o valor e significação de muitas letras e vocábulos, e colocando-os em diversos pontos da sala das deliberações do Senado, fazia apanhar a substância dos discursos. A esta invenção se deve o único que nos ficou de Catão, e foi o que fez pender o voto do Senado para o suplício dos cúmplices de Catilina.

Os interesses eleitorais, entre os romanos, sobrepujavam todos os outros, e ainda nos maiores perigos, nunca eram esquecidos ou abandonados. Assim, depois que Pompeu, fugindo de César, viu-se obrigado a sair de Roma, as grandes personagens que o acompanharam, se ocupavam seriamente das suas candidaturas aos consulados e preturas no previsto regresso a Roma; e mesmo nos dias próximos à desastrosa batalha de Farsália, contando a César já vencido e despojado do lugar de grão-pontífice, Espínter, Domício, e Cipião travavam disputas entre si, contendendo a qual deles com mais direito competia aspirar ao cobiçado emprego. Os mais previstos e acautelados até escreviam para Roma, mandando alugar casas nas vizinhanças do foro, onde mais vantajosamente pudessem manobrar por ocasião dos comícios.

Referirei agora algumas ações e ditos, e extrairéi mesmo alguns discursos mais extensos, que se bem não respeitem todos positivamente a matérias eleitorais, têm com elas íntima conexão, servem para caracterizar as épocas e personagens, e nos dão uma sofrível idéia da oratória parlamentar dos melhores tempos da república.

Quando no Senado se debatia a conjuração de Catilina, no mais aceso da discussão travada entre Catão e César, recebeu este um bilhete, que ao primeiro se afigurou logo ser mensagem ou aviso de algum dos conspiradores, e nesse pressuposto o denunciou a vários Senadores. Como César era geralmente suspeito, reclamou-se que fosse lido em altas vozes, porém César, sem fazer cabedal de semelhante exigência, o fez passar a Catão que com grande pasmo e confusão sua reconheceu em um bilhete amoroso a letra da própria irmã Servília. Então arremessando o bilhete a César: *Toma lá, bêbado!* lhe disse, e foi por diante no discurso que havia interrompido por causa deste incidente!

Este grande homem foi acusado de beber em demasia, e de prolongar os prazeres da mesa pela noite adiante, mas os amigos, para desculpá-lo, diziam que absorvido o dia inteiro nos pesados negócios da república, razão era que à noite desse folga ao espírito e ao corpo, espai-recendo à mesa na prática dos filósofos e literatos com quem amava entreter-se. O certo é que depois de jantar, usava Catão sair à rua, descalço e sem túnica; e nestes galantes trajes repreendia e censurava a efeminada elegância dos seus contemporâneos, com quem buscava fazer contraste, não por mera ostentação, dizem, mas para ver se os melhorava.

Caio Graco, o mais moço dos dous ilustres irmãos, em um dos poucos fragmentos que deles nos restam, deixou-nos uma idéia já bem pouco favorável dos oradores do seu tempo. “Ó romanos (dizia ele no seu discurso), tomai tento, e facilmente penetrareis que aqui ninguém chega, se o não chama o interesse, nem levanta a voz senão para pedir. De mim mesmo confesso que não é de todo sem interesse que me dirijo a vós, aconselhando o aumento dos tributos, com que melhor ordeneis os vossos negócios e os da república; assim é que vos não peço dinheiro, senão honra e estima. Alguns há que vos dissuadem esta lei; não creio que procurem a vossa estima, armam, sim, ao dinheiro de Nicomedes. Outros vô-la persuadem, mas não é menos certo que põem os olhos no salário e recompensa que lhes prometeu Mitrídates. Pois uns tais que, confundidos com todos aqueles, se conservam, nada menos, mudos e silenciosos, esses, ó romanos, são os mais acérrimos na cobiça, e recebendo de todos, a todos enganam, sem que por palavras indiscretas se deixem malsinar.”

Salústio nos conservou também um dos muitos discursos que proferira C. Mêmio, afamado orador do tempo de Mário, no qual se descrevem com expressiva eloquência as vexações, os abusos e a imoralidade da nobreza daquela época. “Em verdade, ó romanos (dizia Mêmio), causa pejo dizer quanto nestes quinze anos haveis sido ludíbrio da insolência de poucos, e com quanta atrocidade foram mortos, e jazem ainda muitos os vossos defensores; que a tal ponto estais efeminados pela corrupção e inércia... Com o silêncio da indignação vimos os anos passados a pilhagem do erário, os tributos que nos pagam os reis e os povos, feitos presa de uns poucos de nobres, para quem são todas as honras e todas as riquezas; e o como, não satisfeitos de tantos crimes impune-mente cometidos, ainda em cima venderam tudo aos inimigos, as leis, a vossa majestade, o sagrado e o profano. E do que fizeram não mostram nem pejo nem arrependimento, pelo contrário, alardeiam em vossa presença a sua magnificência, ostentando uns os sacerdócios e os consulados, outros os triunfos que obtiveram, pela violência e usurpação, não pô-los merecerem. Mas quem são esses que assim têm avassalada a república? Os mais vis e insolentes celerados para quem, manchadas as mãos de sangue, e contaminada a alma pela avareza, não há fé, nem honra, nem piedade, nem bem, nem mal. Quanto mais perversos, mais

seguros vivem; confiados no terror que têm derramado com a morte dos vossos tribunos, com os processos injustos que depois tentaram, e com as horríveis matanças que em vós mesmos têm feito.”

Todavia, ninguém mais do que o próprio Salústio, expulso aliás do Senado por crimes e prevaricações que lhe provaram, soube pintar com cores vivas e enérgicas as enormidades de todo gênero que assinalaram aquelas eras prodigiosas, mostrando mais virtudes então nas palavras e escritos do que outrora nas ações. “Até à destruição de Cartago (diz ele), o Senado e o povo romano regeram em comum a república com placidez e moderação; o temor do inimigo mantinha a pureza e rigidez dos costumes. Mas vindo depois com a vitória, a prosperidade e o ócio, tão cobiçados na adversa fortuna, começaram as cousas a correr mais duras e acerbadas, porque abusando, cada um pela sua parte, os nobres do poder, e o povo da liberdade, ninguém mais cuidou senão de puxar para si, pilhar e roubar. A república, exposta a estes encontrados embates, via-se retalhada e perdida. Entretanto a nobreza, como facção disciplinada, tinha uma preponderância decisiva, enquanto a força do povo, solta e dispersa pela multidão, se inutilizava à míngua de direção. Tudo, na paz e na guerra, se fazia a talante de poucos nobres, que dispunham livremente do erário, das províncias, das magistraturas, das honras e triunfos, enquanto o povo, já vexado pela miséria, carregava só com todo o trabalho da milícia. Os generais roubavam e partiam com meia dúzia de sócios todos os despojos da guerra; ao passo que as famílias dos soldados eram lançadas das herdades paternas, se por desgraça confinavam com vizinhos poderosos. Assim, a avareza e a prepotência de mãos dadas, rotas todas as rédeas, invadiram, violaram e devastaram tudo, sem respeitar o sagrado ou profano, até que pelos próprios excessos se arrojassem à última perdição.”

E referindo-se aos tempos de Catilina: “Se a prosperidade fatiga o ânimo dos sábios, não é muito que os homens corrompidos não saibam moderar-se na vitória. Quando as riquezas entraram a ser tidas em honra, e a atrair a si a glória, a autoridade e a influência, começou a virtude a atenuar-se, a pobreza a ser desdouro, e a inocência baldão. Após as riquezas, o luxo, a soberba, a avareza, contaminaram a mocidade. Tudo era roubar, consumir, esbanjar o seu, cobiçar o alheio, ultrajar o pudor, o decoro, as leis divinas e humanas, sem moderação nem temor.

Que direi de outras muitas coisas, prodigiosas e incríveis, para quem as não visse, como os montes arrasados, e os mares edificados por simples particulares? Parece que escarneciam das riquezas, pois quando as podiam lograr licitamente, se davam pressa a dissipá-las em torpezas. O estupro, a gula, uma aluvião de vícios sem conta inundavam a cidade; os homens se prostituíam à feição de mulheres, as mulheres faziam público leilão dos seus encantos; esquadrinhava-se a terra e o mar para saciar a gula, dormia-se sem sono, comia-se, bebia-se sem ter conta com a fome, a sede, a calma, ou a frescura, porque os caprichos desordenados do luxo antecipavam e baralhavam tudo.”

Porei agora ante os olhos de meus amáveis leitores um admirável modelo da eloquência e urbanidade parlamentar daqueles bons tempos. É um discurso político do imortal Marco Túlio, homem consular, e o primeiro orador do seu tempo, proferido em presença do Senado, isto é, em presença de tudo quanto havia de grande e ilustre na capital do mundo, contra Marco Antônio, Senador, homem consular como ele, e general de cavalaria. “Admirai, padres conscritos (dizia ele, respondendo a Antônio), a estupidez deste homem, ou melhor direi, deste bruto, que acusando-me a mim de cúmplice dos matadores de César, trata nada menos a estes nos termos mais honrosos. Eu sou um celerado, porque me *suspeitas* de haver *suspeitado* alguma cousa da conjuração; e ao conspirador que aqui brandiu o punhal todo escorrendo em sangue, para esse são as tuas mais lisonjeiras expressões?! Mas se nestas se encontra tão estúpida contradição, que direi dos teus pensamentos e ações? Melhor fora, respeitabilíssimo cônsul, ir primeiro cozer e evaporar essa borra-cheira. Será acaso indispensável chamuscar-te as barbas com um archote para espancar essa pesada sonolência, que te não deixa distinguir as cousas? A propósito, lembraram-me agora aquelas bodas de Hípias em que chupaste tão enorme quantidade de vinho que, apesar da tua corpulência gladiatória, e desse estômago tão vasto como um odre, te foi forçoso vomitar no dia seguinte em plena assembléia do povo romano! Ó espetáculo hediondo não só à vista, mas ainda para referir-se! Se ainda isto te acontecesse à mesa tendo nas mãos aqueles tremendos copázios do teu conhecimento, já to relevaria; mas um general, a quem não devia escapar um arroto sequer, vir em presença do povo romano, e no meio das mais graves deliberações, arreversar do peito alimentos mal digeridos e im-

pregnados do odor acre do vinho, inquinando todo o tribunal e as próprias vestes, ... isto só tu, Marco Antônio!

“Mal recebeste a toga viril, para logo a converteste, pode-se assim dizer, em saia de mulher, pois que, prostituído ao vulgo, recebias de tuas infâmias, e não pequeno, o preço ajustado; mas sobreveio Curião, que arrancando-te ao comércio público, te guardou teúdo e manteúdo, como se te houvera recebido em matrimônio regular. Nunca mancebo algum comprado para a devassidão, foi tão submisso ao amo, como tu a Curião. Quantas vezes não te lançou seu pai pela porta fora? Quantas não lhe pôs sentinelas para te impedir o ingresso? Mas tu, esporeado a um tempo pela depravação e pela cobiça do ganho, nas sombras propícias da noite, saltavas os telhados, e pentravas pelas janelas. Ó! bem sabes que estou perfeitamente informado de todas estas particularidades!”

Presumo que o leitor, pouco familiarizado com as letras latinas, não ficará muito edificado com a leitura deste aliás fiel extrato de uma das mais eloqüentes filípicas do príncipe dos oradores; mas ao menos nestes tempos, os últimos da república romana, o mal tinha compensação, Cícero lutava contra Marco Antônio e Catilina, Pompeu contra César, e Catão contra todos; a virtude, um dia vencida e atribulada, no outro se erguia vencedora e radiante: Cícero voltava triunfalmente do seu injusto desterro, e César, apunhalado, caía aos pés da estátua desse mesmo Pompeu, covardemente assassinado poucos anos antes. Então segundo a bela expressão de Tácito, a liberdade moribunda despedia ainda os últimos fulgores: *manebant etiam tum vestigia morientis libertatis*. Depois porém que começou a verdadeira era dos Césares, a perfídia, a crueldade, o furor e até a demência foram as qualidades que mais sobressaíram nos dominadores do mundo. Entretanto, como o princípio eletivo não morreu de todo com a liberdade, cumpre narrar ainda algumas cenas que fazem ao complemento deste trabalho.

.....

O Império

O HISTORIADOR TÁCITO – A TROCA DE CABEÇAS – O SÉCULO DE PÉRICLES E DE AUGUSTO – AS ADOÇÕES IMPERIAIS, COMEÇADAS EM AUGUSTO E CONTINUADAS EM LUÍS NAPOLEÃO – CIRCULARES DE TIBÉRIO, GARANTINDO A LIBERDADE DO VOTO – O JORNALISTA CREMÚCIO CORDO – UM IMPERADOR VERMELHO E O CÔNSUL INCITATUS – UM POBRE HOMEM RECRUTADO PARA IMPERADOR – O MANJAR DOS DEUSES – OS CASAMENTOS DE NERO – GALBA LOGRANDO OS SEUS ELEITORES – AS BEIJOCAS DE OTÃO – O ALARVE IMPERIAL E O PASTELÃO MONSTRO – OS IMPERADORES DE TEATRO – A PÚRPURA OU A MORTE.

COMO pórtico digno para a entrada dos tenebrosos tempos do Império, Timon oferece a seus leitores o seguinte epílogo que Tácito colocou, como introdução, no princípio das suas *Histórias*, o qual, posto que escrito para os reinados que se seguiram de Galba em diante, não é menos aplicável aos de Tibério, Calígula, Cláudio e Nero, que os precederam nas calamidades e nos crimes. “A obra que empreendo (diz o historiador) é rica pelos sucessos, atroz pelas batalhas, e pela paz cruel. Quatro foram os principais mortos a ferro; três as guerras civis; em maior número as estranhas; de ordinário, umas e outras ao mesmo tempo; no Oriente a prosperidade, no Ocidente, reveses... A Itália, essa foi constantemente vítima de calamidades novas, ou tão-somente repetidas depois de muitos séculos. Na fertilíssima região da Campânia as cidades ou ficaram exaustas ou soterradas: Roma viu-se devastada por incêndios, consumidos templos antiquíssimos, e abrasado o mesmo Capitólio pelas

mãos dos cidadãos; as cerimônias religiosas foram profanadas; consumados grandes adultérios; o mar povoado de desterrados; os rochedos manchados com o seu sangue...

“A nobreza, a riqueza, os cargos públicos, ou recusados ou exercidos, eram então crime; as virtudes, certíssima causa de perdição. Os delatores, não menos odiosos pelos prêmios que obtinham, que pelos atentados que cometiam, alcançando, pela sua odiosa indústria, o sacerdócio, o consulado, o Governo das províncias, o valimento dos príncipes, tudo levavam após si, de tudo dispunham a seu talante. Os escravos atraíam os senhores por ódio ou por medo; os libertos, os seus patronos; quem não tinha inimigos, era vendido pelos amigos.”²

Augusto, o primeiro dos imperadores, não deveu o supremo poder a ato algum positivo de eleição regular; primeiro, por ser sobrinho de seu tio, o divino Júlio, depois pela proscrição e derrotas sucessivas dos companheiros e adversários, e ajudado enfim do ceticismo e cansaço dos romanos, escarmentados de tantas perturbações civis, e ávidos das doçuras da paz, se foi a pouco e pouco acrescentando em autoridade, até que a conseguiu plena e absoluta, correndo açodados a precipitar-se na escravidão, segundo a frase abrasadora de Tácito, cônsules, senadores e cavaleiros. *Ruere in servitium*. Augusto porém usou moderadamente do poder que usurpara, animando e protegendo as artes e as letras, que floresceram então como nunca, sendo por isso comparado o seu século com o de Péricles, com cuja dominação, de resto, a sua oferece muitos rasgos de semelhança. Houve, contudo, entre os dous uma diferença enorme: o grande homem de Atenas, jazendo no seu leito de morte, e ouvindo dos amigos circunstantes, como derradeira consolação, a narrativa das suas vitórias e dos troféus que ganhara, esforçou-se por erguer-se, e lhes disse: “*Essa glória me é comum com tantos outros generais; esta porém é só minha — nunca dei causa a que um só dos meus concidadãos se cobrisse de luto.*” Otávio, esse banhado as mãos no mais puro sangue de Roma por modo tão vil e atroz, que podia despertar invejas nos mais sanhudos tiranos que lhe sucederam. É bem sabido como depois de andarem em guerra acesa, ele, Antônio, e Lépido, vieram a um acordo ou

2 Em quase toda esta passagem de Tácito, se gui uma tradução do Sr. Francisco Sotero dos Reis, tão digna de apreço pela fidelidade, como pela elegância.

concerto (que o nosso Camões com admirável simplicidade e energia chamou *duro e injusto*) em virtude do qual cederam uns aos outros os amigos em troca dos inimigos. Cada um dos triúmviros organizou a sua lista de candidatos, ou cabeças que eram assim eleitas e designadas para figurar espetadas nos rostros. Marco Antônio, como o leitor há de sem dúvida suspeitar, não podia esquecer-se tão depressa das finezas que Cícero lhe havia dito em face, e já ficam referidas, pelo que o incluiu na sua. O egrégio orador foi surpreendido na fuga e morto; e decepadas as mãos e a cabeça, Marco Antônio as fez cravar nos rostros, como lhe havia jurado.

Durante o longo reinado de Augusto, que foi de meio século, nunca escritor algum, e então os havia muitos e eminentes, tratou deste abominável sacrifício do grande homem de quem ele havia recebido tamanhos serviços, pouco antes de o entregar ao ferro de seus inimigos. Mas esse silêncio, desta feita ao menos, nascia, não de servil adulação aos ódios do príncipe, mas do receio de molestá-lo, acordando-lhe os remorsos adormecidos, e cobrindo-o de confusão e pejo, pelo opróbrio de tão terrível recordação. A História refere que entrando ele um dia de repente no aposento de um dos netos, o surpreendeu com um livro, que lhe tomou das mãos. Esteve a folheá-lo algum tempo, e depois o restituiu ao mancebo dizendo-lhe: *Toma, meu filho. Foi um grande homem, e era verdadeiro amigo da sua pátria*. A obra que o mancebo lia furtivamente era de Cícero!

Ao aproximar-se a morte, Augusto adotou Tibério, e o nomeou seu sucessor. Daí ficou sendo o principado eletivo. Nos nossos dias, o excelso e poderoso príncipe Luís Napoleão, posto que algum tanto prematuro, fantasia também adoções testamentárias.

Não é para aqui referir a vida toda desse tirano suspeitoso, sombrio e cruel; quanto ao que serve ao nosso propósito, nota-se que logo no princípio deste longo reinado, foram os comícios transferidos do Campo de Marte para o Senado; até então, posto que as mais das eleições se fizessem sempre ao sabor do príncipe, delas havia contudo que dependiam do voto das tribos. O povo, despojado deste direito, apenas exalou o seu descontentamento em vãos queixumes; e o Senado, esse até folgou, que se viu livre de comprar ou mendigar sordidamente os votos, tanto mais que Tibério, afetando moderação, ficou de nunca recomendar mais que quatro candidatos tão-somente, os quais deviam ser eleitos sem contradições e sem cabalas.

Nos comícios consulares que sucederam pouco depois, e em todo o curso deste reinado, não se sabe ao certo que fórmulas se guardaram. O tirano, ora calando os nomes dos candidatos, os designava apenas pela família, e pela vida e feitos, de modo que os desse suficientemente a conhecer; ora, suprimindo toda e qualquer indicação, os exortava a que se abstivessem de perturbar as eleições com cabalas, e a que se confiassem na sua proteção; outras vezes enfim declarava que só sabia dos candidatos, cujos nomes tinha indicado ao Senado, mas que se outros havia, podiam sem susto apresentar-se, uma vez que confiassem no seu mérito e reputação. “Palavras especiosas (observa Tácito), ocas e vãs, senão insidiosas, porque quanto mais o povo se acolhia a uma fantástica sombra de liberdade, tanto mais dura escravidão lhe dispensava Tibério.” Se este bom imperador, modelo de candura e ingenuidade, volvesse hoje ao mundo, inda que com outra cara, com a mesma alma que Tácito tornou imortal nos seus escritos, e alcançasse alguma das nossas presidências, fico que se não faria rogar para expedir circulares garantindo a liberdade de voto, e recomendando a mais estrita neutralidade à sua polícia civil e militar.

Um dos muitos casos funestos que enlutaram este reinado, proporcionou contudo ocasião à posteridade de poder julgar até que ponto se gozava da liberdade de *imprensa* naqueles tempos. Não deve o amável leitor, que tiver em ódio os anacronismos, estranhar todavia o termo que emprego, pois já antes de mim, e tratando do mesmo assunto, o espirituoso Camilo Desmoulins chamou *jornalista* ao antiqüíssimo Cremúcio Cordo, que era sim redator, porém de *anais*, não de *jornais*. Como o caso faz tanto ao nosso intento, e é interessante, não deixarei de referi-lo. Sendo cônsules Cornélio Cosso e Asínio Agripa, foi acusado Cremúcio Cordo de um crime novo, e até então inaudito, qual o de haver publicado uns *anais* em que, elogiando a Marco Bruto, dissera de Cássio que fora o último dos romanos. Eram os acusadores clientes de Sejano, triste presságio para o réu, não menos que o aspecto turvo com que o tirano o ouvia. Mas Cremúcio, já resoluto a deixar a vida, defendeu-se, nada obstante, pelo teor seguinte: “As minhas palavras, padres conscritos, são acusadas; prova evidente de que as minhas ações são inocentes! Sou argüido de haver louvado a Bruto e Cássio, cujos feitos, memorados por tantos escritores, por nenhum o foram sem honrosos elogios. Tito Lí-

vio, preclaríssimo entre os mais conspícuos, pela eloquência e veracidade, exaltava tanto a Pompeu, que Augusto o chamava *Pompiano*; mas nem por isso resultou daí quebra em sua amizade. A Afrânio, a Cipião, a estes mesmos Cássio e Bruto, nunca os chamou salteadores e parricidas, como agora se usa; antes sempre os qualificava de varões insignes. Os escritos de Asínio Polião consagram a sua memória egrégia; Messala Corvino a Cássio chamava publicamente *seu general*; e não foi isso parte para que os não abastassem a ambos em honras e riquezas. E que outra cousa fez Júlio César, com ser ditador, contra o livro em que Marco Cícero exaltava Catão até às nuvens, senão responder-lhe com outro, de igual para igual, e como se a causa se pleiteasse ante o tribunal? As cartas de Antônio, as orações de Bruto estão cheias de infâmias contra Augusto, se falsas, não menos acerbas; e todos lêem os versos de Bibáculo e Catulo, pejados de injúrias contra os Césares. Mas o divino Júlio, e o divino Augusto sofreram tudo isto de boa sombra; e não sei o que mais então reluzia neles, se a magnanimidade, se a discrição, porquanto, a maledicência, desprezada, se desvanece, mas perseguida irosamente, toma visos de bem-fundada e verdadeira.

“Já não falo dos gregos, para quem não só a liberdade mas a mesma licença eram sem limites, e onde a palavras só com palavras se respondia. Porém o que sempre foi mais que muito averiguado, e livre de censura, foi falar daqueles a quem a morte libertou de todo ódio ou favor. Dar-se-á caso que pelos meus escritos esteja eu a excitar os cidadãos à guerra civil, convocando Bruto e Cássio, ainda armados nos campos de Filipes? ou porventura, por que morreram há cousa de sessenta anos, já se pensa que a sua memória se não deve conservar nos livros dos escritores, como nas suas estátuas que até o próprio vencedor respeitou? A prosperidade assina a cada um o seu quinhão de glória, e se eu for condenado, não faltará quem, à volta de Cássio e Bruto, se recorde também de mim.” Saiu depois do Senado, e deixou-se fenecer à fome. Naqueles bons tempos os condenados, ou os que tinham probabilidade de sê-lo, costumavam, antecipando o algoz, fazer o gosto aos seus amáveis soberanos, ou sufocando-se em banhos quentes, ou abrindo-se as veias, ou definhando à fome, e deles havia que ainda em cima deixavam em testamento as heranças aos imperadores.

“Os padres (conclui Tácito) condenaram às chamas os livros de Cremúcio; mas eles escaparam, e foram conservados, a princípio ocultos, depois manifestos. Daqui se vê quanto é digna de lástima a estultícia daqueles que com um poder efêmero presumem de abafar a voz perene do porvir, pois que os engenhos oprimidos avultam em autoridade e lustre, tanto quanto os potentados que se dão a estas tiranias, se desonram e aviltam.”

Tibério, tendo chegado a uma velhice adiantada, e jazendo em um leito gravemente enfermo, foi sufocado sob um montão de roupas que fez lançar sobre ele um dos ministros de suas torpezas e crueldades. Reinou vinte e três anos.

Sucedeu-lhe seu neto Caio Calígula. Este, em matéria eleitoral, fez muito pouco, e ao mesmo tempo, mais do que nenhum outro. Restituiu a princípio o direito de votar ao povo, tirou-lhe para o fim, e tornou a dá-lo ao Senado. Uma vez porém o exercitou por si com admirável critério e aplauso imenso, nomeando cônsul o seu famoso cavalo *Incitatus*. O Senado devia de receber esta nomeação com especial agrado, e sem dúvida votaria unanimemente que se dirigisse uma felicitação ao príncipe pelo seu bom acerto e feliz escolha.

S. M. da sua parte não quis deixar as cousas em meio, e assinou uma dotação correspondente à dignidade e hierarquia daquela personagem consular. Mandou fazer-lhe uma estrebaria de mármore, uma manjedoura de marfim, arreios de púrpura e pedraria, e pôs-lhe casa com escravos e móveis de preço, onde pudesse receber honradamente as visitas da gente mais grada da cidade. Às vezes era o cônsul convidado a jantar com o príncipe, e servia-se-lhe então cevada dourada e vinho, do melhor, em riquíssimas taças. E num jantar que o cônsul deu na estrebaria a S. M. e aos seus cocheiros, o generoso príncipe, no mais aceso das alegrias do banquete, fez dom de vinte milhões de sestércios a Eutico, um dos ditos cocheiros.

Este prodigioso reinado não durou muito, apenas três anos e pouco mais. Cássio Quérea, tribuno das cortes, lhe pôs fim prematuro, atravessando o príncipe com a espada em ocasião em que ao pedir-lhe a senha para o serviço, S. M. lhe responde com uma palavra obscena das do seu costume.

Foi Calígula homem de alta, mas pouco regular estatura, o semblante pálido, os olhos cavados, fixos e torvos, a cabeça nua e calva, mas a cerviz velosa, as pernas delgadas e os pés enormes. Posto que tivesse o olhar e o aspecto naturalmente horríveis, procurava de indústria torná-los mais temerosos, compondo-se e ensaiando-se a um espelho para esse fim.

Este imperador *vermelho*, inimigo dos nobres e ricos, a quem espoliava e matava, era muito popular e querido da gentilha, cujos prazeres e vícios grosseiros partilhava. Esta observação não será de todo inútil em uma época em que por moda, parcialidade, servilismo e ganância, tudo se lança à conta dos vermelhos democráticos ou plebeus.

Morto Calígula, e toda entregue a grande capital aos alvoroços e terrores da sanguinolenta catástrofe, pois os guardas germânicos em vingança do amo assassinado, matavam quantos o destino lhes deparava, um soldado que acaso, e sem tenção feita, vagueava errante pelos vastos aposentos do palácio, num quarto bem escuso, deu com um homem escondido no vão de uma porta, embrulhado num reposteiro, mas com os pés à mostra. O soldado curioso o sacou do esconderijo, e conhecendo-o, travou dele, levou-o para fora, e o ofereceu às cortes para imperador, quase na mesma atitude, supponho eu, em que Lafaiete, em 1830, abraçando Luís Filipe em uma das janelas do Hôtel-de-Ville, o ofereceu às aclamações dos basbaques de Paris com aquelas famosas palavras: *Voilà la meilleure de toutes les républiques!* O nosso candidato imperial, enquanto a plebe romana, civil e militar, atroava o ar com repetidos gritos de Ave, César! tremia como varas verdes, e até, dizem, se lançara aos pés do soldado, imaginando que o conduzia à morte, não ao império. Este homem era Cláudio, digno certamente de suceder a Calígula, porque depois do furor e da demência, bem era que a imbecilidade tivesse também a sua vez.

Tácito, escrevendo a vida de Tibério, e tendo ocasião de referir-se a Cláudio, fez as seguintes memoráveis reflexões: “De mim confesso, que quanto mais leio e revolvo o presente e o passado, mais me parece que o destino acintoso faz em tudo ludíbrio das cousas humanas; porque designando a fama, a esperança e a veneração tantos outros para o império, só era então esquecido aquele a quem a fortuna guardava em segredo para tão altos destinos!”

Entretanto, recobrado o magnânimo imperador do primeiro e mortal susto, e não lhe parecendo mal a novidade, mandou distribuir por cada um dos pretorianos, seus eleitores, quinze mil sestércios. Mandou depois matar o intrépido Quérea, e tal gosto, com o poder, tomou ao sangue, que este reinado não foi dos menos ricos em suplícios, sendo condenados à morte, durante ele, trinta e cinco Senadores e trezentos cavaleiros. Mas os suplícios eram já acontecimentos ordinários em demasia, para que se hajam de mencionar especialmente.

Os grandes acontecimentos deste glorioso reinado, além da estupenda eleição que fica referida, são os seguintes.

O monarca, grande cultor das letras, enriqueceu o alfabeto com três caracteres de sua invenção, e os mandou cumprir e guardar por seu decreto. A posteridade, porém, revel e desconhecida, fez pouco ou nenhum cabedal deste sazonado fruto das lucubrações imperiais, e apenas haverá hoje algum esquadrinhador de antiguidades que tenha notícia das três malogradas letras.

Foi primeiramente casado com Messalina, nome que resume todos os furores da lascívia, e da qual disse o poeta: *Lassata viris, non satiata recessit*. Esta casou-se, quase à vista do imperador, com um rapaz mais do seu gosto; e para punir-lhe a impudência e o crime, não bastaram os impulsos da fé conjugal e da majestade ofendidas, valeu sim a ambição de um liberto, seu valido.

Agripina, a segunda mulher, foi mais avisada, descartou-se dele envenenando-o com um guisado de cogumelos, aproveitando para isso uma das muitas ocasiões em que a embriaguez lhe embotava de todo o entendimento. Nero, pelo bem que lhe foi com o delicioso prato, chamava-lhe depois o *manjar dos deuses*.

Consumado o crime, Agripina, fazendo ocultar o augusto cadáver sob espessos montões de roupas, e deitando voz de que o caro esposo vivia ainda e ia a melhor, dispunha as cousas para a proclamação do próprio filho, com exclusão de Britânico, que posto o fosse do defunto, ficara contudo preterido no testamento, com a adoção de Nero. No dia aprazado, saiu Nero, e adiantando-se para a corte que estava de guarda ao paço, foi recebido com ruidosas aclamações, mediante a influência e sugestões do prefeito. Depois desta, pronunciaram-se as outras cortes pelo mesmo teor; e Nero, conduzido ao campo e alçado ao pa-

vês, feito um breve discurso análogo à ocasião, e prometido um donativo não menos liberal que o do pai, foi proclamado imperador. A nobilíssima ordem do Senado confirmou a eleição, e decretou funerais esplêndidos e honras divinas ao divino Cláudio.

O reinado de Nero, que aturou dezesseis anos, foi uma longa série de horrores e torpezas, que todas ele resumiu em um famoso banquete que lhe deu Tigelino, onde, dentre os mancebos que compunham a prostituída manada dos convivas, recebeu por marido em solene casamento um de nome Pitágoras. O imperador tomou o *flammeum*, que era o véu com que as noivas cobriam o rosto, consultaram-se os arúspices, lavrou-se a escritura de dote, depois submetida à deliberação do Senado, dispôs-se o leito, acenderam-se os fachos nupciais, e por fim consumou-se à vista de todos (diz Tácito) aquilo mesmo que ainda com as mulheres se costuma esconder nas trevas da noite!

Alguns anos depois, o imperador tornou a casar com o eunuco Esporo, mas desta vez fez de marido.

À primeira notícia da revolta de Galba e das legiões, Nero afetou zombar do perigo, e proferiu aquele dito que, repetido depois pelo conde-duque de Olivares, na revolta do duque de Bragança, se tornou tão famoso: *Que estimava bem aquela revolta, pois lhe proporcionava ocasião de ajuntar imenso cabedal, confiscando os bens dos rebeldes*; mas depois, crescendo a rebelião em forças, o Senado que havia condenado a Galba, e ao mesmo Nero havia baixamente sacrificado sempre o mais puro de seu sangue, o condenou também. Fugitivo, derribado de todas as suas esperanças, prestes a receber da mão de um escravo a morte que de covarde não podia obter da sua, o que mais lastimava era que o universo fosse perder nele o seu melhor cantor, confundindo assim, naquela hora solene, como em toda a sua vida, as cousas burlescas, com as mais graves e atrozes.

Galba, velho septuagenário, foi o seu sucessor. Já muitos anos antes, praticando Tibério, com ele, lhe disse por fim: *Dia virá, ó Galba, em que também saboreies o poder!* Palavras proféticas, que designavam o seu tardio e breve reinado. Ninfídio Sabino, prefeito do pretório, obteve a sua proclamação em Roma, prometendo aos soldados das cortes pretorianas cerca de seis mil cruzados da nossa moeda, e aos das legiões que serviam nas províncias, cerca de quatrocentos e oitenta mil-réis a cada um, so-

mas enormes, que se não poderiam alcançar sem vexar o império mais duramente do que toda a tirania de Nero!

Se ainda hoje houvesse em Roma destas eleições, afluindo todos para ali, correriam as mais nações grande risco de ser abandonadas por toda a sua patulêia, e nem mais se haviam de ver expedições contra a ilha de Cuba, armadas do dia para a noite, por intrépidos e famélicos aventureiros. Mas nas cousas humanas não pode haver gosto perfeito; os soldados que se haviam levantado contra Nero com a ganância destas fabulosas promessas, vendo-se fraudados pela avareza de Galba, levantaram-se também contra ele, proclamando, nas Gálias, a Vitélio, e dentro da própria Roma, a Otão.

Informado da rebelião da cidade, o velho imperador sobe à sua liteira, e guia aos quartéis, mas embaraçado no trânsito pela variedade e contradição dos rumores, como pelas ondas de curiosos, era impellido de uma parte para outra, como o navio sem leme num temporal desfeito. De repente uma tropa de homens a pé e a cavalo carrega sobre ele, derriba-o e o atravessa com mil golpes; e o velho, quase expirante, oferecendo-lhes a garganta dizia; *Feri, se é para bem da pátria*. Das imensas forças que ainda na véspera o guardavam, um único homem então, o centurião Semprônio, que nunca de Galba recebera benefício algum, o cobriu com o seu corpo, bradando aos assassinos que poupassem o imperador. Decepada a cabeça do tronco, como o velho fosse calvo, e o soldado não pudesse travar-lhe dos cabelos, a envolveu nas suas vestes; mas não convindo esta espécie de segredo aos camaradas, foi a cabeça espetada num chuço, e por este modo o sanguinolento troféu percorreu toda a cidade, no meio das vaias da multidão.

Outros muitos assassinatos se perpetraram, e como Otão prometera avultados prêmios pelas cabeças mais ilustres, muitos, que aliás não haviam matado a ninguém, ensangüentavam de indústria as armas e as mãos, e assim se apresentavam a requerer o prêmio dos seus serviços. Acharam-se depois nos arquivos cento e vinte petições destas; Vitélio fez tirar devassa sobre os seus autores, e os condenou todos à morte.

Enquanto por uma parte era Galba assassinado, pela outra era Otão elevado ao império. Primeiro o aclamou uma tropa de vinte e três soldados, logo após outra pouco maior, aderindo por fim todos a um atentado que bem poucos tinham premeditado. Chegado ao campo, al-

çado sobre o pavês em que pouco havia fulgurara a estátua de ouro de Galba, os soldados um por um lhe prestaram juramento, no meio de confusa e temerosa grita. Otão, pela sua parte, não se deixava vencer em manifestações, prostrava-se ante a multidão, falava-lhe, abraçava-a de longe, atirava-lhe beijos, e para alcançar o império, não recuava ante gênero algum de baixaza. *Protendens manus, adorare vulgum, jacere oscula, et omnia serviliter pro dominatione.*

O Senado, imediatamente convocado, confirmou esta eleição; e ainda o corpo do misérrimo Galba jazia descabeçado no meio do campo, e já os Senadores renovavam o prostituído juramento ao novo príncipe.

Vitêlio, aclamado pelas legiões nas Gálias, a marcha que encetara contra Galba, continuou-a contra Otão. Este, remindo por uma bela morte uma vida desonrada pelos vícios e pelos crimes, deixou o trono ao animal de maior voracidade que inda viram os séculos. Nada bastava a saciar os vastos apetites deste gladiador imperial. Vitêlio comia três a quatro vezes ao dia, e para poder comer, esforçava-se por vomitar os alimentos já tomados. Em um só jantar, despendeu cerca de oitocentos mil cruzados da nossa moeda; e em outro que lhe deu seu irmão, houve dous mil peixes, e sete mil aves das espécies mais raras e esquisitas. Para se poder assar um pastelão enorme, que S. M. denominou o — *Broquel de Minerva* — foi mister levantar no meio da praça um forno monstro, cuja fábrica importou em mais de duzentos mil cruzados. Nos poucos meses que durou o seu reinado consta que esbanjara em comensais passante de novecentos milhões de sestércios.

Se este prodigioso glutão ressuscitasse em nossos dias, e não já como candidato e elegível, senão como votante e patuléia, para cuja classe a natureza certamente o criara, que partido se não veria arruinado, para mantê-lo e saciá-lo?!

Afinal, Vitêlio acabou como os outros, pelo ferro, e com singular injustiça da sorte que o devia reservar para as glórias de uma suculenta indigestão.

Em cousa de nove meses, desde Nero até Vitêlio, viu Roma, estupefacta e aviltada, quatro imperadores mortos a ferro, e três proclamados pelas cortes. Dir-se-ia que a mesma aclamação os designava para o império e para a morte; tanta era a precipitação vertiginosa dos sucessos!

Plutarco refere que Dionísio de Siracusa, falando do tirano de Feres, o chamara tirano de tragédia, aludindo ao seu curto reinado de dez meses, terminado por uma morte violenta. Porém, acrescenta o mesmo Plutarco, o palácio dos Césares viu em menos tempo quatro imperadores postos e tirados pela soldadesca, como atores num teatro. Para que no entanto nenhuma espécie de maravilha faltasse no meio destas monstruosas alternativas, viu-se o general Virgínio Rufo, que havia sopeado a rebelião de Vindex nas Gálias, e era poderoso pelo seu merecimento e pelo amor das legiões, recusar o império que elas lhe ofereciam, não bastando, para movê-lo, que um dos tribunos, arrancando a espada, lhe dissesse que recebesse a púrpura ou a morte.

Aqui porém cumpre pôr termo à história das eleições imperiais; a sua narração torna-se inútil, monótona e enfadosa. São sempre as aclamações da soldadesca, seguidas pouco depois de sanguinolentas catástrofes. Basta saber-se que dos vinte e seis primeiros imperadores, a contar de César, dezesseis acabaram violentamente, pela sufocação, pelo veneno, ou a ferro frio. Nunca Governo algum, puramente popular, por mais solto e desordenado que fosse, ofereceu exemplo de uma anarquia tão hedionda, perpetuando-se como forma regular e estável, por tão grande número de anos.

“Nunca o mundo (observa tristemente Montesquieu) ofereceu espetáculo tão digno das meditações do sábio! Tantas guerras empreendidas e acabadas, tanto sangue derramado, tanto heroísmo, sabedoria e constância, uma política tão profunda, um plano tão bem concebido, sustentado e levado ao cabo, de tudo invadir e submeter; tudo, sem reserva, foi presa dos furores de cinco ou seis monstros tão cruéis como insanos! Esse Senado que aniquilara tantos reis, ei-lo avassalado aos seus mais indignos cidadãos, destruindo-se pelas suas próprias decisões! Acaso não levantarão os homens o seu poder, senão para vê-lo mais lastimosamente derribado, ou transmitido a mãos tanto mais felizes quanto indignas? Ou devastariam os romanos o mundo por tal modo, só para entregá-lo, depois de tantos horrores, exausto e enfraquecido, à fúria dos bárbaros?”

.....

Eleições na Idade Média e Tempos Modernos

ROMA CATÓLICA

ELEIÇÕES DOS PAPAS – S. PEDRO, CHEFE DE GRUPO, FAZ RESISTÊNCIA À JUSTIÇA, COMETE O CRIME DE OFENSAS FÍSICAS COM MUTILAÇÃO, E MUDA DE PARTIDO – MISSÃO DO PAPADO – OS PONTÍFICES TRIBUNOS – ALIANÇA DA RELIGIÃO E DA DEMOCRACIA – UMA PALAVRA DERRIBA UM REI – CENTO E TRINTA E SETE PESSOAS MORTAS NA ELEIÇÃO DO PAPA DÂMASO – UM FRANGO COM SEU RECHEIO DE PAPAS – EXCOMUNHÕES ELEITORAIS – UM PONTÍFICE GUARDADOR DE PORCOS – A MELHOR MANEIRA DE DESCOBRIR AS CHAVES DE S. PEDRO.

E

M FACE da antiga sociedade que se ia aluindo aos poucos, até ser de todo tragada pelo abismo, surgia a nova que ainda dura e a que todos pertencemos. E no meio das eleições sanguinolentas dos imperadores romanos, se prefaziam pacificamente as eleições dos primeiros bispos de Roma, depois papas e pontífices de todo o orbe católico. Assim as razões cronológicas, como a grandeza e universalidade das conseqüências destas eleições, as indicam assaz ao escritor para que com elas inaugure, nas eras do cristianismo, seu rápido bosquejo eleitoral.

Todo o fiel católico, senão mesmo todo o infiel, sabe que indo Jesus Cristo à testa de um grupo, composto dos apóstolos e mais discípulos, por uma via estreita (os evangelhos não o dizem, mas figura-se-me que seria como o beco de São João), eis senão quando topou-se face a face com o grupo governista, cujos cabeças, já fatigados de tantas e tão intermináveis discussões, tinham assentado pôr termo à contenda,

por um meio pronto e decisivo. Uma voz intimou a Jesus Cristo ordem de prisão; todos cederam, fosse efeito das doutrinas de obediência e resignação pregadas pelo Divino Mestre, fosse que o grupo do Governo se ostentasse superior em armas e força numérica. Entre os opositores porém havia um sujeito exaltado e resoluto, de nome Simão Pedro, pescador de profissão (posto que não matriculado), o qual furioso com semelhante violação da segurança individual, e da liberdade do voto e da palavra, arrancou da espada, arremeteu aos contrários, e dum golpe cortou uma orelha a Malco, acérrimo espoleta da facção dominante. Mas Jesus Cristo ordenou-lhe que se contivesse, e o repreendeu brandamente, notando-lhe o mal que havia no emprego do ferro e dos meios violentos, e como nem sempre os homens mais assomados e impetuosos são os mais firmes e constantes em seus princípios e afeições.

Ou movido destas admoestações, ou conhecendo que os seus lhe não prestavam apoio, Simão Pedro, ajudado da noite e do tumulto, pôde esquivar-se sem ser preso. Mas parece que alguns dos contrários bem o conheceram, pois durante aquela memorável noite, quantos o topavam iam logo bradando: *Ali vai um dos tais!* Quem tiver perdido eleições e andar por essas ruas, infestadas de caceteiros, em busca de um asilo em que esconda o despeito e vergonha da derrota, e encontre alguns momentos de repouso em que possa tomar os primeiros apontamentos para a ata falsa, esse tal poderá compreender os embaraços e angústias de Simão Pedro, em presença de tão importunos malsins. Entretanto, parece que os perigos iminentes da situação lhe aguçaram o engenho, inspirando-lhe uma lembrança feliz. Endireitou para os próprios acusadores, apertou-lhes a mão, e perguntou sorrindo que novidades havia. E quando os tais lhe deram claramente a entender o que ele mais que ninguém sabia, agora o vereis, protestou Simão com todas as forças da sua alma “que jamais pertencera ao grupo dos perturbadores; que é bem verdade que tinha amizade com alguns dos chefes, mas puramente particular, e sem participar das suas opiniões políticas e religiosas; que sempre fora obediente às leis e às autoridades constituídas, e bem conhecia que contra o Governo ninguém tirava partido; que tomara ele que o deixassem viver sossegado com suas redes e canoas, pois nunca fora homem que costumasse andar metido em barulhos; e rematava pedindo que não continuassem a gracejar por aquele modo, pois podia chegar

isso aos ouvidos do Governo (era então presidente da província o Ex^{mo} Pôncio Pilatos), e ele queria evitar comprometimentos, etc., etc.”.

Por três vezes e em diversos lugares lhe repetiram a terrível acusação, e Simão, cada vez mais contrariado, dizia já por fim que a semelhante gente apenas conhecia de vista, e sabia dos seus feitos somente por ouvir dizer. Mas quando ao negar pela terceira vez o Mestre, ouviu o canto do galo, lembrado de como o mesmo Mestre lhe profetizara estas vergonhosas denegações no momento em que ele se fazia de valentão, caiu em si, e desatou a chorar como uma criança.

Transformado depois em pescador de almas em vez de pescador de peixes, que tinha sido, S. Pedro foi o primeiro bispo de Roma, ou o primeiro papa. Ignoro se os antecedentes que ficam referidos tiveram peso na sua eleição; mas o certo é que depois de eleito se houve de maneira no Governo do seu rebanho, que a História o qualificou príncipe dos apóstolos, e o digno antecessor de todos esses grandes homens que na sucessão dos tempos têm ilustrado o trono pontifical, conquistando para a moderna capital do mundo um novo gênero de preeminência, mais glorioso porventura que o da antiga. Mas sobre um tal assunto deixemos falar Chateaubriand.

“Pois que o conclave vai abrir-se (diz ele nas suas *Memórias d'além-túmulo*, referindo-se à eleição de 1829) quero esboçar rapidamente a história desta grande lei eleitoral, que já conta nada menos que mil e oitocentos anos de duração. Donde vêm os papas? Como eram eles eleitos nesta larga sucessão de séculos?

“Quando em Roma, na exaltação de Augusto, a liberdade, a igualdade e a república exalavam os últimos alentos, nascia em Belém o tribuno universal dos povos, o grande representante da liberdade e igualdade na Terra, Jesus Cristo enfim, o qual, tendo plantado a cruz para assinalar os términos de dous mundos, e legando o seu poder ao príncipe dos apóstolos, consentiu padecer e morrer nela, símbolo, vítima, e redentor dos sofrimentos humanos. De Adão até Jesus Cristo, sociedade com a igualdade dos homens, com a igualdade social do homem e da mulher, sem escravos enfim, ou pelo menos sem o princípio da escravidão.

“Pedro iniciou o papado, tribunos ditadores eleitos pelo povo, e as mais das vezes escolhidos nas classes obscuras, os papas tiravam

todo o seu poder da ordem democrática, nova sociedade de irmãos fundada pelo Nazareno, operário ele mesmo, fabricante de charruas, nascido da mulher segundo a carne, Deus nada menos, e filho de Deus, como narram as suas obras.

“A missão dos papas foi vindicar e manter os direitos do homem; e chefes da opinião humana, assim fracos como eram, e sem mais outro soldado que um plebeu envolto no burel e armado de uma cruz, adquiriam todavia a força necessária para derribar os reis dos seus tronos com uma simples palavra ou idéia. O papado, à frente da civilização, guiava para os fins da sociedade, e os cristãos, em todas as regiões do globo, obedeceram a um padre, cujo nome mal conheciam, porque este padre era a personificação de uma idéia fundamental; na Europa, o representante da independência política, quase por toda a parte manietada; e no mundo gótico, o defensor das franquezas populares, como no moderno, o restaurador das ciências, das letras e das artes.

“As longas querelas do sacerdócio e do império foram, na Idade Média, a luta dos dous princípios sociais, o poder e a liberdade; os papas, favoneando os guelfos, eram pelos Governos populares; enquanto os imperadores, patrocinando os gibelinos, inclinavam para a aristocracia. Assim quando os papas, feitos enfim gibelinos, se puseram também da banda dos reis, o seu poder começou a declinar, porque eles se haviam separado do seu princípio natural.

“Todos esses tronos declarados vagos, e entregues, na Idade Média, ao primeiro ocupante; esses imperadores que imploravam prostrados o perdão de um pontífice; esses reinos inteiros postos em interdito, e privados do culto por uma só palavra mágica; esses soberanos, fulminados pelo anátema, abandonados não só dos vassallos, mas até dos servos e dos próprios parentes, esquivados, como leprosos, e seqüestrados da raça mortal, enquanto o não eram da eterna raça; esses objetos por eles tocados, e purificados ao fogo, tudo isso o que era senão os enérgicos efeitos da soberania popular exercida pela religião?

“A mais antiga lei eleitoral do mundo é aquela em virtude da qual o poder pontifício se transmitiu de S. Pedro ao sacerdote que hoje traz a tiara; remontando do qual, de um para outro pontífice, chegareis aos santos que atingiram quase a Jesus Cristo; no primeiro anel da cadeia pontifical encontra-se um Deus! Os bispos eram eleitos pela assembléa

geral dos fiéis, de que o clero fazia parte, e já do tempo de Tertuliano o bispo de Roma se chamava bispo dos bispos. Infelizmente as paixões brotam por toda a parte, e como elas desnaturam as mais belas instituições, e os caracteres mais retos, à proporção que medrava a autoridade papal, também oferecia mais tentações, e daí derivaram as rivalidades e as desordens costumadas. Já Roma pagã vira estalar perturbações semelhantes na eleição dos seus tribunos; dos dous Gracos, um foi arrojado ao Tibre, e o outro apunhalado pela mão de um escravo num bosque consagrado às Fúrias. A nomeação do papa Dâmaso, em 336, ocasionou um conflito sanguinolento, no qual pereceram dentro da basílica siciniana, hoje Santa Maria Maior, cento e trinta e sete pessoas.

“S. Gregório foi eleito papa *pelo clero, Senado e povo romano*. Os simples leigos podiam ser eleitos papas, do que há na história vários exemplos. E ainda hoje (o que geralmente se ignora) pode a escolha recair até em homens casados, recolhendo-se a mulher a uma clausura, e recebendo o homem, com o papado, todas as ordens.

“Os imperadores gregos e latinos tentaram oprimir a liberdade da eleição popular dos papas, algumas vezes a fizeram por si, e muitas exigiram que ao menos fosse por eles confirmada; mas Luís, o Benigno, restituiu a eleição dos bispos à sua primitiva liberdade. Entretanto, estes opostos perigos de uma eleição aclamada pelas massas, ou ditada pelos imperadores, fizeram conhecer a necessidade de modificar a lei. Havia em Roma certos padres e diáconos chamados *cardeais*, seja que o nome lhes viesse de servirem eles junto aos *cornos* ou ângulos do altar, *ad cornua altaris*, seja que o termo *cardenal* derive do latim *cardo*, eixo ou gonzo. O papa Nicolau II, em um concílio celebrado em Roma em 1059 fez decidir que a eleição dos papas, feita pelos cardeais, somente seria ratificada pelo clero e povo. Porém o Concílio de Latrão, cento e vinte anos depois, despojou o clero e povo desta prerrogativa, e tornou a eleição válida por uma maioria de dous terços da só assembléia dos cardeais.

“Mas como o cânon do Concílio não estabelecesse nem a duração nem a forma do colégio eleitoral, aconteceu que a discórdia se insinuasse no meio dos eleitores, sem que nas modificações da nova lei se encontrasse maneira alguma de a reprimir. Assim, em 1258, morto Clemente IV, os cardeais reunidos em Viterbo não puderam entender-se, e a santa-sé permaneceu vacante cerca de dous anos. Pelo que, o

podestà e o povo tomaram a deliberação de encerrar os cardeais no seu palácio, e até, dizem, de destelhar a este, a fim de os obrigar a uma escolha. Saiu enfim do escrutínio Gregório X, e o seu primeiro cuidado foi prover a semelhante abuso para o diante, estabelecendo então o conclave, *cum clave, debaixo de chave*, ou *com chave*; e regulando as suas disposições interiores, mais ou menos como existem hoje, a saber: celas separadas, sala comum de escrutínio, janelas exteriores muradas, e proclamação do resultado a uma delas, demolindo-se para esse fim o estuque que a tapava, etc. O Concílio de Lião, em 1270, confirmou e melhorou estas disposições. Uma delas porém caiu em desuso, a qual dizia que se depois de três dias de clausura a eleição não estivesse concluída, nos cinco imediatos os cardeais ficariam reduzidos a um só prato, e depois destes, só a pão e água, até que a eleição se fizesse.

“Hoje em dia a duração do conclave é ilimitada; nem os cardeais são já castigados pela dieta como meninos de escola. É certo porém que o seu jantar é conduzido solene e publicamente até o palácio da reunião, junto ao qual são os frangos estripados, os pastelões sondados, as laranjas partidas, e até as rolhas das garrafas espatifadas, tal é o receio de que vá por ali algum papa embetesgado.

“As intrigas dos conclaves são célebres, e algumas tiveram funestíssimos resultados. Durante o cisma do Ocidente diversos papas e antipapas, se excomungavam de cima dos muros derrocados de Roma. Em 1492 Alexandre VI comprou o voto de vinte e dous cardeais que não duvidaram prostituir a tiara ao pai de César e Lucrecia Borgia.

“Nesse tempo ainda alguns soberanos ditavam ordens ao sacro colégio, e Filipe II fazia introduzir no conclave bilhetinhos como este: *Su Majestad no quiere que N. sea Papa; quiere que N. lo tenga*.

“De então para cá, as intrigas dos conclaves já não passam de insignificantes agitações sem resultados gerais. Desde que se vêem encerrados no conclave, tratam os cardeais, cada um por sua banda e ajudados dos seus fâmulos, de esgaravatar no meio da escuridão os muros estucados de fresco, de modo a tentarem alguma pequena fresta, por onde entrem os fios em que as notícias vão e venham de dentro para fora e vice-versa.

“Na abertura do conclave canta-se o *Veni Creator*; depois todos os dias vai cada um verificar se de uma certa chaminé se ergue o fumo

das cédulas queimadas do escrutínio; no dia em que se levanta o fumo, está o papa eleito.”

Em 1670, o nosso famoso padre Antônio Vieira que assistia também a uma eleição destas, escrevia o seguinte, em uma de suas cartas: “Levou Deus para si o papa Clemente, e há cinqüenta e oito dias que o sagrado colégio está em conclave sem se concordar. Ao princípio estava dividido em quatro partidos, que hoje se reduzem a dous, um de Barberino, outro de Chigi; e cada uma das partes tem vinte e cinco votos, sendo os cardeais por todos sessenta e seis: com que cada um vem a ter segura e exclusiva, não bastando os que se chamam volantes, ainda que se inclinem a qualquer delas, para eleger pontífice. Entretanto se desfada Pasquino, e se escreve de todos em prosa e verso com tanta paixão, como indignidade: de tudo o que vejo, tiro uma consolação muito desconsolada, e é que de todos os cristãos do mundo nós somos os mais católicos.”

Alguns fatos mais completarão a idéia que pretendo dar das eleições papais. Tempos houve (fins do século XIV, e princípios do XV) em que três papas a um tempo se disputaram o trono pontifical, eleitos e apurados por colégios distintos e cardeais que se destacavam do principal por falta de maioria, e sustentados por príncipes e parcialidades inimigas; estes papas foram Urbano VI, Clemente VII e Alexandre V, para logo substituído por Baltasar Cossa, sob o nome de João XXIII.* Um concílio que se reuniu no meio destas perturbações, o de Pisa, em 1409, depôs os dous primeiros papas, elegeu o terceiro, e tornou a depor o quarto; tudo porém foi baldado e impotente para prevenir mil desordens e excomunhões recíprocas, que do foco destas intrigas se irradiavam para todas as extremidades do orbe católico, mandando cada papa o seu bispo, e achando-se assim cada diocese também com dous e três bispos ao mesmo tempo.

Cenas desta ordem são cabais até para acender a emulação no ânimo dos nossos mais abalizados cabalistas. Eram como os nossos

* Com o Cisma de Avignon, no século XV, criaram-se três sedes papais: Gregório XII (Roma), Bento XIII (Avignon) e Alexandre V (Pisa). Com a morte deste, os cardeais de Pisa elegeram (e foi conhecido por Antipapa) Baldassare Cossa, c. 1370-1419, entronizado João XXIII (1410-1415). Acusado de vários crimes, foi preso e detido no cárcere em Pisa. (Nota desta edição.)

colégios e votos em duplicata, que as câmaras municipais tomam separadamente, fazendo as excomunhões o ofício que hoje fazem as gazetinhas da quadra eleitoral.

À desordem da forma, para que nada faltasse, juntava-se às vezes a singularidade e malícia das escolhas. O papa Sisto V foi guardador de porcos na sua mocidade; ignoro se desse primeiro ofício lhe coligiram a aptidão para o segundo de pastor do rebanho católico. É certo porém que uma vez elevado ao trono pontifical, foi um dos príncipes que mais o enobreceram e honraram.

Os cardeais, na sua qualidade de aspirantes, e na impossibilidade de encantar-se todos de uma vez, costumam de propósito escolher para o trono o mais velho e o mais enfermo, como quem menos tempo lhes há de empachar o cobiçado lugar. Se o pobre velho porém acerta de prolongar a vida um pouco mais do que convém à sofreguidão geral, a que ódios entranháveis se não vê exposto! Cada um se julga logrado pelo mais pérfido de todos os papas.

Cumpre todavia confessar que deles têm havido que mui de indústria afetaram a fraqueza e decrepitude. Um especialmente, eleito como quase defunto, a primeira vez que teve de entoar a grande missa pontifical, despediu do peito uma voz tão sonora e retumbante que pasmou a quantos o ouviam. E notando-lhe um dos cardeais, que mais próximo estava, o grande contraste do seu atual entorno e galhardia com o abatimento da véspera, em que todo acurvado parecia buscar a sepultura: *Não, disse ele, andava procurando as chaves de S. Pedro.*

.

Inglaterra – Estados Unidos

O PRIMEIRO INGLÊS QUE COMPROU VOTOS – PROGRESSIVA CA-
RESTIA DO GÊNERO – UMA ELEIÇÃO POR QUATRO LIBRAS NO
PRINCÍPIO, E UM VOTO POR TRÊS MILHÕES NO FIM – ELEIÇÕES DE
UM SÓ VOTO – A INGLATERRA POSTA FORA DA LEI – TARIFA DAS
CONSCIÊNCIAS – OS BRANCOS E OS AZUIS – PROCISSÃO E MÚSICA
ELEITORAL – CARROS, DÍSTICOS E BANDEIRAS – BATALHA DE
LAMA, FRUTAS PODRES, OVOS CHOCOS E SOCO – BEBIDAS TEMPE-
RADAS – DIGNÍSSIMOS ELEITORES ESTIRADOS PELAS RUAS – OS
HUSTINGS – O POLL – OS IMPARCIAIS.

N

OS TEMPOS modernos, a Inglaterra é a nação onde o sistema representativo e eletivo vingou e dura há mais tempo; não simplesmente o sistema de Parlamentos que se introduziu em muitos povos europeus, durante a Idade Média, como os estados-gerais em França, e as cortes, em Portugal e Espanha; mas o sistema refinado e purificado pelas revoluções, e pelas conquistas da ciência e inteligência humana. É também o único povo, como o americano, que dele deriva, onde esta forma governativa, gerando ou simplesmente favorecendo a prosperidade, a glória e a liberdade da nação, se tenha radicado de um modo seguro e estável. Em todos os outros ou a experiência é muito recente, ou as tentativas hão sido malogradas, interrompidas, suspensas, afogadas em sangue, restauradas e modificadas, para no cabo serem outra vez de todo suprimidas.

Não obstante a estabilidade da forma do Governo, e a prosperidade que com ela tem andado de companhia, a Inglaterra é célebre pela extravagância das suas leis eleitorais, não menos que pela corrupção e costumes dos seus eleitores.

Achei escrito em certo autor que a corrupção começou pelos tempos de Isabel, sendo Tomás Longe o primeiro inglês que comprou votos a dinheiro, dando quatro libras esterlinas para se fazer eleger por um burgo. Depois o negócio adquiriu proporções verdadeiramente gigantescas.

Antes da reforma de 1832, os membros da Câmara dos Comuns eram eleitos por corporações, cidades, pequenas vilas ou burgos, verdadeiras aldeolas com meia dúzia de casas, sem que o número dos representantes respondesse de nenhum modo ao dos representados, nem houvesse a menor proporção nas forças eleitorais dos diversos colégios entre si. As grandes cidades, por exemplo, elegiam menos deputados que qualquer burgo insignificante e deserto; e uma só família, um só indivíduo apenas, dispunha por si só do voto do burgo. Em um deles havia cinco ou seis casas; e como o direito eleitoral só podia ser exercido pelo proprietário que residisse na sua própria casa, que fazia o mais abastado dos seis? Alugava com larga antecipação as outras cinco casas, que para nada prestavam, conservava-as fechadas até a renovação do Parlamento, e como único proprietário com efetivo domicílio, fazia ele só a eleição do lugar. Imagine agora o leitor os preços fabulosos a que chegaria um voto destes, num país em que a corrupção eleitoral era uma espécie de direito consuetudinário! O burgo de Gatton foi vendido em 1795 pela soma enorme de 2.750:000 francos; e outros muitos se vendiam mais ou menos caros, segundo as circunstâncias, a procura, ou concorrência dos compradores.

Foi mister uma luta de sessenta anos, ajudada pela pressão da revolução de julho de 1830, para que a reforma eleitoral de 1832 extirpasse a maior parte dos mais clamorosos abusos. Foi lorde Chatham quem primeiro levantou a voz contra eles em 1770, propondo a sua reforma; depois, e sucessivamente, seu filho, o famoso ministro Pitt e vários outros fizeram o mesmo, mas sem resultado algum, até que lorde John Russel, o chefe do último gabinete *whig*, tomando a reforma a peito, a

propôs cinco vezes, desde 1819 até 1831, e afinal conseguiu vê-la passar como lei no ato de 7 de junho de 1832.

Ainda assim, outros muitos ficaram, e permanecem ainda; posto que o direito de votar se ampliasse de maneira que hoje a Inglaterra conta para mais de novecentos mil votantes, a escandalosa desproporção dos colégios continua; círculos imensos como os que compreendem a opulenta e populosa Liverpool, e onde os eleitores passam de noventa mil, mandam ao Parlamento vinte e quatro representantes, como certos pequenos burgos, cujos eleitores não excedem de três mil e quinhentos.

Pelo que toca à corrupção, as cousas não têm melhorado. Os atos promulgados para reprimi-la, contam por centenas, remontam há uns poucos de séculos, e não obstante são quase nulos os resultados que têm produzido. Os jornais, as petições, as denúncias legais, fatigam o Parlamento, e os inquéritos a que este manda proceder dão provado que as queixas ficam ordinariamente muito aquém da espantosa realidade. Tem havido burgos de um a dous mil eleitores em que, à exceção de uma meia dúzia, todos se venderam, regulando o voto de cada um de quatro a cinco libras esterlinas. Terminado o ato eleitoral, marchavam os votantes quase processionalmente a receber em lugar designado a paga ajustada dos seus serviços. Os mais astutos porém, regateando até à última hora, alcançavam *cotações* mais vantajosas, até cem libras por exemplo, no momento de fechar-se a urna fatal. E o que mais é, tem-se notado que os votantes das últimas classes não são os únicos acessíveis a este gênero de tráfico, senão até negociantes, homens de letras e de outras profissões liberais. Léon Faucher, escritor de grande mérito, que estudou profundamente o estado social da Inglaterra, e nas recentes vicissitudes da última revolução francesa, adquiriu alguma celebridade, refere que nas eleições de 1841, as despesas legais, feitas à custa dos candidatos, foram em Londres de 404 libras esterlinas apenas, e em Liverpool de 532 libras, mas que as extralegais e as ilícitas, para transportar, alojar, sustentar e corromper os eleitores, foram enormes; e tal eleição houve onde o candidato vencedor despendeu cerca de dous milhões, e o vencido um. Depois das eleições gerais (continua o escritor citado) a aristocracia territorial fica ordinariamente exausta, não precisando menos de três ou quatro anos para restaurar-se; e daí vem o aferrar-se ela tanto à duração setenal do

Parlamento, não lhe convindo renovar com freqüência lutas tão dispendiosas e devoradoras.

Inquietado sem dúvida pela tenacidade e grandeza do mal, o já citado lorde John Russel, o infatigável propugnador da reforma, ainda em fevereiro desse ano propôs novo ato, no qual, além de ampliar-se o voto e abaixar-se o censo, vinha disposto que todo o distrito eleitoral, convencido de corrupção e venalidade, fosse privado de representação por um certo tempo. Mas contra isto levantou-se uma grita universal, porque era evidente o risco de ser posta em interdito uma grande parte da Inglaterra, e desfalcado o Parlamento da flor e nata dos seus membros. Por onde suspeito que se o conde de Derby, sucessor de lorde John Russel, se deu tamanha pressa em retirar este projeto, foi menos pelos princípios liberais que ele encerrava, que por evitar à Grã-Bretanha esta calamidade de nova espécie.

Muitos publicistas, e Montesquieu entre outros, gabam o admirável instinto do povo para acertar na escolha e eleição dos seus representantes e magistrados. Sem ousar contestar autoridades de tanto peso, digo que o acerto é quase milagroso, quando se atenta para os meios empregados no processo eleitoral, e sobretudo para os costumes e virtudes dos eleitores. Poucas assembléias no mundo têm sabido reunir, como os Parlamntos ingleses, a mais alta eloquência ao tato e conhecimento dos negócios; e ainda mais raras são aquelas que com igual prudência e sabedoria tenham conseguido elevar a sua pátria a tão prodigioso grau de esplendor, prosperidade e glória. Entretanto acabamos de ver as monstruosas anomalias das leis eleitorais da Inglaterra, e a corrupção mais monstruosa ainda dos seus eleitores; e dentro em pouco veremos os modos extravagantes e grotescos com que no meio daquela grande e ilustre nação se prefaz o que se chama uma eleição, em verdade se diga que muitos explicam esta singularidade asseverando que os representantes ingleses, uma vez eleitos, portam-se no desempenho de seus deveres com uma força de razão e patriotismo, com que resgatam e fazem esquecer a sua origem corrompida e indecorosa; ao passo que em França, onde quase se não conta um exemplo de eleitor que vendesse o voto, os eleitos da nação se deixam por via de regra corromper, não certo, pessoal e diretamente, e por meios ignóbeis, senão por favores às suas respectivas localidades, e transviando-se e enredando-se nas transações políticas.

Cumpra porém observar aqui em abono da verdade que a virtude e integridade dos parlamentares ingleses, hoje incontestável, não é todavia de longa data, porque há pouco mais de um século, e já sob a dinastia de Brunswick, atualmente reinante, o célebre ministro Walpole tinha uma pauta ou tarifa chamada das consciências, em que adiante do nome de cada membro vinha apontado o preço e as condições da venda do seu voto, não sendo poucos os *gentlemen* da oposição que procuravam matricular-se neste lucrativo comércio.

Na Inglaterra, como em outra qualquer parte do mundo, é bem natural que se empreguem os pequenos meios para se obterem os grandes resultados; e em assuntos eleitorais é de presumir até que sejam os ingleses os mestres de todos os outros povos no bom como no mau. Se o dinheiro pois não basta, se nem sempre a fortuna e a ocasião proporcionam um solidário eleitor de burgo pronto a vender-se a quem mais der, é natural que o candidato inglês arme à popularidade, alistando-se neste ou naquele partido, publicando estrondosas profissões de fé, em artigos de jornais, ou em discursos de clube, fazendo peregrinações ou passeios eleitorais, dando jantares, franqueando tavernas, familiarizando-se com a plebe, adulando os seus gostos e paixões, favoneando pretensões particulares, fomentando e explorando as intrigas locais, acusando e caluniando os candidatos adversos ou rivais, e recorrendo enfim ao favor dos amigos, parentes, compadres, e até das comadres, quero dizer aos empenhos, arma poderosa e formidável que, em verdade se diga, não é exclusivamente brasileira.

Todos esses meios vêm por fim a disparar nas últimas cenas em que se consuma o ato ou função eleitoral. Para dá-las melhor a conhecer aos meus amáveis leitores, tomarei a descrição delas emprestada a um dos bosquejos ou quadros de costumes do espirituoso escritor e romancista inglês Carlos Dickens, o qual, ao terminá-lo, tem o cuidado de advertir que não faz uma caricatura, sendo pelo contrário todos os seus traços exatíssimos e de uma escrupulosa fidelidade. Como inglês, o autor de quem me ajudo, resumindo-o, não deve ser suspeito.

Ele figura a cena em uma pequena cidade de província; dous partidos adversos que se distinguem pelos nomes ridículos de animais que adotam, e pelas cores que arvoram, o *azul* por exemplo de um lado, e o *branco* de outro, se acham frente a frente, e vão entrar em luta. Cada

parcialidade tem o seu jornal que se esforça por elevar o sentimento público à altura das circunstâncias. Era a véspera do dia da eleição, e tudo estava cheio de vida e movimento.

A todas as janelas da principal taverna, de que os *azuis* tinham conseguido apoderar-se, flutuavam bandeiras da sua cor, e sobre as portas também se viam tabuletas com dísticos onde se declarava o nome do seu candidato, e ser aquele o lugar da reunião permanente do clube. A uma das janelas assoma um orador, que dirige a palavra aos partidistas congregados na rua; mas o ruído da sua aliás incontestável eloquência é sofrivelmente amortecido, senão de todo abafado, pelos rufos de quatro enormes tambores que o clube dos *brancos* fez postar precisamente em face da taverna, na esquina próxima. Se o orador contrariado engrossa a voz, e se torna cada vez mais vermelho, redobram os tambores de violência, harmonizando com os hurras dos circunstantes, que atiram os chapéus ao ar no meio das suas aclamações.

Os *azuis* haviam dado um golpe de mestre, apoderando-se de todas as principais tavernas e hospedarias, e deixando apenas para os seus contrários as tascas e bodegas mais ordinárias. Entretanto o êxito das eleições era duvidoso, porque também os *brancos* haviam da sua parte pregado uma de maço, passando a mão em trinta e três honradíssimos eleitores, que puseram a bom recado em uma estrebaria, onde tinham bebidas à discrição, e onde se achavam ao abrigo de todas as seduções dos *azuis*.

Amanhece o dia da grande batalha; os combatentes acodem aos seus quartéis, isto é, enchem as tavernas de reunião; cada um come por vinte, e bebe por quarenta, e a pequena cidade oferece o edificante espetáculo de uma indigestão universal.

Qual porém não foi a indignação dos *azuis* quando souberam que a estalajadeira, peitada pelos *brancos*, emborrachara uma grande parte dos seus eleitores, misturando-lhes as bebidas?! Foi preciso emborcar-lhes tinhas d'água para que tornassem a si; e os indivíduos empregados nesta operação tão delicada, como decisiva e vital naquela crise, receberam um *shilling* de gratificação por cabeça de eleitor molhado. Temperada a aguardente com uma pequena dose de láudano, dorme o borracho como um porco horas esquecidas; e já houve eleição em que os eleitores *temperados* dormiram doze horas além do último ato. Em certa oca-

sião trouxeram em andas um destes dorminhocos para votar, mas o *maire* por um escrúpulo inqualificável não quis contar-lhe o voto, que era aliás decisivo.

Em compensação, um cocheiro peitado pelos *azuis* havia manobrado de modo a sua carruagem, que dera com ela na água dum canal, ficando os eleitores que conduzia impossibilitados de concorrer à eleição, e chegando até a morrer um deles das resultas daquele inocente brinco.

Reunido o grosso das forças *azuis*, fizeram os chefes as necessárias disposições para que desfilasse a procissão. Mil bandeiras, bandeiras e estandartes com letrados e divisas flutuavam gloriosamente, ao som de uma tetérrima música de trompas, pratos, zabumbas, campainhas, timbales e tambores, tangidos por gente muito capaz, que por este jeito ganhava honradamente o pão. A cor azul era a dominante, e brilhava nas bandeiras e estandartes, nos topes e laços dos eleitores, nas faixas que traçavam os membros da comissão eleitoral, e ainda nos bastões dos *constables*, uma espécie de alcaides policiais, à feição pouco mais ou menos dos nossos inspetores de quartelão, que acompanhavam a turba para manter a ordem.

No meio de uma confusa grita, pôs-se em movimento a grande procissão, marchando os eleitores uns a pé, outros a cavalo, e outros finalmente em carros e carroças. O candidato ia em uma caleça descoberta.³ A poucos passos de caminho, fosse acaso ou intenção, os dous grupos inimigos se encontram face a face! Imagine cada um os aspectos coléricos e ferozes daqueles heróicos combatentes! Depois de se medirem algum tempo com os olhos, começaram a peleja arrancando uma temerosa grita, e disparando uma formidável metralha de frutas podres, ovos chocos, lama e pedras; e logo depois, travando-se em pugilato universal, começa a ferver o soco nacional, rasgam-se os vestidos, enteram-se os chapéus pelos olhos, e esguicha o sangue de centenares de cabeças quebradas, e de ventas esmurradas.

3 Em uma das últimas eleições inglesas, lorde Cochrane, nosso antigo conhecido, fez rodar pelas ruas de Londres mais de seiscentos carros eleitorais, abarrotados de votantes, e garridamente enfeitados de bandeiras; mas apesar de tudo, a sua candidatura naufragou.

Dando porém este honesto desabafo a um patriotismo tão ardente como sincero, guiam todos, dominados pelo sentimento rigoroso do dever, para a praça dos *hustings*, cada falso semelhante a certas construções destinadas às comédias que se representam ao ar livre. Uma das galerias, que fica no centro, é ocupada por toda a magistratura em hábitos de cerimônia, e pelo pregoeiro público, armado de uma enorme sineta, e vestido do *carrick* oficial; na galeria da direita aboletaram-se os *azuis*, na da esquerda, os *brancos*. Os candidatos se debruçam dos seus balcões sobre este oceano de cabeças agitadas, mar tumultuoso que inunda toda a praça, e de cujas profundezas se erguia um magnífico concerto de gritos, berros, gemidos, clamores, risadas, vociferações, epigramas, rinchos, latidos, arrulhos, assobios, e de todos os mais sons que são capazes de formar homens e animais.

De repente, e ao toque oficial da sineta, compõe-se o tumulto. Principia o *maire* o seu discurso de introdução aos trabalhos eleitorais, e é para logo interrompido com estrepitosos gritos de – *Viva o maire!* Seguem-se novos toques de sineta, novo silêncio, novo discurso, e novas interrupções. Cada indivíduo que abre a boca para falar, desafia a hilaridade e os clamores dos circunstantes, e torna-se alvo de um chuva de apodos e pilhérias relativas à sua vida pública ou privada. Uma voz propõe o candidato *branco*; a proposta é acolhida por aclamações de um lado, e apupadas de outro. Mal começou a falar o candidato, foram as suas palavras abafadas pela orquestra *azul*; os brancos impacientes e enfurecidos, saltam de repente nos inimigos, e tudo rola numa horrível barafunda, rotas as bandeiras e as vestes, e maceradas as faces e cabeças, como no anterior encontro das procissões, sem que sejam cabais para conter o ardor belicoso daqueles heróis, nem as badaladas da sineta, nem os gritos e exortações do *maire*, nem os esforços de vinte e quatro *constables*, absorvidos e sumidos no meio do fervedouro popular.

Afinal, e de fatigada, a tempestade amaina por si mesma; os partidistas opostos se misturam e baralham nos dous fronteiros *hustings*, e perde-se ainda mais de uma hora em calorosas disputas individuais, ou de pequenos grupos separados, que são como os últimos rugidos da tormenta que fenece. Os dous competidores saúdam-se por convenção, e então os seus respectivos partidários acomodam-se de todo. Cada um faz o seu discurso, diversos no estilo, mas perfeitamente idênticos e

acordes nos elogios que liberalizam às sublimes virtudes do corpo eleitoral da heróica cidade, dúplice e magnífico tributo ao mérito daqueles cavalheiros, os mais honrados e inteligentes que ainda vira a Terra, exceptuados todavia os que votassem no candidato oposto, pois esses, como ninguém ignorava, eram verdadeiros brutos, corrompidos e venais. Concluídas as profissões de fé, começa a votação pelo levantar das mãos, cada lado por sua vez: o *maire*, tendo contado os votos, decide a favor do candidato *azul*. À vista do que, os *brancos* reclamam imediatamente o *poll* ou escrutínio público, como contraprova da primeira votação.

Mas no entanto que se dispõem e ordenam os preparativos para ele, a cerveja mana em ondas, e a aguardente e o rum não têm conta ou medida; e os cidadãos, que por um esforço heróico podem ainda conservar o seu centro de gravidade, tropeçam, cambaleando, a cada passo, nos inúmeros digníssimos eleitores que jazem estirados pelas ruas e praça.

O carnaval político durou três dias, e foi só ao cabo deles que um grupo de eleitores imparciais, pacatos e amigos da ordem, que se tinha posto de lado, e como em reserva, até à última mão do escrutínio, sem tomar partido por nenhum dos lados, deixou-se então abordar com a maior lealdade por um agente dos *azuis*; e tais foram os argumentos deste que nada havendo a replicar-lhes, deram todos, com os seus votos, a desejada vitória ao candidato *azul*.

Ao terminar a resumida descrição destas curiosas cenas, não pode Timon vencer-se, que não reproduza a exclamação de Carlos Dickens: “Ó coração humano! Sob que estranhas formas se não disfarçam os teus mais nobres sentimentos, o amor da pátria, da independência e da liberdade!”

O respeito e as paixões humanas costumam manifestar-se em toda parte pelo mesmo teor, e dada a igualdade das circunstâncias, produzem ordinariamente os mesmos resultados. Os norte-americanos são um povo que tira principalmente a sua origem da Inglaterra, e ufana-se ele próprio de descender da velha raça saxônica. Se a isto acrescentarmos que durante o regime da metrópole, e desde as primeiras fundações coloniais, os norte-americanos sempre gozaram de ampla liberdade, deliberavam em assembléias e câmaras provinciais sobre muitos interesses

e privilégios locais, e ensaiavam assim por variados modos as formas representativas, é fácil de prever que eles nos assuntos eleitorais imitam os seus mestres e antepassados.

Notam-se contudo diferenças sensíveis; os norte-americanos não são afamados pela corrupção, como os ingleses; mas em desconto, sendo muito mais amplo o direito de voto entre eles, a agitação eleitoral é muito mais profunda e violenta, e tanto mais séria, quanto às vezes se torna universal, como na eleição do presidente em que toma parte a nação toda, bem que neste ato, apenas representada por eleitores não muito numerosos.

Quase se pode dizer que o sufrágio universal é a lei dos Estados Unidos, tão nulas são as restrições ou condições de voto e elegibilidade exigidas. A generalidade dos estados exige a idade de vinte e um anos no votante; e quanto ao censo, basta uma pequena fortuna em propriedade territorial, ou mesmo em bens móveis, o pagamento de uma módica taxa, ou o serviço nas milícias para conferir o direito de votar; estados há (pois que entre eles variam as leis a este respeito) em que basta só que o cidadão não esteja contemplado na lista dos indigentes, e outros enfim onde nenhuma disposição existe acerca da renda ou fortuna. Só um, o da Carolina do Norte, exige nos eleitores do Senado condições mais onerosas que nos da Câmara dos Representantes, mas aqui mesmo toda a diferença consiste em que o primeiro eleitor deve possuir uma propriedade de cinquenta acres de terra, bastando, quanto ao segundo, que pague uma módica taxa.

Toda esta imensa multidão reunida ou em pequenas povoações, ou em vastas cidades, possuída em primeiro lugar de um só e relevantíssimo pensamento, qual o da escolha do chefe do estado, mas agitada por mil outros interesses que se prendem a este fato capital, e excitada em todo sentido pelas mil vozes da imprensa, muito mais comum, ousada e licenciosa nos Estados Unidos que na Inglaterra, deve ser um espetáculo tão curioso como magnifico. Nos últimos meses que avizinhavam a eleição do presidente, uma agitação febril se apodera de toda a nação; parece que todos os mais negócios ficam adiados, enquanto este se não apura: reúnem-se congressos, ditos *convenções*, cujos membros ou acodem de um só estado, ou de certas grandes divisões territoriais do país, como o norte, o sul, o oeste; e dali se deputam comissários que percorram e agitem os outros estados, propagando as idéias do seu

centro, e cumprindo em tudo mais a missão que receberam. O próprio presidente em exercício, se aspira à reeleição, abandona o Governo, ou o limita ao simples expediente, porque os cuidados dela lhe absorvem todas as faculdades e sentidos; e segundo o seu caráter pessoal, recolhe-se a uma prudente reserva, expande-se em manifestações e profissões públicas de fé, conserva-se na capital, ou viaja pelos estados, humilde, solicitador da opinião em todo caso, e afetando sempre nos trajes, nos modos e na linguagem, a igualdade e a simplicidade, únicos meios de aplacar as suscetibilidades do povo-rei, e de obter as suas boas graças, quero dizer, os seus votos.

Nos primeiros tempos da fundação da República, durante a presidência de Washington, e a de Adams, que lhe sucedeu, os partidos disputavam principalmente acerca das instituições fundamentais, sobre a centralização do poder, a independência dos estados, a conservação, e o progresso; o partido moderado conservador, conhecido sob o nome de *federalista*, preponderou e Governou os primeiros doze anos, mas desde então cedeu o passo ao seu adversário, o partido do movimento e do progresso, conhecido sob o nome de *democrático*, que prepondera e triunfa há mais de cinquenta anos, fazendo sempre vingar a eleição dos seus candidatos, excetuando o revés sofrido na do general Taylor, que, segundo todas as probabilidades, será prontamente reparado.

Em uma tão longa série de derrotas, os federalistas deixaram de existir como corpo de partido, dissolveram-se, e alistaram-se sob novas formas e bandeiras. Já agora quase se não contende sobre os princípios constitutivos do Governo; a luta hoje se trava em outro terreno; e as questões de escravidão, de tarifa, de bancos, de estradas e canais, de conquista e anexação, de união e separação, são as que alimentam as discussões da imprensa e da tribuna, e nas eleições motivo ou pretexto para a exclusão ou a escolha.

No maior ardor da luta, o território da União tem sido por vezes teatro de cenas deploráveis e escandalosas; bandos de *caceteiros* percorrem as ruas de Nova Iorque, chamada a cidade imperial; e a plebe, ou o povo, se quiserem, ali, como em outras grandes cidades, Boston, e Filadélfia, por exemplo, se tem entregado aos maiores excessos, acometendo os seus adversários, perseguindo, apedrejando e matando inofensivos homens de cor, e até inocentes religiosas que se dedicam à educação das

meninas, invadindo, enfim, devastando e incendiando as suas habitações, conventos e escolas. E a razão é que nessas ocasiões os princípios religiosos e de educação, e a condição dos negros e homens de cor, escravos ou libertos, serve de assunto à polêmica ardente e apaixonada das facções em luta. Se tais excessos não vão às suas últimas conseqüências, disparando em guerra civil, formal e declarada, ninguém presume que é porque o povo seja contido por alguma força estranha, senão pela sua própria vontade, porquanto, nas grandes cidades, a única força que aparece a pacificar estes grandes tumultos, é a dos *constables*, cujo número em relação ao dos cidadãos está ordinariamente na razão de um para mil. Assim a turbulenta democracia parece não encontrar outras barreiras, para moderar-se, mais que a própria confiança na vitória, e a força da inércia da parte superior e menos ativa da população.

Um dos efeitos e inconvenientes mais ordinários desta grande luta e efervescência eleitoral é a instabilidade dos empregos públicos. Os funcionários lançam-se na batalha com o mesmo ardor que os demais combatentes; mas aí daqueles que têm o mau gosto de se deixarem vencer! A inexorável demissão os espera no dia da posse do candidato adverso vencedor, desde o primeiro-ministro até os mais obscuros amanuenses, sem que escapem os comissários de hospitais e calçadas, os aferidores de pesos e medidas, e até os encarregados de inspecionar a limpeza e asseio das ruas e praças, despedidos uns pela alta administração, e outros pelas municipalidades e mais administrações subalternas, cada um segundo sua condição e lugar. Nas primeiras presidências, e nos tempos primitivos da República, havia mais moderação a tal respeito; com o tempo foram crescendo os excessos, e já por fim as demasias do vencedor não encontram barreira alguma. John Quincy Adams, eleito em 1824, demitiu a maior parte dos funcionários nomeados por seu antecessor; e o general Jackson que lhe sucedeu, esse não consta que perdoasse a um só empregado amovível, pois demitiu a quantos lhe caíram sob a jurisdição logo no primeiro ano do seu Governo.

Os funcionários públicos em geral são tidos em muito pouca conta pelos cidadãos norte-americanos; e esta falta de consideração, unida à instabilidade dos empregos, muito concorre para que eles não sejam de ordinário conferidos aos mais hábeis. Nota-se que na União só solicita empregos, ou se entrega à carreira do funcionalismo, quem de todo

não encontra outros meios de vida mais proveitosos e seguros; mas isto não se entende com a carreira política propriamente dita, na qual se podem empenhar sem embaraço ou inconveniente algum, as maiores notabilidades do comércio, da indústria e da agricultura. Por outro lado, são tantas as carreiras e vias abertas naquele prodigioso país, para alcançar a riqueza e o bem-estar, que por via de regra os funcionários demitidos em massa em cada mudança presidencial, bem fora de sofrer prejuízo real, tomam daí ocasião para adotar profissões mais lucrativas e respeitadas, e salvo o desconto de algumas passageiras privações, a sua desgraça é uma verdadeira boa fortuna.

Não será fora de propósito observar agora que havendo no Brasil muita gente que inveja a forma de Governo da União americana, à qual pretende exclusivamente atribuir a grande prosperidade daquele país, não há todavia um só partido que se resigne às conseqüências dela, quanto à amovibilidade e instabilidade dos empregos públicos; sendo ao contrário as nomeações e demissões uma causa permanente de queixas, clamores e perturbações. Mas a razão é óbvia; os brasileiros, ao revés dos norte-americanos, preferem a todas as outras, a precária e mesquinha carreira dos empregos, e por uma contradição que só acha desculpa na cegueira do espírito de partido, não podem tolerar, uns que os demitam quando estão empregados, e outros que sejam conservados os que lhes foram preferidos.

A eleição do presidente é indireta, e se faz por eleitores especiais, escolhidos por todos os estados; sem reunião colegial remete cada um deles o seu voto lacrado ao presidente do Senado, que os apura em presença de ambas as câmaras. Se nenhum dos candidatos obtém a maioria absoluta, a eleição se devolve à Câmara dos Representantes, sendo esta todavia obrigada a escolher entre os três mais votados. Em dezessete eleições de presidente a que se há procedido, só por duas vezes verificou-se este caso excepcional; a primeira em 1801, na eleição de Jefferson; a segunda, em 1824, na de Quincy Adams, nesta última ocorreram circunstâncias assaz curiosas, para que se tornem credoras de uma especial menção.

Eram quatro os candidatos que então pleiteavam as honras da presidência, Crawford, o general Jackson, Quincy Adams, e Henry Clay. Feitas as eleições, Jackson, o mais popular e estimado de todos eles, em

razão das suas façanhas militares, obteve 99 votos, Adams 84, Crawford 42, e Clay 36. Como nenhum alcançasse a maioria absoluta, a eleição devolveu-se de direito à Câmara dos Representantes. Contavam todos que seria preferido o general, visto a decisão com que a maioria do povo se pronunciara a seu favor, mas com geral espanto foi eleito Adams, graças às manobras de Clay que de seu capital inimigo se tornou zeloso partidário, depois que, apalpando o general, conheceu que dele nada tinha a esperar. Este resultado causou grande rumor e escândalo em toda a União; Clay se servira de promessas de empregos lucrativos, e de vantagens locais aos diversos estados para colher e arrastar votos; e sendo ele mesmo nomeado secretário de Estado logo depois da eleição (o que, entre tais adversários, era usar muito pouca cerimônia) tratou de cumprir como pôde as suas promessas. Mas tal é o respeito dos norte-americanos à Constituição, que nenhuma resistência opuseram a uma eleição que derribava as suas mais caras esperanças; todo o povo, sem excetuar os mais fogosos partidistas de Jackson, permaneceu tranqüilo, e o único jornal, que procurou excitar a desordem, *The Columbian Observer*, caiu prontamente num profundo descrédito. As ondas populares, que se agitam com tanto furor durante a crise eleitoral, amainam e sossegam com pasmosa rapidez logo depois dela, fiando todos do tempo e dos recursos da oposição constitucional a satisfação das suas queixas e agravos.

De resto, Henrique Clay, que nesta ocasião procedeu com tanto desembaraço e com tão pouco escrúpulo, é um dos homens mais eminentes da União, quer se atenda ao caráter, ou aos seus grandes talentos de orador e de estadista. Por um capricho singular da sorte e dos partidos, naufragou constantemente em todas as suas candidaturas presidenciais; e tendo chegado a uma honrosa velhice, acaba de recolher-se ao descanso da vida privada, segundo noticiam os últimos jornais norte-americanos. É membro do Senado.

No Senado com efeito se acham reunidas todas as grandes ilustrações da União; ao passo que a Câmara dos Representantes é ordinariamente mal composta, e se acha pejada de homens obscuros, ignorantes, e grosseiros na linguagem, nas maneiras e até nos trajes. Assim, tem ela oferecido ao público não poucas cenas de desordem, que fariam honra à mais tumultuosa praça pública, e nas quais os heróis parlamentares, com menos dignidade e escusa que os de Homero, mostram o

punho, arrancam pistolas e punhais, e vociferam injúrias escandalosas e torpes contra os seus adversários. Nestas lutas têm adquirido grande nomeada um tal coronel Benton, e o representante Foot.

O jornalismo por via de regra não é somenos desta tribuna. Nos Estados Unidos por pouco que qualquer povoação mereça este nome, trata logo de estabelecer duas cousas – uma agência de correio e um jornal. Os jornais neste país são muito numerosos, de um formato maior, e de uma circulação muito mais extensa que na Inglaterra, comparadas em massa as duas imprensas; mas são pessimamente escritos, no tom da violência, da jactância e da exageração, e pouco escrupulosos no emprego das calúnias e injúrias. Os redatores são comumente homens de medíocre capacidade, ao revés do que se observa em França, onde os talentos mais elevados dão tamanho lustre e esplendor às discussões do jornalismo, e nelas adquirem o renome e as habilitações que lhes abrem o caminho para os primeiros empregos do estado.

Terminarei aqui notando um fato que honra sobremodo estes republicanos. Há mais de sessenta anos que existe a Constituição Federal, e ainda nenhum indivíduo foi eleito mais de duas vezes consecutivas para o cargo de presidente; não que a Constituição ponha a menor restrição a semelhante respeito, mas porque o primeiro presidente, George Washington, que nas adorações ocupa quase o lugar de um semideus, receando os perigos da ambição no exercício de um poder demasiadamente prolongado, e tendo enchido, mediante duas eleições sucessivas, o espaço de oito anos de duas presidências, recusou a terceira que ainda o reconhecimento público lhe oferecia, não tanto por desconfiar da própria virtude e patriotismo, senão para abrir um exemplo, que aproveitasse no futuro. E com efeito o exemplo que o grande homem deixou como um preceito e legado de honra a todos os seus sucessores, ainda nenhum ousou infringi-lo; a ambição dos pretendentes, a exaltação dos partidários, as combinações e os pretextos da política, tudo tem parado diante desta barreira aparentemente frágil, toda de sentimento e de opinião, mas porventura muito mais forte em realidade que as leis mais explícitas e severas.

.

França

GRANDE CONTRASTE – O CRIME DE BONAPARTE – A CORRUPÇÃO
ELEITORAL – FIDELIDADE RECÍPROCA DOS ELEITORES E ELEITOS
– ELEIÇÕES DE UM SÓ INDIVÍDUO EM DEZENAS DE COLÉGIOS –
UMA DÚZIA DE CONSTITUIÇÕES – O SUFRÁGIO UNIVERSAL –
ESCRavidÃO DA FRANÇA.

A

O CONCLUIR estas rápidas considerações sobre as eleições norte-americanas, e ao começar outras mais rápidas ainda sobre as francesas, não pode Timon esquivar-se a uma involuntária aproximação: a Constituição norte-americana o não proíbe, mas nem por isso ambicioso algum cuidou ainda de perpetuar-se no poder; entretanto que a última Constituição francesa, porque proibia expressamente que o presidente pudesse ser reeleito sem o intervalo de quatro anos ao menos entre as duas presidências, foi por isso rasgada pelo primeiro presidente que a República tinha elegido, e antes mesmo de haver expirado o prazo assinado ao seu poder legítimo. A ambição deste homem que a princípio se ajudara de intrigas e manejos mais ou menos solapados, não recuou afinal ante um escandaloso perjúrio, nem ante o sangue derramado, a prisão e o exílio dos próprios concidadãos que o tinham elevado. O exército protegeu o crime abominável; e a nação inteira, ou impassível e

degenerada, ou estupefata, assistiu a ele sem dar sinais muito sérios de resistência. Esta só diferença em assunto quase idêntico bastaria para caracterizar os dous povos.

A vida eleitoral do francês oferece contudo muitos rasgos e costumes que o enobrecem. A probidade pessoal dos seus eleitores é proverbial, e nunca foi desmentida. Nessas prodigiosas eleições que o sufrágio universal tem produzido depois de 1848, malgrado os milhões de votantes que concorrem à urna, o mais religioso escrúpulo tem sempre presidido à entrega e apuração dos votos. Não falo dos últimos plebiscitos arrancados por Luís Napoleão, porque dos atentados deste homem se não podem deduzir argumentos que digam respeito ao livre exercício do poder eleitoral. Em uma das últimas eleições regulares, referiram os jornais que um agente policial fizera reparo em certo indivíduo que por duas ou três vezes se aproximara à urna; e averiguado o caso, o grande criminoso pretendia nada menos que lançar nela por sua própria conta três ou quatro listas. Grande Deus! Um crime destes em uma eleição de mais de cem mil votantes! *Horresco referens*, e parece-me ver subir o rubor às faces dos nossos pudibundos cabalistas!

Outro caso que não honra menos a probidade política da nação. No tempo de Luís Filipe, Carlos Lafite, banqueiro (não o ilustre Jaques Lafite que tanto concorreu para a revolução de julho) e membro de uma companhia de estradas de ferro, conseguiu fazer-se eleger membro da Câmara dos Deputados por um certo distrito, prometendo aos respectivos eleitores que faria passar por ele uma das ramificações de certa grande via projetada. Denunciado o suborno, a Câmara anulou a eleição por grande maioria, votando unidos em um só corpo e parecer, quase todos os partidos. Carlos Lafite foi mais duas vezes sucessivas eleito pelo mesmo distrito, mas com não melhor resultado. Na quarta, a Câmara aprovou a eleição; mas foi mister que tanto os eleitores como o candidato fizessem previamente protestaço solene de que não havia acordo algum entre eles, despojando-se o mesmo candidato de qualquer influência na companhia, pela venda de todas as suas ações.

Por outra parte, que há aí no mundo de mais admirável que a tenaz e recíproca fidelidade de um representante para com os seus comitentes, e destes para com ele no longo trato de quinze, vinte, e trinta anos, e por meio de formidáveis revoluções, em que naufragavam dinas-

tias que contavam dez séculos de existência? Pois disso nos deram exemplos os Odilons Barrots, os Duponts de l'Eure, os Guizots, os Berryers, e as localidades que os elegeram enquanto houve sombra de liberdade em França.

No meio do asco e humilhação que experimenta todo o homem de sentimentos elevados ao contemplar as lutas mesquinhas das nossas obscuras mediocridades para alcançar um lugar de deputado, que rebaixam por todos os modos, como se lhe não há de dilatar o coração, vendo o povo francês, em localidades remotas e desvairadas, quase espontâneo e sem conserto, dar os seus votos a esses grandes oradores e estadistas que apenas os solicitaram com a sinceridade do seu patriotismo, e pelo lustre dos seus talentos e serviços? Para não acumular exemplos inúteis, baste dizer-se que depois da revolução de fevereiro, o ilustre e generoso Lamartine foi eleito por dez círculos, e reuniu passante de dous milhões e oitocentos mil votos; e na primeira República, dissolvida a convenção nacional, Thibaudeau foi mandado à nova assembléia por trinta e quatro departamentos, e o heróico Lanjuinais por setenta e dous!

De 1789 para cá, as Constituições francesas, promulgadas, derribadas, restauradas e modificadas, já andam por perto de uma dúzia; só por isto poderá o leitor imaginar as alterações a que o direito eleitoral fica exposto em cada uma destas tormentosas mudanças. O sufrágio universal ou quase universal, bem que as eleições se fizessem em dous graus, dominou durante a primeira república, e serviu à inauguração do império, que o suspendeu de fato. A restauração o aboliu, substituindo-o pelo voto restrito e direto de eleitores inscritos, e qualificados pela renda e imposto. Luís Filipe o ampliou, abaixando o censo; os eleitores no seu tempo orçavam por cousa de duzentos mil, isto é, mais do dobro dos que havia no reinado dos Bourbons. A revolução de fevereiro viu restituído, e logo depois mutilado, o sufrágio universal; porém ou amplo ou restrito, os votos sempre se computaram por milhões. Luís Napoleão enfim ostentou a pretensão de o restaurar em toda sua plenitude, mas fê-lo exercitar em objeto restrito e com cláusula, sob o regime dos fuzilamentos e das deportações, e açaimadas previamente as mil bocas da imprensa.

Em fevereiro último, mandou ele eleger um intitulado corpo legislativo, e os seus ministros escreveram circulares, e mandaram afixar editais declarando quais os candidatos do peito do augusto presidente. Um grande número de homens ilustres estão banidos da França, os que restam sabem que há de acontecer-lhes o mesmo por pouco que se movam. Muitos departamentos, quase metade da França, acham-se em estado de sítio, e a justiça permanente e quase geral, é a dos conselhos de guerra, cujas condenações a desterro e morte se contam por milhares. Assim, de duzentos e sessenta mudos que Luís Napoleão mandou eleger, só um cedeu o lugar ao nome ilustre de Cavaignac.

Dir-se-ia que o estado atual da França é um castigo da Providência, pelo abuso que ela tem feito de toda a espécie de liberdade, mesmo da constitucional. Quanto tempo durará esta estranha e terrível expiação?

Da França atual, passemos aos domínios do grão-senhor; a transição não pode ser mais natural.

.

Turquia

PROGRESSOS ADMIRÁVEIS DA LIBERDADE NESTE PAÍS – O SULTÃO
CULTOR DAS LETRAS E TRADUTOR DE VIRGÍLIO – PASSEIOS E MA-
NOBRAS ELEITORAIS.

O

LEITOR ingênuo e cheio de candura pasmará certamente de ouvir falar de eleições nos domínios do grão-turco; mas que há de ser, se o sistema representativo faz progressos espantosos, e vai cada dia ganhando um terreno imenso? Quando tudo se move e adiante nas vias da civilização, fora maravilha que só o Império do Crescente escapasse à regeneração universal. Será fácil julgá-lo, pelo que se passa a referir.

Não sei se ainda hoje, mas no tempo em que a Sublime Porta era verdadeiramente digna deste nome, o grão-senhor chegava a ter no seu serralho passante de mil beldades, deusas, huris, ou como melhor nome hajam, de todas as cores e tamanhos, que de todas as extremidades dos seus imensos domínios, a acrisolada fidelidade dos crentes enviava e fornecia às vastas afeições e recreio do sucessor do profeta. S. Alteza quando queria espairecer, as fazia reunir em algum dos seus amplos salões, colocadas em extensas fileiras; e começava então a percorrê-las, em razoável distância, lançando a uma e outra parte olhares lânguidos,

enfatiados e distraídos. Às vezes ficava nisto o passeio, que não deixa de recordar seu tanto ou quanto as nossas procissões eleitorais; porém outras, erguendo súbito o braço indolente, arrojava o sultão com graça senhoril um lenço finíssimo e perfumado, artificiosamente disposto em dobras à feição de pomo, tal como Virgílio nos pinta as suas ninfas (trocada aqui somente a posição dos dous sexos), que brincavam e namoravam, atirando aos amantes pomos verdadeiros, colhidos realmente por suas delicadas mãos.

Malo me petit Galatea, lasciva puella.

Quanto à divindade ou feliz mortal em quem recaía a eleição do lenço... Lembra-me haver lido um poeta que pouco edificado da demasiada soltura e liberdade da língua latina, a estigmatizara no seguinte verso:

Le latin dans les mots brave l'honnêteté.

À língua francesa porém seria grande iniquidade fazer uma acusação igual, pois nunca lhe faltam atenuações, e palavras honestas e bem-soantes para significar todo e qualquer conceito ou ação que possa vir ao pensamento e vontade, mesmo de um turco. Para a cena do serralho que fica descrita, e para todas as suas possíveis conseqüências, tem ela as quatro seguintes e inocentíssimas palavras – *Les honneurs du mouchoir*. Traduza-as quem souber e puder.

.....

Epílogo

CONTRADIÇÃO DE TIMON – ESTAMOS JUSTIFICADOS – APARÊNCIAS FALACES – A GRÉCIA, RAINHA DAS ARTES E DAS LETRAS – ROMA, SENHORA DO UNIVERSO – A INGLATERRA FICA NOS CONFINES DO MUNDO – O TEMPLO DA PAZ – CARTAGO VENCEDORA DE ROMA – AS ESQUADRAS INGLESAS – LORDE PALMERSTON – CIVIS ROMANUS SUM – OS MÁGICOS DO NOVO MUNDO – A PRINCESA DAS NAÇÕES – O NOVO ADAMASTOR, E O NOVO CABO DAS TORMENTAS – ROSAS, O DEGOLADOR – O MÉXICO – OS DONS DA PROVIDÊNCIA ESTERILIZADOS – ASSUNTO PARA SÉRIAS MEDITAÇÕES.

CHEGADO a este ponto, e concluída esta primeira parte do presente opúsculo, vejo-me quase surpreendido por uma ingênua e simples objeção do meu pio leitor. Que quererá de nós este Timon? me estará ele naturalmente perguntando. Pois se o seu fim é repreender e afeiar os nossos desvios eleitorais, como é que vem pôr-nos diante dos olhos tantos quadros bem mais terríveis e vergonhosos que andou catando e escavando nos estranhos, antigos e modernos? Da comparação poderemos os maranhenses tirar até argumentos para ufanía e orgulho, pois em face de tais torpezas e horrores, não seria muito que nos tivéssemos em conta de anjos; que há aí com efeito no Maranhão e em todo o Brasil que possa emparelhar com a ingratição e leviandade de Atenas, com as sanguinolentas colisões da Roma antiga, com os escândalos da Roma moderna, com a corrupção inglesa, as inversões americanas, e a instabilidade francesa? Já não falo dos turcos...

– Tende mão, meu caro, e não vos deixeis arrebatados assim pelo orgulho da vossa indisputável superioridade! Ponderai por um pouco que eu pinte de preferência o mal, já na intenção de vos tirar todas as razões de queixa que pudésseis alegar contra a minha pretendida parcialidade; porém mesmo à volta desse mal, haveis de deparar com rasgos tais de virtude e heroísmo que loucura fora esperar que se reproduzissem nestes tempos e nestes lugares. Contemplai porém a história por outras faces, e dir-me-eis então se ainda vos belisca a tentação de fazer comparações. Sem dúvida, e ninguém o nega, nessas grandes solenidades eleitorais que acabei de desdobrar a vossos olhos, posto que resumidas, sobretudo quanto às nações modernas, cujas notícias, livros e jornais sem conto têm posto ao alcance de todo mundo; nessas cenas ora grotescas, ora terríveis, a ignorância fátua e orgulhosa, a venalidade descarada, a crápula vergonhosa e sem freio, a maldade, a violência, o egoísmo, a fraude, mil vícios e mil crimes enfim, se ostentam em todo o seu horror e fealdade. Mas é impossível desconhecer e negar também que o mal é largamente compensado pelo bem. Se há ebulição das paixões populares, vêm acima todas essas fezes hediondas, não é menos certo que também despertam, se excitam, e apuram, as inteligências, a probidade, a dedicação, o patriotismo e tantas outras virtudes. Dir-se-ia que o princípio do-bem-ferido com a pedra grosseira, vibra súbitos luzeiros, e ilumina as nações e os templos onde a luta se empenha. Bem entendido, falo dos estranhos. Vede.

A Grécia foi a pátria de um pequeno tropel de heróis que contrastou e venceu todo o poder do grande rei; foi também a de Homero, de Fídias e Péricles. Atenas empunhou o cetro das letras e das artes. E ainda hoje, quem há que tenha excedido essa gloriosa antiguidade?

Roma resumiu o universo antigo; os seus limites eram os do mundo. Bebeu o gênio da força e da grandeza no leite da fera que amamentara Rômulo; e antes e depois dela, nunca os tempos viram prodígios tão monstruosos, na virtude como no crime, na guerra e na paz, na tirania e na liberdade, na pobreza e na mediania, como na opulência e no luxo. Quando se sentiu preso e enleado por densas colunas e muralhas de bárbaros que de toda a parte o estreitavam e urgiam, o povo-rei, novo Sansão, sepultou-se nas ruínas do vasto edifício; e com ele deixou de existir a antiga sociedade. Entretanto, ainda hoje a nossa literatura, é

a romana, e romanas são em grande parte as leis e jurisprudência que regulam as nossas relações civis.

Que direi da Inglaterra? Esses orgulhosos insulares que no tempo de Horácio viviam encantados e selvagens nos confins do pequeno mundo então conhecido (*ultimos orbis Britannos*), hoje se derramam pelo universo inteiro, e de maravilha encontrareis em toda sua vasta superfície um ponto ignoto e obscuro, que eles não tenham devassado. Que prodígios nas artes, nas ciências, na indústria e no comércio! Quando as outras nações se debatem nos furores e convulsões da anarquia e da guerra, ei-los que erigem, como em soberbo desafio, esse magnífico templo de cristal, consagrado às artes da paz, à concórdia e à fraternidade universal! Ali, no seio daquela ilha feliz, como em porto abrigado da tormenta, se acolhem os fugitivos de todas as proscrições e de todas as desordens, reis e tribunos, grandes e pequenos. É a eterna lição da liberdade ao despotismo e à anarquia, é o triunfo póstumo de Cartago sobre Roma, pela paz, não pela guerra. Mas não vos enganeis com as aparências, nem cuideis que as armas recolhidas aos arsenais, silenciosos e fechados com o templo de Jano, se hão de enferrujar para todo sempre; esses imensos castelos, e moles flutuantes, que presas ao fundo do ancoradouro pelos enormes dentes de ferro, vos parecem balançar-se em repouso vil e inerte; se o mais obscuro inglês, no último recanto do globo, ferido em sua honra, segurança ou propriedade, invocar o auxílio nacional, proferindo o grito atribulado e glorioso que lhes ensinou lorde Palmerston – *Civis Romanus sum!* – vê-las-eis súbito animadas à voz da pátria e do perigo, arrojarem-se, asas ao vento, percorrer, transpor e dominar o oceano subjugado, e fazer ressoar sobre as ondas solitárias e nas costas mais longínquas e recatadas, os seus raios vingadores, ora mudos e adormecidos.

Vede agora o norte-americano, ocupando a região porventura menos grata de todo o Novo Mundo: a civilização que o acompanha fere com a mágica varinha os espessos nevoeiros, os ínvios bosques, os brejos invadeáveis, e os medos da barbárie; e de repente na face desabrida e muda do deserto, ressoam e cintilam mil cidades, como as estrelas no firmamento; naquelas solidões mortas ainda há pouco, a vida corre e se atropela sob todas as formas, por mil veias, rios, estradas e canais. E não contente de assim transformar o quinhão de terra que a Providência

lhe deu em partilha, corre em milhares de navios a todas as extremidades do globo. E o inglês que por toda parte vê o seu leopardo precedido e antecipado pelas estrelas da União, pasma, freme e se indigna em vão!

No centro das nações, lá brilha a França como senhora e como princesa, malgrado as nuvens de aflição e de dor que uma ou outra vez toldam a sua fronte radiante. Do seu diadema entorna a luz que alumia os povos, com quem comunica, ora pelas armas dos seus guerreiros, ora pelas línguas incessantes e infatigáveis dos seus poetas, oradores e publicistas. Dali Napoleão I, seguido de um tropel de heróis sai e passeia o mundo em uma carreira rápida e anelante; dali conversam com o mundo, em hinos e discussões perenes, Voltaire, Chateaubriand, Lamartine, Victor Hugo, Thiers, Guizot, Cormenin e Lamennais. Os bramidos e relâmpagos da tempestade de 89 atroam e deslumbram o universo; Adamastor parlamentar, o vulto agitado de Mirabeau assoma na grande tribuna, novo Cabo das Tormentas; e ei-lo que arremessa às gerações presentes e por vir, como um presente fatal e ainda hoje indefinível, os agouros e vaticínios da nova era revolucionária! De então para cá, de cada vez que o gigante ou a sua sombra agita e sacode a juba, mais formidável que o sobrececho do senhor do Olimpo, as nações se comovem, e os reis enfiem e empalidecem no alto dos seus tronos vacilantes.

E vós, ó atenienses, queria dizer, ó maranhenses! que é o que ofereceis para compensar e resgatar a humilhação das vossas misérias políticas e eleitorais? Não vô-lo direi agora, e neste lugar, para não antecipar; mais tarde e adiante sabê-lo-eis ponto por ponto; mas já que a comparação se instituiu, permiti que vos aponte alguns exemplos, por onde vejais o paradeiro a que caminham, ou antes a que se transviam os que como vós só revelam a atividade nas ambages e fantasmagorias de uma vida pretendida política. Rosas, o rei degolador, e os seus súditos degolados, açoitados e aviltados por todo o gênero de opressões e desonras; o seu país empobrecido, exausto, atrasado e barbarizado vos deviam dar mais nos olhos, como mais vizinhos; porém como o povo argentino é muito pequeno, mal comporta o paralelo, prefiro apontar-vos um império que semelha e assaz compete com o vosso, em oposição, população, grandeza e recursos naturais. Falo do México. E para as breves, mas palpitantes notícias que vos ofereço, e colhi, a espaços, de algumas publicações antigas e recentes, chamo toda a vossa atenção, aquela profunda

atenção que, como nenhum outro povo, sabeis prestará a todas as cousas sérias e grandes.

O México está situado debaixo do céu mais benigno do mundo; e o seu solo é o mais fecundo e produtivo da América. As minas são riquíssimas, a variedade das produções, imensa. Não há talvez em todo o globo um só clima de que o México não goze, e um só gênero de cultura que ele não possa apropriar-se. Mas primeiro o Governo espanhol pelo seu egoísmo monopolizador, e depois os legisladores mexicanos com a sua errada política e profunda incapacidade, converteram todos estes dons da Providência na mais asquerosa e repulsiva miséria.

Este país tão rico e produtivo, muito mais favorecido pela natureza que os Estados Unidos, seu vizinho, e onde, quase à sua vista, têm as artes da civilização feito tão maravilhosos progressos, em tão breves anos; este país que era cabal para manter cento e cinquenta milhões de habitantes apenas contará uns sete, seis dos quais, em qualquer país bem regulado da Europa, seriam qualificados de indigentes, senão de mendigos, vagabundos e malfeitores. Cidades há em que, exceção feita de trinta ou quarenta famílias, os habitantes são uma gentilha ociosa, vestida de andrajos, cheia de vícios, hedionda e asquerosa no físico e no moral, a conhecida pelo nome de *Leperos*, à conta de uma enfermidade a que está sujeita, e que deriva da natureza dos alimentos de que se nutre, não menos que da falta de asseio. Só a capital conta cinquenta mil destes miseráveis que fizeram a horrível pilhagem de 1828, e estão sempre prontos à primeira voz para recomeçar. O milhão restante, se excetuarmos um minguado número de proprietários, lavradores, comerciantes, artistas, homens em verdade úteis e ocupados, é infinitamente mais pernicioso à sua pátria, que os seis milhões, cujos vícios, embrutecimentos e miséria acabei de assinalar, porque estes ao menos são mais dóceis e de mais fácil acomodar. O milhão da classe superior compõe-se em grande parte de homens baldos de instrução, ou pelo menos de conhecimentos positivos, mas cheios de presunção, enfiados do seu grande mérito, dados à madraçaria, ao jogo e às intrigas. Para estes tais, só existe uma carreira aberta, a dos empregos públicos, única que pode satisfazer ao mesmo tempo, a sua vaidade, preguiça e avidez. Vivem retalhados em facções, e pleiteiam com as armas na mão o poder e o salário, sem compaixão da pátria, que cada

vez se afunda mais no abismo das revoluções, com quebra e estrago manifesto da fortuna pública e privada. Sem dúvida, as exceções honrosas não são muito raras; mas falecendo aos homens bem-intencionados, assim o apoio do Congresso e do Governo, como o da opinião ou da parte influente dos notáveis, ficam eles impotentes, e sem meios alguns com que provejam a males tão desesperados.

Criaram-se empregos públicos, em números espantoso, inúteis sim, mas larga e magnificamente retribuídos; para passarem praça de republicanos, aboliram os títulos e distinções nobiliárias, que aliás não custavam um real ao tesouro público, mas em desconto deixaram a cada um a faculdade de fazer-se, a seu talante, capitão, major, coronel e general; e como todos estes postos têm grossos vencimentos, já todos podem ficar entendendo que o seu número é mais crescido que o dos soldados. Todavia, por mais que façam, nunca os postos, empregos e pensões bastarão para saciar os vastos apetites de todos os aspirantes; e daí essas intermináveis conspirações, revoltas, e guerras civis que da independência para cá têm devastado aquele formoso e desventurado país. Cada ano, cada semestre, ou cada mês rebenta uma nova revolução capitaneada por um general obscuro, ou cuja celebridade só avulta na proporção das desditas da pátria; o feliz vencedor renova a Constituição, e tudo quanto à susceptível de renovação. Pois não tem sido porque as diversas administrações não procurassem satisfazê-los, a uns e a outros, porquanto logo nos primeiros anos da república as despesas do funcionalismo foram elevadas ao duplo do que eram sob o regime da antiga metrópole. Em face deste argumento, via-se a decadência da agricultura abandonada, o entorpecimento do comércio, cujo movimento diminuiu logo de um terço, e hoje é quase nulo, a depreciação da propriedade, exposta a mil vexações e avarias, uma apatia geral, uma falta absoluta de todos os recursos e instrumentos que conduzem os povos à riqueza e prosperidade. Estradas, pontes, canais, são cousas que ali se não conhecem, e falar nelas até pode ser motivo de proscricções. A renda, como só por estas cousas se podia já supor, ficou reduzida à metade porque, além do mais, os empregados que pejam as estações, sobre incapazes, são corruptos e prevaricadores. As repartições de Fazenda mormente, só oferecem às vistas do observador, confusão e desordem... O Congresso é composto de médicos, militares, padres, empregados, advogados e juizes. Algumas leis excelentes se hão feito onde tudo se acautela e regula com maravilhosa previsão, mas antes que comecem a dar-lhes uma mentida

aparência de execução, já elas têm caído no desprezo, e logo após no mais profundo esquecimento. Não há aí opinião pública assaz poderosa para imprimir o ferrete da ignomínia nesses funcionários e legisladores negligentes, ignorantes e corrompidos. Se algumas reclamações se levantam, fracas e isoladas, são para logo abafadas nos clamores da turba famélica e perversa. Nas escolas o que prepondera são os estudos da jurisprudência; assim a chicana, os doutores e os magistrados são os que governam, se as armas todavia lho consentem. Mas essas mesmas escolas não creais que seja o amor da instrução e da ciência que as povoa e sustenta; é o *aspirantismo*, hidra multiforme, e de mil cabeças, e em geral só se estuda quando baste para alcançar um diploma, e o emprego e posição que é consequência dele.

Mas ao menos estes dignos republicanos, bafejados desde o berço pelo deus das batalhas, endurecidos e amestrados na escola da guerra civil, são bravos, aguerridos e aventureiros, e pelo lustre e glória das armas compensarão todos os outros opróbrios... Ó miséria! Longe disso, são a fábula e o baldão do universo. Insolentes com o estrangeiro isolado e indefeso, têm sucessivamente experimentado o peso da vingança da Inglaterra, da França e dos Estados Unidos. Um punhado de bisonhos milicianos da União fazia fugir aos milhares esses veteranos eméritos da guerra civil, tão pávidos e imbeles, como os vassalos de Montezuma e dos incas diante dos centauros de Cortez e Pizarro. Francisco I, o cavaleiroso rival de Carlos V, vencido em uma grande batalha, escrevia nobremente à princesa sua mãe: *Perdeu-se tudo, menos a honra*. Os mexicanos não perderam, certo, a honra, porque já de há muito a não tinham, mas sujeitaram-se vergonhosamente a todas as condições que ao vencedor aprouve ditar-lhes.

Passado o perigo e a afronta, recomeçaram a guerra civil com o mesmo desaforo e galhardia que os têm enobrecido aos olhos do mundo; e os generais e as facções, aperfeiçoando-se cada dia nas virtudes deste honroso exercício, já se não pagam do simples auxílio dos *Leperos* e índios domesticados, senão que solicitam e utilizam a aliança dos selvagens e de chefes tão dignos como o famoso *Gato Bravo*. É de supor que continuem por este teor, até que os destinos, o curso dos acontecimentos, e sobretudo o possante vizinho que os contempla, decidam outra cousa!

E, enquanto vou ocupar-me em escrever a vossa, tereis folga sobeja para meditar sobre a história do povo que também vozeia como vós há tantos anos as palavras sagradas e profanadas – de independência, liberdade e patriotismo!

.....

*Partidos e Eleições no Maranhão*⁴

O PRESIDENTE CANDIDATO – O FESTIM DE BALTASAR – O TIRO DE S. MARCOS – BANDEIRA IMPERIAL NO TOPE GRANDE – HÁ DE SER BISPO – O DERRADEIRO DIA DE UM CONDENADO – TESTAMENTO PRESIDENCIAL – REUNIÕES, CONVERSÇÕES, PROMESSAS E PROFISSÕES DE FÉ – POSSE DO NOVO PRESIDENTE – ARTIGOS DE JORNAIS SOBRE ESTE GRANDE ACONTECIMENTO – O *POSTILHÃO* E A *TROMBETA* – A DESPEDIDA – TERNURA POLICIAL.

CORRIA o ano de 184... e esta heróica província gozava então da honra talvez pouco apreciada de ser presidida pelo Excelentíssimo Senhor Doutor Anastácio Pedro de Moura e Albuquerque.

S. Ex^ª, cuja administração remontava a pouco mais de dez meses, havia encontrado os partidos em aparente e momentânea calma, uns, de fartos e descuidados nas delícias da Cápua eleitoral, e outros, de cansados e aborrecidos na sucessão das derrotas; mas como na época em que começa esta narração, a das eleições gerais se avizinhava, já os mesmos partidos começavam de agitar-se, traçando os primeiros planos, e fazendo-se as disposições mais indispensáveis para a próxima campanha. S. Ex^ª não podia ser estranho a um movimento tão natural aos países que se governam pela forma representativa que felizmente nos rege; e como delegado fiel do gabinete, consultava consigo mesmo, e na intimidade dos amigos dedicados da administração, todos os meios legítimos e honestos, com ajuda dos quais, não deixasse ficar mal, em uma conjun-

4 *Jornal de Timon* – N^º 2.

tura tão melindrosa, a política dominante, que era em verdade a única capaz de salvar o estado. Ora, em uma época em que os princípios de desorganização se têm infiltrado por todos os poros do corpo social, já é de simples intuição que o meio mais óbvio e eficaz de reabilitar o princípio decadente da autoridade, consiste em rodear os seus agentes do prestígio da confiança popular, revelada no voto espontâneo e sincero da urna; e como a alta posição de um presidente não pode sofrer manifestações de somenos preço, a nenhum pensamento deixava de ocorrer a idéia da candidatura do Exm^a Sr. Anastácio Pedro para deputado-geral.

S. Ex^a porém, ou fossem recomendações do Ministério, ou complicações resultantes das promessas e seguranças derramadas nas primeiras efusões de um imprudente e generoso desinteresse, sentia-se grandemente embaraçado, pois constava por uma parte que o Governo não olhava de boa sombra para as candidaturas presidenciais, e por outra, S. Ex^a, sem considerar que as virtudes particulares muitas vezes empecem os grandes interesses do estado, e querendo, logo à sua chegada, captar os ânimos e amaciar as asperezas da situação, tinha asseverado a todo mundo *que nada pretendia da província, e todo o seu fito era corresponder à alta confiança de S. M., o Imperador, promovendo o melhoramento material e moral da população, e executando fielmente o programa eminentemente governamental de justiça, tolerância, brandura, moderação e conciliação, que tanto lhe fora recomendado*. Tarde conheceu ele que assoalhando a oposição anárquica e escandalosa falsidade de estar o Governo em completa minoria na província, o único desmentido capaz de salvar o crédito do mesmo Governo, e de consolidar a um tempo as instituições abaladas, era nem mais nem menos a eleição do presidente; e daí as suas dolorosas hesitações. Entretanto, a grande maioria da província, sem ter conta alguma com elas, e atentando tampouco para as dificuldades da sua posição melindrosa, tinha-lhe significado de um modo peremptório e sem admitir réplica, que a sua eleição seria infalível.

Mas o dia da eleição ainda estava a alguns meses de distância. E nestas circunstâncias, o Ministério que de boa ou má fé recomendara a abstenção dos presidentes, sofreria esta candidatura? a antiga malevolência de um dos ministros, até então dissimulada sob as aparências de uma fria polidez, não aproveitaria agora o pretexto para desabafar à sua custa? algum candidato poderosamente patrocinado (e na quadra eleitoral

surdem eles aos cardumes) não o suplantaria, obtendo a sua demissão, embora fosse nisso o triunfo do nepotismo e o sacrifício dos públicos interesses simbolizados na pessoa de um delegado tão hábil como leal e dedicado? Eis aí os pensamentos que acudiam de tropel à imaginação sobressaltada de S. Ex^ª; e infelizmente, mais de um exemplo do pouco aviso e inconstância ministerial, vinha importunar a sua memória e justificar as suas tristes previsões. Em vão procurava ele consolar-se e distrair-se, já expendendo sábias e assisadas reflexões sobre umas certas incoerências e mal-avisadas condescendências, que tinham levado o país ao estado deplorável em que todos o viam, já demitindo e fazendo recrutar os desordeiros (purgando assim a sociedade destas fezes perniciosas), já enfim montando uma polícia homogênea e ativa, e tomando todas as providências que o seu esclarecido zelo, e os reclamos da opinião lhe ditavam como indispensáveis para o triunfo da boa causa e completo aniquilamento da facção. Em vão; porque se ele procurava no descanso restaurar as forças e o corpo quebrantado pelas fadigas e inquietações do espírito, o seu sono atribulado era a cada instante interrompido, e S. Ex^ª despertava em sobressalto, e banhada a fronte em gélido suor, ao ruído de um pretendido tiro de canhão, mensageiro importuno que lhe anunciava a chegada de um imaginário vapor. E nas salas esplêndidas do baile, ou no meio das alegrias dos banquetes que a inesgotável hospitalidade da província ainda não tinha cansado de oferecer ao seu digno administrador, quantas vezes não se surpreendia ele, pobre Baltasar temporário e amovível, a ler no papel acetinado das paredes, traçados por uma mão proterva e invisível, os funestos e fantásticos caracteres, que dançando e fulgurando com magia infernal aos seus olhos e à sua alma atribulada, diziam a palavra fatal e abrasadora: – DEMISSÃO!

Só quem observar de perto um presidente candidato no meio destas obsessões e das intrigas que para a sua queda se agitam na corte e na província, ao aproximar-se a terrível quadra eleitoral, poderá compreender a intensidade da longa agonia que o vexa e extenua, até ser coroada pela morte e demissão, ou por um triunfo renhidamente disputado, miserável compensação dos amargos dissabores curtidos, e das cruéis injúrias devoradas.

Do Exm^º Sr. Anastácio Pedro acho até escrito em algumas memórias contemporâneas que ou ele tivera avisos positivos dos danos

que se lhe urdiam na corte, ou iluminado por aquela perspicácia que só um candidato pode ter, descobrira nos horizontes anuviados, sinais só para ele manifestos da tempestade que se armava; mas como as barcas de vapor se sucederam por algum tempo sem trazer-lhe o funesto presente, já aguerrido contra os sustos, começava a respirar na demora, e a cobrar ânimo e esperanças, tanto mais que os amigos da administração cada dia redobravam de zelo, e se mostravam de mais em mais animados do melhor espírito eleitoral.

Um dia contudo em que V. Ex^a escrevia ao seu ministro predileto, narrando-lhe os serviços que estava prestando, os trabalhos por que passava, as injúrias e calúnias de que era alvo, e o como a sua candidatura, apesar de todas as suas repugnâncias (pois até andava um pouco atravessado com os principais cabalistas) ia nada menos tomando corpo, a ponto de ele reear deveras sofrer enfim a violência moral da imposição, o que aliás desculpariam todos os que fossem testemunhas dos excessos verdadeiramente incríveis a que a oposição tinha chegado; um dia, digo eu, em que S. Ex^a procurava por esta forma amaciar as cousas e salvar as dificuldades da sua árdua posição, soou repentinamente o tiro de S. Marcos. Posto que já ele se tivesse por algumas vezes repetido, sem que todavia viesse alguma catástrofe justificar os receios que alimentava o seu coração pressago, nem por isso esse grande e generoso coração deixou de pular-lhe no largo peito, respondendo-lhe o pulso, primeiro com cento e vinte pancadas em um minuto, e logo depois com uma pausa considerável, e caindo-lhe por fim dentre os dedos entreliçados a pena que manejava com tanta elegância. Os habituados do paço, que acertaram de achar-se ali naquele momento, e a quem S. Ex^a, apesar da grande privança e intimidade, por muitos motivos óbvios e de alta política, nunca confiava o segredo dos seus terrores, alvoroçados com as esperanças das boas medidas, e melhores despachos que aguardavam da corte, nenhuma fé deram destes imperceptíveis sinais de sobressalto, nem do silêncio e distração com que ele acolhia, já os agudos remoques lançados aos pobres oposicionistas que iam ficar desapontados com as notícias, já as saudações e cumprimentos dos mais camaradas que vinham chegando atraídos pelo sinal do vapor. Mal porém este assomou aquém das altas barreiras de S. Marcos, exclamaram todos a uma voz: – Bandeira imperial no tope grande! Ouvindo tal, S. Ex^a como tocado por alguma corrente

elétrica, deu um pulo da cadeira, arrancou o óculo da mão de um dos circunstantes, e o assestou arrebatadamente contra o negro Leviatã que vinha rasgando as ondas com tanta sobranceira e velocidade. Nada viu no primeiro momento; apenas os seus olhos turvos e encadeados eram feridos por uma multidão de pequenos globos furta-cores que dançavam na extremidade oposta do instrumento. Agoniado com a obscuridade da sua vista sempre tão clara, passou o lenço pela fronte alagada, graduou o óculo, e assestando-o de novo, viu então a bandeira, mas esta lhe pareceu, primeiro encarnada, e logo após negra como o fumo e o bojo do vapor; eis que sem muita tardança um indiscreto raio de sol, iluminando a tela auriverde naquele instante desferida por inteiro ao vento, lhe tirou todas as dúvidas, fazendo-lhe efetivamente ver o pavilhão imperial. S. Ex^a desabou então redondamente e quase fulminado sobre um assento que lhe ficava próximo, e por mais que os amigos presentes porfiassem em achar explicações animadoras, de que eles aliás precisavam também para sustentar a própria coragem vacilante, não alcançavam tirá-lo da espécie de torpor em que caíra. *Há de ser bispo* – dizia um. *Ou então presidente do Pará* – acudia outro. Enquanto assim conjecturavam tudo, menos a verdade que pressentiam, e não se atreviam a exprimir; e S. Ex^a apesar da sua exterior imobilidade, recordava em um verdadeiro paroxismo de terror os avisos que da corte lhe haviam escrito; o vapor, o infernal vapor, impassível como uma máquina de ferro e madeira que era, sem fazer conta de cousa alguma, avançava com incrível e quase acintosa rapidez, pois desta feita dobrou a Ponta da Areia em pouco mais de meia hora depois do sinal.

Ei-lo, arreado o galhardete desta fortaleza, e enquanto se prepara e sobe o outro, no pequeno círculo cortesão todas as respirações ficam suspensas, e reina um silêncio mortal e ansioso. *Presidente para o Maranhão!* anunciou o fatal telégrafo, e um *ah!* estúpido e sufocado ressoou de todos os pontos. O presidente tudo via e ouvia, mas no seu continente pouco airoso, di-lo-iam apostado a desmentir a tão preconizada doutrina das idéias por meio das sensações, pois não dava outro sinal de existência além do seu olhar ora fixo, ora desvairado. O leitor compreenderá que estes cruéis momentos pareciam voar, e que os circunstantes, à exceção de um de quem colhi estas informações, atordoados por sua

própria conta, tinham bem pouco vagar e lucidez para notar todas estas cousas.

Entretanto o vapor avançava, era mister prover ao desembarque, e S. Ex^a não se movia. O seu ajudante-de-ordens, moço vivo, inteligente e bem doutrinado em romances históricos, tinha seu conhecimento da famosa proclamação francesa – *Le roi est mort, vive le roi!* e ao demais não ignorava que a moderna civilização tem banido dos suplícios todas as crueldades inúteis. Fiel pois e reverente até à última hora com um superior tão benévolo, assentou de desviar dos seus lábios aquele cálice de amargura, e tomou a si a responsabilidade de expedir as ordens convenientes para que marchasse a tropa a fazer as honras da recepção. A cidade já atroada com as salvas, começou a sê-lo com os toques de chamada, com o tropel da tropa em marcha, e com o bulício universal da multidão que corria açodada à rampa e pau-da-bandeira para presenciar o desembarque, e toda a cena a que ele dá ocasião. Acudiam pretas, negros, moleques, estudantes, o grosso e miúdo comércio da praça vizinha, os militares avulsos, os empregados que suspendiam os trabalhos, os políticos interessados nas novidades e até os possuidores de bilhetes de loteria que do mesmo lance iam saber do presidente e da sorte grande. No coice de toda esta desordenada multidão, chegava a tropa, quero dizer, um casco de batalhão de linha, quatro pelotões de polícia, e a companhia da guarda destacada, pouco marcial, é certo, no porte e no uniforme desbotado, mas animada sem dúvida do melhor espírito.

Muitos escritores e filósofos têm apurado o engenho para alcançar saber as agonias físicas e morais a que fica exposto um condenado ao avizinhar-se o momento do suplício. Ignoro se eles têm perfeitamente atingido o seu fim; mas do efeito que sobre o padecente devem produzir o som das cornetas, o bulício e os rumores da multidão, creio que se pode ter uma idéia aproximada pela comparação do que essas circunstâncias causam no presidente a quem uma demissão vem surpreender em flagrante delito de candidatura. Porquanto o presidente sobrevive ao suplício, e bem pode, no interesse da ciência, fazer a exposição das suas impressões.

O vapor havia já fundeado, a tropa arrumara em alas, o ajudante-de-ordens se despachara para bordo com recados e cumprimentos

que de fato ninguém lhe encomendara, mas que o profundo conhecimento dos seus deveres lhe sugerira, e só o Ex^{mo} Sr. Anastácio não apreciava. O público cá de fora, dividido em frações variadas de satisfeitos, desapontados, indiferentes e simples curiosos, bem podia imaginar a surpresa do interior do paço, nunca porém o imenso soçobro daqueles grandes corações, porque isso é cousa que só despede um lampejo fugaz, e logo se recata cuidadosamente de todas as vistas profanas e suspeitas. Tanto assim, que S. Ex^a sacudindo por fim da alma e dos ombros aquele pesado torpor e o ligeiro paletó doméstico, revestiu do mesmo lance uma casaca decente e aquela altiva e generosa indiferença com que todos o viram atravessar a praça, descer a rampa, e embarcar em busca do seu ilustre sucessor. Apenas punham ambos o pé em terra que, ao ribombo da artilharia e ao som da música militar, se unia o estouro de dezenas de foguetes soltos de todos os ângulos da cidade pela nobre oposição, surpreendida também na verdade, porém com mais alegria, se me não engano, do que os seus contrários. O Ex^{mo} Anastácio cheio de uma nobre sobranceira e surdo a tão mesquinhas demonstrações, vinha conversando com o seu honrado colega, o Ex^{mo} Sr. Bernardo Bonifácio Montalvão de Mascarenhas, mostrando nos desembaraçados ademanes, na segurança do porte, e no sorriso que lhe enfeitava o semblante, a perfeita serenidade da sua alma e o pouco caso que fazia do sucesso.

Entram em palácio, e após eles, com precipitação, senão atropelando-se, todos os que aspiram à honra do imediato conhecimento da nova excelência. Timon tem presenciado algumas destas cenas, e visto mesmo certos homens, não de todo faltos de mérito e gravidade, que esquecendo-se um pouco do que devem a si mesmos, atiram-se uns por cima dos outros, sem lhes embaraçar a figura que fazem, até que consigam lugar onde sejam mais visíveis, e onde, sem perda de um momento, possam logo expor às luzes do novo astro, as suas comendas, os seus galões e o brilho das elevadas posições que ocupam no grande mundo provincial. A oposição porém que chegara às últimas extremidades com a excelência expirante, se conservava, salvo um ou outro membro mais preeminente, pelos pátios, escadarias e salões de entrada, reservando-se para o dia da posse ou para o imediato, em que o novo administrador desse já os seus ares de dono-de-casa.

Despedado o palácio da turba oficial e oficiosa, e recolhido o Ex^{mo} Sr. Bonifácio a um aposento mobilhado às pressas, a gozar alguns momentos de descanso; pela primeira vez depois que se viu em estado de deliberar, achou-se o Ex^{mo} Sr. Anastácio a sós, com a meia dúzia dos seus amigos e confidentes mais dedicados! Estiveram por alguns momentos sem poder dizer palavra, abismados num eloqüente silêncio; mas para logo o interromperam, proferindo sem procedências, sem nexos e a espaços, o que se vai agora ler.

– Dá-se por uma igual a esta?

– Como o patife olhava para mim com ar de escárnio quando passei pelo portão!

– Quem diria que tal nos acontecesse quase em vésperas de eleição!

– A corja está pulando de contente!

– Dá-me até vontade de mandar por uma vez semelhante política ao diabo.

– Quem pode aturar um Governo destes que sacrifica tudo!

– E os nossos amigos da corte sem nos prevenirem de cousa alguma!

– Como, se eles de nada souberam, pois nem o *Jornal* publicou a nomeação!

– O homem mesmo soube dela quando a recebeu no Rio Grande do Norte.

– Nada de abandonar o homem um momento.

– Se a corja toma conta dele, tudo está perdido.

– Cumpre não desanimar, e V. Ex^a antes de entregar o Governo deve tomar todas as medidas indispensáveis à sustentação do partido.

– Seria bom demorar a posse dous ou três dias, para melhor se assentar em tudo.

– V. Ex^a devia entender-se já com ele a tal respeito.

E outras muitas observações por este teor e jeito, que em obséquio à brevidade, Timon se vê obrigado a omitir.

César dizia, e depois dele Napoleão, seu copista a tantos respeitos, que nada estava feito quando ainda restava alguma cousa por

fazer; e foi só naquele atribulado momento que o Sr. Anastácio e os seus amigos compreenderam todo o alcance desta sentença aliás tão simples em aparência. Apesar do muito que tinham feito, estavam grandemente atrasados; pelo que cuidaram de dar ao mal todo o remédio que sofresse o aperto das circunstâncias. S. Ex^a dirigiu-se imediatamente ao seu sucessor, e perguntou-lhe quando queria tomar posse, ao que o digno colega respondeu que estava inteiramente à sua disposição, como é de uso entre cavalheiros em casos tais. *Pois então seja no dia 17* (estavam a 14!). O Ex^{mo} Bonifácio, dizem, fez um leve movimento de sobrancelhas, como quem achava escusada tamanha dilação, mas nada teve que objetar, atalhado por considerações de urbanidade e deferência pessoal, ou pelo precedente perfeitamente constitucional estabelecido em outras muitas províncias de se demorar a posse, às vezes até oito dias, como já aconteceu no Ceará, mesmo por concerto havido entre os dous colegas.

Acordado este ponto, torna S. Ex^a à roda dos amigos, e cuida-se de veras em meter mãos à obra. Na secretaria tinham apenas ficado dous oficiais mais moquencos e experimentados em crises tais; mandaram-se vir mais alguns, e começou então aquilo a que a opinião maliciosa e desvairada tem chamado *testamentos presidenciais*.

Dissolveram-se algumas legiões, batalhões e esquadrões da guarda nacional.

Criaram-se outros tantos em seu lugar, e mais alguns novos, atenta à grande população das respectivas localidades.

Nomearam-se os competentes chefes, comandantes e oficiais do estado-maior.

Demitiu-se um oficial de polícia, e deram-se algumas baixas.

Duas dúzias de nomeações e demissões na polícia civil para completar a sua organização.

Suspensão de uma câmara municipal.

Ordem para processar os membros de outra já suspensa.

Exclusão de certos vereadores da capital, e admissão de outros tantos suplentes, por meio de declarações de incompatibilidades.

Exclusão de sete juizes de paz, presidentes das mesas eleitorais, por meio de idénticas declarações.

Uma porção de licenças a vários empregados da capital e juizes do interior, todos do partido do Governo, por motivo de moléstia.

Contrato de compra de um pardieiro arruinado do cidadão Benigno Amado da Esperança para servir de cadeia, casa de câmara, júri, etc., no seu importante município.

Ordens ao tesouro provincial para pagamentos com preferência a vários credores, cujos títulos não eram muito líquidos, e tinham encontrado oposição no mesmo tesouro.

Mudanças de três comandantes de destacamentos.

As notas que tenho à vista ao escrever estas memórias só mencionam especificadamente as medidas supramencionadas, posto delas se deduza que mais algumas outras se tomaram de igual natureza. Estas mesmas, depois de apurado o trabalho no espaço de dous dias e meio, entrando também parte das noites (que bom recado se deram os empregadinhos, com o cheiro dos emolumentos), pareceram tais e tantas, que não esteve na mão de S. Ex^a deixar de arriscar algumas prudentes reflexões a tal respeito, ponderando que o novo presidente talvez fizesse reparo na pouca delicadeza com que uma administração expirante dispunha assim dos negócios, criando-lhe sem dúvida grandes embaraços para o futuro... Mas a isto acudiu o dr. Afrânio que se o reparo era natural nem por isso se podiam escusar as medidas, que todas tendiam ao bem do partido e da província, e que da multiplicidade das patentes, o menos que se colhia era o aumento das rendas do tesouro exausto. Além de que, para atenuar o reparo presumido, havia um meio que era antedatar as medidas de mais importância, feito o que, ele dr. queria ver por onde lhes haviam de pegar, e se o novo presidente teria que dizer. S. Ex^a quis ainda fazer objeções, mostrou alguma hesitação, mas afinal assinou tudo, as datas como as antedatas. Ignoro se ao firmar estes insolentes documentos, foi o seu espírito salteado pela lembrança do art. 129, § 8º do Código Criminal; Timon sabe porém que todos estes senhores têm conhecimento da sentença de Mirabeau – *La petite morale tue la grande* –, e aplicam-na a seu jeito, desprezando vãos escrúpulos para salvarem o país, e habilitando-se nestes exercícios políticos para praticarem a máxima em mais larga escala, em todas as relações civis.

O novo presidente que durante esta longa e vasta elaboração estava encerrado em palácio, atido a receber visitas e cumprimentos, algumas vezes acertou de surpreender os operários no mais afanoso de suas tarefas e conferências; mas como perfeito cortesão, e consumado estadista que era, S. Ex^a fazia vista grossa e ouvidos de mercador, sorria agradavelmente, deixava cair uma observação indiferente, e se esquivava discretamente, compreendendo bem que no seio da intimidade muitas cousas há que com serem inocentes não são para que se deixem penetrar por estranhos.

A este lugar pertence agora a narração de uma das cenas mais tocantes destes três memoráveis dias. Em ocasião em que acabava de assinar algumas das medidas de maior valia, o Ex^{mo} Anastácio tomou à parte os seus amigos mais do peito, e depois de lhes fazer sentir o melhor que pôde o quanto se dedicara sempre aos interesses da província em geral, e do partido em particular, do que naquele mesmo momento lhes estava dando provas tão singulares, lembrou-lhes como apesar de tudo se recusara sempre a aceitar os testemunhos da estima e gratidão que tinham pretendido dar-lhe, porque não lhe sofria o ânimo que o voto livre e espontâneo do povo se tomasse como respeito do cargo, e deferência à sua posição. Que removido porém esse embaraço com a sua demissão, lhe falecia já todo motivo fundado para insistir em contrariar a vontade unânime de todas as pessoas gradas e honestas; bem longe disso, julgar-se-ia muito honrado com semelhante manifestação, e tanto mais penhorado, quanto o inqualificável procedimento do Governo para com ele necessitava de um ato estrondoso de confiança que, contrastando-o, delisse o seu mau efeito.

Essa é boa! (exclamaram todos quase ao mesmo tempo) nem era mister que V. Ex^a nos falasse em semelhante cousa, no que até de algum modo ofende o melindre da nossa amizade e reconhecimento. E acrescentaram, especialmente o dr. Afrânio, e o coronel Santiago, que ficasse S. Ex^a descansado; que eles tomavam o negócio à sua conta, e pretendiam dar uma lição ao Ministério; que a questão já era de capricho e com a província, com quem se não devia zombar impunemente. A isto replicou S. Ex^a, que nunca foi sua intenção ofender as susceptibilidades de suas senhorias, duvidando da sua constância e afeição em tal conjectura, senão manifestar-lhes que mudando as circunstâncias, cessava toda

a oposição da sua parte, e que até ele próprio se acusaria de ingrato e pouco delicado, se teimasse em rejeitar uma honra que em nada deslustrava já agora o seu caráter, quando tantos outros a cobiçavam com quebra do seu. E continuaram assim por algum tempo nestas suaves efusões de sentimento, chovendo as portarias e patentes assinadas de uma parte, e os mais calorosos protestos de firmeza e adesão da outra.

O que mais disseram e fizeram naquela ocasião, deixa Timon à perspicácia, e sobretudo à grande experiência do benigno leitor, amestrado sem dúvida em todos estes meneios da política provincial, para que o imagine e aprecie como lhe parecer; pois a sua atenção já está sendo solicitada pelo que se passou no clube ou chá da oposição, em casa do major Olivério, logo ao anoitecer do dia do desembarque.

Reuniram-se ali o coronel Pantaleão, os drs. Bávio e Mévio, redatores da *Trombeta*, alguns deputados provinciais, três ou quatro influentes do interior que se achavam na capital, e mais uns vinte dos mais acérrimos partidistas; e à proporção que iam entrando, começavam logo a praticar sobre o grande assunto do dia pouco mais ou menos pelo teor seguinte:

- Os patifes não contavam com esta pela proa.
- O tal Anastácio ficou mesmo com cara de asno.
- Quero ver agora no que dá a sua grande candidatura espontânea e livre!
- Se vocês vissem como ele enfiou quando deu com os olhos em mim no portão!
- Nunca me ri tanto em dias de minha vida.
- O Afrânio comeu-se de raiva por ver o novo presidente conversar comigo com tanta atenção na sala grande. Parecia que me queria engolir com os olhos.
- Ah bandalho, que nem sempre darás as cartas!
- Tudo isso está muito bom, mas o caso é que eles estão rodeando o presidente, e as intriguinhas e mentiras do costume hão de estar trabalhando. Todos nós devemos procurá-lo, e já amanhã.
- É verdade; o nosso partido sempre tem sofrido porque não cerca o presidente como eles.
- Ninguém falte à posse do homem.

– Cumpre avisar toda a nossa gente.

– Você, que é da câmara, deve recitar um discurso análogo, desmascarando toda esta corja: – eu lho arranjarei. – (Este amigo certamente não contava com a declaração de incompatibilidade que se havia de lavrar na manhã seguinte.)

– Doutor, você por que não apressa agora o seu baile para convidá-lo?

– Deixem estar que eu tenho de dar um jantar no dia dos meus anos, e nos havemos todos de reunir.

– Eu também pretendo agora dar um baile no batizado da minha pequena.

– O doutor deve quanto antes fazer um artigo bem feito, elogiando o homem, e prevenindo-o acerca dos manejos da facção, logo que chega um presidente novo. Cante-lhe a ladainha bonito e asseado.

– Não se esqueça de me escovar bem o bestalhão do Anastácio.

– Agora que as cousas mudaram, e sem nós o esperarmos, é preciso expedirmos próprios para todos os pontos, animando os nossos amigos a se organizarem para a próxima campanha.

– Está bem livre que eles já não tenham cuidado nisso.

– E que carapetões não estarão impingindo, para não desalentar a pandilha! Esta gente não dorme.

Não é possível a Timon acompanhar esta boa gente em toda a sua conversa; o que se acaba de reproduzir dará idéia do mais que deixo no tinteiro. Baste dizer-se que saborearam o chá e os bolinhos com delícias há muito não experimentadas, e saíram do conclave ruminando voluptuosamente mil planos de vitória e de ventura.

E no dia seguinte foram todos pontuais ao *rendez-vous* palaciano, se bem algum tanto contrariados por se verem precedidos dos partidistas da transacta, que já ali se achavam, e pareciam madrugar em tudo, além de terem suas entradas francas pelo interior, pois o Ex^{mo} Anastácio, fosse cortesia ou manha, quis por força fazer ao colega as honras da hospedagem até o dia da posse. Posto que uns aos outros se estorvassem, aproveitavam todavia a menor aberta para impingir cada um ao presidente a história do seu partido, da sua posição e pretensões pessoais, e

sobretudo a das perversidades inauditas do lado contrário. Os redatores da *Trombeta*, órgão oposicionista, e do *Postilhão*, defensor da presidência, ofereceram ao Ex^{mo} Sr. Bernardo Bonifácio o apoio das suas penas. S. Ex^a, ora risonho, ora sério, ora afável, ora mais grave, mas sempre rebuçado e retraído, respondia a todos com as trivialidades do costume, sem lhe escapar que a sua missão era toda de paz, que tinha unicamente por fim executar imparcialmente as leis, distribuir justiça a todos, promover os melhoramentos materiais e morais da província, consolidando por essa forma a ordem e mantendo a segurança individual e de propriedade; e que por muito feliz se daria se conseguisse deixar conagrada a grande família maranhense, como tão positivamente lhe havia recomendado S. M. o Imperador quando lhe confiara uma empresa tão árdua para suas débeis forças. Então cada um e todos lhe tornavam que neles encontraria S. Ex^a a melhor vontade para coadjuvá-lo na realização de idéias tão ajustadas, e no desempenho da missão que lhe confiara o nosso magnânimo monarca.

Chegou o dia da posse: o ato efetuou-se com os aparatos do costume, e tudo se passou como estava previsto, salvo que o vereador Anselmo não pôde recitar o seu discurso, pois quando se apresentou a tomar assento, lhe foi intimada a fatal declaração de incompatibilidade, que o leitor já conhece. A indignação do ilustre membro, e das pessoas honestas e sensatas de todos os partidos, não podia certo ser maior e mais justa, porém fez pouco efeito, e ficou como apagada e absorvida no interesse da cena principal: todos tinham os olhos cravados no Ex^{mo} Bernardo Bonifácio Montalvão de Mascarenhas, e enquanto o secretário da ilustríssima gaguejava e engrolava as duas cartas imperiais, e lavrava o auto de juramento e posse, fazia cada um as suas observações, e dizia as suas pilhérias, acerca da figura do novo presidente e dos risinhos amarelos do seu antecessor, que malgrado toda sua afetada serenidade, não pôde suster um gesto de despeito e impaciência, quando o secretário proferiu, lendo, as seguintes palavras: “Hei por bem conceder-lhe a demissão *que pediu*, &.” Os espectadores que deram fé do trejeito, trocaram olhares de maliciosa inteligência, e até o próprio dr. Afrânio, dizem, não foi estranho a este movimento quase universal.

A maior parte da população da capital teve ocasião de admirar naquele ato, e em muitos outros subseqüentes, as feições e maneiras de

S. Ex^a, mas como a do interior não teve a mesma honra, e não é de resto decoroso privar a posteridade de notícias de tanta consequência, Timon assentou de as consignar aqui, ajudado das informações dos contemporâneos, pois ele nesse tempo andava ausente, e viajando pela Europa.

O Ex^{mo} Sr. Bernardo Bonifácio nasceu em um território que fica nos confins das três províncias de Pernambuco, Bahia e Minas, e gozando da inapreciável vantagem de uma equívoca e tríplice naturalidade, dizem que mais de uma vez tirara proveito desta circunstância. No Maranhão assoalhava ele que era mineiro, precavendo-se de umas tais antipatias contra os baianos de que lhe diziam a população contaminada, as quais contudo tinham menos de reais que de especulativas, e não passavam de meros expedientes de partidos. Quanto à sua pessoa, era sujeito de alta estatura, magro, pálido como um defunto, zambro e zarelho. Quando ria, deixava ver uma formidável porém mal-guarneçada dentuça, porque os mais dos dentes só brilhavam pela sua ausência. As feições eram grossas, e a cor trigueira, mais do que podia comportar uma razoável indulgência, desafiava certos reparos indiscretos, no meio dos quais murmurava-se em voz baixa o termo casta. Porém a opinião mais cordata e dominante era que se S. Ex^a alguma hora tivera semelhante defeito, ele fora gradualmente desbotando com a idade, a ponto de se achar quase apagado. Os oficiais da secretaria asseguravam que a sua boca exalava um hálito pouco congruente: supunha-se ser moléstia interior, porque em pontos de asseio se esmerava ele quanto lhe era possível. Muito tempo depois o seu médico assistente me informou que o homem tinha na perna direita uma chaga antiga e incurável, e era de mais a mais sujeito a certas cólicas nervosas de um caráter tão violento, que nos paroxismos da dor S. Ex^a se arrojava ao chão, espojando-se e dando urros como um réprobo. Durante esses ataques (acrescentava o médico) é que choviam com mais profusão as demissões, as ordens para recrutamento, e todas essas medidas violentas que mais tarde tamanha nomeada deram à sua administração.

Alguns dos meus pios leitores, suscitarão dúvidas talvez sobre a exatidão deste retrato, julgando que estou a pintar de fantasia um monstro verdadeiramente horaciano, composto todo de traços diversos e heterogêneos. Mas eu tenho por mim não só o testemunho universal de uma grande cidade, senão também a autoridade fidedigna do porteiro

do tesouro e do almoxarife do hospital, a quem, provendo já estas dúvidas, fui consultar, na sua qualidade de testemunhas oculares, pois sei que como empregados ou pretendentes que eram, assistiram a diversos atos a que S. Ex^a também era presente. E ambos estes me fizeram ver com argumentos palpáveis, eloqüentes e sem réplica, que tudo quanto se me havia informado era não só a pura verdade, senão muito verossímil e possível. Quem ao demais se não lembra ainda dos apodos e chocarrices de que era objeto a magreira extrema de S. Ex^a? Já quanto aos nomes, quer de Anastácio, quer de Bonifácio, não sei que sejam mais mal-soantes que os de Jerônimo, Venâncio, Herculano, Vicente, ou Bibiano, e tantos outros que andam esculpidos nas tábuas da história, e nem o mais asqueroso ceticismo ousará pôr em dúvida.

Mas qualquer que fosse o físico ou a matéria propriamente dita, o Ex^{mo} Bernardo Bonifácio tinha umas maneiras tão francas e afáveis com seus assomos de reserva e gravidade ao mesmo tempo, uns ademanos tão desafetados, e nada menos tão compostos, um falar tão culto, natural e fácil, um andar tão firme e seguro, não obstante o arqueado das pernas, um termo enfim tão senhoril em toda a sua pessoa, que acareava sem sentença as simpatias e o respeito de quantos o comunicavam. Ainda hoje ouço dizer a algumas moças que ele não era bonito, sim, mas muito dado, e muito engraçado. E não há nisto grande maravilha, pois é sabido como as influências benfazejas do clima da corte têm transformado e domesticado tantas outras vegetações muito mais agrestes. Pelo que toca ao seu caráter, talento, instrução, e mais partes, deixarei que falem por mim as suas obras, e os periódicos das diversas especialidades que logo na manhã imediata à posse, deram sinal de si pelo teor seguinte:

(ARTIGO DA TROMBETA N^o)

No dia 14 do corrente entrou neste porto o vapor *S. Sebastião* trazendo a seu bordo o Ex^{mo} Sr. Bernardo Bonifácio Montalvão de Mascarenhas, presidente nomeado para esta até então infeliz província. Pintar a satisfação e júbilo dos maranhenses, que viam debaixo do jugo mais pesado e aviltante, seria um impossível: o prazer raiou em

(ARTIGO DO POSTILHÃO N^o)

No dia 14 do corrente mês fundeou neste porto, vindo do Sul, o vapor *S. Sebastião*, trazendo a seu bordo o Ex^{mo} Sr. Dr. Bernardo Bonifácio Montalvão de Mascarenhas, presidente nomeado para esta província. S. Ex^a o Sr. Moura e Albuquerque que há meses instava por sua demissão, desgostoso com a infame guerra que lhe faziam

todos os semblantes mal foi anunciada tão alegre nova; os amigos se abraçavam e davam recíprocos parabéns; umaimensidade de foguetes fendia os ares; tudo enfim demonstrava o regozijo público, ao passo que o déspota e seus infames conselheiros, pilhados por assim dizer com a boca na botija, pois se contavam mui seguros no poleiro, ficaram cobertos de confusão e de raiva, vendo-se despojados do mando e conhecendo quanto detestados eram por este povo digno de melhor sorte. Tenham paciência, senhores da pandilha *cangambá: sic transit gloria mundi!*

Ontem tomou S. Ex^a posse do alto cargo para que foi nomeado, com as formalidades do estilo, e podemos asseverar a nossos leitores que nunca vimos um concurso tão luzido e numeroso como o que teve lugar neste ato, tal era a ansiedade da população em conhecer o novo delegado, nesta província, do Governo imperial, que vinha libertá-la da mais insuportável tirania que ela tem sofrido.

Foi possuído da maior indignação que o público por ocasião deste ato soube que o Sr. Anastácio Pedro durante os três dias que adrede demorou a posse tomou muitas e importantes medidas, dispondo dos dinheiros dos cofres públicos a favor dos afilhados da facção, fazendo nomeações e demissões às dúzias, e novas contradanças policiais, legando destarte fortes embaraços ao seu sucessor. É necessária muita imprudência, muita audácia, muito desrespeito à lei para proceder-se de semelhante modo! Nós ainda ignoramos os pormenores dessas medidas, mas logo que sejamos inteirados, as denunciaremos à opinião pública; consta-nos porém que houve uma verdadeira diarréia de patentes para a guarda nacional. Cumpria que o Sr. Anastácio acabasse como tinha principiado!

os díscolos da opposição, mal teve notícia pelo telégrafo de que nele vinha seu illustre sucessor, apressou-se a dar as convenientes ordens para se lhe fazerem as honras devidas em seu desembarque, o que teve lugar pouco depois, indo S. Ex^a buscá-lo a bordo na galeota do Governo.

Quando assim tudo se passava com toda a decência, e na melhor ordem, a nossa patriótica opposição não quis perder mais este ensejo de nos dar uma prova dos seus belos sentimentos, e como que por acinte ao Ex^{mo} Sr. Moura e Albuquerque, fez soltar alguns foguetes no largo do Palácio e outros pontos da capital. Um tal procedimento só conseguiu atrair sobre seus autores o desprezo e indignação da gente sã, e consta-nos que mui severamente o estigmatizara o Ex^{mo} Sr. Dr. Mascarenhas. Conheça S. Ex^a à vista deste fato a moralidade e o espírito de ordem desta gente, que não recuaram para satisfazer seus baixos ressentimentos ante um procedimento tão ridículo. Cesteiro que faz um cesto, faz um cento.

Ontem 17 tomou posse de seu eminente cargo o novo administrador, no meio de numeroso concurso de cidadãos de todas as ordens, e com todas as honras que soem fazer-se em casos tais.

No intervalo que medeou entre a chegada e posse, seu illustre antecessor tomou várias medidas que lhe comunicou, e que eram como que o complemento de sua administração, e acompanha-nos a satisfação de anunciar que, segundo nos consta, mereceram elas a aprovação do Ex^{mo} Sr. Mascarenhas.

S. Ex^a de posse das rédeas do Governo, procura pôr-se ao fato de todas as circunstâncias da província, a fim de nada obrar sem o mais perfeito conhecimento de causa; e pois, nada alterará na marcha administrativa de seu digno antecessor,

Que dizeis a isto, senhores ministros? eram ou não bem fundadas as queixas que por tanto tempo vos dirigiu de balde a *Trombeta*? Eis o próprio Sr. Anastácio comprovando por este seu último e inqualificável procedimento tudo quanto a seu respeito tínhamos avançado!

Felizmente o Governo se lembrou de pôr termo a nossos males com a acerta escolha do Ex^{mo} Sr. Dr. Mascarenhas, pessoa digna a todos os respeitos, que conhecemos de perto, e cujo caráter firme tivemos ocasião de apreciar na melindrosa crise por que há pouco passou a província das Alagoas.

S. Ex^a não é homem novo e desconhecido, o modo como desempenhou o lugar de chefe de polícia naquela província, e sua última presidência no Rio Grande do Norte, lhe conquistaram créditos de magistrado reto e inteligente, e de hábil administrador.

Consta-nos que S. Ex^a vem animado das melhores intenções de cicatrizar as chagas que nos deixou a tresloucada administração que ora finda, moralizando a polícia, disciplinando o exército, e opondo eficaz barreira ao cancro de desperdícios que nos acarretava por sobre um abismo de misérias financeiras, e que em todas as suas medidas pretende guiar-se pelas normas da mais rigorosa justiça, sem atenção a partidos. Um ato já apresentou S. Ex^a que bem mostrava suas vistas humanitárias, e despidas da impostura e orgulho que jamais abandonavam seu antecessor. Um anúncio existia do Sr. Albuquerque, que já em outra ocasião tivemos de analisar, marcando suas audiências para as três e meia horas da tarde! S. Ex^a talvez se persuadissemos que os maranhenses não tinham mais que fazer do que andar em contínuos pagodes e sucias, e por isso lhes era indiferente qualquer hora ainda para os negócios mais sérios.

senão depois que a experiência lhe tiver feito ver a conveniência de um tal proceder.

A prudência e sisudez de semelhante resolução certo que é digna do tino político de S. Ex^a, já provado em outras administrações; e proceda sempre S. Ex^a por igual modo, e terá não só o nosso fraco apoio, mas o de todas as pessoas honestas e sensatas da província.

E que dirão os senhores *muruçocas* quando souberem de tais disposições em que se acha S. Ex^a? Ah, talvez seu prazer se converta em mágoas! Mas cumpre ser muito míope, e estar muito desatinado, muito cego pela ambição, para supor que um homem de tanto tino e experiência como o Exmo Sr. Mascarenhas, viesse de bom grado hostilizar a grande maioria da província, para fazer o gostinho a meia dúzia de indivíduos sem influência alguma e que só sabem celebrar-se por sua imoralidade, por sua ambição de mando, por seu frenesi e raiva contra todos os homens de mérito que não pertencem à sua roda, e cujo único crime é ter sabido merecer as simpatias da província.

Dos seus dignos aliados, do grupinho dos *bacuraus* nem nos dignaremos de falar. Coitados! São dignos de compaixão! Eles só se movem ao aceno de seus amos, a cujas plantas foram submissamente prostrar-se, despeitados por não terem entre nós a influência que almejavam, e de que eram indignos pela sua inépcia, falta de caráter, e desmarcado orgulho.

O Exmo Sr. Mascarenhas há de ir pouco e pouco conhecendo esta boa gente, e então a experiência lhe fará ver se o seu digno antecessor teve ou não razão para seguir a marcha administrativa pela qual eles tanto o cobriram de injúrias e sarcasmos. Temos fé que muito tempo se não passará sem que S. Ex^a seja o alvo

Porém o Ex^{mo} Sr. Mascarenhas que pensa de outro modo, revogando este parto de loucura, que num clima tão ardente, era um verdadeiro epigrama à calma e afogeammento do público, declarou por outro anúncio que dava audiência a todo e qualquer momento que fosse procurado pelas partes; e nós temos a satisfação de acrescentar que S. Ex^a logo às três horas da madrugada está de pé, e pronto a cuidar nos interesses públicos, e dos cidadãos confiados ao seu zelo.

É por este modo que procede um Governo que cura dos seus deveres, e conhece a alta missão que lhe foi confiada, e não entreendendo-se em mesquinhas intrigas, pequeninas vinganças, e trampolinas de partido, como soía acontecer até agora.

Concluimos oferecendo a S. Ex^a o apoio de nossa débil pena para a sustentação de seus atos, pois convencidos estamos que eles serão ditados pelo amor da justiça, e a bem da prosperidade desta bela província, a quem certamente o Governo imperial não podia enviar um administrador mais capaz de reparar seus males, na crítica situação; a que tinha-a levado essa série de inqualificáveis desatinos!

dos doestos dessa facçãozinha muito ridícula, muito impotente, mas muito pretensiosa que há anos a esta parte ataca a todos os Governos por que nenhum lhe tem querido matar a fome, única e verdadeira causa de tanta gritaria. Até ver não é tarde...

Cabe-nos agora o dever de, em nome do grande partido a que nos honramos de pertencer, e da província inteira, agradecer ao Exmo Sr. Moura e Albuquerque o bem que sempre a administrou, tendo sempre por norma de suas ações a justiça e a moderação, apesar de tão violentamente agredido. Os maranhenses sempre recordarão com saudade e reconhecimento os benefícios que lhes legou sua sábia administração, assim como as suas estimáveis qualidades; e a dor que os acompanha no momento de se verem privados de tão distinto e probo administrador, só pode ser minorada pela aquisição do ilustre sucessor, com que S. M. Imperial houve por bem mimosear-nos.

Timon já está receando que alguém o acuse de tomar o tempo aos seus leitores, com frioleiras e trivialidades, mas a verdade histórica não exige menos; e quantos têm alguma experiência das nossas cousas, sabem que nada invento ou altero, antes levo o escrúpulo e o amor da verdade a tão alto ponto, que extratando os jornais do tempo, conservo fielmente não só as idéias, senão o estilo e a frase. De resto, a política nas províncias cifra-se toda nestas mesmas supostas frioleiras e trivialidades, nas intrigas, nos insultos ao poder que cai, nas adulações ao poder que se ergue, no ciúme recíproco dos turiferários, na banalidade das declamações, e na cópia servil e ridícula das fórmulas políticas, inventadas para outros debates e outras arenas. Mas nem porque o nosso teatro seja acanhado e obscuro, e os nossos atores e combatentes mais desazados e bisonhos; nem por isso, digo, as paixões que nele se arrostand são menos

ardentes e furiosas, e deixam de produzir resultados menos nocivos e deploráveis.

Por outra parte, por mínimas e vulgares que sejam as circunstâncias e palavras referidas, como elas, além da sua veracidade histórica, prendam-se ao fim e começo das presidências, e estas pesem ordinariamente de um modo tão funesto nos destinos das províncias; não há aí que repreender na minuciosidade com que Timon desce a tudo, porquanto dessas tenuidades e bagatelas vereis porventura abrolhar mais tarde cousas mais sérias e tristes. Em suma, a moralidade de toda esta minha apologia está na seguinte verdade, e vem a ser, que a política provincial, por mais que a envernizem, trajem e enfeitem à feição da política da corte, ou do estrangeiro, é afetada, mesquinha, insignificante e até ridícula (se é que devemos chamar as cousas pelo seu nome verdadeiro), e não há aí descrevê-la de outro modo.

Se implorei a indulgência do leitor, não foi só para o que já ficou escrito, senão para todos os mais episódios da magnífica epopéia provincial, que a necessidade me forçar a desdobrar diante de seus graciosos olhos. A cronologia pede que se sigam as respostas que deram um ao outro os dous principais órgãos dos *Cangambás* e *Muruçocas*: ei-las.

(ARTIGO DA TROMBETA Nº)

— Chamamos a atenção dos nossos leitores para o artigo publicado no *Postilhão* de 18 do corrente. Está um petisco verdadeiramente apreciável! O órgão da administração decaída quer fazer persuadir aos peixinhos que o seu digno amo tinha há muito pedido a sua demissão, desgostoso (coitadinho) com a oposição anárquica dos *muruçocas*! A fé que cabe-nos aqui o aplicarmos-lhes o *risum teneatis*! Oh! Se o Sr. Anastácio tinha pedido a sua demissão, e contava com ela, para que guardar tamanho segredo a respeito, a ponto de que nunca os seus jornais, e as pessoas do seu círculo boquejaram em tal matéria? O que significava então a sua candidatura (hoje gorada, não é assim, senhores *cangambás*?).

(ARTIGO DO POSTILHÃO Nº)

Se não estivéssemos acostumados às calúnias, às diatribes, às torpezas, e às imundícies desse nojento e asqueroso papelucho que se denomina *Trombeta*, o seu artigo de quarta-feira, narrando a chegada e posse do Ex^{mo} Sr. Presidente atual, nos surpreenderia certamente, tal é a baixeza de sentimentos, tal a virulência de idéias que manifesta seu digno autor, o muito digno, muito honesto, e muito respeitável Sr. Dr. Bávio, distinto chefe da nossa mui patriótica oposição! Mas o que fazer? S. S. mostra-se nos seus escritos tal qual é, e em nossas forças não cabe mudar-lhe a natureza. Continue, Sr. Dr. Bávio, continue por esse jeito, insulte os seus adversários, chafurde-se

Para que tanta azáfama, na forja presidencial, antes da posse? Deixemos porém o Sr. Anastácio, esse pobre homem, hoje só digno do *parce sepulris*, e ocupemo-nos com os miseráveis que o perderam, e que com as suas costumadas intrigas procuram circular o Ex^{mo} presidente atual. Alerta, Ex^{mo} Sr., contra essa facção despejada e imoral que tem perdido tantos dos seus antecessores; acautele-se V. Ex^a de suas palavras açucaradas, porque eles só procuram comprometer o Governo, para depois montá-lo e dirigi-lo em tudo. Os exemplos estão bem frescos, e não é de mister apresentá-los à memória de V. Ex^a neste momento, principalmente porque breve nos ocuparemos em artigos especiais com a história dos seus imortais feitos.

Os *muruçocas* têm sido atropelados nos seus mais sagrados direitos, ofendidos em sua dignidade de partido, e tudo têm suportado com a mais louvável resignação, para não perturbarem a ordem, tudo confiando do Governo imperial, que inda que tarde, parece enfim já ir conhecendo a verdade. Os *muruçocas* não pretendem favores, nem empregos; firmes em suas convicções, e confiando na bondade da sua causa, eles pedem justiça e só justiça, e que o sistema constitucional, e a liberdade do voto deixe, entre nós, de ser uma ficção, um engodo para enganar os tolos. Queremos ser cidadãos brasileiros, queremos que nos respeitem como tais, e que não continuemos a ser reputados ilotes, ou párias, queremos enfim a lei executada, e não sofismada.

Muito confiamos na ilustração, tino administrativo e boas intenções do Ex^{mo} Sr. Bernardo Bonifácio; é por isso que breve esperamos ver cessar o reinado da opressão, da dilapidação, da fraude, da imoralidade, e do exclusivismo. Proceda ele como é de esperar de suas nobres qualidades, e dos precedentes de toda a sua vida,

nesse charco de lama e de sarcasmos, que cada vez ganhará mais popularidade e influência, continue que algum dia terá o prêmio de suas boas obras...

Não é nosso intento entrar em uma miúda análise de tudo quanto apresentou esse infame pasquim do dia 18, no seu artigo de fundo; pois para dar dele uma idéia ajustada basta-nos dizer que ao passo que cobria de insultos e insulsas chocarrices ao Ex^{mo} presidente demitido, queimava os mais pobres incensos ao Ex^{mo} Sr. Bernardo Bonifácio, a quem teve o arrojo de oferecer o apoio da sua pena poluta e corrompida, como se S. Ex^a pudesse ver sem indignação o desrespeito e indignidade com que é tratado seu digno antecessor, e aceitasse esses elogios interesseiros, prodigalizados porque dele precisam, e que bem depressa se converterão nas costumadas injúrias e arrieiradas, logo que lhes falte aquilo por que tanto almejam, o apoio do poder que só lhes poderia dar a influência que não têm, e que seu descrédito não lhes consente adquirir por outro modo. Quanto se enganam porém com a atual administração! Haja vista o que se ali diz acerca dos últimos atos do Sr. Anastácio, infamemente adulterados pelo órgão da facção, tanto em importância, como em quantidade, e que mereceram todos a aprovação do digno atual presidente. Esses atos eram quase todos resultado de deliberações já tomadas antes da chegada do Ex^{mo} Sr. Mascarenhas, e pois a transacta administração não fez mais do que expedir ordens para sua execução. — Quanto às patentes para a Guarda Nacional, não são nem metade do que se tem infamemente propalado, e algumas delas foram concedidas em virtude de propostas já há muito existentes na secretaria, e demoradas por outros afazeres.

e conte com o apoio leal e desinteressado de um partido, que apesar da ingratidão e indiferença com que tem sido tratado pelo Governo central, e do procedimento estúpido e traiçoeiro dos seus delegados, se conserva fiel aos princípios de ordem, monarquia e constituição, que sempre o caracterizaram.

Teremos ocasião de voltar ainda a esta matéria.

Mas que lhe importa a *Trombeta* e o Sr. Dr. Bávio de serem a cada passo desmentidos, e apanhados em falsidades? O seu gostinho é insultar, intrigar, e desmoralizar tudo, e hão de satisfazê-lo por força, embora cada vez mais se desacreditem, e estejam dando uma triste idéia da sua política ao novo administrador.

Não faremos ao *Pregoeiro* ontem publicado a honra de responder-lhe, e ainda mais uma vez o diremos, o grupinho enfezado e derrubado dos *bacuraus* só nos merece o mais completo desprezo.

Para o número seguinte voltaremos ao assunto.

Enquanto os jornais, órgãos das diversas facções, exalavam por este ou semelhante modo os seus queixumes, ostentavam a sua força, alegavam os serviços passados, ofereciam os presentes e futuros, adulavam o presidente, e se mostravam ciosos uns dos outros, porfiando a qual mais se abaixaria e prometeria para alcançar a preferência e favor do novo poder, das duas excelências, uma dispunha as cousas para a viagem, e a outra fazia a sua instalação doméstica, civil e política.

O Sr. Anastácio Pedro corria toda a cidade a pé, a cavalo, ou em carro emprestado, a despedir-se de seus numerosos amigos, políticos e particulares, e de todos recebia as demonstrações menos equívocas do afeto que sempre lhes merecera, do seu vivo reconhecimento pelos benefícios liberalizados, e finalmente das saudades que ficavam a ralar-lhes os corações. E na efusão de todos estes suaves posto que dolorosos sentimentos, é bem de crer se trocassem muitas promessas e palavras consoladoras acerca da candidatura de S. Ex^a, que nada menos deixava entrever certos pressentimentos pouco lisonjeiros à fidelidade política dos maranhenses, já na tenacidade com que insistia em semelhante assunto, já no ar de abatimento com que às vezes o tratava.

Entretanto entrou o vapor do Pará, já de torna-viagem, e o cruel apartamento tornou-se inevitável. A raça palaciana, que é perspicaz, havia notado certa frieza entre os dous ilustres colegas; e eu ignoro

se isso foi parte para que fosse pouco numeroso o acompanhamento do Sr. Anastácio no ato do embarque. A hora, é certo, não era propícia, pois, fosse caso ou manha, deu-se às onze da noite. Os periódicos da oposição não se descuidaram de tirar partido desta ocorrência, asseverando que S. Ex^a, e a rodinha que o cercava sabendo bem de como as cousas passariam, procuraram nas sombras da noite encobrir o seu descrédito, pedindo e obtendo do agente da companhia que demorasse a hora da saída. Já do antecessor de S. Ex^a, que embarcara dia claro, haviam afirmado os mesmos jornais que aproveitara a ocasião em que embarcavam alguns particulares, para da reunião do séquito de cada um e de todos, inculcar que tivera um luzido e numeroso cortejo.

É em verdade grande miséria que os jornais e partidos graduem por circunstâncias tais e tão mesquinhas a popularidade e mérito dos que governaram povos; mas não é menos certo que S. Ex^{as} se amofinam assaz com essas circunstâncias, e sobretudo com os reparos e apodos que elas desfiam, ao passo que tiram motivo para grande satisfação e orgulho dos acompanhamentos numerosos e luzidos.

Mas qualquer que fosse a verdade na ocasião a que me refiro, chegados a bordo, o enternecimento foi geral, e manifestou-se não só em estreitíssimos abraços, e expressivos apertos de mãos, senão ainda em lágrimas sentidas e sinceras que com pasmo até dos carvoeiros do vapor, umedeceram as faces de alguns gazeteiros, não menos que do chefe de polícia e seus delegados. S. Ex^a desprendeuse a custo de seus braços, e dizem que no momento supremo lançara um derradeiro olhar, baço e vidrado pelo susto da fraudada candidatura, como um pecador não absolvido que partisse para o outro mundo.

.

II

INSTALAÇÃO DOMÉSTICA DO NOVO PRESIDENTE – O PALÁCIO DO GOVERNO – CONFORTO – CRIADOS DO PAÇO – JARDINS E PERFUMES – O TENENTE-CORONEL FAGUNDES – UM HOMEM PRESTANTE – CAVALOS BARATOS – DIVERSAS ESPÉCIES DO GÊNERO – PRESIDENTE – O *PORTO FRANCO*.

O

SR. MONTALVÃO de Mascarenhas, mal que se viu instalado no Governo e no paço, desapressado da importuna e constrangida hospedagem do seu ilustre antecessor, fez consigo termo de verificar bem e conscienciosamente a sua posição política e particular, para daí lançar as suas contas, e proceder ulteriormente como ditassem os seus interesses, quero dizer, os da província, dos quais um bom presidente não sabe nem é capaz de separar os próprios.

S. Ex^a começou pela exploração dos seus vastos, e nada menos, pouco confortáveis aposentos; e dizem as memórias contemporâneas que nem por isso se mostrou muito lisonjeado e satisfeito dos descobrimentos que fez. A posteridade, contudo, pela voz imparcial e severa da história, desculpa hoje o movimento de mau humor que escapou àquele homem aliás habituado às delícias do Rio Grande, Maceió e outros pequenos paraísos deste nosso império, verdadeiro prodígio da Criação.

O casarão a que nesta terra se dá o nome de *Palácio*, comprido e estreito como os antigos domínios do rei da Prússia, promete nas mostras de fora muitas e grandes acomodações; mas a experiência para logo desfaz a ilusão, e quem o visita interiormente só depara meia dúzia de salas e salões, e pouco mais. Foi o que aconteceu ao Sr. Mascarenhas, que notou além disso, a pouquidade e singeleza mais que republicana dos móveis, as pinturas desbotadas, o papel das paredes manchado em grande parte, desgrudado e pendente aqui e acolá, dois ou três reposteiros desfiados e safados pelo uso, as janelas e portas desguarnecidas, e de mais a mais abertas e talhadas ao gosto de uma antiga arquitetura maranhense, de uma escola ou estilo que ninguém sabe, e a que entretanto todos chamam gótico. O assoalho nu e pouco asseado de algumas das salas não desdizia do tapete velho, esburacado e sórdido de outras. O telhado abria um sem-número de goteiras, e as águas das chuvas, derivando-se por elas, descreviam pelos forros e paredes os traços caprichosos e nada elegantes que as manchavam.

Não ficou pouco surpreendido o Sr. Mascarenhas quando pela primeira vez o seu criado pediu-lhe dinheiro para luzes daqueles salões. Com efeito! pois também isto à custa dos presidentes? Não houve remédio senão meter a mão na algibeira, e autorizar a despesa; mas como não era possível fazer uma iluminação a gás, alguns dos salões ficaram completamente às escuras, e nos restantes uma ou outra vela solitária espargia uma luz amortecida, apenas suficiente para tornar visíveis as sombras que se agitavam nos ângulos nus do deserto e silencioso edifício.

Quanto aos quartos interiores, nem camas, nem móveis alguns pelo menos decentes e toleráveis; apenas meia dúzia de cadeiras velhas, e duas ou três bancas desengonçadas. Em louça não falemos, pois nunca a houve geral ou provincial. A este propósito referirei um fato de que fui testemunha ocular. Indo um dia, ou antes, uma noite, visitar um dos sucessores do Sr. Mascarenhas, pois é de saber que Timon (e não digo isto por me gabar), tem tido suas entradas francas em palácio, S. Ex^a fez-me a honra de convidar para tomar chá que foi servido na sala de jantar. Não sei porque, o chá tomado em fina e dourada porcelana sempre me parece muito melhor; e já me dispunha a saboreá-lo deliciosamente, quando dei com os olhos num serviço de louça

inglesa, pintada de verde, desta de sete mil e quinhentos o aparelho de vinte e quatro xícaras!⁵

Se tal visse Benengeli o verídico e primeiro historiador do valeroso cavaleiro da Mancha, exclamaria certamente, como quando viu o seu herói, cheio de aflição, a tomar os pontos abertos das suas meias também verdes: Ó pobreza, ó pobreza!

O Sr. Bernardo Bonifácio que, movido do que via, moralizava um pouco no seu foro interior sobre a vaidade das cousas humanas, esperava ao menos achar compensação em gozos de outra ordem, e logo ao amanhecer do dia imediato endireitou para o terrado e jardim a tomar fresco e aspirar o perfume das flores. Ao atravessar uma das salas do paço, deu com três galés que a varriam,⁶ e não menos surpreso desta que de tantas outras novidades, só caiu em si quando lhe disseram que à minguá de criados ou escravos da nação, àquela boa gente estavam confiados este e mais outros ramos da polícia e asseio daquele venerando próprio nacional! Chegado ao jardim do terrado, em vez de flores, deparou só canteiros nus, e cheios de terra seca e esgaravatada. Lançou os olhos para o parque, e o viu alcatifado de erva daninha e ingrata, salvo que nalguns espaços toda e qualquer vegetação era tolhida por fragmentos de telhas, tijolos, pedras e mais resíduos das obras e consertos com que incessantemente é martirizado aquele velho edifício, sem que jamais consigam remoçá-lo ou dar-lhe aparências mais honradas, nem os engenheiros a quem tais consertos se confiam, nem os mestres-de-obras a quem os engenheiros por seu turno delegam os poderes e ciência, *que de poder mais alto lhes foi dado*.

Desiludido de jardins e flores, tomou S. Ex^a para o lado oposto a fim de admirar o famoso cais da Sagração; e para logo avistou, primeiro o grande monturo de lixo, que se deposita tão na vizinhança do Governo, a pretexto de entulhar o terreno que o cais roubou ao mar; e depois, a poucos passos adiante de si, a cadeia pública, que é ao mesmo tempo casa de câmara e tribunal de justiça. Está feito, pior seria se fosse a força; mas eis senão quando dous calcetas, que naturalmente revezariam na manhã seguinte o serviço do interior do paço, surdem duma porta de

5 Histórico.

6 Histórico.

ferro, trazendo pendente de um pau que horizontalmente descansava sobre seus ombros... o quê? S. Ex^a levou rapidamente o lenço ao nariz, e perguntou se aquilo sucedia todos os dias? “Conforme”, respondeu-lhe o sargento ordenança (homem experimentado e constantemente reconduzido no cargo, já de muitas presidências atrás); “nem sempre se dá por semelhante cousa; mas quando há *limpeza geral*, ninguém pode resistir. Já os antecessores de V. Ex^a se queixavam bem...” Satisfeito por aquele dia quanto a perfumes, desceu S. Ex^a ao pátio dos bichos, e não encontrou ali fôlego vivo. Passando a examinar a estrebaria, onde tinha de aboletar os cavalos que pretendia comprar, deu com ela atulhada do retraço daqueles últimos quinze dias; e é de crer que lá consigo murmurasse da pouca delicadeza com que o seu antecessor deixava à sua administração tantos embaraços a remover.

“Nem por isso”, dizia ele, medindo a largos passos o grande salão, depois de haver visitado todos os seus domínios, “nem por isso a residência presidencial do Maranhão é lá tamanha cousa como eu supunha, quando ouvia falar em palácio, e o avaliava pela importância da província. Um velho casarão desguarnecido de móveis, pouco asseado, pouco resguardado, que é forçoso ter de noite quase às escuras, sem nenhum acessório onde possa um homem espairecer o espírito e o corpo alquebrado das fadigas administrativas, tendo por vizinhos a cadeia, os seus habitantes, as suas cloacas, aquele magnífico depósito de lixo... Aposto que qualquer particular medianamente abastado tem habitação muito mais cômoda e decente que a primeira autoridade da província! Posto que, segundo me informa a secretaria, têm ficado sem solução satisfatória as reiteradas representações dos meus antecessores, vou escrever ao Ministério que cumpre acabar com semelhante indecência. É mister rodear o poder de algum esplendor...”⁷

7 Afinal, resolveu-se o Governo a mandar fazer um conserto mais radical na velha habitação do capitão-general Joaquim de Melo: a obra das preparações tem progredido com grande vigor neste ano de 1852. Puseram-se grades de ferro nas janelas superiores, agora mais rasgadas e elegantes, e consta-me que se encomendaram para a Europa móveis e decorações de gosto e preço. Mas para que a obra fique sendo sempre do Maranhão, a arquitetura do andar superior, sobremodo renovado, não diz com a do pavimento térreo, cujas portas e janelas, baixas e acaçapadas como antes, não têm sequer para onde se desenvolvam. A extremidade do edifício, ocupada pela tesouraria, ficou com a antiga aparência exterior, e *hurle de se trouver ensemble* com o palácio propriamente dito.

– Bem indispensável me era um carro tirado a dous... mas o dinheiro? Certo é que tive uma boa ajuda de custo; mas as dívidas atrasadas levaram-me quase tudo. Não haverá remédio senão utilizar-me do oferecimento do comendador Saraiva. Bastar-me-á comprar os dous cavalos. Não tenho escravos que os tratem, mais aí estão para esse, e outros misteres servis, os ordenanças montados da polícia.

– Quando me lembra que já em 1792 os antigos capitães-generais tinham quatro contos de réis em boa moeda de prata e ouro... Se além do ágio, dermos o desconto à barateza de então, à carestia atual dos gêneros, e às necessidades sempre crescentes do luxo e representação, é indisputável que hoje em dia o equivalente daqueles quatro contos não podia ser de menos de doze ou quatorze em papel. Quatro contos em cédulas para um presidente é na verdade uma grande miséria! Se o tenente-coronel Fagundes, amigo que me caiu do céu, não tivesse tanto a ponto, e tão generosamente, provido a todos os arranjos necessários, sem eu saber o como, estava o sr. presidente da província muito bonito!

– E quantas outras vantagens e diferenças, além dos vencimentos, a favor dos capitães-generais! Contavam com a estabilidade do seu emprego, e deles havia que em vez dos três anos de estilo, governavam seis e sete sem interrupção. Que poder absoluto! que respeito, ou antes que terror universal! Quem se atrevia a boquejar neles a não ser muito em segredo? Tinha bem vontade de saber que figura fariam então estes grandes redatores de jornais que hoje por dá cá aquela palha põem um presidente mais raso que o chão!

– Entretanto se eu com esta presidência pudesse arranjar um bom casamento... Certamente que não sou o primeiro a quem isto lembra... E se me viesse por aí assim uma senatoria desgarrada?... Também é quase a única compensação que tem um pobre presidente de tantos sacrifícios que faz e desgostos que sofre. Vejam o pago que deram ao Anastácio por aceitar a presidência em tempos de crise, e depois de tão rogado.

– Mas quanto a partidos, falemos a verdade, a província não vai tão mal com isso. Não padece dúvida, muitos são os que a retalham, mas todos eles pelo órgão de seus dignos chefes, me têm cá vindo protestar e oferecer a sua adesão, lealdade e serviços. Não tenho desgostado disto, se não é que já me vou enjoando de tanta maçada e bajulação. Pobre

gente! não podem com uma gata pelo rabo (Timon adverte ao leitor que S. Ex^a falava com os seus botões, com os quais lhe era permitido usar desta linguagem mais que familiar), e por isso porfia cada um para obter o apoio do Governo com que esmague o adversário. Bem. Temos tempo para pensar nisso. E o melhor em todo o caso será ir bordejando entre todos, até chegar a um bom porto. Apanhe-me eu com as eleições feitas, e o diploma nas unhas, e então lhes mostrarei se tenho ou não desejos de os ver pelas costas.

Não ousa Timon asseverar que todos os excelentíssimos presidentes por quem temos tido a honra de ser governados, fizessem soliloquios semelhantes a este; mas o que não padece a menor dúvida é que o senhor doutor Bernardo Bonifácio Montalvão de Mascarenhas passeava, pensava, ruminava ou murmurava pela maneira que fica exposta, quando foi interrompido pela chegada do tenente-coronel Fagundes, que vinha almoçar com S. Ex^a dos mesmos bolos e pães-de-ló que de casa havia pouco lhe mandara de mimo.

O tenente-coronel era uma daquelas bem-aventuradas criaturas que os presidentes sempre têm a fortuna de encontrar, estranhas a todos os partidos, prontas e oferecidas a servir o homem do poder, sem ter conta com as suas opiniões; mordomos ou despenseiros dos cômodos, gozos ou distrações do homem privado, porém mudos e inofensivos admiradores do homem político. Parece que a Providência Divina, a quem não escapam ainda as cousas mais somenos, suscita a cada novo presidente um amigo ou mordomo diverso que rivaliza de zelo com quem o precedeu no emprego e nas honras; e do tenente-coronel Fagundes requer a imparcialidade se diga que serviu com tão boa vontade, e tão a contento do Sr. Mascarenhas, que S. Ex^a pouco antes de retirar-se criou de propósito um emprego de almoxarife, e nomeou para ele o seu amigo predileto. Também dos muitos obséquios e serviços que prestou a S. Ex^a, foi este o único galardão recebido, e mais uma comenda vinda da corte, pois não julgo merecedores de especial menção uns tantos despachos que obteve para empregos, pagamentos, licenças, baixas e patentes, em favor de alguns indivíduos que se acolheram à sua proteção e valimento.

Estas bagatelas não se negam a ninguém, e muito menos a um amigo dedicado e fiel; e se alguns rumores suspeitos correram acerca do desinteresse com que o sr. Fagundes se havia nas suas agências, a

história dará testemunho de que eram absolutamente infundados, e nascidos só do ciúme e despeito com que o partido dominante via escoarem-se por outro canal as graças do Governo de que pretendia fazer um monopólio exclusivo. Mas não antecipemos, e vejamos o que passaram os dous amigos, pois muito importa para a perfeita inteligência da vida de um presidente.

Sentaram-se ao almoço, e travou-se o seguinte diálogo:

– “V. Ex^a foi já convidado para o baile de D. Urraca?

– Já.

– E para o do conselheiro?

– Igualmente. Dizem-me que o Almendra prepara uma função arrojada para o batizado da filha.

– É certo. Mas antes de tudo isso V. Ex^a há de ter paciência de ir jantar com alguns amigos, em casa deste seu criado, depois de amanhã.

– Homem, eu ando tão atrapalhado com os negócios... vocês não me deixam trabalhar... mas que remédio... com muito gosto.

– Lá para o diante, quando V. Ex^a estiver mais desocupado, há de ter a bondade de passar alguns dias no meu sítio, e então terá ocasião de percorrer todos estes arredores, que são aprazíveis.

– Obrigado. Não me despeço do seu favor. (Neste ponto entrou o oficial-maior, o capitão Ricardo Décio, que tomou parte na conversa... e no almoço.)

– Fagundes, queria pedir-lhe uma cousa.

– Mil que fossem, V. Ex^a manda, e não pede.

– É que me veja dous cavalos bons e baratos, que os quero comprar.

– É esta! V. Ex^a o não acreditaria, se eu lhe dissesse!

– Então o quê?

– É que vinha hoje aqui depropositadamente para pedir a V. Ex^a me permitisse licença de ofertar-lhe uma bela parelha que ontem me chegou da Fazenda.

– Meu amigo, isso não, tantos obséquios... o Sr. me enche de confusão, e sem que eu possa retribuir-lhe de algum modo. Não aceito sem pagar o seu valor, tenha paciência, diga-me quanto quer por eles.

– Ora V. Ex^a de algum modo choca o meu melindre, pois uma bagatela destas...

– Não, senhor, há de dizer-me o seu custo.

– Pois já que V. Ex^a quer... mas enfim, temos muito tempo, não havemos de brigar por isso.”

Enquanto se dispunha a vinda dos dous bucéfalos, lastimou S. Ex^a o estado miserável em que o seu antecessor deixara as cavaliças, escangalhadas, imundas, entulhadas...

“... Outros piores têm havido (acudiu um dos interlocutores) que deixaram as casas que habitaram de favor mesmo uma lástima. Porém será melhor calar-me. Alguém pensa que todos os presidentes são pechosos em asseio como V. Ex^a? Estão muito enganados. Mas se eu fosse o sr. presidente não estava a incomodar-me com semelhantes cuidados e arranjos, quando o tenente Cadaval tem tráfico de sustentar e tratar cavalos, a cruzado e cinco tostões por dia, conforme...

– Isso em verdade é muito mais cômodo. Mandem vir esse homem.”

O tenente-coronel Fagundes encarregou-se da diligência, escreveu um bilhetinho, e dentro em pouco estava com eles o prestantíssimo Cadaval. Feitos os cumprimentos do estilo, pois não era pessoa de todo desprezível, propôs-lhe S. Ex^a o caso, e quanto queria pelo trato dos brutinhos.

– “V. Ex^a pode mandar os cavalos quando quiser.

– Sei disso, é pela diária que lhe pergunto.

– Eu não levo nada a V. Ex^a por semelhante bagatela.

– Essa agora é final! Os senhores estão conspirados, ao que parece... Leve os cavalos que eu lhe mandarei o seu dinheiro.

– Eu respeito muito a pessoa de V. Ex^a, mas a minha vontade é livre. Levo os cavalos e nada mais.”

Então o sr. Fagundes, tomando a S. Ex^a de parte, fez-lhe ver que aquilo não fazia diferença ao homem, pois ele tratava mais de uma dúzia; que ao demais desejava ter ocasião de obsequiar a S. Ex^a a quem aliás não a faltaria de recompensá-lo por qualquer modo. Impacientado de tanta importunação, e solicitado e distraído pelo expediente, o sr. Masca-

renhas deixou o negócio à conta do seu amigo, que o decidiu despoticamente, sem lhe embarçar coisa alguma o desagrado do presidente.

Destes cavalos e do seu sustento nada mais achei na memória dos contemporâneos, senão que S. Ex^a os deixou na sua retirada para serem vendidos, e aplicar-se o produto à amortização do sofrível débito com que no cabo do seu Governo se achou empenhado para com o amigo Fagundes e mais dous. O prestimoso Cadaval, esse foi nomeado capitão da Guarda Nacional.

Penso que estas cousas têm sucedido a mais de um, e não se limitam só a cavalgadas, senão a diversos outros ramos do seu doméstico serviço, acontecendo por via de regra que os dous terços do mês estão fundidos, quase só em despesas ordinárias, os 333\$333 que para o mês inteiro, e para o ordinário e extraordinário, lhes franqueia a generosidade e munificência do estado.

Não faltarão porventura severos e catônicos censores que em alguns destes casos e obséquios achem matéria para requerer a aplicação do art. 149 do nosso Código Criminal, que põe em culpa ao superior o constituir-se em obrigação pecuniária para com o seu subalterno; e dirão talvez que mesmo nos casos não sujeitos à sanção penal, é manifesto que um homem que assim se deixa cativar por tantos e tão singulares donativos e serviços, mal poderá ter a isenção, independência e desafogo de amigo que é mister para poder obrar livremente, e segundo as exigências do interesse público e da justiça. Mas esses tais esquecem *que não há criminoso ou delinquente, sem má fé, isto é, sem conhecimento do mal e intenção de o praticar*, como está bem claro logo no artigo 3º do mesmo código, e que nas circunstâncias referidas, o presidente procede ordinariamente subjugado por força maior, sendo por outra parte não menos certo que a necessidade de manter o decoro da sua posição tem cara de herege, tanto como qualquer outra necessidade que possa acometer um pobre-diabo no interior da sua humilde habitação.

Os seguintes traços não serão inúteis a esta parte do quadro da vida presidencial.

Em regra, um presidente não faz leilão de móveis quando se retira da província; e esta não é das menores diferenças que se notam entre eles e os residentes diplomáticos.

Deles têm havido que se fazem comensais efetivos das casas ricas, e perseguem os donos e os seus jantares ainda nos retiros a que a moléstia, e porventura a importunação, os obrigou a acolher-se. Outros mais miseráveis no fim dos seus Governos andaram de porta em porta pedindo e agradecendo esmolas de 50, 100, e 200 mil-réis, vilania incrível, a que se dava o corado nome de *subscrição*.⁸ E em face destes, um cuja probidade era mais que muito suspeita, rejeitou como um Catão uma bandeja de uvas que lhe mandaram de presente!

Quando considero no complexo de todas estas misérias da vida interior ou de representação do presidente, e nas muitas mais que são a comitiva ordinária da parte administrativa e política do cargo, duvido, apesar das violências e mafeitorias que muitos deles hão praticado, se são mais dignos de compaixão e desprezo, que de ódio.

O que admira é como alguns mais autorizados pelas qualidades da sua pessoa ainda conseguem manter uma tal qual sombra de consideração e respeito para um cargo por tão diversos modos vilipendiado, não menos pela vileza de ânimo dos que o têm ocupado, que pelas paixões más e turbulentas que excita o espetáculo de tanta miséria e degradação.

Que um presidente se faça freguês do chá e pão-de-ló, tome emprestado o cabriolé do rico e potentado, e aceite mesmo o bucéfalo com que um ou outro dos seus apaixonados o presenteia, ainda lhe tolere e desculpo; mas que aceite não somente o mimo dos cavalos, senão também o dos escravos que lhos pensem e boleiem, como sei de um; e se constitua formalmente aquilo a que se usa chamar *papa-jantares*, como também sei de outro, isso é cousa que não podem sofrer nem homens, nem deuses, nem colunas.

Non homines, non di, non concessere columnae.

Em vez de presidentes tais, melhor fora que S. M., como Carlos XII, mandasse uma de suas botas a governar-nos.

O sr. Bernardo Bonifácio não estava porém neste caso; e bem que a necessidade de manter o decoro exterior da sua elevada posição o

8 Histórico. A maior parte das circunstâncias que Timon refere, são rigorosamente históricas.

obrigasse a recorrer a certos expedientes que uma escrupulosa delicadeza não poderia talvez absolver, era todavia homem de tão boas maneiras, e tão abalizado cortesão, que a tudo sabia dar um verniz maravilhoso, com que de modo nenhum ficava marcado o crédito do delegado do imperador.

A propósito de presidentes, da sua chegada e instalação dos validos e mexericos que o circundam, à desmaiada pintura de Timon deverá preferir-se, ou pelo menos adicionar-se o seguinte vivo e espirituosso artigo descritivo que ao público ofereceu um dos nossos jornais contemporâneos.⁹

“Mal aponta um vapor com sinal de presidente a seu bordo, e já todos estão ansiosos por saber qual a criatura que mereceu tão distinta honra.

“O partido dominante treme entretanto de susto, e o decaído regozija-se sem saber de quê.

“Se porém o novo presidente é pessoa conhecida, se seus princípios políticos são sabidos, ou quando não o seja, se ele é amigo particular de algum correligionário deste ou daquele lado, ou de pessoa que lhe diga respeito, nessa mesma hora são expedidos correios, por parte do lado que o reputa seu, para todos os pontos da província anunciando a feliz escolha do indivíduo. O partido dominante vai propalando que nada perdeu, antes lucrou com a nomeação; e o decaído, que tudo tem a esperar do novo presidente.

“Enquanto este não se abre, enquanto vive entretido no recebimento de visitas de cumprimentos, que não faltam em tais ocasiões, tratam os jornais das diversas facções de chamar o homem para o seu lado. Uns lhe fazem desde logo *hipoteca* de sua pena para a defesa de seus atos passados, presentes e futuros. Outros vão transcrevendo em suas colunas o juízo favorável, que a respeito dele emitiram os jornais das outras províncias. Outros exaltam a sua ilustração, as suas maneiras, qualidades e sentimentos. Outros os seus anteriores *relevantes* serviços à causa pública. Outros, que julgam a boa criatura do seu lado, criticam os elogios, que o seu antagonista lhe dá, porque até nisto há ciúme. Outros finalmente vão intrigando por todos os modos os seus adversários e

9 Porto Franco nº 116, de 20 de março de 1850.

pondo-lhes a calva à mostra para que sejam conhecidos da *boa* criatura, e não venha esta a fazer aliança com eles!

“Assim se continua por algum tempo, espreitando-se cuidadosamente os seus atos, as suas ações particulares, as pessoas a quem ele dá importância, tudo em suma o que ele faz, até que chega a hora do desengano para uns, e de ventura para outros.

.....
.....

“Desembarcado que seja o novo presidente, ficam para logo sabidas como que por milagre a sua pátria natal, a sua família, as suas mais íntimas relações e toda a sua vida tanto pública como particular.

“Feito este primeiro estudo do homem, trata-se de indagar os seus sentimentos políticos e morais, o seu caráter, o seu gênio, o grau de sua inteligência, seus gostos, e mais que tudo o seu fraco.

“O presidente demitido é posto desde logo à margem, e se algumas zumbaias recebe é às ocultas, e das pessoas, que têm interesse em que ele as recomende ao novo.

“Inúmeros são os especuladores, que então aparecem e que julgam chegada a época de poderem figurar na cena política e gozar da intimidade palaciana; e desgraçadamente não temos tido um só presidente, que não tenha o seu valido..., e de ordinário personagem bem ridícula.

“É um gosto ouvir a esses especuladores, que aparecem entre nós com a chegada de um novo presidente, pois cada qual vai, como quem não quer a cousa, divulgando o título, que o torna recomendável à *boa* criatura... Um diz, que ele foi seu discípulo; outro que é seu amigo; outro que o conheceu em tal e tal lugar; outro que ele é seu parente ou contraparente; outro que ele é amigo íntimo de Fulano, e por isso espera por este canal obter dele quanto desejar; todos, em suma, se acham habilitados para terem cabimento perante ele por esta ou aquela razão mais ou menos poderosa...

“As primeiras visitas dos especuladores têm por fim o fazerem conhecidos seus nomes, empregos, influência política ou social, seus teres, etc., etc., terminando por oferecerem seu decidido apoio à nova administração.

“Nas segundas já o principal objeto consiste em sondar os gostos e inclinações do homem. Se descobrem, que este é amigo de bailes, teatros, jantares, súcias, viagens, passeios, da folgança em suma, tratam quanto antes de lisonjear os seus gostos, e de bem os satisfazer. Com isto tiram dous proveitos; o primeiro a estima do presidente; e o segundo dar a conhecer aos papalvos, que gozam da intimidade dele.

“Nas outras visitas vão já tratando de suas pretensões com ar desembaraçado, empregando para as conseguir toda a casta de bajulações e de intrigas.

“Para que se faça melhor idéia do estado de degradação a que havemos chegado, e da facilidade com que um presidente se entrega em corpo e alma a miseráveis aduladores e intrigantes de profissão, ou a nulidades completas, vamos descrever uma cena em palácio, e outra fora dele.

“Que se figure uma reunião de especuladores em palácio assistindo a ela o presidente, em qualquer hora do dia ou da noite. O que se observa ali ordinariamente? A mais abjecta adulação, a mais ignóbil intriga, a mais revoltante maledicência acompanhada da mais negra calúnia.

“Se por acaso espiro o presidente, todos, como que movidos por uma só força, o saúdam a um tempo com toda a reverência. Se das mãos lhe cai algum objeto, todos procuram apanhá-lo, cada qual mais apressado. Se o presidente elogia um ente qualquer animado ou inanimado, todos *acham* acertado o elogio, e começam curiosas observações a respeito. Se fala mal deste ou daquele indivíduo, desta ou daquela cousa, há para logo uma trovada de impropérios contra o indivíduo ou a cousa, que mereceu o desagrado do excelentíssimo.

.....
.....

“Eles não largam dia e noite as portas de palácio, embora nem sempre falem com o excelentíssimo. Eles entram ali com ar desembaraçado e insolente, deixando de cumprimentar em tais ocasiões a quem quer que seja; o mesmo praticam quando andam em passeio com o excelentíssimo, pois só cumprimentam as pessoas, que este cumprimenta. Não cessam de mandar mimos à *boa* criatura. Quando convidados por ela para isto ou aquilo divulgam logo o convite, porém de um modo que indique que eles são os que fazem favor indo lá. ‘— Agora é

que S. Ex^a se lembrou de convidar-me para isto ou para aquilo quando há para mim tal e tal impossibilidade em aceitar o seu convite; mas é forçoso condescender, não há outro remédio...!’ – Eis a maneira por que tais patetas costumam divulgar a *consideração* em que são tidos em palácio.

“Se o presidente lhes aperta as mãos, lhes enfia o braço, ou conversa em particular com eles ficam orgulhosos, e julgam-se mais poderosos do que um pachá.

“Adulam as pessoas a quem o presidente mostra especial agrado, e odeiam a quem ele vota antipatia; nem tenha um presidente receio de encontrar um seu desafeto em qualquer baile ou súa dos tais heróis.

“Por toda à parte inculcam o seu valimento; a muito custo obtive isto, tem você alguma pretensão, quer ser introduzido em palácio, quer ter relações com o presidente... quando ele for a minha casa o convidarei para lá ir, e lho apresentarei... e outros iguais desfrutes próprios só de bobos, são os meios que ordinariamente empregam para se fazerem notáveis como validos!”

.....

III

DENOMINAÇÕES, BANDEIRAS, CREDOS, PROFISSÕES DE FÉ – CANGAMBÁS, MURUÇOCAS, JABURUS, BACURAUS – LIGAS, ORGANIZAÇÕES, COALIZÕES, FUSÕES, CISÕES, DISSOLUÇÕES, RECOMPOSIÇÕES – RECEITA PRONTA E EFICAZ PARA CRIAR UM PARTIDO – RETRATO – UM PRESIDENTE IMPARCIAL – PROTEÇÃO À LAVOURA, CULTURA DO PALMA-CHRISTI – PERSEGUIÇÕES AOS QUILOMBOS.

A

NTES de continuar esta verídica história da presidência Montalvão, é conveniente dar uma idéia mais ampla do estado dos partidos do Maranhão, segundo se achavam e tinham sido modificados nas últimas e mais recentes administrações.

Nesta heróica província, a contar da época em que nela se inaugurou o sistema constitucional, os partidos já não têm conta, peso, ou medida; tais, tantos, de todo tamanho, nome e qualidade têm eles sido. Parece que nisso nos mostramos verdadeiros descendentes dos antigos povoadores desta terra, muito mais inquietos e turbulentos do que geralmente se pensa, como oportunamente farei ver; mas é certo que nestes últimos tempos a ciência e a faculdade de engendrar partidos tem sido levada a um grau de perfeição e fecundidade verdadeiramente fabuloso.

As aves do céu, os peixes do mar, os bichos do mato, as mais imundas alimárias e sevandijas já não podem dar nomes que bastem para designá-los, a eles e aos seus periódicos, os cangambás, jaburus, bacuraus, muruçocas, papistas, sururus, guaribas e catingueiros. Assim, os partidos os vão buscar nas suas pretendidas tendências e princípios, nos ciúmes de localidades, nas disposições antimetropolitanas, na influência deste ou daquele chefe, desta ou daquela família, e eis aí a rebentar de cada clube ou coluna de jornal, como do cérebro de Júpiter, armados de ponto em branco, o partido liberal, o conservador, o centralizador, o nortista, o sulista, o provincialista, o federalista, o nacional, o antilusitano, o antibaiano, o republicano, o democrático, o monarquista, o constitucional, o ordeiro, o desorganizador, o anarquista, o absolutista, o grupo Santiago, o grupo Pantaleão, os afranistas, os bavistas, a camarilha, a cabilda e o pugilo.

Já a mão do tempo e do esquecimento vai pesando sobre as primeiras divisões que entre nós produziram as idéias políticas modernas; é de crer porém que nos primeiros tempos os partidos adversos fossem só dous, um em frente do outro. Hoje um mecanismo tão simples não pode satisfazer à multiplicidade dos chefes em disponibilidade, e por isso a cada nova complicação da política provincial, aparecem novos partidos, não se sabe de onde saídos, e como organizados. Às vezes uma só noite tem visto um partido escachar-se ao meio, e um dos troços ligar-se ao partido contrário para se tornar a separar com violência e estrondo dentro de poucos dias; outras, abandonam-se os aliados no mesmo campo da batalha, e voltam-se contra ele as armas, como fizeram os saxônios a Napoleão em Leipzig; e não é de todo sem exemplo que durante uma curta campanha, e no ardor da luta, os combatentes tenham trocado uns com os outros as suas bandeiras, princípios e invocações. A existência de alguns dos tais partidos é cousa tão problemática e impalpável, que tem acontecido asseverar um jornal que tal partido está morto e dissolvido há muito, e sair-lhe outro ao encontro, sustentando que não há tal, que o partido vive e funciona, como bem prova a voz eloquente do jornal que lhe serve de órgão.

De ordinário ocorrem as modificações nas proximidades das eleições, ou logo depois delas. O grupo ainda não fracionado vê-se acometido da lepra dos pretendentes, e em risco de ser batido, pelos embara-

ços que lhe trazem a sua prodigiosa quantidade, os seus manejos, intrigas, ódios e furores: este inimigo interno é por via de regra mais terrível e assustador, e dá muito mais trabalho, fadiga e desgostos que o partido contrário. Entretanto sofre-se o mal até à última hora, e quando já de todo não é possível adiar ainda mais a dificuldade, quando chega o momento supremo e decisivo, os mais poderosos e influentes procedem à amputação dos membros que logo qualificam de ambiciosos parasitas, baldos de préstimo e influência, ao mesmo tempo que estes bradam contra o despotismo e tirania de meia dúzia de egoístas, que sem mérito e sem influência trazem, não obstante, e pela mais estupenda de todas as anomalias, escravizados aos seus caprichos e interesses privados, a província, o partido, os nossos infelizes concidadãos, ou cousa que o valha.

Com o andar dos tempos, vão as cisões em tal aumento, e multiplicam de maneira que é mister empregar o processo posto para que não venha tudo por fim a ficar reduzido a simples individualidades; e começam então as ligas, fusões, coalizões, e conciliações, sendo às vezes de pasmar como parecem minguar os partidistas, por mais que os partidos se afilem, fundam e refundam.

Quando menos se espera, em uma bela manhã, ou antes numa bela tarde, começa a distribuir-se um periódico em duas ou três colunas, ou mesmo em quarto de papel, intitulado o *Curica*, o *Ferrão*, o *Jararaca*, a *Lanterna*, o *Chicote*, o *Farol*, o *Pregoeiro*, ou o *Independente* (o nome não faz ao caso) o qual anuncia *urbi et orbi* que na noite de... em casa do cidadão F... houve uma brilhante e numerosa reunião da gente mais grada da capital; que se demonstrou o estado miserável a que tem chegado esta bela província, digna de melhor sorte, sob a funesta influência dos atuais dominadores, e como era mister centralizar e dirigir a opinião que por toda parte se manifestava contra eles; e como enfim se criara uma comissão diretora, e ficara assentado que todos os maranhenses, sem distinção de partidos, e abafando os seus antigos ressentimentos, cuidassem seriamente de unir-se e conciliar-se para desmoronarem a influência ominosa que os aviltava e oprimia.

Passados alguns dias, acode o periódico contrário e assevera que uma ridícula farsa acabava de representar-se; que a reunião fora miserável, e apenas composta do refugio de todos os partidos; que não há nada mais estúpido do que a inculcada fusão, pois é bem comezinha a

verdade de que a existência dos diversos partidos é inerente à nossa forma de Governo, e indispensável para o jogo regular das instituições; que finalmente, a grande maioria ganhou muito com se ver livre dessa meia dúzia de desertores, hoje totalmente desconceituados, porque se foram lançar aos pés dos seus antigos e encarniçados inimigos.

É este o espetáculo que há três lustros a esta parte a província se tem habituado a contemplar; organiza-se um partido assim como quem incorpora uma companhia ou sociedade mercantil, e com muito mais facilidade, pois em vez de ser mister colher ações, semeiam-se circulares e periódicos. A mania a este respeito tem chegado a tal ponto que já um homem aliás distinto, e que não pouco avultara na cena provincial, se lembrou um dia de recomendar a organização de um partido em um simples artigo comunicado, em forma de receita, em que vinham prescritas a publicação de um jornal, o seu título (nome de pássaro), a epígrafe, o formato, e até o preço de dous vinténs por cada folhinha de quarto, rematando tudo com as luminosas doutrinas a pregar, e a formidável intriga a manejar com que dentro em pouco correria tudo às mil maravilhas!

E assim como se organizam, assim se dissolvem, ou por uma evaporação lenta, ou por uma estrondosa explosão, anunciada nos jornais. Os dignos membros licenciados, ou tomam logo serviço nas companhias sobreviventes, ou à feição dos antigos partos, e dos gaúchos modernos, vão refazer a debandada há alguns meses ou anos de distância, sob a mesma, ou nova bandeira de grito de guerra, segundo ditam as conveniências do momento.

Nas duas presidências que precederam a do Sr. Montalvão se deram muitas destas cisões, ligas, fusões, dissoluções eleitorais, bem que certas inimizades e agravos de natureza particular não deixassem de ter sua influência nesses diversos movimentos e mutações de cenas. Os *bacuraus*, poucos mas ilustrados, segundo eles próprios diziam, se destacaram dos *cangambás*, e fizeram causa comum com os *muruçocas*, com quem pouco antes tinham andado em guerra acesa, e os *jaburus*, que de há muito não davam sinais de vida, a ponto de ser matéria controversa se eles existiam ou não, fizeram por aqueles tempos ato de ressurreição, e arrebanharam partidistas, novos pela maior parte, ou conhecidos por haverem figurado sob diversos nomes e bandeiras, e que então asseveravam haver sido

sempre bons e fiéis jaburus, do verdadeiro e puro jaburu que circulava nas veias de S. Ex^{as} os senhores ministros de estado. Mas os *cangambás*, que pouco valiam antes da cisão – *bacurau*, é certo que quase nada com ela perderam, porque também dos *jaburus* e *muruçocas* se destacou alguma gente à formiga e em pequenos grupos, e vieram escorar o seu mal seguro edifício, atraídos pelas promessas costumadas de empregos, patentes e candidaturas, que são o apanágio dos partidos governistas, e fatigados ao mesmo tempo do mister pouco lucrativo de oposicionistas.

Estes diversos partidos tinham conseguido resolver problemas difíceis, como o de se acharem todos em espantosa minoria, e de se fazerem guerra violenta apregoando e aparentando os mesmos princípios, e o de sustentarem a administração central combatendo o seu delegado. Em algumas outras ocasiões porém se tem dado a anomalia oposta, qual a de sustentarem o presidente, combatendo o Governo que o mandou e sustenta.

Em geral os nossos partidos têm sido favoráveis ao Governo central, e só lhe declaram guerra, quando de todo perdem a esperança de obter o seu apoio, contra os partidos adversos que mais hábeis ou mais felizes souberam acareá-lo para si. Desta quase universal pretensão e dura necessidade de agradar ao Governo resultam às vezes as situações mais embaraçosas, complicadas, cômicas e risíveis. Os pobres chefes fazem os mais estupendos esforços, dão saltos mortais, equilibram-se nos ares, e inventam uma algaravia vaga e banal com que possam, conciliando o passado com o presente, mascarar a infâmia da sua apostasia, e a humilhação da sua subserviência.

Qual diz que todo o seu empenho é manter a ordem (ou a liberdade, por exemplo), e nada mais; qual se erige em campeão exclusivo de uma cousa vaga e indeterminada a que chama a *dignidade da província*; qual enfim declara que na província não há nem houve em tempo algum partidos políticos, reduzindo-se toda a contenda a ciúmes e ódios de família, que entre si pleiteiam a preponderância nos negócios; e termina por afiançar ao Ministério ou ao presidente que pode dispor dele e dos seus, como for mais do seu agrado, e melhor convier, a bem do público serviço.

Quando o Ex^{mo} Sr. Bernardo Bonifácio, importunado das recíprocas recriminações e dos indefectíveis protestos de adesão e apoio

destes ilustres chefes, os interrogava ou sondava apenas, respondiam eles cada um por seu turno: – A divisa dos *cangambás* é Imperador, Constituição e Ordem. – Os *muruçocas* só querem a Constituição com o Imperador, únicas garantias que temos de paz e estabilidade. Os *jaburus* são conhecidos pela sua longa e inabalável fidelidade aos princípios de ordem e monarquia: o Brasil não pode medrar senão abrigado à sombra protetora do trono. Vêm os *bacuraus* por derradeiro, e dizem: “Nós professamos em teoria os princípios populares; mas somos assaz ilustrados para conhecermos que o estado do Brasil não comporta ainda o ensaio de certas instituições. Aceitamos pois sem escrúpulo a atual ordem de cousas, como fato consumado, uma vez que o poder nos garanta o gozo de todas as regalias dos cidadãos. Estamos até dispostos a prestar-lhe a mais franca e leal cooperação.”

O que fica dito acerca dos partidos sirva para a sua introdução na cena eleitoral; para o diante acharemos ocasião de apreciá-los mais de espaço e assento. Cumpre agora esboçar algumas das figuras mais preeminentes e características que aparecem à testa deles.

Algumas, diz Timon, porque em verdade não cabe nas suas minguadas forças traçar e estender nesta grosseira tela quantos naquele tempo aspiravam à graduação e honras de chefes e diretores dos diversos grupos, pois sucedia com eles quase o mesmo que na Guarda Nacional, onde o número dos oficiais compete com o dos soldados, se lhe não é superior. Nestas delicadas circunstâncias o benigno leitor compreenderá otimamente que um dos privilégios e encargos do escritor é a necessidade e a liberdade de escolher no meio dessa infinda e variada raça de candidatos e pretendentes.

Eis aqui o doutor Afrânio, um dos chefes mais consideráveis do partido *cangambá*! talvez por uma simples precedência de idade, o distinguiu e escolheu seu pai para ir formar-se a Olinda, preteridos os irmãos mais moços, bem que todos mais favorecidos que ele pela natureza. Mas como o nosso futuro doutor nem por isso houvesse brilhado muito no estudo das disciplinas que se professam no liceu provincial; e corresse de plano que os exames dos preparatórios seriam aquele ano bem rigorosos na academia de Olinda; o bom do pai, depois de pôr a tratos a imaginação, fantasiou por fim uma aguda traça com que veio a conseguir livrar o esperançoso jovem da ignomínia de uma solene reprova-

ção. O engenhoso expediente não podia contudo ser mais simples, e consistiu em alongar-lhe um pouco a viagem, fazendo-o chegar até à Bahia, convidado pela fama de indulgência e caridade com que na academia de medicina daquela província se costumava proceder aos exames preparatórios. O jovem Afrânio partiu daqui em janeiro, sabendo muito pouco do francês, quase nada do latim, e ainda menos de lógica e retórica; e nada obstante, em cousa de dous meses adiantou-se ali de maneira que fez com plena aprovação os seus exames de inglês, geografia, história e geometria, e em tempo útil achou-se matriculado na imortal academia de ciências jurídicas e sociais, onde entre muitos mancebos de mérito, é certo, se têm formado tantos outros, verdadeiros doutores à mexicana.

O exemplo aberto por este habilidoso estudante não ficou perdido; de então para cá muitos e respeitáveis chefes de família, cheios de paternal solicitude, têm mandado os filhos a Olinda, com escala pela Bahia, sem que daí todavia lhes resulte maior despesa, pois o Governo da província, convencido da suma utilidade da rápida propagação das luzes, de que é grande protetor, concede generosamente o favor das passagens de estado a estes aproveitáveis estudantes, sempre que o seu colega do Pará tem a simplicidade de deixar vagas, em atenção aos numerosos pedidos oficiais e oficiosos que daqui lhe são dirigidos para esse fim.

Quanto ao pai do jovem Afrânio, mal soube do prodígio devido aos ares da antiga metrópole do Brasil, e à sua feliz lembrança, exuberou de júbilo, encheu-se de orgulho e desvanecimento, e ficou ainda mais confirmado na esperança de que o rapaz viria a ser a glória e amparo dos seus cansados anos.

Este da sua parte dedicou-se de todo o coração a resolver o seguinte problema: obter o diploma de bacharel com o menor estudo, e com a maior despesa possível. Se o tempo não entrou na sua conta, foi porque os enfadosos cinco anos do curso acadêmico estão consignados nos respectivos estatutos; que a não ser isso, teríamos certamente reproduzida a maravilha dos preparatórios. Mas ao menos fez ele quanto esteve em si para suavizar os sensabores deste tempo de provação e desterro, passando-o nos bailes e teatros, ou a cavalgar ginetes, e guiar carros, fiados a crédito, emprestados ou alugados, e realizando quase a magnífica

aspiração do bom La Fontaine que desejava passar a metade do tempo a dormir e a outra metade a fazer cousa nenhuma.

Mangeant son fond avec les revenus.

Com esta diferença porém que o nosso estudante não escrevia fábulas nas horas vagas, e devorava, não o próprio patrimônio, mas o da pobre família. As distrações referidas e outras mais, os passeios ao Recife, durante as pequenas férias, e à província natal, nas grandes; as sedas, as casimiras variegadas, os relógios com cadeias de ouro, os perfumes e ungüentos, e outros infintos adornos e ingredientes dispensáveis à compostura de sua importante pessoa, fundiram durante estes gloriosos cinco anos passante de doze contos de réis, e ainda aqui não compreendo o que por lá ficou em dívidas. Valeu, para de todo não arruinar o pai, que quanto a despesas ordinárias de moradia e comida, o rapaz as evitava, aboletando-se o mais do tempo em casa de colegas a quem nunca pagou a quota que lhe cabia nesse encargo; sem este louvável expediente, seria infalível a agravação do orçamento acadêmico. Não falo também dos livros, porque felizmente o doutor Afrânio não tinha a mania deles, e nunca com eles gastou dinheiro.

Passaram enfim aqueles prolixos cinco anos, ou melhor direi, cinco séculos, e o estudante que já de há muito acudia ao nome de doutor que graciosamente lhe liberalizavam amigos e parentes, viu-se realmente feito e formado bacharel em ciências jurídicas, sociais, econômicas, etc. O pudor da história não permite revelar algumas baixezas empregadas para alcançar este glorioso resultado. Tampouco direi eu que a carta do doutor continha uma nota que a fazia denominar em linguagem técnica – *carta suja*; e muito menos as horríveis tentações que lhe vieram de a falsificar, delindo essa nota fatal à sua glória. E a indulgência é aqui tanto mais cabida que os sapientíssimos lentes haviam prodigalizado cartas limpas a outros tais e quejandos, senão piores companheiros.

Imagine agora cada um os alvoroços com que a família esperava o doutor, o futuro deputado e presidente, o homem que pela importância dos empregos que havia de exercer, e pelo magnífico casamento que havia de infalivelmente fazer, era considerado como a sua segunda providência. Todos os sacrifícios iam ser compensados, os manos em

disponibilidade seriam aboletados nesta ou naquela repartição, as manas casariam todas vantajosamente... Pois bem! salta o nosso doutor, e salta com ele uma senhorita de nariz arrebitado, de cor suspeita, e de um porte e maneiras que denunciavam uma educação equívoca. Era a digna esposa com quem o nosso doutor se havia recebido pouco antes da formatura, cujas dificuldades, dizem, tinham sido singularmente aplainadas com este casamento.

Não tenho aqui por fim pintar um quadro de família; por isso direi apenas que grande foi o desapontamento do pai quando viu tão desagradavelmente desvanecido o seu brilhante projeto de casamento rico; e que ao cabo de alguns meses, as exigências dos credores que procuravam a satisfação dos suprimentos feitos em Olinda, agora mais que duplicados com os juros, os amargos dissabores da pobreza, e a índole desabrida e insuportável da petulante pernambucana, trouxeram desgostos e rixas domésticas a princípio, e logo depois tornaram indispensável uma separação. Eis aí em que deram as esperanças paternas, baseadas na formatura daquele filho predileto!

Pela primeira vez conheceu então o doutor Afrânio o que eram dificuldades financeiras, pois até aquele tempo vivera ele, rapaz solteiro, com larga tença ordenada pelo seu caroável progenitor, sem pensar sequer nos sacrifícios que era indispensável fazer para o pôr em termos de sustentar a dignidade da sua pessoa e do seu nome. Agora porém ao passo que se lhe aliviava a bolsa, sentia pesar os encargos da família, pois com a mulher lhe vieram os filhos. O doutor alugou um sobradinho, meia morada, e anunciou em diversos jornais que havia aberto o seu escritório de advogado, na rua tal, número tal, onde o encontrariam impreterivelmente das dez horas da manhã às três da tarde, nos dias úteis, todos os que quisessem honrá-lo com a sua confiança. Mas fosse conhecimento da sua incapacidade, ou capricho injusto da fortuna, poucos foram os que procuraram acolher-se à sombra protetora do seu patrocínio, e desses mesmos pouquíssimos os que pagaram o pouco trabalho que lhe deram a fazer.

Enfim, e quando tocada já à desesperação, pôde o doutor Afrânio conseguir um lugar de juiz municipal, à força de empenhos, e representando-se ao presidente, não o seu merecimento, mas as necessidades que estava passando, e a família que tinha às costas. Entretanto,

seiscentos a setecentos mil-réis que em ordenados e emolumentos lhe rendia o emprego, eram apenas o terço da sua renda ordinária de estudante, e mal poderia bastar para o verniz das suas botas. Como havia pois de satisfazer aos numerosos encargos de uma casa de família, aos seus gastos dispendiosos, e aos caprichos sem conta da sua cara-metade? Os empréstimos e as compras a crédito, é certo, adiam momentaneamente algumas dificuldades, mas essa veia seca por fim, e nem tudo se pode haver por semelhante meio. Um dia acudiu inopinadamente ao espírito atribulado do doutor a idéia de pôr a justiça em almoeda; mas honra lhe seja feita, esse negro pensamento foi para logo banido com horror, que ainda então a política não o tinha libertado de certos escrúpulos e princípios, ou bebidos com a primeira educação ou gravados em sua alma pelo dedo do Criador. Até aquele tempo o doutor Afrânio era apenas um moço dissipado, devorado de precisões e cheio de pretensões, inimigo do trabalho e do estudo, e nada mais; mas por isso mesmo lhe não podia convir o ofício de juiz, que requer tanto trabalho e recolhimento, e não dava para as suas despesas. Aferrou-se pois à política como à sua derradeira tábua de salvação.

Como se tem visto, era destituído de talento e sobremodo ignorante; mas posto que inimigo do trabalho recolhido e solitário que requeria o estudo da sua profissão, era dotado daquela atividade inquieta e vaga que constitui uma das primeiras qualidades dos que se dão ao mister da política. O doutor Afrânio possuía em grau eminente o dom de reproduzir-se, e como na prática do mundo, e leitura dos jornais tinha adquirido certo verniz exterior, e aprendido uma certa algaravia banal com que tanta gente adquire entre nós reputação; em pouco tempo estabeleceu extensas relações, correspondia-se com a província inteira, frequentava os clubes e círculos mais importantes, era infalível em palácio, conversava com todo o mundo, discutia horas inteiras questões de partido e política, falava e entretinha a todos, e era redator-em-chefe do — *Postilhão*, órgão principal dos *cangambás*, a cujo partido se havia ligado sem mais outra razão de preferência, que a necessidade de pronunciar-se por algum dos muitos em que se dividia a província, para poder fazer o seu caminho.

Solicitado e absorvido assim pelas suas ocupações de partidista, o pio leitor poderá imaginar como iriam à revelia os deveres de juiz. O

meritíssimo passava três meses cada ano na assembléia provincial de que era digno membro, e em licenças todo o tempo que lhe era possível obtê-las com vencimento. Se a isto juntarmos as muitas e repetidas partes de doente, que dava, ficará manifesto que a justiça era distribuída a maior parte do ano por juizes leigos e suplentes. Quando lhe era de todo forçoso entrar em exercício, falhava às audiências, ou comparecia nelas tarde e a más horas; comissionava o seu escrivão para inquirir testemunhas, retardava os feitos indefinidamente, e despachava-os afinal com precipitação e injustiça. Não se pode dizer que vendia as suas sentenças, mas transigia à conta das eleições, e como os seus escrivães eram muitas vezes os medianeiros e corretores das negociações, ou tinham pelo menos perfeito conhecimento delas, eis o nosso juiz posto também na dependência deles, e a administração da justiça reduzida a tal estado, que era mais que medíocre a confiança posta nela pelos litigantes, e pelo público em geral.

Quando era tempo de eleições, então pode-se dizer que todo o trabalho cessava, ou era uma simples e rápida formalidade; juiz, escrivães, beleguins, procuradores, punham-se em campo a passar chapas, e não havia despacho que se negasse, mediante a aceitação de uma lista.

Eis o doutor Afrânio, e a sua vida até à época a que temos chegado. Na ausência absoluta de todo e qualquer merecimento real que o tornasse digno do menor elogio, era não obstante considerado uma personagem importantíssima, e todos diziam, falando dele, amigos, e ainda adversários: — *Ninguém imagina o que aquilo é. — É sujeitinho capaz de tudo. — É um homem de mil diabos.*

E Timon, bem longe de contestar a opinião e conceito em que o público o tinha, declara aqui nuamente para edificação da posteridade, que o doutor Afrânio, homem sem talento, ignorante, madraço quanto às obrigações de um homem sério, vadio, dissipado, taralhão, tagarela insuportável, político sem convicções e dignidade, oberado de dívidas, devorado de ambição e necessidades, já corrompido pelo sistema das transações a que se arremessara, era nada menos um dos principais chefes de partido nesta heróica província, em cujos destinos exercia decidida preponderância, ora hostilizando, ora dominando absolutamente os seus dignos presidentes. Como se fazia semelhante milagre, Timon o ignora. Fronte a fronte com o doutor Afrânio, andava o doutor Bávio,

redator-em-chefe da *Trombeta* e luzeiro do partido *muruçoca*, que tão desabrida oposição fizera ao Sr. Anastácio Pedro.

Havia numerosos pontos de contato e semelhança no caráter, vida e feitos destes dous ilustres adversários; mas em alguns se distinguiram. À escolha de Bávio para doutor presidiu a mesma falta de critério que à de Afrânio, pois era sujeito de medíocre inteligência, de pouco felizes disposições naturais, e só à força de trabalho conseguia fazer alguma cousa. Bávio não fez o prodígio de estudar os preparatórios em um ou dous meses; ao contrário, ou porque se não aprontasse em tempo, ou porque desse faltas além do número legal, esteve em risco de perder um ano; valeram-lhe porém o Governo e a assembléia geral que, rivalizando de zelo, nesta, como em tantas outras ocasiões, mandaram contar-lhe o tempo que passara como ouvinte, e apressaram com esta providente resolução à época em que a pátria utilizaria os serviços de mais este sábio de pergaminho.

Tornado à sua província, e desenganado de obter um emprego por meios pacíficos e de simples solicitação, o doutor Bávio arremessou-se na carreira da política e do jornalismo, onde desenvolveu uma tal elasticidade de princípios e de consciência, uma impudência tão cheia de candura e segurança, e um tão prodigioso talento para o insulto e para a calúnia, que era o terror dos seus adversários, e objeto da admiração universal. Peregrinou por três ou quatro partidos, sustentando as doutrinas e os interesses mais opostos, sempre com a mesma galhardia, serenidade e falta de consciência. Ninguém sabia como ele adular e exagerar as paixões, sentimentos e linguagem da facção a que momentaneamente e por acaso se achava ligado; não havia excesso que não justificasse, crime provado que não negasse ou atenuasse, infâmia que não atribuísse aos seus contrários. Este miserável, que não tinha vida própria nem família, abusava horivelmente desta vantagem, ultrajando as alheias, e notando ponto por ponto, todos os erros e contradições inevitáveis em uma carreira longa e notável. O que mais desafiava a sua raiva aparente era o talento, a honra, o brio e a superioridade em qualquer gênero; e era para ver o admirável sangue-frio com que manejava a intimidação, o sarcasmo, o insulto ridículo e pungente, e os mais abomináveis aleives, contra os homens bem-nascidos e favorecidos do Céu, naturezas de ordinário suscetíveis, inquietas e febris, e cuja comoção nervosa é um deli-

cioso espetáculo para o miserável que a provoca, e para toda essa imensa turba de corrompidos que na difamação e quebra das reputações honestas e puras vêem uma compensação para o seu próprio descrédito.

Falei na raiva aparente do doutor Bávio; é porque ele empregava o louvor e o vitupério com a maior indiferença, e tão distante do ódio como do amor, reputando tudo como meros expedientes para chegar a seus fins. Os discursos que recitava, os artigos de jornais e cartas que escrevia aos amigos, as protestações de fé, que fazia, eram para ele mesmo objeto de espirituosa zombaria. São frases tabelioas (dizia), e simples estilo de formalidade.

Este homem tinha-se tornado verdadeiramente temível, por ser superior a toda e qualquer correção e exprobração. Dir-se-ia uma espécie de Mitrídates a quem o hábito de tomar, destilar e propinar o veneno preservava já de todo o pernicioso efeito dele. Se lhe davam de rosto com algum dos muitos opróbrios da sua vida, ria-se, e replicava com outro maior de sua invenção. Um homem grave e honesto, punhado um dia por um ultraje cruel, deu-lhe publicamente com um chicote; no dia seguinte o dr. Bávio, reproduzindo no seu jornal todos os insultos da véspera, adicionou-lhes com rara intrepidez o epíteto de cobarde! Para bem caracterizar a época, Timon deve acrescentar que nem esta audaz inversão de idéias e posições, nem a sanguinolenta afronta recebida e impunida, fizeram desmerecer o doutor na consideração de que gozava; ao contrário medrou em crédito e influência, ficou tido como um homem a toda prova, e não só dominava os seus admiradores e amigos, o que não era grande maravilha, senão que soube por vezes impor-se forçosamente ainda àqueles que o detestavam e desprezavam; porque, dizia, a tática e as conveniências do partido assim o exigem.

Chega agora a vez do doutor Bártolo. Que diferença entre este digno escritor público, e os dous que o precederam na nossa descrição! O jovem Bártolo estudou deveras, conseguiu formar-se sem fazer grandes despesas a seu pai, e sobretudo sem recorrer a baixezas e favores; pois o pouco ou muito que sabia, valia e representava, devia-o a si mesmo, isto é, à natureza e ao estudo. Devemos porém confessar que não era nenhum prodígio, posto que estivesse firmemente capacitado do contrário, e não se fizesse rogar para o dar a entender, ou dizê-lo claramente, a todo propósito e ocasião. O nosso doutor também havia já pe-

regrinado por diversos partidos, mas esta instabilidade não era nele resultado de especulação ou de ausência absoluta de crenças, senão de uma certa flutuação de idéias e princípios que não dependiam de sua vontade. Por outra, ele mesmo ignorava ao certo o que queria, e tudo, nas suas palavras e procedimento, era vago quanto aos fins a que atirava.

Não obstante, o doutor Bártolo se havia constituído o após-tolo exclusivo da moralidade pública, e bradava de contínuo contra a corrupção dos contemporâneos e a má fé dos seus colegas, sustentando que só ele compreendia e exercia dignamente o sacerdócio da imprensa, essa poderosa alavanca da civilização, esse órgão legítimo dos verdadeiros interesses do país, essa rainha do universo, enfim, como ele lhe chamava na linguagem pomposa de seus artigos de fundo. E a cada um dos tais artigos que publicava, ei-lo na rua a observar e a gozar do seu triunfo, isto é, da sensação extraordinária que deviam necessariamente produzir na opinião. Nem sempre o doutor se contentava de escrever e publicar pela imprensa os seus escritos; muitas vezes os lia pessoalmente aos seus admiradores. Um dia surpreendeu-me ele descuidado, e fulminou-me à queima-roupa sem dó nem piedade com a leitura de um artigo que publicara havia oito anos, e tinha pela obra-prima da sua eloquência, no qual desenvolvia o único sistema capaz de salvar-nos do abismo.

O doutor Bártolo travava discussões quotidianas com os seus colegas, não só acerca dos homens, interesses e questões da quadra ou *atualidade*, mas também sobre a origem e organização das sociedades, a bem da ordem em perigo, ou em defesa da liberdade ameaçada. Era para ver então o como ele se escandecia e lançava em rosto aos adversários o modo vergonhoso por que prostituíam o jornalismo, a miséria e estupidez dos argumentos a que recorriam, e sobretudo a escandalosa má-fé com que sempre guardavam as suas respostas para as vésperas da saída de vapor, a fim que este não levasse logo o contraveneno. O doutor Bávio, que lhe conhecia a balda, inventava às vezes uma anedota, ou atirava-lhe um remoque; e eis o nosso Bártolo, que, sem dar pela intenção maliciosa do contrário, ia a essas nuvens, escrevia uma longa defesa da sua vida e feitos, e invocava o testemunho do campo e da cidade, acerca da sua virtude, desinteresse, independência, amor à justiça, firmeza de caráter e invariabilidade de princípios.

Tínhamos assim algumas vezes, a par da imprensa partidária, interesseira, malévola e detratora por cálculo, a imprensa cândida e ingênua, e ninguém pode calcular a consumação enorme e inútil de papel e tinta que fazia só esta espécie particular.

O coronel Santiago era um ricoço, senhor de mais de trezentos escravos aFazendados e de alguns prédios na capital, além de um par de contos de réis que trazia a juros de dous e três por cento ao mês e com boas hipotecas. Este nosso estimável compatriota tinha conseguido empregar três filhos, que tinha, como amanuenses e guardas da alfândega, e cobiçava para si mesmo um lugar de feitor ou de tesoureiro que o ajudasse a viver na cidade, onde as despesas, dizia ele, eram excessivas e insuportáveis.

A estas pretensões unia às vezes o pensamento vago de fazer-se eleger deputado ou ainda Senador, e alegava consigo mesmo que para obter esses elevados cargos tinha os dotes mais essenciais, como era ser homem abastado, interessado na sustentação da ordem, e monarquista sincero e de coração. Mas esses vãos temerários da sua imaginação, o sr. coronel para logo os reprimia, parecendo-lhe que o que lhe pedia o coração eram sonhos impossíveis de realizar-se. A experiência porém fará ver que S. S^a era sobradamente modesto.

O pobre do pretendente vivia entretanto a cortejar o seu partido, e não saía de palácio, sendo força confessar que os nossos dignos presidentes o recebiam com muita deferência, sem dúvida dominados pela importância da sua elevada posição social, quero dizer, pela sua riqueza, que, como se sabe, é um grande elemento de ordem, e dá aos que a possuem o caráter, o nome e todas as virtudes de *homem de bem*.

Ninguém ignora que quando foi despachado a governar aquela famosa ilha, escreveu Sancho a sua mulher: “Partirei em poucos dias, e saberás que vou com grandíssimo desejo de ajuntar dinheiro, pois a mim me dizem que todos estes governadores novos fazem o mesmo.” Outro tanto não ousa Timon asseverar dos nossos governadores, mas em geral um presidente dobra o joelho ao bezerro de ouro onde quer que o encontra; a riqueza os ofusca, e se não é para eles o único, é seguramente o primeiro merecimento. *Virtus post nummos*.

O comendador Saraiva era outro ricoço, mais limitado, e menos sólido que o seu amigo coronel, a quem até se dizia que era devedor de

não pequena quantia a prêmio. Como porém costumava dar bailes e jantares, e possuía um elegante carro que sabia oferecer com graça, os presidentes lá iam ter, e com ser o senhor comendador um grande sandeu, não deixava por isso de ser também o melhor empenho para S. Ex^{as}.

O coronel Pantaleão, obeso e grave, personagem no gênero do senhor Itobad do *Zadig* de Voltaire, vivia, como ele, enfatuado do seu grande mérito, sem poder atinar como é que a um mortal tão favorecido do Céu em dotes pessoais e da fortuna, tudo, não obstante, saía ao revés do que empreendia e desejava.

S. S^a havia afinal desgarrado para a oposição, mas durante muito tempo caprichara em fazer de imparcial, e à conta desse grande merecimento, exigia da província e dos partidos votações espontâneas e conscienciosas, em toda e qualquer eleição que se oferecia. Os jornais motejavam lá desta nobre imparcialidade, e no meio dos motejos, e na sucessão dos reveses, cada vez se desvanecia mais o prestígio deste grande nome provincial.

O Sr. Quintiliano do Vale era um rapaz de vinte e cinco anos, dotado de grande atividade e robustez, ousado de ação e de palavra, próprio em suma para figurar em um golpe de mão eleitoral, à frente de um grupo de conquistadores de urnas. Já havia em duas eleições prestado os seus serviços a dous partidos opostos sem que nenhum os galardoasse, pois foi a empenhos particulares de D. Semíramis da Encarnação que obtivera depois disso um lugar de guarda da alfândega. Para tirar o título e fazer o fardamento do emprego, tomou dinheiro emprestado, que nunca mais pagou; e julgando-se arranjado, casou-se com uma rapariga pobre, fundindo nos cortinados da cama, jacarandás e mais mobília, o valor de dous únicos escravos que tinha e vendeu, servindo-se daí por diante com uma negra alugada. Dentro de um ano achou-se com um filho, e começou a arrepender-se da *asneira* que tinha feito, como ele próprio dizia, até à sua cara-metade. Esta pela sua parte não andava muito satisfeita, pois nem o casamento lhe pareceu cousa tão apetecível como imaginara em seus sonhos de rapariga, nem as privações que já estava sofrendo, e a perseguição dos caixeiros que debalde lhe batiam à porta para cobrar as contas, eram muito próprias para fazê-la saborear o novo estado.

O ordenado do Sr. Quintiliano era mesquinho, dous ou três contrabandos que passou, deram pouco, o jogo que tentou, quase nada, pois reparando os parceiros que ele arrecadava os ganhos, e não pagava as perdas, o evitavam cuidadosamente. Entretanto era indispensável solenizar o batizado do pequeno com a decência que exigia o caráter da família a que pertenciam; e não houve remédio senão vender o emprego, vencendo nesta ocasião os conselhos da mulher, que além daquela urgente necessidade a satisfazer, julgava não ficar-lhe muito bem ter um marido guarda da alfândega. Esta negociação produziu duzentos mil-réis, para logo barateados em toalhas de renda, e no baile do batizado. Disse-se então pela boca pequena que não era este o primeiro emprego que o Sr. Quintiliano reduzia a dinheiro. Sem deter-me a averiguar este ponto, direi somente que cessando a pouca renda que tinham, os dous esposos viram-se deveras salteados pela miséria; a mulher nunca mais apareceu em público, e o marido saía, sim, à rua, mas com uns sapatos esburacados e um paletó de cor problemática. O bom moço queixava-se amargamente das injustiças da sorte, que todas atribuía a ser filho do Maranhão, porque se fosse baiano ou *marinheiro*, dizia ele, era impossível que já não estivesse arranjado. Como porém lhe promettessem um lugar da câmara municipal no açougue, logo que se realizasse o próximo triunfo eleitoral, o Sr. Quintiliano se havia pronunciado de novo, e era de fato um dos mais exaltados e insolentes *cangambás* daquele tempo.

Esta heróica cidade de São Luís conhecia, admirava e sustinha mais em seus quadris as seguintes personagens:

O dr. Mévio, ajudante-de-campo ou de gazeta do dr. Bávio.

O dr. Azambuja, juiz municipal do sertão do Quebra-Bunda, que estava pronto a fazer toda a qualidade de transações, contanto que o removessem para a capital.

O conselheiro Artur, uma perfeita nulidade, lembrado, não obstante, e efetivamente aproveitado para todos os empregos provinciais, nos quais nada fazia que luzisse e aparecesse.

O tenente-coronel Fagundes, o capitão Ricardo Garcia, e o tenente Cadaval, cujo préstimo e aptidão já ficaram além esboçados, e eram certamente dignos de um pincel mais hábil.

Timon termina aqui esta pequena galeria, não simplesmente de contemporâneos, senão de personagens verdadeiramente históricas, e

já do domínio do passado; e lisonjeia-se de que do estudo destes tipos ou modelos possam os presentes e os vindouros tirar lições proveitosas para as suas relações políticas e para a prática dos negócios em geral.

Era com tais partidos, e com tais chefes que tinha de haver-se o Ex^{mo} Sr. Bernardo Bonifácio. O Governo não lhe havia positivamente recomendado que patrocinasse de preferência a nenhum deles, antes o ministro do Império lhe dera claramente a entender que uma vez que a ordem não fosse perturbada, dirigisse as cousas como bem lhe parecesse, e melhor conviesse aos seus interesses. Assim que o Sr. Bernardo Bonifácio, depois de maduramente refletir e pesar o pró e o contra, tomou a sábia e cômoda resolução de permanecer imparcial no meio de um povo de tão boa avença; e essa resolução manifestou-a ele por meio de circulares redigidas de um modo tão hábil, que para o diante, se as circunstâncias mudassem, de nenhum modo lhe pudessem servir de embaraço.

Essas circulares prometiam execução severa da lei, distribuição imparcial da justiça, e firmeza da primeira autoridade no centro dos partidos. Mas além dessa vaga e trivial fraseologia, S. Ex^a já em ofícios, já em conversações, mostrou particular empenho na extinção dos quilombos que infestavam certas paragens da província, e pelo seu incremento verdadeiramente espantoso, traziam assustados os pobres lavradores, porquanto, dizia ele, nada lhe roubava tanto os cuidados como a agricultura que estimara ver erguida do profundo abatimento em que jazia. E nesse generoso intento, e para não limitar os seus benefícios a uma proteção meramente passiva, lembrava S. Ex^a a urgente necessidade de aproveitar os férteis areais do vasto município da Tutóia, com a cultura do *palma christi*, arbusto utilíssimo, que estava sendo um fecundo manancial de riquezas para os estrangeiros, que de tudo sabem tirar partido, e medravam a olhos vistos com os nossos descuidos e ignorância. Que era lástima que nós muito mais favorecidos em terras arenosas, nos deixássemos vencer em indústria e atividade, consentindo que à nossa vista, e dentro dos muros da nossa própria capital, definhassem à pura míngua de grãos e outras substâncias apropriadas, duas magníficas fábricas de extrair óleos, montadas aliás sob tão belos auspícios. Que na Europa já ninguém queria ouvir falar em gás, que este agente de iluminação estava a pique de ser destronado em todas as ruas e salões das principais cidades

pelo óleo de *palma christi*, cuja luz clara e radiante ofuscava e cegava; que os holandeses estavam tirando milhões do que lhes vinha das suas possessões asiáticas, sendo os javaneses principalmente consumados na sua fabricação e apuração.

Por cerca de dous meses, era este o tema obrigado das palestras do presidente; e por mais que os partidários lhe falassem em reparações, organizações, eleições, voto livre, sustentação da ordem, apoio ao Governo, S. Ex^a, declinando tudo, aí vinha impreterivelmente com o perigo iminente dos quilombos, e com seu inapreciável óleo de *palma christi*. Dentre os que pelas necessidades da sua posição eram obrigados a procurar e ouvir S. Ex^a, uns imputavam as suas pregações a tática e ardil, outros a uma simples mania, e quais enfim a um sincero desejo de melhorar a decadente lavoura da província: todos convinhavam porém em que a cousa já cheirava a uma verdadeira maçada.

A oposição que mal se podia sustentar, atropelada pelas administrações anteriores, não encarou a principio com maus olhos os projetos do presidente, pois quando menos lograva com eles uma espécie de tréguas, em que podia respirar, mas como nem por isso a sua situação melhorasse, mantidas as cousas no *status quo*, e adiadas sempre as reparações em que ela fazia todo o fundamento, e pelas quais tanto se instalava, já começava por fim a murmurar do óleo, e sobretudo contra os quilombos, pois que a pretexto de destruí-los, via que eram quotidianamente reforçados vários destacamentos, postos, como dantes, à disposição dos agentes policiais, seus adversários. O dia da eleição se aproximava...

Os *cangambás*, pelo contrário, já descontentes com a impolítica e inesperada demissão do sr. Anastácio Pedro, e acostumados à nobre franqueza deste exímio administrador, não podiam tolerar que o Governo perdesse o tempo com o que eles chamavam frioleiras, e chegavam mesmo a suspeitar que esses pretendidos projetos de melhoramentos materiais encobriam algum plano funesto, urdido contra a sua legitima influência e predomínio. Por algumas revelações fidedignas que muito depois me foram feitas, fui informado de que um rompimento formal estivera iminente, e se não chegou a estalar, foi isso devido à prudência do Dr. Afrânio, e às meias-palavras do tenente-coronel Fagundes, o valido e amigo particular de S. Ex^a, os quais, cada um pela sua parte, e sob tons diversos, fizeram ver que convinha, e era de rigorosa necessidade ter pa-

ciência e esperar; que um rompimento tão infundado e prematuro iria dar gosto aos contrários; que nem por isso havia razão de queixa, pois se o presidente não havia protegido o partido por atos diretos e positivos, o deixava contudo nas posições vantajosas em que o encontrara; que isso mesmo já era uma grande desvantagem para os *muruçocas*, que tamanhas esperanças haviam concebido com a mudança de presidente, e nada todavia tinham ainda alcançado; que se deixassem estar quietos por algum tempo, e não se haviam de dar mal, pois os mesmos *muruçocas*, cansados de esperar em vão, não tardariam muito a *espocar*, e nesse caso não teria o Governo remédio senão apoiar-se decididamente no grande partido *cangambá*. E o sr. Fagundes acrescentava a meia-voz, e com ar de mistério – que o presidente tinha razão em contemporizar, que a primeira autoridade da província não se havia logo decidir sem estudar o terreno, e amaciar as cousas, mormente quando a demissão do Anastácio em parte se atribuía a se haver ele tornado um partidário tão acérrimo; mas que ele Fagundes lhes assegurava que o presidente bem conhecia de que lado estava a maioria, e nunca certamente iria contra ela.

Estas considerações pesaram grandemente nos conselhos *cangambás*, porque, em derradeira análise, este grande e invencível partido bem conhecia que nada mais teria a esperar se o apoio do Governo lhe fosse tirado e transferido aos seus contrários.

Assim, em vez do desgosto que resultara das primeiras impressões, os seus jornais e chefes entraram a afetar satisfação e segurança, abundando todos na linguagem do presidente, que até comprometiam, exagerando, e dando já a lavoura por bem e devidamente salva e próspera. Escreveram-se e dedicaram-se a S. Ex^a várias dissertações e memórias sobre o *palma christi* em particular, e as substâncias oleaginosas em geral; e tendo vagado um lugar de tesoureiro por aqueles tempos, o coronel Santiago pôs-se em movimento, e deu ares e mostras de querer transferir uma de suas Fazendas de Guimarães para a Tutóia, porque a cultura da mandioca e da cana o tinham quase reduzido à última miséria, segundo dizia. O entusiasmo por fim subiu a tal ponto, que já se não falava e escrevia de outra cousa, senão do *palma christi*, do seu óleo maravilhoso, das riquezas, que a província devia colher da exploração desta mina, e da necessidade de nos darmos mais à indústria do que à política, objeto até então exclusivo das nossas mal dirigidas atenções e estéreis discussões.

Deste modo conseguiu o Sr. Bernardo Bonifácio atravessar incólume os primeiros meses da sua gloriosa administração, entretido o público dos partidos com esta pelo menos inocente diversão, e S. Ex^a, com os bailes e jantares que os notáveis das facções adversas, bem como os neutros e imparciais, lhe ofereciam alternadamente e à porfia. Infelizmente esta lua-de-mel não podia aturar por toda a eternidade, e o nosso doge provincial bem depressa e a sua própria custa teve de conhecer que não há desposórios que não andem sujeitos a camarços e dissabores de todo o gênero.

.

IV

ÚLTIMA MÃO DE RECRUTAMENTO – CANDURA DE PRESIDENTE –
ROMPIMENTO – POLÊMICA – OS PEQUENOS JORNAIS – UMA VOZ
DO OUTRO MUNDO, OU A CANDIDATURA DO SR. ANASTÁCIO PE-
DRO.

D

EU-SE por último o fatal rompimento, e as causas imedia-
tas que o determinaram foram as seguintes. A corte expedira ordens
apertadas para o recrutamento, e os *cangambás*, que haviam conservado
todos os cargos de polícia, se deram pressa em aproveitar o pouco tem-
po que restava antes da sua suspensão eleitoral, passando a mão nos
poucos patulêias que restavam aos diversos grupos contrários de *bacuraus*,
muruçocas e *jaburus*. Aconteceu, como sempre, que ao passo que eram re-
crutados alguns homens laboriosos e honestos, e mesmo alguns chefes
de família, a quem se não dava quartel, pelo só fato de pertencerem a
partidos adversos, eram poupados quantos vadios, réus de polícia e mal-
feitores se abrigavam sob a bandeira dos recrutadores. Eram poupados,
bem entendido, momentaneamente, e porque as eleições batiam à porta;
passada a crise e a necessidade do cacete auxiliador, outro acordo se to-
maria.

Os recrutados eram imediatamente seqüestrados e aferrolhados nos calabouços militares e porões dos navios de guerra, postos in-comunicáveis, e sob a ameaça da chibata; e os seus amigos e famílias só vinham no conhecimento do sucesso ao cabo de alguns dias, por darem falta deles, e pela publicidade, rumor e aparato com que a medida se executava em grande.

As diversas oposições se agitaram em presença deste extraordinário movimento, e os respectivos chefes se dirigiram a palácio, munidos de documentos, não só a representar contra o modo acerbo e aterrador por que o recrutamento se fazia, como a reclamar a soltura dos indivíduos isentos do serviço, em virtude de profissões, estado civil, moléstia, ou idade avançada. S. Ex^a respondia com o sorriso nos lábios e com uma afabilidade encantadora que sentiria muito se as violências argüidas fossem verdadeiras, que ia incontinenti proceder às necessárias averiguações, que os delinquentes seriam punidos, que em todo caso ficassem certos que as suas ordens não eram aquelas, e neste ponto lhes mostrou a circular expedida, onde positivamente recomendava a maior moderação nos meios, e o maior escrúpulo na escolha e apreensão dos recrutas. E acrescentou que quanto aos indivíduos isentos, mais que ninguém sentia ele não lhes poder valer, pois haviam já assentado praça, visto que nos três dias que a lei lhes facultava para justificarem os seus motivos de isenção, nada absolutamente haviam reclamado, e que já agora só lhes restava recorrerem ao Governo imperial, por intermédio dos seus respectivos comandantes.

O leitor judicioso poderá fazer idéia de como ficariam os ilustres chefes oposicionistas com esta cândida apologia presidencial; saíram de palácio ardendo em furor, e bem resolutos a começar a guerra, visto que da paz já nada se prometiam. Não que eles fizessem o menor caso dos pobres-diabos colhidos nas redes do recrutamento, os quais sacrificariam sem hesitação, e de muito bom grado, se nisso lhes fosse qualquer vantagem; mas porque no mesmo recrutamento, no mau sucesso da reclamação, na conservação e insolência dos recrutadores, viam provas irrefragáveis da parcialidade da presidência. Em vão S. Ex^a, que não queria tão cedo ver-se privado dos cômodos da sua posição anterior, despachou-lhes o prestimoso Fagundes; debalde andou este de casa em casa representando os inconvenientes de um rompimento inqualificável

com um presidente que os não hostilizava, e estava firmemente resoluto a fazer respeitar os direitos da oposição nas próximas eleições. Pois não viam que o Sr. Bernardo Bonifácio não tinha continuado a dura perseguição dos seus antecessores? Qual era o ato direto e pessoal de S. Ex^a de que se podiam queixar? Queriam porventura que contra as instruções do Governo, contra os conselhos da prudência mais vulgar, tivesse ele procedido de chofre a uma inversão geral, desfazendo tudo quanto haviam praticado as três administrações anteriores? Esperassem mais algum tempo, e talvez muito breve se convencessem das boas intenções de que se achava animado o Ex^{mo} Sr. Mascarenhas.

Todos estes argumentos desfecharam em vão, por que além da longa exasperação de partidos há tanto tempo oprimidos, que em vez das reparações que reclamavam, só viam novas perseguições, aconteceu que por aquele tempo chegasse da corte a nomeação do Dr. Afrânio para o lugar de secretário da presidência. Não houve quem não atribuisse o despacho a recomendação secreta de S. Ex^a, principalmente o Dr. Bartolo, que havia por meios indiretos solicitado o cargo para si; e que naquela ocasião, já identificado com a oposição, clamou que se o tivessem ouvido a ele, a guerra ter-se-ia declarado logo desde o momento em que S. Ex^a entrou a tergiversar, recusando demitir os agentes policiais da facção que oprimia a província.

O que porém acabou com todas as hesitações foi o rumor vago que então se derramou de que S. Ex^a se bandeara, em virtude de recomendações positivas do Ministério a quem a deputação *cangambá*, numa perigosa crise parlamentar, impusera essa condição como preço dos seus votos, que o fracionamento da maioria tornara decisivos.

A *Trombeta* publicou então o seguinte eloqüentíssimo artigo:

“Faltaríamos ao mais sagrado dos nossos deveres, trairíamos os interesses da província que nos viu nascer, e a confiança que em nós deposita o grande partido *muruçoca*, se hoje não erguêssemos nossa débil voz para declarar alto e bom som que a província não melhorou com a mudança de pessoa, e continua debaixo do mesmo sistema de opressão das presidências transatas. Sim, impossível, e mesmo criminoso, fora dissimular por mais tempo; o Ex^{mo} Sr. Montalvão de Mascarenhas entregou-se nos braços da facção imoral que perdeu os seus antecessores! O violento e feroz recrutamento que assola a província inteira; a nomeação

dos chefes da facção para os cargos mais importantes; o desprezo com que S. Ex^a, surdo aos clamores da opinião pública, trata as mais bem-fundadas queixas contra a sua política de assassinos e salteadores, tudo prova que os calamitosos tempos dos Anastácios e Simões vão recommençar, tudo prova que a grande maioria da província vai mais uma vez ser exposta às vinganças, protéria, e malvadez dessa facçãozinha ridícula, dessa minoria imperceptível, por quem S. Ex^a se tem deixado calvalgar!

“Mas não se engane o Sr. Bernardo Bonifácio com a longanimidade do partido da ordem; ele sabe aliviar os seus deveres com os seus direitos, ele saberá ocupar o seu posto de honra, e se S. Ex^a não arrepiar carreira, aceitará com dignidade a luva que tão loucamente se lhe atira.

“É desgraça sem igual que os delegados, nesta província, do Governo imperial, desconheçam de um modo tão miserável as verdadeiras influências dela, para entronizarem por meio de violências e transações vergonhosas, um pugilo de garimpeiros que sem o apoio do Governo nunca valeriam cousa alguma.”

O *Pregoeiro* abundou no mesmo sentido, e concluiu do seguinte modo:

“É muito, senhores da governança, é muito abusar da dignidade do partido *bacurau*! A paciência do povo tem limites, e ai daqueles que desconhecem este asserto de eterna verdade! Há um quarto de século que o povo foi chamado a tomar parte no banquete social, e desde então até esta funesta atualidade, que os seus direitos são sofismados, sua nacionalidade ofendida, sua dignidade calcada aos pés. Oh! Cumpre pôr um paradeiro a tais desmandos! Tremei do dia da vingança! Quando soar a hora fatal no relógio dos séculos, este povo tão dócil, tão pacífico, tão sofedor, erguer-se-há como um só homem, e arrojará à cabeça de seus vis opressores, feitos em mil pedaços, os ferros ignominiosos com que ainda hoje se vê manietado!”

O Dr. Bártolo escreveu dous artigos, modelo de argumentação e eloquência jurídica, nos quais, com as instruções de 10 de julho nas mãos, e mais leis e avisos a respeito, provava as numerosas ilegalidades praticadas com a prisão e recrutamento de tais e tais indivíduos.

O *Postilhão* respondeu a todos pelo seguinte modo:

“Verificaram-se enfim nossas previsões! A facção dos insaciáveis, acompanhada dos seus inseparáveis rabos-leva, acaba de romper com o Ex^{mo} Presidente da província, pelo modo mais insolente e inqualificável. Os pretextos para a celeuma, que levantaram, fundam-se no recrutamento a que se está procedendo, e na acertada nomeação do nosso distinto amigo e correligionário, o Sr. Dr. Afrânio, para o cargo de secretário da presidência.

“Não é de hoje que lamentamos o tributo de sangue que nossa população é obrigada a pagar, e o modo como se faz sua percepção, sem dúvida pouco consentâneo às luzes do século; porém que fazer em face das emergências extraordinárias da atualidade? Não é por sem dúvida quando nos está iminente uma guerra estrangeira; não é quando a fera da anarquia, solapando as bases da sociedade, ameaça talar nossos campos, que se há de preterir interesses tão vitais para cuidar-se na confecção de um código regulador do recrutamento, que aliás muito e muito desejáramos ver plantado no meio de nossas instituições. A ninguém mais compungem do que a nós os rigores de tão pesado tributo; mas os senhores *muruçocas* e companhia que na atualidade tanto gritam contra ele, por que o não regularam de um modo mais convinável no fatal quadriênio de seu ominoso domínio? Ah! é porque então estavam ocupados em chupar as tetas das vaquinhas gordas, e nem um momento podiam dispensar em favor do pobre povo, sempre vítima da sua prepotência, quando no poder, e de suas instigações anárquicas, quando na oposição! Quem vos não conhecer, que vos compre, senhores liberais de encomenda!

“Quanto ao procedimento de S. Ex^a neste negócio, podemos asseverar que tem sido o mais franco e justiceiro, honra lhe seja feita. Ele há recomendado o maior escrúpulo no recrutamento, mas sempre que acontece ser preso por engano algum indivíduo isento pelas leis vigentes, é pronto em dar ordem de soltura, uma vez que o recrutado no prazo legal apresente documentos, ou pessoas amigas da ordem que comprovem suas isenções.

“Mas os pobres recrutados que uma dura necessidade social obriga ao serviço não passam de meros pretextos para os nossos fidalgos oposicionistas; a verdadeira espinha que trazem atravessada na garganta é a nomeação do nosso amigo o Dr. Afrânio, que a província inteira

adora; e de quem esses indignos não desconhecem suas belas qualidades, seu caráter sisudo, sua honradez e valiosos serviços. Infelizmente o Sr. Afrânio não sabe pactuar com a imoralidade; e eis o motivo da descomunal ojeriza que lhe votam os nossos garimpeiros políticos, tão fáceis em atassalhar tudo o que é honra e merecimento, todos os que não comungam suas idéias.

“O Ex^{ma} presidente da província há sido alvo de iguais sarcasmos e doestos, porém nimamente honrado e prestigioso, escorado em uma ilustração adquirida por meios legítimos, e revestido de um caráter sério e respeitável, está ele acima de tais imputações, e em posição de votar ao merecido desprezo os venenosos latidos desses imundos e ridículos pigmeus.

“Conheça S. Ex^a que razão tínhamos para o prevenir contra o canto da sereia e as adulações dos vis foliculários que hoje o detratam; de há muito conhecemos os partos de estratégia a que estão habituados, e como de repente passam da mais fedorenta bajulação para as mais porcas arrieiradas. Entretanto o digno administrador deve felicitar-se por um tal resultado, que lhe redobra a estima dos homens de bem, e cada vez mais desconhece a infame roda diretora da pandilha.

“Outro ofício, meus senhores; as bichas já não pegam; vossos meios já são muito conhecidos. Melhor fora que cônscios da vossa nulidade, e da abjeção em que tendes caído, vos remetêsseis ao olvido, para de algum modo fazer esquecer vossos feitos. Talvez então a província, ilustrada e generosa como é, vos perdoasse os tresloucados planos que por tantas vezes tendes debalde forjado contra sua prosperidade, e vos entregasse ao desprezo, de que unicamente sois dignos.

O respeitável público que admirou o estro abundante, o estilo colorido, e o apropriado dos termos e figuras que brilhavam neste artigo, nenhum sinal de estranheza manifestou quando soube que era da lavra do insigne Dr. Afrânio que a si próprio se barateava tantos elogios; e em verdade nada tinha que estranhar, pois sabida cousa é como nesta boa terra se segue tanto à risca a famosa máxima: *Cada um por si, e Deus por todos*. Quem aqui se empenha na política, e aspira a qualquer cargo, ou às honras populares, já sabe como tem de haver-se, e que há de fazer de procurador *in rem propriam*; pede, solicita, oferece-se, defende-se, barateia-se elogios, tudo por si, e para si. Se encruzar os braços, à espera

que os amigos saíam e punam por ele, ou que o país, grato aos seus serviços, ou subjugado pelos seus talentos, o galardoe espontaneamente, não direi que ficará sempre fraudado em suas esperanças, mas receio que pouco se adiante na carreira.

Seja como for, o ataque da *Trombeta* e do *Pregoeiro*, e a defesa do *Postilhão*, assinalaram uma nova situação, e forçaram o Sr. Bernardo Bonifácio, muito contra seu gosto, a sair da posição dúbia e cômoda em que até então pudera conservar-se. Daí por diante, e à proporção que crescia o ardor dos partidos em luta, notou-se que ele falava menos em quilombos e *palma christi*, até que já por fim não proferia mais palavra a tal respeito, se bem que os seus injustos adversários, com repetidos e pungentes epigramas, se esforçavam quanto podiam para avisar-lhe a lembrança de tão gloriosos projetos. Até os seus escrúpulos de legalismo e imparcialidade foram gradualmente perdendo aquela primitiva e indomável rigidez, com que S. Ex^a tapava a boca aos mais exigentes; os *cangambás* já se iam obtendo hoje uma, amanhã outra medida, sem haverem mister usar de ambages e circunlóquios, como nos primeiros dias de hóspede; falava-se crua e nuamente em nome, e nos interesses do partido, e era às vezes o próprio Sr. Mascarenhas quem lembrava esta demissão, e aquela nomeação, como meio de alentar a sua gente, e de refrear os desmandos da oposição. Quem o acreditara? nos últimos tempos, o palácio da presidência tomou as aparências de um clube tumultuoso, a concorrência quotidiana era extraordinária, não havia chefe ou influente que se não julgasse com direito a invadir a secretaria e ditar ordens aos respectivos oficiais, e tal havia que ali mesmo, à vista de todos, minutava ordens, portarias, instruções, demissões, nomeações, e as levava a S. Ex^a que assinava sem replicar.

É fácil imaginar como a pobre patuléia antigovernista seria dizimada, quintada, ou antes recrutada em massa. As demissões, é certo, não se deram em massa, por já não ser possível, pois as sucessivas depurações a que haviam procedido o Sr. Anastácio Pedro e seus dignos antecessores, rarefazendo as fileiras contrárias, tinham singularmente suavizado a tarefa do Ex^{mo} Mascarenhas nesta parte; mas, honra lhe seja feita, houve-se com tal decisão e firmeza na última revista do pessoal amovível, que um só adversário lhe não escapou, e já por fim o furor de demitir não poupava os próprios partidistas acusados

ou simplesmente suspeitos de frouxidão e tibieza. As declarações de incompatibilidade faziam o seu ofício com a costumada elasticidade, e como as exigências variavam segundo as localidades, sobre o mesmo e idêntico assunto ia uma decisão para Sangra-Macacos, e outra diversa para Quebra-Bunda, havendo todavia o cuidado de enredar as questões, e envernizar a linguagem de modo tal, que as aparências ficassem salvas quanto fosse possível.

S. Ex^a, como já observamos, não replicava coisa alguma, nem o Dr. Afrânio e consócios lho consentiriam; mas impossível era tolher que cismasse no seu foro interior, e no silêncio da resignação volvesse olhares saudosos e tristes para os tempos felizes em que ao seu descanso e independência, se juntava a adulação universal. Os bailes e jantares haviam cessado; o espantoso expediente diário, as marchas e contramarchas dos destacamentos, a recepção e expedição dos correios civis e militares lhe absorviam todos os momentos, e o traziam de contínuo aflito e extenuado, sobre agravarem os seus antigos e habituais achaques. De um lado, a oposição em furor; do outro a turba governista exigente, esfaimada, insaciável, implacável, incessante: era um verdadeiro beco sem saída. A menor hesitação poderia perdê-lo, porque no ponto em que as cousas tinham chegado, a oposição, acesa em ódio não queria, e já sobremodo fraca não poderia, ainda que quisesse, sustentá-lo contra a prepotência da facção contrária, que ele próprio engrandecera e exaltara. Nestas circunstâncias, S. Ex^a aceitava a sua posição, redobrava de energia, e suspirava pelo momento em que munido do diploma de deputado pudesse ir na corte lograr o fruto de suas gloriosas fadigas.

E tinha razão; a má vontade e cólera da oposição já não respeitava consideração alguma, e S. Ex^a era tratado nos seus jornais por modo tal, que por vezes esteve a ponto de arrepender-se de haver aceitado uma nomeação que aliás recebera com tanto alvoroço e esperança.

O *Pregoeiro* dizia:

“Depois que meteu o pescoço debaixo da canga, o nosso Ex^{mo} tem-se completamente esquecido do seu mimoso *palma christi*, nome pomposo com que S. Ex^a quis enobrecer a sua borra de carrapato, pensando que os maranhenses eram tolinhos para se deixarem prender

nessas teias de aranha, e verem impassíveis seus tresloucados planos. No mesmo desprezo caíram os quilombos, que a princípio serviram de pretexto para reforçarem-se os destacamentos nos distritos onde a oposição prepondera decididamente. S. Ex^a já nem fala em tais quilombos, hoje mais numerosos e audazes que nunca; já não precisa de pretextos para cobrir a província de soldados; a sua impudência, o seu desfaçamento é tal que assevera de público que há de levar a oposição e a maioria da província a baioneta! Mas quanto se engana o Sr. Bernardo, se presume que os maranhenses se deixarão bigodear; ou se esse vil escravo da infame ralé que enxovalha a nossa bela e infeliz província, executar sua ameaça, e conhecerá, mas tarde, o abismo a que o acarretaram seus detestáveis conselheiros!”

E o *Bacurau*, periódico de pequeno formato, que apareceu por aqueles tempos, anunciava “que S. Ex^a ia cada vez a pior das suas macacoas. O mestre Benedito barbeiro arrancou-lhe a semana passada o último dente; esta importante operação tornou-se indispensável, porque o cheiro que lançava a boca era já insuportável. A chaga da perna está em um estado verdadeiramente lastimoso; S. Ex^a só experimenta algum alívio banhando-a com cozimento de *palma christi* (vulgo carrapato-branco). O encarregado dos lavatórios, o digníssimo alveitar-ferrador Cadaval, que S. Ex^a nomeou capitão da Guarda Nacional, tem desempenhado este importante mister com uma perícia superior a todo o elogio. Mesmo no estado em que se acha, berra o Sr. Bonifácio que há de dar cabo de toda a geração dos muruçocas, bacuraus e jaburus. Pum!”

A *Lagartixa*: “Desapareceu ao Dr. Afrânio um bode pardo, catinguento, e chifrudo, natural do rio de S. Francisco, tem uma bicheira na perna, e ia montado por um *Postilhão*. Quem o apanhar e levar pelo cabresto a seu dono, na secretaria do Governo, será gratificado com um quartilho de óleo de *palma christi*.”

O *Chicote*: “S. Ex^a experimentou no domingo algumas melhoras, e foi passar o dia ao sítio do seu prestável e pacientíssimo amigo Fagundes. Consta que S. Ex^a comera com bastante apetite, especialmente um pastel preparado pelas delicadas mãos da senhora do pachorrento tenente-coronel, a Ex^{ma} D. Arsênia, e composto dos ingredientes seguintes: *Ramela, monco de simonte, chulé dentre os dedos dos pés, fécula animal e*

manteiga de dentes.¹⁰ O Sr. Bernardo lambeu os beijos. Infelizmente sobreveio-lhe à noite uma indigestão, e teria espichado a pútrida carcaça, se não fosse o desvelo e caridade com que em suas ânsias o trataram à porfia os ilustres hóspedes.

“A respeitabilíssima Sr^a D. Urraca (continuou o mesmo periódico em outro artigo), depois do estrondoso baile que deu a S. Ex^a, sentiu-se gravemente incomodada de náuseas, e certas afecções no ventre. Consta-nos que se retira para sua Fazenda a tomar águas férreas, e assevera o seu esculápio que a moléstia não lhe durará menos de nove meses. S. Ex^a, o Bernardo, fica inconsolável, mas de esperança.”

O *Ferrão*: “Olé! Vai sair à luz maranhense (é uma luz de óleo de *palma christi*) o *Auxiliador da agricultura*. Terá por emblema uma besta sen-deira carregando em uma cangalha, dous mui grandes caçuás, cheios de esterco popular, e sementes ou grãos de carrapato.”¹¹

– “Coçando-se-lhe o lombo com jeito, e dando-se-lhe dous assobios flauteados, não há melhor besta de carga do que D. Bonifácio; consente cangalha, albarda, chicote, espora, tudo quanto lhe queiram botar. Que apreciável animalejo!”¹²

“Sr. Redator. – Um dia destes, passando eu pela praia do Desterro, tive uma dor de barriga, e agachei-me, depois olhando em derredor, vi um papel largo, todo sujo; o caso era apertado, e fui a ele. Passo-lhe a mão, e no ato de levá-lo..., leio em letras grandes – POSTILH... Não pude mais; o diabo do papel transformou-se em um enxame de cabas ou maribondos, que não tive tempo senão de correr com as calças nas mãos. Peste, que nem para isto serves! Olhe, Sr. Bacurau, dou-lhe de conselho que não toque naquele chapim, pois fede mais que um cangambá!”¹³

– “O Sr. Dr. Afrânio dá um doce a quem lhe apresentar um documento autêntico que prove o grau de parentesco em que ele se acha para com uma negra que foi escrava do avô do Sr. coronel Panta-

10 Textualmente copiado.

11 Copiado quase textualmente.

12 Idem.

13 Copiado quase textualmente.

leão. S. S^a está requerendo uma comenda, e por isso cuida de coligir seus títulos de nobreza.

– “Pergunta-se ao Sr. Fagundes, por que razão se desmanchou o casamento da sua querida mana Sabiá com o Dr. Azambuja? Seria por causa dos fantasmas que faziam aparições no telhado? S. S^a não ignora o *fundamento da cousa!*”

Timon protesta de novo a seus leitores que nestas diversas citações continua a guardar a mais escrupulosa fidelidade, pois todo o seu propósito é dar exatamente a conhecer os nossos costumes políticos, e o papel que faz a imprensa, no meio destes debates. Os artigos apresentados são pela maior parte extraídos dos jornais da oposição, que nas épocas de maior efervescência blasonam de mais animados e espirituosos; mas ninguém creia que o Governo e os do seu partido desdenhassem o emprego de instrumentos semelhantes: o *Bumba*, o *Faísca*, o *Curica* e o *Badalo* sustentavam um fogo cruzado com a *Lagartixa*, o *Ferrão*, o *Chicote* e o *Papa-mosca*, bem que em geral os insultos e pilhérias do partido dominante fossem mais frios, e menos pungentes que os da oposição, porque aquele, como mais certo da vitória, dava menor importância a esta espécie de desabafo.

O *Pregoeiro*, a *Trombeta* e o *Postilhão*, impressos em três colunas e grande formato, aspiravam às honras de periódicos verdadeiramente sérios; políticos e morais; mas os seus dignos redatores, que não excediam a quatro, se acusavam reciprocamente de escrever também para os pequenos jornais, e tomados de um horror profundo e igual, lastimavam o grau de abjeção e imoralidade a que a província tinha descido, com tão asquerosas publicações!

As cousas contudo não haviam chegado a este ponto extremo de furor e exacerbação entre os partidos, governantes e governados, sem que outras muitas cenas se representassem, todas dignas de especial menção, e nas quais o jornalismo infatigável fazia sempre um papel importante, posto que variasse de tom, acomodando-se à diversidade das circunstâncias e assuntos.

Antes porém que entremos a descrever essas novas cenas, pede a razão que deixemos aqui consignados dous importantes documentos, prova irrefragável de que a constância, a amizade, a boa fé e a

candura, ainda não foram de todo banidas da Terra, e que o homem, só porque se empenha na política, nem por isso despe a primitiva inocência, e faz abdicação solene de todos os sentimentos de honra. Por um dos vapores entrados do Sul, recebeu o coronel Santiago a seguinte carta:

Il^{mo} Am^o e Sr. coronel Santiago.

Bahia 18 de 184.

“Posto que as minhas duas últimas cartas a V. Ex^a ainda não tivessem tido resposta, não me quero prevalecer dessa omissão, sem dúvida involuntária, para deixar de escrever ao meu amigo, e saber de sua saúde, e de toda a ilustre família, pois felizmente não pertenço ao círculo daqueles que por um simples apartamento se esquecem de suas afeições, e de todos os obséquios recebidos.

“As notícias que lhe posso dar desta província são as mais favoráveis ao grande partido a que temos a honra de pertencer: o seu triunfo é infalível, e a oposição, cônica de sua derrota, tem perdido de todo a tramontana, e quase tocado as raíais da desesperação. Há de acreditar o meu amigo, que estes miseráveis pretenderam lançar mão de meios subversivos, e que só arrepiaram carreira, à vista da decisão e energia do Ex^{mo} presidente, e do chefe de polícia? Pois é um fato positivo. Esta cáfila de pescadores de águas turvas hoje nega tudo, e o F. meteu-se nas encolhas, dizendo que nunca subirá por meios violentos, e antes quer abandonar a carreira política. Bem os conhecemos, é porque as uvas estão verdes. Enfim, meu amigo, os malvados não dormem, mas graças à Providência, que se tem amerceado de nós, o Brasil vai marchando no caminho da ordem e do progresso bem entendido.

“Permita-me agora o meu amigo que lhe fale em outro objeto que me diz peculiarmente respeito, e por isso mesmo estou bem certo há de interessá-lo. Muitas das principais influências daqui têm dirigido-se-me, querendo que eu entre na chapa, por esta província, do partido governista; mas eu tenho-lhes feito sentir que havendo contraído um empenhosagrado para com os maranhenses, não podia aceitar tão subda honra, sem trair deveres, cuja inobservância acoimaria por sobre mim a terrível pecha de ingrato, que a todo custo desejo evitar. Ainda não desistiram da sua pretensão, mas eu tenho significado-lhes que minha resolução é inabalável.

“E pois, o meu amigo conhecerá quanto é mister convergir todos os esforços para que aí triunfe a minha candidatura, visto como abandono uma eleição segura, pelo capricho e pundonor que tenho em apresentar-me na câmara como representante pelo Maranhão, não só em razão do que V. S^ª não ignora, como para algum modo pagar a dívida que estou para com essa bela província.

“Minhamulher envia saudosas recomendações à Ex^{ma} Sr^a D. Petronilha, e pede-lhe tenha a bondade aceitar uma dúzia de mimosas quartinhas, que vão ao cuidado do nosso amigo Coutinho, desculpando a insignificância, pois é apenas para lhe dar uma amostra do bem que aqui se trabalha neste gênero de indústria.

“Ade us, meu ami go; aqui me tem às suas or dens para tudo quan to lhe puder prestar, e creia na distinta consideração com que sou

“De V. S^a

Amigo e respeitador Cr^a

A. P. DE MOURA E ALBUQUERQUE.”

P.S. Se o meu amigo tiver alguma pretensão para a corte, não me poupe, porque estou nas melhores relações com os atuais ministros do Império e Fazenda, meus íntimos amigos desde a academia. A oposição perdeu cem por cento com a última mudança de gabinete.”

O primeiro movimento do nosso Santiago, ao ler esta estu-
penda carta, foi o da surpresa e novidade, pois como se havia ele de
lembrar da candidatura do Sr. Anastácio Pedro, se no seu nome sequer
nunca mais se tocou, desde que se retirara da província, a não ser aci-
dentalmente, e à volta das discussões da imprensa? Logo depois veio-lhe
uma profunda admiração da candura e boa fé com que a ex-excelência
lhe contava as suas histórias de candidatura pela Bahia; e sem perder
tempo em comunicar a missiva a nenhum dos seus amigos, deu-lhe a se-
guinte resposta, que, para um homem tão espesso e pouco ilustrado
como geralmente dizia ser o Sr. coronel Santiago, não deixa ver pequena
dose de finura e malícia.

*Il^{mo} Ex^{mo} Sr. Dr. Anastácio P. de M. A.
Maranhão &*

“Com sumo prazer recebi a estimada carta de V. Ex^a por este vapor, e o
mimo da Ex^{ma} Sr^a por via do comandante Coutinho, que muito agradecemos a V. Ex^a
e a ela tão delicado mimo.

“Não se sabe quanto estimo as boas notícias que V. Ex^a me dá sobre o
nosso partido aí. Os homens aqui tramam de dia e de noite, mas nós estamos com o
olho bem vivo, e se eles saírem a campo, hndem trocar as orelhas.

“Mas é desgraça Ex^{mo} Sr, que um partido tão forte como o nosso, esteja
desunido dando gosto aos contrários com tanta porcaria, que já vivo inteiramente des-
gostoso. Não me tenho descuidado um momento da candidatura de V. Ex^a mas são
tantos cães a um osso, e cada um puxando a brasa para sua sardinha, que posso dizer a
V. Ex^a me tenho achado sozinho em campo a respeito. Porém fique o meu amigo des-
can sa do que fa rei o im pos sí vel para ser vir-lhe, e não per co as es pe ran ças a pe sar... Em
fim só de viva voz lhe poderia comunicar, pois cartas sempre são papéis. Causa nojo
ver que se apresentam pelo nosso lado pessoas que ainda há bem pouco nos hostiliza-
vam, e bem se distinguirão atacando o Governo. Mas é fruta do tempo, e não há remé-
dio senão sofrê-lo.

“O Ex^{mo} Presidente atual vai indo com o nosso lado, porém muito custou a decidir-se, e só depois de bem tosado pelo Bávio que oije... Sua frouxidão fazia ter saudades do tempo de V. Ex^a, que toda Província diz que ainda aqui não me veio um Presidente mais enérgico e decidido.

“Remeto a V. Ex^a esses números do *Postilhão*, *Faísca*, *Badalo* & & que estão famosos, e por eles melhor verá o que por cá vai.

“Estimarei que esta encontre V. Ex^a no gozo da melhor saúde e igualmente a Ex^{ma} Consorte, a quem eu e minha Senhora lhe apresentamos nossos respeitos.

“Sou com dedicação e reconhecimento

De V. Ex^a

Am^o sincero obr. Cr^o

MATEUS DE SANTIAGO e Si^a”

“N.B. Acho prudente pelo sim e pelo não V. Ex^a segurar por lá sua candidatura, pois vejo as cousas por aqui muito atrapalhadas com a chusma de candidatos que nos têm aturdido os ouvidos.”

Timon, oferecendo ao respeitável público estes documentos com tanto custo desenterrados e adquiridos, julga escusado garantir a sua autenticidade, porque os fatos, a ortografia-Santiago, e o estilo-Anastácio, são cousas tão verossímeis e triviais, que ainda quando fosse tudo apócrifo, não havia mister de apologia, serem admitidos por um público tão esclarecido e judicioso.

.....

V¹⁴

A PATULÉIA – A PEDINTARIA – AS SUBSCRIÇÕES E IMPOSTOS ELEITORAIS – O DIA 28 DE JULHO E O DIA 7 DE SETEMBRO – FESTEJOS POPULARES – O CONVENTO DO CARMO E O TEATRO DOS COUROS – ELOQUÊNCIA DE CLUBES – ARROZ-DE-PATO – AS PROCISSÕES – RIXAS, ESPANCAMENTOS E TUMULTOS – DESCRIÇÕES E POLÊMICAS DE JORNAIS – MODELOS DE ESTILO GRANDÍLOQUO-FESTIVAL – VANILÓQUIO.

A

PROPORÇÃO que se vai aproximando o grande dia eleitoral, se a época acerta ser de exaltação, como na presidência do Sr. Bernardo Bonifácio, vai a nossa capital tomando um aspecto desusado e inquieto, já pela violência e multiplicidade dos jornais, já pela repetição dos clubes, sessões e reuniões, e já finalmente pela aparição de figuras desconhecidas e estranhas, que invadem e passeiam de contínuo as praças, ruas, becos e travessas, todos ou a maior parte pertencentes à classe conhecida pela designação geral de *patuléia*, que quer dizer povo, na acepção de plebe ou gentilha.

Em França, um faccioso célebre, sendo preso e conduzido à presença do tribunal, à pergunta que lhe fez o presidente sobre sua profissão e meios de vida respondeu com impavidez e discrição: Rus-guento (*Émeutier*). Com igual fundamento poderiam os nossos patuléias responder: caceleiro, gritador, partidista, ou cousa semelhante, que dissesse respeito ao ofício e empreitada eleitoral.

Dos bairros mais escusos da capital, dos arrebaldes, e do interior da ilha e da província, acode um enxame de miseráveis, que atraídos pelo amor do ganho ou da novidade, impelidos pelas influências, se repartem em bandos, conforme o número dos partidos ou centros de reunião a que possam afiliar-se. Os vadios urbanos que despejam as tendas de alfaiates, sapateiros e outras semelhantes, engrossam estas gloriosas falanges, a cuja frente brilham ordinariamente alguns indivíduos de mais elevada condição, ou antes de melhores trajes, de cor mais branca, mas porventura mais esfaimados e corrompidos. Esta variegada turba que se compõe em grande parte de figuras vulgares, sórdidas e ignóbeis, mas no meio da qual negrejam também algumas cataduras sinistras e ameaçadoras, derrama-se pela cidade desde o amanhecer até à noite, e cada um dos tais consome o dia batendo de porta em porta, para pedir ou extorquir do pobre-diabo de candidato ou partidista dez tostões, dous mil-réis, mais ou menos, segundo as posses do que dá a esmola, ou o interesse que toma na contenda eleitoral. Os cabecilhas desta tropa, ou verdadeiros, ou reputados tais, seja pela força e intrepidez com que manejam os cacetes, seja pela sua habilidade nas cabalas, seja pelo ascendente predomínio que exercem sobre o vulgo, ou simplesmente porque vestem uma casaca e trazem lenço ao pescoço, não se contentam com tão pouco, exigem quantias muito mais avultadas, e ainda em cima, em promessa ao menos, empregos de guardas, porteiros e contínuos. Posto que em regra cada um tome o seu partido, e por ele arme rixas a cada canto com outros da sua igualha, em que não raras vezes os contendores vêm às mãos, e se faz sangue, não é isso razão para que os mais deles não solicitem a esmola dos chefes e partidistas contrários, a quem por fim pregam o logro, se não se bandeiam deveras por alguma espórtula fora do comum, ou algum outro motivo poderoso.

Não há espetáculo mais exótico e extravagante do que um pescador da praia de Santo Antônio ou da Madre de Deus, um caboclo da Maioba ou Vinhais, que toda sua vida andou descalço, quase nu, ou apenas de calça e camisa, a pavonear-se pela cidade, de jaqueta, gravata, chapéu, butes de duraque, e o inevitável cacete na mão, todo embaraçado e maljeitoso sob o peso incômodo da sua libré, lustrosa e garrida os primeiros dias, mas desbotada, suja e rota por fim, se a forçada liberalidade dos patronos a não renova.

A justiça pede se declare que a nossa *patuléia* nem sempre se mostrou tão abjeta e vil, a mendigar espórtulas por preço das cacetadas que distribui aos seus iguais, sem saber a razão por que, aliando a baixaza do procedimento com certa altanaria e orgulho de porte e de linguagem, como persuadida da inocência e honestidade do seu proceder. Tempos houve em que os homens de cor, os pobres, os operários, os *patuléias* enfim, acudiam às eleições tão possuídos de entusiasmo como de desinteresse, senão mais ilustrados; e lançado o voto nas urnas conforme as suas afeições ou ilusões, voltavam ao cabo de dous ou três dias, quando muito, aos seus trabalhos ordinários, sem imaginar que o simples exercício de um direito se pudesse converter em um ofício ou benefício rendoso. Foram as classes superiores que lho ensinaram, sem pensar por seu turno quão pesados e incômodos lhes viriam a ser para o diante estes voracíssimos auxiliares.

E de feito gastam-se alguns anos somas fabulosas com este organizado sistema de pedintaria, com os festejos, banquetes e ceias patrióticas, com a sustentação de jornais aos quais falecem os assinantes, com os correios enfim expedidos para todos os pontos da província, cumprindo porém notar que os do lado do Governo ficam a este último respeito de melhor partido, porque os soldados pagos à custa do tesouro servem para este fim, e andam num contínuo rodopio.

Por via de regra as posses dos simples particulares não bastam para fazer face a estas enormes despesas, posto que deles haja que gastem contos de réis, e até fiquem arruinados; e então a necessidade obriga a recorrer a outro gênero de pedincha, mais restrito, porém mais em grande, a que se chama *tirar subscrição*. Não faltam sujeitos que ofici-

osamente se ofereçam para desempenhar este melindroso encargo, bem que os mais deles costumam tirar uma comissão tão crescida, que às vezes absorve metade do capital arrecadado. Outros há porém que o aceitam constrangidos, e o desempenham com tal acanhamento e frouxidão que quase nada conseguem. O leitor experiente e judicioso há de certamente compreender que os que de todo se não recusam a dar, dão todavia com a pior cara que podem. Há porém uma classe de sujeitos que desejam viver bem com todo mundo, e estes subscrevem para dous ou três partidos ao mesmo tempo, e com o riso nos lábios, e a dor no coração, a todos vão desejando o mais completo triunfo.

Épocas há em que estas colheitas são abundantes; outras em que a penúria e mesquinhez não podem ser maiores. E senão, atenda-se o seguinte exemplo. Estavam reunidos em sessão solene quatorze magnatas, ricos lavradores e proprietários, e tratava-se de nada menos que da organização de um novo grande partido, que desse em terra com o dominante, e assegurasse por uma vez a prosperidade da província. Aventou-se a necessidade de criar uma caixa para ocorrer às infalíveis despesas do custeamento daquela gloriosa empresa. Então um dos mais abastados membros presentes propôs que cada um se quotizasse em dez mil-réis! A proposta passou quase por unanimidade de votos, mas havendo quem objetasse a insuficiência da coleta, outro não menos ricoço que o primeiro declarou nobremente que em caso de necessidade reforçar-se-ia a caixa, dando cada um mais cinco mil-réis! E a sessão encerrou-se com a organização da *chapa provincial*, em que como era de esperar, foram contemplados quase todos os illustres membros fundadores.

Outra fonte de rendimentos é a finta posta nos vencimentos futuros dos candidatos gerais ou provinciais que ainda se hão de eleger; cada deputado provincial, por exemplo, promete dar cem mil-réis, deduzidos do subsídio do primeiro ano. Tenho ouvido queixas amargas acerca das grandes dificuldades que oferece a cobrança desta imposição, devidas talvez à falta de boas disposições regulamentares.

Pelas causas que ficam referidas, quero dizer, pela deficiência de meios, ou porque o verdadeiro patriotismo só se acenda em face

dos perigos, acontece que os grandes dias nacionais ou provinciais já não são popularmente festejados, senão nos anos climatéricos de eleições; e ainda quanto a estes, já no presente ano de 1852, tanto o dia 28 de julho como o 7 de setembro, só foram honrados com as demonstrações puramente oficiais; que em tamanho progresso tem ido a tísica da bolsa, e o resfriamento do patriotismo!

No ano porém cuja história escrevo, houve festejos tanto em um como em outro aniversário, e se fizeram com estrondo, já por parte dos governistas, já da opposição. Os *cangambás* reuniram-se no convento do Carmo, os *muruçocas* e os seus aliados no denominado teatro dos Couros.¹⁵ Limitar-me-ei a descrever um desses festejos, pelo qual se pode fazer idéia de todos os outros, pois não é certamente pela variedade que mais se distinguem.

À frente da igreja do Carmo arvorou-se uma armação de paus compridos, onde uma tela grosseira, fixada de alto a baixo e em toda a largura, mascarava completamente o frontispício da igreja até à cimalha. A grosseira tela era ainda mais grosseiramente pintada, e matizada com dísticos e emblemas análogos ao dia, e a diversos outros grandes assuntos caros aos maranhenses e aos brasileiros em geral. Quando à noite, algumas dúzias de lanternas ordinaríssimas iluminaram a armação, e deram tal qual transparência ao azeitado pano de estopa, a turba dos basbaques admirou um pretendido retrato do imperador, a carranca formidável de um patrício caboclo (*canela* ou *guajajara*, como melhor agrade), ramos de fumo e de café entrelaçados, figuras emblemáticas da liberdade, dísticos em prosa e verso alusivos ao dia, e ao patriotismo e valor sem igual que nele patentearam os maranhenses. Não é preciso dizer que ali se via também um truculento despotismo lusitano derribado em terra, sob os pés da deusa, e dispersos em redor, os impreteríveis fragmentos das algemas e grilhões despedaçados. Um suposto *guajajara*, não já pintado, mas verdadeiramente carne e osso, passeava a um e outro lado, arreado de plumas, e armado de arco e flecha, que de vez em quando apontava com gesto ameaçador contra não se sabe que invisíveis inimigos. Aos ridículos esgares do

15 Histórico. Ambos os locais têm efetivamente servido à reunião dos partidos.

bobo patriótico, a turba circunstante levantava um confuso rumor de satisfação. No alto das torres, e junto à grande cruz, flutuava o pavilhão imperial; foguetes e vivas repetidos atroavam os ares. O largo estava literalmente coalhado de espectadores e curiosos, cujo bom gosto se deleitava horas esquecidas na contemplação das cintilantes luminárias e do patriotismo em ação.

No interior, a gente de servir e ganhar, com os seus respectivos chefes, ocupavam um dos longos corredores, estes sentados, aqueles de pé, estoutros trepados por bancos e cadeiras. Devo aqui observar que em outras diversas ocasiões, é no próprio corpo das igrejas que a turba se tem congregado. Nomeada a mesa, o Dr. Afrânio pediu a palavra, e exprimiu-se nos seguintes termos: “Senhores! É com a maior satisfação... (*apoiado!*) que vos vejo aqui... (*apoiado! Viva o dia 28 de julho!*) vejo aqui reunidos em... (*Viva o Exmo Presidente da Província! Viva o partido cangambá! Vivô! Vivô!*) Certamente, o patriotismo dos mara... (*Abaixo os jaburus! Fora bacurau! Viva o nosso Dr. Afrânio! Vivô! Vivô!*) Não é possível duvidar um só momento... (*Apoiado! Viva a comissão central!*) Enfim, senhores, a nossa vitória é infalível! (*Apoiado, apoiado! Viva o partido do Governo! Viva a independência da província! Vivô! Vivô!*)

É de presumir que este admirável discurso se prolongasse, e que nos outros que se lhe seguiram brilhasse a mesma eloquência, mas a testemunha ocular a quem devo estas preciosas informações, nada mais pôde ouvir aturdida com a imensa berraria dos vivas e apoiados. O caso é que para o fim o entusiasmo subiu a tal ponto que a turba dos berradores, em um formidável arranco, e em um só corpo de mil cabeças, deu consigo no corredor vizinho, onde uma longa mesa bem guarneçada de assados, pão, arroz, fruta, e vinho copioso posto que ordinário, excitou ainda mais, se era possível, o seu férvido patriotismo. Infelizmente uma porção considerável de *patuléias*, mais atraídos do cheiro da comezaina, que da incontestável eloquência do doutor Afrânio se tinham antecipado a rodear a mesa que contemplavam em atitude respeitosa posto que impaciente, enquanto o grosso dos companheiros se entretinha a vociferar, pela maneira que já noticiamos; de modo que quando estes, impelidos como uma onda, inundaram o corredor do banquete, os que

nele se lhes tinham antecipado, sem lhes dar tempo para nada, lançaram mão a quanto havia de melhor sobre a mesa, seguindo-se uma cena indizível de confusão, gritos e luta, entre os que se disputavam os melhores bocados, fazendo-se por fim os pratos e a mesa em mil pedaços, e ciscando-se os convivas para fora com as peças que puderam levar, sem exceção dos próprios talheres. À volta dos patriotas, e ajudados da barafunda, alguns negros e moleques escravos, e até asquerosos mendigos, conseguiram introduzir-se e participaram da imensa fartadela.

Repletos e esquentados, os nossos heróis, em número pouco mais ou menos de quatrocentos inclusive os casacas, saíram a percorrer as ruas, música na frente, atacando-se foguetes a cada canto, levantando-se de contínuo desentoados vivas e morras, e apedrejando-se, para completar o folguedo, as vidraças de uma ou outra casa habitada por adversários.

No teatro dos Couros passaram-se as cousas quase da mesma forma, com a diferença que a concorrência foi muito menor, sobretudo a exterior, pois o incômodo e incongruente do local não convidava os curiosos, crescendo que porque a ceia fez-se mais cedo, muitos dos patuléias se foram escafedendo para o Carmo, cuja reunião por este modo engrossaram. Quando os *muruçocas* e mais consócios saíram a fazer a sua procissão, não levavam mais de cento e cinquenta pessoas, e notou-se que a sua música era ordinária e desafinada, porque os *cangambás*, patrocinados pelo Governo, haviam monopolizado as duas únicas bandas militares que havia então na cidade. Os respectivos mestres se queixaram depois de não haverem sido pagos, e quando para tal fim eles, o pasteleiro e outros fornecedores igualmente queixosos se dirigiram aos chefes do partido, responderam estes que não sabiam como podia isso ser, pois o almoxarife ou encarregado da festa tinha recebido oitocentos mil-réis para todas as despesas.

No mesmo dia da festa, e nos imediatos, os jornais das parcialidades opostas publicaram diversos artigos, cujo merecimento o leitor agora apreciará.

(Artigo do BACURAU nº ...)

“Maranhenses! É amanhã o grande dia que o grito levantado no Ipiranga, repercutindo do Prata ao Amazonas, ressoou também nos ângulos desta heróica província. Amanhã é o dia escolhido pela nossa comissão diretora para a primeira reunião do partido oposicionista, a fim de confeccionarmos a chapa liberal-ordeira, e solenizarmos o glorioso aniversário em que o Maranhão aderiu ao movimento que colocou o Brasil na lista das nações. Um tal dia deve ser por vós festejado com todo o prazer e entusiasmo, por vós principalmente que sois os verdadeiros amigos da independência e liberdade, sem a qual não há ventura, não há ordem em qualquer sociedade. É neste grande dia que devemos unir todos os vossos esforços para conseguirdes a completa derrota do partido infame que com o nome de governista, melhor cabendo-lhe o de devorista, almeja por todos os meios estancar o nosso desenvolvimento social, a fim de saciar seus interesses particulares, e dominar esta bela e rica província, que nunca foi patrimônio de déspotas e ladrões. União e mais união; pois só desta guisa evitaremos os planos infernais que os monstros tramam para espalhar entre vós a cizânia e o terror. Cumpre empregar todas as cautelas que vos privem de tão grosseiros embustes. Conservai a vossa união, porque é ela que dá verdadeira força, não receeis os furores dos miseráveis que vos querem converter em degraus para galgarem o poleiro, e obteneis desta maneira um total triunfo. É no grande dia de amanhã que devemos fazer o juramento de vencermos ou morremos nas próximas eleições. Eia, coragem, união, e olho vivo.

“Viva o dia 28 de Julho!
 “Viva S. M. o Imperador!
 “Viva a Constituição!
 “Viva a união dos maranhenses livres!”

(Artigo da FAÍSCA nº ...)

“É hoje, cangambás, o dia de nossa gloriosa regeneração política, ao qual devemos render nossos cultos, e se acha também marcado pela digna comissão central governista para nele reunirmo-nos, e tratarmos de nossas futuras eleições. Reuni-vos pois com aquele júbilo e entusiasmo que assaz sói caracterizar-vosquando se trata de celebrar tão condignos objetos de nosso amor, veneração, e solicitude. Lembrai-vos que a facção dos ganhadores não dorme, e tentam lançar mão dos meios subversivos para nos suplantar e barulharem as eleições, e que só vossa união, firmeza de caráter, e dedicação pela causa pública, poderá transtornar tão perversos planos. Vede que temos à nossa frente um Governo justiceiro e humano; não vos deixeis iludir pelo canto da sereia, nem pelas odiosidades que inventam, a fim de acarretar-lhe não merecido desprezo. Debalde porém se esforçam para não progredirem os nossos melhoramentos materiais e morais; esta bela província nunca será presa de meia dúzia de garimpeiros que, baldos de mérito, cônscios de sua indignidade, a nada mais aspiram que a uma conflagração para poderem pescar nas águas turvas, ma tar a sede de sangue, e a fome canina de empregos que os corrói. Seja pois a divisa dos cangambás união, firmeza e vigilância; corramos eletrizados à reunião para que nos chamam nossos chefes; mostremos pela nossa grande força numérica que o triunfo há de ser infalivelmente nosso, e vereis como os desordeiros abaixam a garimpa. Cortemos por uma vez as esperanças dessa cáfila, e consolidemos a prosperidade de nossa bela província.

“Viva o dia 28 de Julho!
 “Viva a Independência Nacional!
 Viva o Imperador, e a imperial família!
 Viva o Exm^{te} Presidente da província!
 Viva o partido cangambá!”

(Artigo do *POSTILHÃO*, de 30 de julho)

“O dia 28 de Julho, aniversário do proclame, nesta província, da independência nacional, foi brilhantemente solenizado este ano pelo partido cangambá. Os cidadãos mais grados desta capital, tendo à sua frente o Exm^o Presidente, se cotizaram para tão momentoso e justo fim.

“Por ordem da presidência, e como sói praticar-se todos os anos, as fortalezas e vasos de guerra surtos em nosso porto salvaram e embandeiraram-se; à tarde houve parada no largo de Palácio, e sole-ne *Te-Deum* na Catedral. A concorrência foi imensa, e como jamais se viu nos anos anteriores, tal é a confiança e estima que todos depositam na pessoa do Exm^o Sr. Montalvão de Mascarenhas! A tropa de linha e a Guarda Nacional compareceram com o melhor asseio, disciplina, e bom garbo, de modo que os mesmos estrangeiros se admiraram, e não foram parcos em lhes dar seus justos louvores.

“Ao anoitecer uma brilhante iluminação teve lugar na fachada da igreja do Carmo, cuja descrição damos em artigo separado; o largo ficou coberto de povo, e podemos quase afiançar que ali se achava a major parte da população da capital. Descrever o prazer, a fraternidade, que reinavam, e sobretudo o júbilo que se apoderou dos bons maranhenses ao descobrir-se a augusta efigie de S. M. o Imperador, seria um impossível; as bandas de música tocavam alegres e harmoniosas peças, girândolas de foguetes fendiam continuamente os ares, e repetidos vivas aos caros objetos de nosso amor e veneração se uniam ao estampido das bombas.

“A comissão central do partido governista escolheu este memorável dia para o começo de nossos trabalhos eleitorais, e a reunião do povo teve lugar nos vastos

(Artigo da *TROMBETA* da mesma data)

“O glorioso 28 de Julho, esse dia das recordações mais gra tas para to dos os bons maranhenses, foi este ano obscurecido por atos do mais inqualificável vandalismo, graças à mui patriótica administração do Exm^o Sr. Mascarenhas, que depois que se deixou cavalgar pela influência sinistra que nos avilta e oprime, não há atentado que não apóie, não há infâmia a que se não sujeite, não há indignidade que não pratique! A que grau de abjeção, meu Deus, tem chegado o delegado do Governo imperial! Ah! se o Imperador o sabe!

“Nossos leitores não ignoram que o partido oposicionista afluindo ao lugar costumado de suas reuniões, cuja casa se achava brilhantemente iluminada, ali discutiu pacificamente os interesses da província, e depois de uma esplêndida ceia, saiu a percorrer as principais ruas desta cidade, em número não menor de mil e quinhentas pessoas. A concorrência junto à casa da reunião não foi talvez mais numerosa, por o local não oferecer comodidades; porém assim mesmo o número dos nossos partidistas foi incomparavelmente superior ao da pífia rodinha cangambá. No entretanto causa riso ver os tais senhores inculcarem que toda a população que enchia o largo do Carmo pertencia à súcia! Com que os estrangeiros, senhoras, crianças, e escravos que ali se achavam, pertenciam ao vosso credo, senhores Afrânio & Cia? Damo-vos de conselho que agiteis outras patranhas para enganar os tolos, pois esta não pega.

“Mas enquanto a oposição se portava com tanta calma, e dava o exemplo da ordem e moderação ao governo, os partidistas deste reunidos no interior do convento do Carmo, se entregavam à mais desenfreada orgia que se pode imaginar. Queríamos que os veneráveis religiosos, nos dissessem se os

corredores do convento. Os dignos religiosos, e especialmente o reverendíssimo prior, acolheram a todos com aquela amabilidade, e boa educação que tanto os distingue. Honra ao nosso clero que sabe por este modo compartilhar os interesses, e entusiasmo do povo!

“Recitaram-se durante a reunião brilhantes discursos, sobressaindo a todos o do nosso amigo, o Sr. Dr. Afrânio, que foi coberto de imensos apoiados. Depois de nomeada a comissão especial encarregada de confeccionar a lista dos candidatos governistas, seguiu-se uma lauta ceia, em que tomaram parte todos os nossos concidadãos, sem distinção de grandes e pequenos, pois os cangambás não conhecem a impostura e orgulho que tanto prezam os fidalgotes da nossa desfrutável oposição.

“Concluída a ceia, saiu o povo a percorrer as principais ruas da cidade, e não exageramos dizendo que o seu número excedia a três mil pessoas!

“Tudo se teria passado na melhor ordem e harmonia, se um grupo de miseráveis amados de cacete, e saídos dos antros pestilentos do açougue velho, encontrando alguns correligionários nossos dispersos no canto do Chicão os não acomessem e ferissem traiçoeiramente, vertendo o precioso sangue brasileiro em um dia tão sagrado para todos os corações verdadeiramente maranhenses. Mas bem depressa se virou o feitiço contra o feiticeiro, porque acudindo alguns dos nossos, foram esses vis repelidos imediatamente, conseguindo ainda a polícia prender os famigerados capangas e assassinos Sete-facadas, e Mano-Titicô que a facção mandou vir de propósito do interior da província para aqui praticarem as costumadas brilhaturas.

estatutos da ordem e moderação ao Governo, os partidistas deste reunidos no interior do convento do Carmo, se entregavam à mais desenfreada orgia que se pode imaginar. Quereríamos que os veneráveis religiosos nos dissessem se os estatutos da ordem permitem aqueles inocentes folguedos, e que a portaria esteja aberta para ali tal fim até alta noite? Mas se Srs. Rev.^{mos} nos não satisfizerem, nós os prevenimos que muito breve lhes poremos a calva à mostra, pois estamos bem ao fato de certas coisinhas, e da bela mamata que se prepara com o honradíssimo Sr. coronel Santiago.

“Depois de haverem devorado o magro *lambete*, e chupado uma pipa de cachça, saíram de rojo, espedaçando as mesas e bancos, soltando vivas e morras, e os gritos mais anárquicos e aterradores, e levando à sua frente o digníssimo sr. chefe de polícia! Assim percorreram as ruas da cidade, pondo em alarma os pacíficos habitantes, e apedrejando as casas dos nossos amigos Anselmo, Pantaleão, e Olivério. Não contentes com isto, um grupo se destacou, e foi de propósito destruir a iluminação da casa da nossa reunião aproveitando-se da circunstância de se haverem já todos dali retirado. E depois, quantos compartidários nossos encontravam dispersos, iam logo os espancando! O sr. chefe de polícia acudiu por duas vezes a estas desordens, mas foi para prender as vítimas! – Tanto escândalo, tanta perversidade, custa acreditar, mas tudo se presencia na administração inepta e tresloucada do Sr. Bernardo Bonifácio!

“Se as cousas porém chegassem a um ponto de imprudência e exaltação que impossível fosse conter o povo, esses indignos não se privariam do gostinho de acoimá-lo de revoltoso, nem do emprego

“O pagode desta boa súcia no fedorento casarão dos couros esteve impagável. Consistiu numa solene borracheira e berraria, distinguindo-se nos insultos a tudo quanto há de honesto nesta província o celeberrimo Sr. Dr. Mévio, essa criaturinha vil e abjeta, que mede a todos pela sua bitola. Alguns cidadãos da classe pobre que ali compareceram iludidos, conhecendo bem depressa a nenhuma influência desta ignóbil facção, e que andavam seduzidos por seus embustes, retiraram-se indignados, e vieram engrossar as fileiras da grande maioria da província. Quando o grupinho pôs a sua ridícula procissão na rua, não contavam mais de cento e cinqüenta pessoas, inclusive esfarrapados, descalços, negras de tabuleiro, e moleques que tinham acudido ao cheiro do arroz-de-pato; e dizem-nos que o Dr. Bártolo, e o pantaleão do Pantaleão ficaram tão envergonhados que se foram esgueirando pelo primeiro beco que acharam.

“O que porém não é mais um objeto de dúvida, é a grande preponderância do nosso partido sobre a insignificante facção contrária; quando a maioria se pronuncia por um motivo tão decisivo, não se deve mais hesitar sobre as conseqüências da luta que estamos prestes a travar. Persuadam-se pois todos os nossos correligionários que baseados na justiça da nobre causa que defendemos, e tendo por nós o ilustrado apoio do Governo, seus esforços serão infalivelmente coroados pela mais completa vitória. Cumpre pois não esfriar neles, até ser concluída a gloriosa tarefa que empreendemos.”

de medidas próprias à consecução de seus negros fins. É por demais certo que nos achamos num quase estado de anarquia; o cidadão pacífico vê-se exposto ao joguete das facções, a propriedade e a liberdade individual não encontram segurança, a casa do Senhor é conspurcada de um modo inaudito por imundas bacanais, tudo em uma palavra nos acarreta a um funesto paradeiro. Mas assim mesmo não percamos a esperança, nem abandonemos aquela moderação de que hemos dado tantas provas. Dirijamos incessantes súplicas ao nosso adorado monarca; uma palavra sua, um simples aceno, bastarão para desmoronar os recursos da malvadeza e dar com esta câmara óptica em terra.

“E vós, senhores ministros, contemplai a vossa obra! À fé que deveis estar mais que satisfeitos com o incremento espantoso que vão tomando nossos males; por isso, surdos e impassíveis vos conservais aos reclamos da opinião pública, que por tantas vezes nossas vozes vos hão transmitido. Sacrificai covardemente os verdadeiros amigos do país, e acobertai com a vossa proteção aqueles que só sabem desrespeitar as leis, a religião, o sagrado, e o profano. Tendes a faca e o queijo nas mãos, e recusais servir-vos deles, tempo virá porém em que arrependidos torcereis sem fruto as orelhas.

“Monarquistas de convicção e de coração, tendo derramado nosso sangue em holocausto à manutenção das instituições monárquico-constitucionais, é do mesmo trono que esperamos remédio a nossos males, embora nossa dedicação e lealdade não nos tenham amontoado fortuna, embora não fruamos as vantagens graças que só se espalham pelos díscolos. É por isso que concluindo nosso artigo, tornamos a exclaimar: Ah! se o Imperador o sabe!”

Os artigos transcritos, bem que ocasionados pelo dia 28 de julho, não lhe são todavia positivamente consagrados, e tocam antes aos interesses puramente políticos das parcialidades que os publicaram. Por essa razão oferecemos aos nossos leitores mais esses dous, verdadeiros modelos de estilo grandiloquo-festival, um dedicado ao dia provincial, e outro ao 7 de setembro. Julgamos útil, senão indispensável a sua reprodução, que é textual, para que se tenha uma idéia cabal e perfeita do que tem sido, e é a nossa imprensa política, e do apurado gosto com que ela costuma dissertar nestas ocasiões. E para não estar voltando a freqüentes citações deste gênero, fazemo-los seguir de mais um artigo de matéria transcendental que melhor que nenhum outro dará a medida da paciência do nosso público, ou da robustez de estômago ou de espírito necessário para digerir tão suculenta alimentação.

AO DIA 28 DE JULHO.

Viva o Imperador!
Viva a Constituição!
Viva o dia 28 de Julho!

“Salve! três vezes, Salve! faustoso DIA! No qual hoje lustros quatro e mais três anos contamos de nossa emancipação política! Aniversário és hoje, festivo DIA, DAQUELE, em que as algemas despedaçando, que os pulsos nos rocheavam, unísso-nos e livres bradamos – INDEPEN DÊNCIA OU MORTE!...

“Rósea, fecunda, e bela manhã foi essa (de 1823), em que apenas, assomava pudibunda aurora, galas trajando as mais louças; em hon ra de tão sun tu o so e au gusto DIA, os ribombos se ouviram de márcio canhão, anunciando à dita que ao MARANHÃO aguardava o SER dos SERES... Dos obuses ao clangor, da música aos sons, e dos fogos, que nos ares estridavam, já livres acordavam aqueles que, ainda em ferros, só com a LIBERDADE, com a LIBERDADE só sonhavam, os que por ELA pugnavam: mas rostos serenos e alegres nos anunciavam, quando a moleza, o ódio, o crime e traição já denunciavam os rostos vis de vis inimigos da santa, justa causa da INDEPENDÊNCIA.

“Nesse DIA de prazer, festivo e puro –

*Qu'ão lon ge ar ro ja os dias de hor ror,
Os dias d'escravidão à pátria infensos.*

“Vimos pela primeira vez tremular em nossos fortes auriverde pavilhão,
que os convida armas impunhar, vingar ofensas, e li vres nos mos trar, bra dan do a inimigos
‘Salva está a pátria, e já com ela os filhos seus, que, direitos recuperam, e a Lusitânia os
ferros lhes arrojam com que os prendera!
.
.

“De retro vão, esses dias de horror, dias do Inferno.

“A nossa pena cabe somente o DIA solenizar, e perdão dar em honra des-
te mesmo DIA, MARANHENSES, que nos fastos da liberdade, brilhante está como
astro novo, que qual os do céu fulgura, como os modernamente descobertos; porém lá
virá tempo... tempo mais feliz e brilhante, que nenhum astro o poderá, sequer em parte,
eclipsar... Atendei MARANHENSES.
.
.

“Salve! Ainda vezes três, salve! oh! DIA MARANHENSE! Em que de li vre
me convenço, e brasílioser!...

“Na aurora de teu aniversário, quando prestes me levanto ao alvor dela,
ouço uma voz grandiloqua e celeste!... Ah! quanto de prazer minha alma se enche ao
ouvir o mavioso som que assim ecoa –

*“O gênio maranhense não pára voa
De troféus, em troféus caminha e vence,
E à vitória arrancando a voz, e o louro,
Esmigalhando as hórridas algemas,
Nos céus da liberdade é astro novo!”*

“Ainda por ti, ó pátria minha, não só um filho!... se não todos, quase todos
te saúdam. Eis mais um tributo, ó magnânimo DIA!

HINO

Hoje de julho vint’oito,
Dia de maga oblação,
Sua INDEPENDÊNCIA saúda
Majestoso Maranhão.

O brado que no Ipiranga
Tão excelso ribombou,
Pros se guiou do Sul ao Norte,
e no Maranhão ecoou.

Nunca mais os lusos ferros
Pisarão o braço forte
Do Brasil, que é gigante! –
Repetiu o Sul e Norte.

União! ó maranhenses!
Haja em nós toda a prudência;
Haja força, haja coragem,
Sustentando a INDEPENDÊNCIA.

ESTRIBILHO.

Nunca mais o despotismo
Entre nós aparecer;
Seja só nossa divisa –
INDEPENDÊNCIA OU MORRER.

SETE DE SETEMBRO

NOITE PAVOROSA, E DIA RADIANTE.

“Há perto de um quarto de século que o grito mágico— Independência! — troando com majestosa sonoridade em todos os contornos do venturoso Ipiranga, e correndo impetuosamente por sobre soberbos e escavados cerros, e por entre férteis campos, e prateados areais, retumbou no Prata, e no Amazonas: e então de repente o Brasil se viu sentado entre as nações soberanas do mundo. Há vinte e três anos... Mas ontem?!... A noite derradeira... Ó como é cheia de compreensões sinistras e milagrosas esta só recordação! Ainda o carro de ouro não tinha encontrado a alva matutina do 7 de Setembro de 1822, já as rédeas que nos prendiam à dominação portuguesa, se abalavam espantosamente nas mãos do tirano que as brandia; e suas coortes valentes destacadas por os ângulos mais importantes do nosso riquíssimo império, vacilando os postos que ocupavam, tremiam do futuro que as aguardava! Oh! como foi pavorosa, e ao mesmo tempo heróica essa longa, espessa e tormentosa noite! A sua escuridão envolvia a glória do dia portentoso que ela produziu, trajado das mais pomposas galas, e adereçado com o seu colar de ouro e de diamantinas conchas, para trazer na sua mão vitoriosa o auriverde pavilhão da heróica nação ao meio-dia do mundo americano, que desenrolou à face do universo inteiro! O silêncio da noite, símile ao dos túmulos, apesar de todo o horror que inspirava, nem fazia tremer aos Cipiões brasileiros, nem violentava a carpir as Brasília Pórcias: ele era apenas interrompido pelos alentos da agitação precursora da guerra que hão abrir-se entre povos irmãos, entre pai, e filho! Nem a fama altiva do império lusitano; nem o aspecto guerreiro dos seus Martes poderão tampouco causar a mudez dos heróis da Independência, e intimidar o esforçado valor do patriotismo brasileiro. Quanto heroísmo!!! Ao marchar para o teatro da guerra a gente jovem e inexperiente no estratagemas militar, onde ia arrostar as colunas do exército aguerrido que se orgulha de saber vencer, na sua última despedidas famílias que assim deixavam na sua ausência tragar o gosto amargo de infelizes, não se lembrava senão de voltar cingida do laurel da vitória, ou de perecer pela liberdade no campo da honra! Como as horas passam e o momento se avizinha, redobra-se a expectativa e a ânsia cresce!... Chega ao fim o dia, e já ao clarão pálido da vela mística, que cobre o horrído canhão fulminante de destruições e mortes, a corneta, e a caixa de guerra anunciam a presença do descendente dos reis fidelíssimos no meio de tanto aparato

bélico!... E o defensor perpétuo do Brasil que vem pôr termo à luta antes de ela começar! que vem evitar a carnagem, que os exércitos intentam, para se não derramar o sangue de seus súditos pelas mãos de seus próprios súditos irmãos entre si! que vem, finalmente, afastar para longe dos guerreiros que o circundam a guerra, que todavia ele não pôde obstar que mais longe de seus olhos fosse espargir sobre as outras estrelas da sua coroa o sangue brasileiro. Na presença do herói da pátria tudo emudece! e ao seu grito elétrico – Independência ou Morte! – se emurchece a esperança lusa, e triunfa a causa brasileira! Cai moribundo o despotismo europeu, e raia no horizonte político do Brasil a liberdade equilibrada com os sistemas dos Governos da América, e da Europa. Eia! Tremei déspotas, que o Prata, e o Amazonas já são livres!

“Ainda assim; a árvore da Independência, em cujo tronco e dragão sanhudo ferrara os seus amolados dentes, não deixou de ser regada com sangue, porque as forças vencidas, indo por traição unir-se às do *Madeira* na primogênita de Cabral, aí derramaram tanta consternação quanto Tróia sentira durante seu longo assédio. Quê! não fomos nós do Equador também vítimas da longa tempestuosa noite da escravidão?! E como poderão ser esquecidos esses ultrajes, se não formos generosos?!...

“Como o furacão violento, que depois de rugir nas montanhas longínquas se perde no imenso espaço das nuvens, e depois de açoitara as vagas do imenso pélagos, que murmurando de longe, vão com horrífico estampido quebrar-se sobre as margens desabrigadas, assim, se foi o ódio que nos incitou a bradar mil vezes – *Vingança!...guerra, guerra!* – Assim seja esse ódio apagado pelo gelo do esquecimento! Sejam antes vítimas pela nossa generosidade, que pela crueldade que nos assemelhe aos tigres do despotismo. O grande Júlio César, quanto imortalizaste teu nome, mais pela tua demência e generosidade, do que pelo poder que exercestes no maior império do mundo do teu tempo e do que por teres sido o avassalador de tantos povos a cobiça de Roma! O que tu disseste a Antônio eu repito aos brasileiros – *Quem não é culpado não teme, nem se vinga quando poderoso* – Ah! Possam tão nobres exemplos do conquistador de mil povos por meio do Reno, ditador das leis aos partos, vencedor da Síria, que abateu o orgulho do célebre Pompeu, inspirar aos brasileiros sentimentos tão magnânimos, liberais, e de piedoso respeito para com os vencidos e humildes, como para com os nobres orgulhosos! César, vencedor de Catão, pedia a este a sua amizade, pois que de suas virtudes cívicas se reputava vencido esse grande capitão! César magnânimo nem tentava contra a liberdade de Bruto, ainda sabendo que este patriota fanático conspirava contra a sua existência. Aí está o mais sábio dos reis da nossa idade, Luis Filipe, Rei dos franceses, desarmando com os atos da sua clemência, os seus maiores inimigos, que têm jurado assassiná-lo.

“A longa, espessa e tormentosa *noite* da vassalagem foi encarada pela última vez! A independência brasílica triunfa, e triunfará, ou a morte nos há de custar! Este DIA nascente é o vigésimo terceiro da liberdade, que faz brilhar os seus raios alvos, e luzentes sobre o altar da pátria, que os recebe com hinos da vitória que celebramos! O orvalho da madrugada que borrifou era da independência é o primeiro louro que cinge a fronte dos vencedores! – *O perdão para os vencidos!* – é o novo triunfo político que mais realça a glória do Brasil, por ser o triunfo da moral e da humanidade.

“Dia faustoso da minha pátria! Recebe pela vigésima terceira vez o mais solene juramento que faço de ser teu fiel guarda, e sempre respeitador da tua augusta preeminência! Eu vejo com o maior júbilo congraçadas a religião e a política para te celebrarem! A Igreja, e o patriotismo brasileiro te saúdam no Oriente com seus cânticos alegres; e com as preces fervorosas que elevam ao trono do Árbitro dos mundos. Lhe agradecem a liberdade que nos trouxeste! Eu pois ó grande dia! entre tantas considerações respeitáveis, eu não reluto de ser seu tributário! És o autor dos sucessos da minha pátria! Tens por isso jus aos votos de respeito do cidadão magnânimo. Tu, ó pai da independência e da liberdade do Brasil, aceita as minhas oblações! Tua glória está a par da grandeza do império: Tu viverás sempre ó grande dia.”

O CARURU

“Quase que agonizante se mostra a estrela luminosa que a muito corre, e com gigantescos passos sobre os fracos nevoeiros da imortal serenidade, que, correndo por caminhos escabrosos não pode vencer a forte estação de um rigoroso inverno, ao tempo que audaz e impaciente intenta romper essa relva pacífica que aí tem formado a morada do descanso.

“Estranhas regiões invejam esse viver pacífico e venturoso, ao tempo que seus habitantes, privados dos direitos próprios (concedidos por lei da natureza), destroem o tênue suco do limitado alento, para abrirem novas estradas para por elas livres caminharem, e gozarem de um ar mais puro e uma viração mais branda; por conseguinte, anarquizados por essa primeira reflexão, ainda querem mostrar a frieza que os domina, mais e mais firmes sofrem esse segundo abalo que, considerando-o a futuros sendo presente, seus braços não esmorecem e firmes continuam os seus incansáveis trabalhos; ao mesmo tempo que outros os chamam coardas, e nos seus primeiros períodos, descrevem-lhes essa escandalosa cronologia, que os deixam imóveis nesse mesmo lugar que ufanos se apresentaram para vomitar esse beligerante fel de rancorismo... Agora faz mudança nos despojos da carunchosa lã que os acobertam, mostram-se cordeiros, e humildes esperam o zombador jogar do menos adestrado serrano; folga com ele o cevidor brutal, tudo enfim os convence de seus erros.

“Quisérámos à vista de tantos exemplos, maranhenses, quase dizer-vos, que vos não deixeis iludir por esses hipócritas; o caminho por onde vos levam inunda crassos pântanos, e essas águas caudalosas vos afogam; não queirais imitar a meia dúzia de aventureiros, que só servem de macular a nossa pátria e a nossa alma em chamarmos nossos patrícios, porém podeis certificar-vos, que essas dentadas que sobre elas têm de fixar essa venenosa víbora é remediável; acreditai que tudo são ilusões que despertam essas loucascabeças e acreditarem que esse primeiro lance, a que muito se ufanam, é a própria glória. Ah! quando enxada dos vivos é a própria ruína que jubilosos buscam; é finalmente a própria expiação de tantos erros... Quando vós os verdes chorar o pão, agora também chorai, e lembrai-vos de mostrar-lhes o livro, e as fúnebres páginas, em que, como a mão firme e caráter resignado traçaram essas régias linhas, apontar-lhe-eis também com dedo firme as letras; e, em argumento pedi-lhe os exem-

plos dessa sintaxe, e os vereis cavaleiros res pon der-vos com lú gu bre som, que vos ca u-
sarão dor, e os vossos corações despedaçados não lamentaria a sorte desses míseros se
não compartilhásseis as lágrimas de uma virtuosa esposa e de um inocente filhinho;
correntes assaz duras e pesadas a cujos ingredientes eles não imaginam que pode dis-
solver, e a liga que já agonizantes quiserem aplicar já não encontrará aquela consistên-
cia..., e esta voz ainda vós haveis de ouvir “*Aidez a cet homme a porter ce fardeau.*”¹⁶

16 Copiado textualmente do *Caruru* nº 2, de 10 de junho de 1846.

.....

VI

APROXIMAÇÃO DO DIA DA ELEIÇÃO – EXASPERAÇÃO DOS PARTIDOS – INFIDELIDADE DO CORREIO, ROUBO E MORTE DE ESTAFETAS – CURIOSA CORRESPONDÊNCIA ELEITORAL – ESPANCAMENTO E MORTES, DISTÚRBIO UNIVERSAL – O MEDO, NUME ADORADO POR ANTIGOS E MODERNOS – DIVERSOS GRAUS DE FALSIFICAÇÃO – DECISÃO DE UM CONSELHO DE RECURSO – O PARTIDO VENCEDOR FRACÇIONADO – ANARQUIA NA VOTAÇÃO – APURAÇÃO FINAL – JOGO DE ATAS – ADMIRÁVEL EXEMPLO DE FIDELIDADE POLÍTICA – CONTRADIÇÕES, ESQUECIMENTOS E APOLOGIA DO AUTOR – ASSEMBLÉIA PROVINCIAL – ELEIÇÕES MUNICIPAIS – DECEPÇÕES, NOVAS CISÕES E COALIZÇÕES.

S

EM dúvida os discursos e artigos que acabamos de transcrever pouco se parecem com os dos Mêmios, Cíceros e Salústios; as nossas cenas de becos e corredores não competem com os dramas grandiosos do Fórum e do Capitólio; e se aqui se manejam o cacete e a pedra, os agressores e as vítimas não se chamam Gracos, Catões, Bíbulos, Metellos, ou Murenas. Timon o sabe, e o público com ele; trata-se da história eleitoral do Maranhão, e esta consideração deve fortificar a paciência de quem escreve, e servir-lhe de escusa para quem lê.

Depois de 28 de julho, seguiram-se os festejos de 7 de setembro, que se passaram quase do mesmo modo, senão é que a animosidade dos partidos, num contínuo *crescendo*, tinha nesta última época chegado a um grau de exacerbação incrível. Assim, os distúrbios entre os diversos grupos foram em muito maior escala por quase todos os pontos da província, havendo até em alguns, colisões verdadeiramente sanguinolentas.

Por toda a parte terminava a luta com o triunfo dos *cangambás*, que sobre terem o apoio dos destacamentos e das autoridades policiais, já eram de si mesmos mais numerosos, como de tempos imemoriais sempre acontece entre nós a todos os partidos governistas.

A cada notícia que chegava destas perturbações precursoras do grande ato eleitoral, a oposição se evaporava em artigos veementes, onde o público neutral com o paladar já embotado pelo abuso das declamações, lia possuído da maior indiferença: – “que mais um escândalo inqualificável, mais uma página de sangue tinha vindo conspurcar a história e a infame administração do mais odioso de todos os déspotas”.

A maioria porém não se dava por segura com sua manifesta superioridade, pois sabia bem que por pouco que afrouxasse, os seus adversários a suplantariam; assim as injustiças na designação de guardas nacionais para os destacamentos, as prisões, os processos, as demissões não tinham conta, sendo que a oposição fornecia admiráveis pretextos para tudo, pela turbulência e descomedimento já de todos intoleráveis, com que se havia. A par das violências, as fraudes, as trapaças, as traições entre os indivíduos do mesmo lado, as defecções súbitas e julgadas impossíveis antes de realizadas, davam cada dia mais animação ao drama. O desejo imoderado, ou antes a fatal necessidade de vencer, obriga os combatentes a dar de mão a todos os escrúpulos, e esporeados pelas paixões más e desordenadas que gera a luta, não há meio reprovado que não empreguem. A competência faz gastar quantias enormes; a infidelidade do *correio* patenteia os segredos que lhe são confiados, e se isso não basta, os estafetas são atacados, roubados e mortos nos lugares desertos que atravessam.¹⁷ E depois, não há jornal que se recuse a publicar documentos obtidos a preço de crimes tão abomináveis! Devemos porém confessar que as correspondências colhidas por estes ou semelhantes modos são quase sempre curiosas e picantes, revelam o péssimo conceito que uns dos outros fazem os *amigos* políticos, as traições que reciprocamente premeditam, e se urdem, a fraqueza de suas forças, e em geral as imensas dificuldades com que lutam.

Dos diversos pontos do interior vêm cartas dos respectivos caudilhos, dirigidas quer aos da oposição, quer aos do Governo, onde

17 Histórico.

pouco mais ou menos se diz – “que as cousas não estão boas, que é preciso ir um destacamento numeroso para conter a ordem, que sem isso não se faz nada, que o Bezerril está meio virado, porque não lhe quiseram dar o lugar de coletor, e ameaça dar denúncia contra o nosso amigo Pamplona pelo desfalque da coletoria; que será bom obter uma carta do negociante Sabóia, a quem o mesmo Bezerril é devedor de não pequena quantia para vermos se isto se pode arranjar por bons modos; porque o Pamplona, coitado, está muito atrapalhado em seus negócios, e parte do dinheiro que falta, ele adiantou para as despesas do nosso partido. Enfim, digo a V. S^a em conclusão que nossos adversários estão muito audazes, e só medidas fortes e enérgicas do Governo é que poderão decidir o negócio a nosso favor”. Ou – “Meu amigo, as cousas não marcham bem por aqui, pois conquanto o nosso partido seja muito superior em maioria ao do Governo, a perseguição no povo miúdo tem sido tal, que poucos nos aparecem, e os que escaparam da rede do recrutamento, ficaram jurados para depois das eleições, se tornassem a meter. De mais a mais, estamos quase sem dinheiro algum para poder sustentar o povo e mais achegas indispensáveis; a subscrição deu em droga, as maiores partes respondiam que os candidatos gerais é que deviam carregar com as despesas, que a eles já bastavam de sobra os incômodos, compromettimentos & &. Já V. S^a há de saber, o nosso 1^a juiz de paz Lalau foi botado fora, por nova maroteira de incompatibilidade, suposto semelhante medida veio daí às escondidas para nos apanhar despercebidos, e por isso talvez não se tenha ainda vulgarizado por aí. Segue-se o Anta que é deles, e todos os mais são nossos, por isso se V. S^a pudesse arranjar uma cartinha do comendador Fiúza para este patife se dar por doente, pois o tem pelo cabresto, seria essa a nossa salvação, do contrário nem poderemos fazer as nossas eleições em separado, e é escusado estarmos-nos mais a cansar sem fruto. Não se esqueça de mandar as normas de atas, representações e toda a papelada que devemos remeter, pintando bem o ataque da força no dia da eleição, a fim de ir tudo legal &.”

Da capital se lhe responde: “Que vão apenas dez praças, e não é possível irem todas as que foram pedidas, porque o Governo se vê consumido com pedidos de destacamentos para todos os pontos, e já não tem quase força alguma à sua disposição; que no entanto, esse auxílio pode ser dispensado, uma vez que o partido todo se apresente, como

é de esperar; que são excelentes as notícias recebidas das outras comarcas, e por isso conta-se com um triunfo completo.” Ou já: “Que vão as cartas de empenho pedidas, e que não vão as normas, porque é melhor que venham as assinaturas em branco, pois tudo se arranjará aqui mais facilmente, à vista das circunstâncias. Dinheiro não se remete, por não haver, sendo as despesas da capital enormes, e com essas já carregam os candidatos, não sendo razoável sobrecarregá-los com as do interior, não havendo cousa mais justa do que cada localidade fazer por si as suas despesas peculiares, e nossos amigos não têm razão de se quererem eximir delas, pois com o triunfo do partido, não são só os candidatos que ganham, também eles fruirão imensas vantagens. Que cumpre não desanimar, pois as cousas estão bem figuradas por toda a parte, e conta-se sem falta com a demissão do bandalho do presidente antes das eleições, e para isso só se espera que se fechem as câmaras, para o Ministério evitar interpelações.”

A eleição devia fazer-se no dia 12 de outubro, e desde o primeiro do mês pode se dizer que as reuniões eram diárias e permanentes de um e outro lado; a cidade tomou um aspecto aterrador; a atmosfera parecia abrasada, e a tempestade prestes a desfechar; travavam-se rixas a cada canto, ferviam as cacetadas, e as rixas para logo se transformarem em verdadeiros tumultos, que os chefes a muito custo conseguiam pacificar, se não é que algumas muito de propósito os excitavam. Nas classes superiores não se vinha às mãos com tanta facilidade, mas as disputas animadas, as palavras azedas e insultuosas, as brigas, rompimentos e inimizades se repetiam freqüentemente, e as coisas chegaram por fim a termos tais que metade da cidade não tirava o chapéu à outra metade. Esta prova significativa de ódio ou malcriação tornava-se ridícula em certos indivíduos sem importância que procuravam inculcá-la mostrando-se de fel e vinagre para com outros que nem para eles se dignavam olhar. Nos dois últimos dias a patuléia governista ocupou a frente das duas igrejas paroquiais; a contrária ficou um pouco mais distante. Algumas casas da vizinhança foram com antecipação alugadas por um e outro lado. Constou-me que os respectivos proprietários se queixaram depois de lhes não haverem pago os aluguéis. Houve um ano em que as quitandas mais próximas franqueavam liberalmente vinhos e outros líquidos à pa-

tulêia sequiosa, mas nos últimos tempos, com a decadência das caixas centrais, secou esta miraculosa fonte.

A noite de 11 de outubro, passou-se em terrível algazarra de vivas, foguetes e zabumbas; o entusiasmo e confiança dos *cangambás* eram manifestos, ao passo que os brios da oposição murchavam a olhos vistos, apesar de todos os estimulantes sólidos e líquidos, físicos e morais, com que procuravam erguê-los. À tardinha havia sido distribuído um *Avulso* concebido nos seguintes termos:

“O Secretário do Governo, como órgão de seu digno amo, o bode de bicheira, tem proclamado pelas salas de palácio que o Governo há de fazer a eleição à força de armas, queimando o último cartucho. Resigne-se a oposição que deve ir às eleições possuída do valor e constância para repelir a força pela força. A convicção do povo deve acompanhar-lho por toda a parte; e se o Governo puser em ação seu tresloucado projeto de repelir o povo, deve o povo mostrar ao Governo que as eleições são do povo, e não do Governo. O Governo vai rodear-se de tropa, a lei das eleições deixando ao povo o voto livre, determina que não haja ostentação de força. O Governo da província não cumpre a lei que garante ao cidadão brasileiro o seu voto, o Governo da província se rebela contra a Constituição do Império, e quer que o povo seja levado de rojo e expellido das igrejas. Mas quanto se ilude o déspota, esse vil sertanejo capador de garrotes! Quem é do povo se deve unir, e caminharem todos com ânimo de repelir a agressão, ainda à custa da própria existência. O Sr. Mascarenhas quer elevar-se a todo custo, e em seu delírio quer que o dia 12 de outubro seja aquele em que firme a sua elevação com o sangue do povo. Maranhenses! corramos à urna. União e constância, e seja o nosso grito, vencer ou morrer!”¹⁸

Com este, outros diversos artigos circularam na capital; e os dignos e pacíficos habitantes, que com tanta indiferença e sangue-frio, haviam de suas janelas e das praças contemplado os festejos e procissões dos meses anteriores, achavam-se já então transidos de susto, e recebavam ver deveras a guerra civil ateadada na manhã seguinte por toda a província. A experiência porém mostrará que os seus receios eram infundados. Durante a noite, uma sofrível porção de patulêias oposicionistas, dando

18 Copiado quase textualmente.

fé do descoroçoamento dos chefes, se foi escoando à surdina; da gente limpa ou de casaca, porém é forçoso confessar que não fugiu ninguém. É bem verdade que só tinham comparecido cinco ou seis dos mais comprometidos e interessados, porquanto os mais se haviam deixado ficar em casa, sob diversos pretextos, sobressaindo porém, mais geralmente a alegação de que não estavam para sacrificar-se por um partido mal dirigido, e que parecia não ter chefes.

De modo que ao amanhecer conheceram os pobres-diabos que estavam irremissivelmente perdidos. Ainda então fugiram alguns; outros arrependeram-se de se não haverem a tempo declarado governistas; outros enfim fizeram propósito de nunca mais meter-se em política. Era entretanto indispensável pôr termo a uma situação tão desesperada, em que se viam quase arriscados a uma debandada, sem haver ao menos motivo aparente que a desculpasse. Assim que, fazendo das fraquezas forças, cerca das oito horas da manhã se puseram em marcha, com mostras de que queriam penetrar nas igrejas; porém com a vista só de duas ou três patrulhas de polícia que acaso toparam, deram-se por coactos, e gritavam à boca aberta, ameaçando que se iam retirar e protestar solenemente; pois não havia liberdade de voto, quando um grupo de caceteiros contrários, impacientado com tais tardanças e cerimônias, caiu sobre eles, e os afugentou em brevíssimos instantes, não sem resistência de alguns dos da mesma classe, que são sempre os mais maltratados nestas refregas, e os que nelas despendem alguma coragem e vigor.

O partido vencedor, que concentrara as suas forças em um só local, mandou então ocupar a Sé até aquele momento completamente abandonada. Um grupo de cinquenta homens armados de cacetes, trazendo à sua frente cinco ou seis indivíduos de casaca, um pouco acañados da figura que faziam, e dos sentimentos que excitavam, atravessou a cidade, soltando foguetes, dando vivas, e entoando por única messeniana o burlesco *Muquirão*. Ao aproximarem-se estes heróicos tirteus, coxos do espírito, as portas das casas, lojas e tabernas se iam fechando ruidosamente, presumindo cada qual que era enfim chegada a hora do tremendo e receado acometimento.

Dentro em pouco duas girândolas de foguetes anunciaram que as mesas estavam formadas; mas os nossos heróis não deram com isso a tarefa por concluída, e não tendo já adversários reunidos a quem

combater, derramaram-se por toda a cidade a cacetar um ou outro antagonista isolado e inerme que acaso topavam, e não tinha tempo de esquivar-se, acolhendo-se em casas alheias ou saltando muros e telhados. Colhidos estes troféus, invadiam lojas e quitandas, nos bairros onde uma demasiada segurança preterira a cautela de fechá-las, e se o taberneiro ousava recusar grátis as prestações que dele exigiam, era para logo tratado como *bacurau* ou *jaburu* vencido, isto é, espancado.

A muito custo, tarde, e a más horas, conseguiu-se depois arrastar esta gente dispersa, cujo número engrossaram muitos patuléis da oposição, que depois da grande debandada, arvoraram a libré ou distintivo governista (fitas verdes, amarelas, e encarnadas que enfeitavam os peitos e os cacetes) e fizeram a sua evolução com tal presteza, que inda vieram muito a tempo para ajudarem a cacetar os recentes sócios.

Logo ao segundo dia entraram a chegar as notícias do interior; por toda a parte se repetiam os mesmos tumultos e distúrbios; por toda a parte o Governo triunfou, e a oposição fugiu, sem outro inconveniente mais que três ou quatro cabeças quebradas. Mas em Sangra-Macacos, vilota de caboclos, assaz insignificante, não ficaram as cousas nisto, porque assustados os *cangambás* dos *jaburus*, que estavam ameaçadores, chamaram em seu auxílio o destacamento da Guarda Nacional, composto de seis guardas e um sargento, a cada um dos quais se haviam distribuído desde a véspera quatro cartuchos embalados. Inteirada a oposição deste movimento encheu-se por seu turno de terror, disparou em desordenada fuga, e ao dobrar uma das ruas que desembocavam na praça da matriz, encontrou-se face a face com o terrível destacamento, sem que no ímpeto com que iam uns e vinham outros, houvesse tempo e maneira de recuarem reciprocamente. E no meio daquela deplorável confusão, iscados também os guardas do mal contagioso do dia, isto é, desacordados de susto, e sem saberem o que faziam, dispararam as armas ao acaso e sem pontaria, resultando contudo da descarga cair um indivíduo morto, e dous ou três gravemente feridos.

A História refere que a antiguidade pagã e supersticiosa erguia altares ao medo; fosse superstição ou religião, o culto desta divindade merecia renovado em nossos dias, pois ao seu benigno influxo é certamente devido o desfecho quase sempre cômico e ridículo de todas essas bravatas com que os partidos matam o tempo durante meses inteiros até

o dia da eleição; não podendo atribuir-se um ou outro desastre de maior consequência, como o que acabamos de referir, senão a excesso de devoção e zelo ao culto.

Ao estampido da descarga imagine cada um como ficaria aquela heróica vila; ambos os partidos deitaram a fugir, cada qual para sua banda, assoalhando por toda a parte que Sangra-Macacos ficara nadando em sangue, e entregue aos horrores da mais desenfreada anarquia. Sabida porém a verdade das coisas na capital, o infatigável doutor Afrânio apressou-se a minutar e expedir as atas e instruções necessárias; e voltando os fugitivos aos seus lares abandonados, deu-se a eleição por feita, e os quatorze eleitores daquela importante localidade votaram efetivamente daí a um mês no respectivo colégio eleitoral.

Os chefes da oposição, que se tinham sumido, publicaram ao terceiro dia a seguinte memorável proclamação:

“Maranhenses! Atentados inauditos acabam de ter lugar em nossa pátria natal; o povo que por toda a parte se apresentou pacífico e inerte a exercer um direito sagrado que lhe garantia o pacto fundamental do Império, foi por toda a parte recebido na ponta das baionetas do tirano! Nesta capital, e em diversos outros lugares foi impiamente derramado o sangue brasileiro; porém em Sangra-Macacos correu ele em jorros, e muitas vítimas foram sacrificadas ao feroz canibalismo que enluta este outrora feliz torrão, parte integrante da América livre! O povo maranhense se tem mostrado digno do glorioso nome de brasileiros, pois querendo evitar uma conflagração geral tão almejada por nossos opressores tem-lhes abandonado o campo, e as igrejas onde só reina o estridor das armas.

“Maranhenses! A vida de nossos concidadãos está à mercê do bacamarte dos sicários; porém tende mais um pouco de resignação e nossos clamores subindo os degraus do trono, hão de ser atendidos pelo nosso magnânimo monarca. Saiba o Maranhão, saiba o Brasil, saiba o mundo inteiro, que os maranhenses, sem cederem um ápice de seus direitos, conhecem igualmente seus deveres, e não há sacrifício a que não se sujeitem gostosos para não desrespeitá-los.

“Viva S. M. o Imperador!

“Viva a liberdade de voto!

“Vivam os maranhenses livres!

“Maranhão 15 de outubro de 184...”

(Seguem-se as assinaturas de cinco membros da comissão diretora.)

Os jornais referiram os fatos cada um segundo convinha ao seu partido; os da oposição afearam a catástrofe de Sangra-Macacos; os do Governo disseram que o destacamento, apenas de quatro homens,

não fizera mais do que repelir os desordeiros que haviam acometido o quartel para se apoderar do armamento, e porem em execução seus negros planos de matança e roubo; mas o Ex^o Bernardo Bonifácio dando conta ao Ministério da maravilhosa tranqüilidade com que se passara a crise eleitoral, e do sossego e boa ordem com que em geral tudo se havia feito, sobre este desaguisado encaixou o seguinte período – “Há apenas a deplorar o grave conflito que se deu entre os dous partidos na vila de Sangra-Macacos, do qual resultou a morte de um indivíduo e o ferimento de dous; mas tenho a satisfação de asseverar a V. Ex^a que a ordem foi prontamente estabelecida, e organizada a mesa na forma da lei, e concluiu-se o processo eleitoral com a maior calma e regularidade.”

Quando Vinagre, nos lúgubres dias de 1835 no Pará, tendo feito fuzilar a Malcher, lhe sucedeu na intrusa governança, dirigiu uma circular aos seus colegas legais, em que se exprimia da maneira seguinte: “Participo a V. Ex^a que havendo *falecido* o Presidente Félix Clemente Malcher, tomei posse do Governo, em cujo exercício me acho pronto a cumprir as ordens de V. Ex^a quer tendentes ao serviço público, quer ao particular de V. Ex^a a quem Deus guarde muitos anos.”

É mister confessar à vista destes dous exemplos que não há nada como saber referir as cousas nos seus devidos termos.¹⁹

Depois dos tumultos, distúrbios e espancamentos que prece-deram e acompanharam a conquista e a formação das mesas, começaram as operações eleitorais sob formas variadas e distintas em cada uma das freguesias da província, posto que a matéria fosse regulada pelas mesmas leis, instruções e avisos. É que antes, durante e depois das violências e espancamentos, a falsificação trabalhara em larga escala.

As falsificações fazem com efeito um grande senão o primeiro papel nas nossas eleições; começam no primeiro dia, acabam no último, revestem todas as formas, tomam todas as dimensões, são de todas as espécies, materiais e morais, delicadas e grosseiras, máximas,

19 Estes e os fatos que se seguem, referem-se a anos anteriores a 1852, quando escreveu e publicou Timon esta parte da sua obra. As cousas têm melhorado, ao menos no que respeita ao processo eleitoral, de 1860 em diante. (Dos EEdd.)

médias e mínimas, gerais, parciais e pessoais, absolutas ou relativas, recíprocas e convencionais, exclusivas e aquisitivas, de aumento e diminuição, e têm, como os papas, o poder de ligar e desligar. O que o leitor já tem visto, e o que passa agora a ver, justificará sobejamente esta classificação.

Logo no princípio temos a falsificação por meio da corrupção, da difamação, do louvor e vitupério indevidamente distribuídos, da exaltação e aberração dos espíritos. É o que se chama o falseamento da opinião, e sem isto não há eleição.

Segue-se-lhe imediatamente o falseamento do sistema, mediante a abusiva interferência do Governo, que paralisa, estende, encolhe, sofisma e desnatura a lei nos seus regulamentos e avisos sem conta, expedidos segundo as exigências e interesses encontrados das facções, e por consequência variáveis ao infinito, contraditórios e repugnantes entre si. As declarações de incompatibilidade são uma das minas mais fecundas que o Governo, ou os partidos em seu nome, costuma explorar; e é mediante o seu auxílio que são freqüentemente inutilizadas turmas inteiras de funcionários eletivos, juizes de paz, eleitores e vereadores, que a lei em sua maravilhosa sabedoria, e para evitar a influência apaixonada do momento, tinha com antecipação designado para compor as mesas.

Nas qualificações e revisões, as mesas já falsificadas, falsificam por seu turno, alistando os incapazes, e excluindo por centenas os cidadãos já anteriormente qualificados, e sobretudo tomando as decisões às ocultas, e à última hora, para que os prejudicados não possam recorrer a tempo e em devida forma.

Se acaso recorrem, lá estão os conselhos de recurso, eivados do espírito de partido, e compostos de homens estúpidos e ignorantes, quando não velhacos, para darem ou negarem provimento, contra a justiça, e segundo os interesses. De resto, as leis eleitorais que deviam ser concisas, simples, claras, acomodadas à inteligência da multidão imensa que intervém na sua execução, constituem pelo contrário um código vastíssimo, complicado e obscuro. A seguinte decisão de um conselho de recurso que subiu à nossa relação, dá a medida tanto da execução das leis, como da capacidade dos executores.

“O Conselho vendo com a mais elegante atenção o requerimento que em sessão de hoje lhe apresentou o sup Protestando contra este Conselho e impondo-lhe obrigações das quais ele acha, digo, se acha despido, julga ser mais por uma imoral vingança do que um sincero desejo na qualificação de imensas pessoas as quais talvez nem as conheça, quanto mais interessar-se tão zelosamente por elas como mostra; mais este Conselho revestido de toda eqüidade e prudência suporta tais ataques; e tão positivos!!! Pois tendo deferido na petição do cidadão F... que na forma do citado decreto estava lavrado seu protesto de recurso; p^m já aparecerão as testemunhas para assinarem com o dito recorrente? Não!!! Porventura será por culpa e negativa do Conselho! é negligência de quem digo ou por negligência de quem recorreu; ou seria mister o Presidente oficial as mesmas testemunhas, desta forma tem este Conselho deferido as suas razões de que não são atendidos por este Conselho. Vila de ... em seção vítima de seus trabalhos aos ... de ... 184...” (Com três assinaturas.)²⁰

Nos primitivos tempos, organizada a mesa, ainda que fosse uma vantagem considerável o ter um dos partidos a maioria dela, nem por isso o partido contrário se dava por vencido e abandonava o campo; a vitória era disputada até o fim, e quem não fazia os eleitores, fazia ao menos os suplentes. Estes costumes da idade de ouro eleitoral ainda duram na tradição dos povos, mas já não pertencem à nossa época, onde mesmo todas essas laboriosas falsificações de alistamento vão caindo em desuso, como inúteis e próprias só de gente simples e pouco civilizada.

As operações eleitorais passaram-se nas diversas freguesias da seguinte maneira:

Na Sé, recebidas umas cinquenta listas por mera formalidade, a mesa suspendeu os trabalhos, e nos dous ou três dias seguintes em que continuou a aparência deles, os dignos membros apenas compareciam, e se demoravam alguns momentos, para constar, porque em casa é que se fazia o trabalho real das atas. Em resultado, não só os eleitores saíram todos *cangambás*, senão que sucedeu o mesmo com as três mais próximas turmas de suplentes. Não valeu isso para que na primeira ocasião estivessem já todos divididos, retalhados e inimizados, desde os mais até os menos votados. Um dos mesários zombeteando espirituosamente sobre a liberdade dos sufrágios, e a pureza virginal da urna, fez que a diversos opositoristas distintos se contassem dous, três ou quatro votos.

Na Conceição, concluídos os preparatórios, e no momento de começar a recepção das listas, é que se deu fé de que ninguém se havia

20 Copiado *verbo ad verbum* do original.

ocupado em escrevê-las, nem ainda os próprios mesários! O trabalho de escrever e passar chapas já ninguém o toma, porque de todas as formalidades sem dúvida a mais inútil é a de dar e apurar votos. A notícia da ausência absoluta de listas foi recebida pela turba circunstante com estrepitosas gargalhadas; e quando o presidente da mesa para poupar fadigas inúteis disse alto e bom som: — *Meus amigos, não se incomodem, que nós arranharemos tudo* —, a sua voz eloqüente foi coberta por um trovão de apoiados.

No dia seguinte pela manhã vendo os chefes que a patulêia era tão inútil como pesada, trataram de despedi-la dizendo-lhe mentalmente um saudoso adeus até o próximo recrutamento. Nesse mesmo dia, às cinco horas da tarde, passando Timon pela frente da igreja apenas deparou quatro ou cinco soldados, sentados ou a dormir no alpendre vizinho, dez ou doze granadeiras ensarilhadas à grande porta, eram os únicos votantes que ali se viam, e dentro não respirava fôlego vivo, a não ser o do sacristão. Os digníssimos mesários estariam naturalmente executando em suas casas o artigo da lei que manda trabalhar até sol-posto.

Em Sangra-Macacos já o pio leitor sabe o que aconteceu.

Em Afoga-Bugios, conhecendo o reverendo vigário que o seu partido ia debaixo, assentou em inutilizar o mais possível o triunfo dos contrários, reduzindo os fogos de maneira que em vez de oito ou nove eleitores que de muitas legislaturas atrás dava aquela freguesia, desse então somente quatro. Mas os *cangambás*, que lançavam outras contas, arrancaram o edital da porta da matriz, e no dia 12 de outubro, formada a mesa, entraram a apresentar as suas listas com vinte e quatro nomes! O reverendíssimo, como cada um imaginará, objetou logo que tais listas se não podiam receber, pois a freguesia não tinha mais de 410 fogos; mas a turba gritou que não havia tal, que o reverendo vigário estava enganado ou esquecido, que o seu edital rezava de 2.432 fogos! Os vinte quatro eleitores foram, é certo, apurados, e tiveram depois assento e voto no colégio das Guaribas, mas o vigário de enfadado recusou cantar o *Te-Deum*, finda a apuração.

Em Quebra-Bunda deixou de haver eleição, por não terem chegado a tempo as ordens para tal fim expedidas pela presidência; e as respectivas autoridades, tanto de um como de outro partido, tiveram de

mais a mais a simplicidade de participar esta estupenda ocorrência por modo tão público e oficial que não foi possível tornar atrás, quando os chefes da capital, ardendo em cólera, lhes fizeram sentir a asnidade do seu procedimento, tão inqualificável, quanto teria sido fácil aproveitar-se, cada um pela sua parte, da estupidez do lado contrário. E com efeito, custa a compreender como é que nesta heróica província, e em pleno século XIX, haja ainda quem se exponha por este modo às vaias dos povos civilizados.

No Saco-dos-Bois deu-se outra incrível anomalia, mas felizmente a sandice foi ainda reparada a tempo, e por um modo que honra o espírito e a ilustração daqueles bons sertanejos. Pois o partido governista, tendo o destacamento e a maioria da mesa da sua banda, não caiu contudo na esparrela de receber as listas, uma por uma, e com o maior escrúpulo? Resultou daí que a oposição alcançasse a maioria; mas os mesários e seus aderentes conhecendo enfim o erro que haviam cometido, tais disputas armaram durante a apuração, sobre a legalidade de cada lista que se ia lendo; e os oposicionistas, sustentando a controvérsia, se prestavam de tão boa graça e com tanto fogo e ingenuidade ao manejo, que se passaram cerca de vinte dias antes que pudesse ser concluída a apuração. Mas, ó desgraça! Na contagem final dos votos verificou-se que eles não correspondiam ao número das listas e dos nomes de cada uma delas! Foi preciso pois recomeçar segunda e terceira vez; e por tal modo andou o negócio, que no dia da reunião do colégio, os eleitores desta freguesia em número de trinta, ainda não tinham diplomas, e por isso não foram admitidos a votar.

Nos Moquéns as cousas se passaram de um modo novo e picante. O juiz de paz e eleitores, que tinham de compor a mesa nesta freguesia, eram todos *bacuraus* que haviam ultimamente rompido com os *cangambás*, mas por fortuna destes, e como era de razão e da natureza das cousas, com o rompimento *bacurau*, veio a aliança dos *jaburus*. Estes nas eleições passadas haviam feito as suas atas, que verdadeiras ou falsas, tinham sido então repelidas pelos seus adversários coligados. Pois bem, na eleição atual apresentou-se impavidamente a turba dos eleitores *jaburus* anulados pela Câmara dos Deputados, compôs a mesa, e fez a eleição, que foi em tempo competente aprovada pela nova câmara, ficando assim entregue ao merecido desprezo a eleição dos contrários.

Nas Guaribas não compareceu um só governista; o primeiro juiz de paz, que era *cangambá*, escondeu-se de tal modo, que não foi possível dar com ele; a oposição procedeu ao ato com o juiz imediato. Quando porém o colégio teve de reunir-se compareceram uns improvisados eleitores *cangambás* com diplomas assinados pelo primeiro juiz de paz, nos quais se figurava uma eleição com mais de seiscentos votantes. Foram admitidos, e em tempo oportuno definitivamente aprovados pelo poder competente.

Na Palmeira Torta, a oposição repelida à viva força da matriz, votou em uma casa particular, mas como da capital lhe haviam feito sentir que a circunstância do local era de grande peso, na ata deu-se a eleição como feita na matriz. O juiz de direito e o vigário informaram nesse sentido, mas o juiz municipal e o subdelegado fizeram participação contrária. Em regra, onde a oposição, tolhida de votar, forjou atas falsas, teve o cuidado de figurar o ato como passado na matriz. Os governistas tremiam de cólera à vista de tanta desmoralização e imprudência; mas como a lei, ou antes os regulamentos eleitorais permitem que a justificação de todos e quaisquer atos e circunstâncias relativas ao processo eleitoral, possa dar-se simultaneamente perante os juizes de paz, municipais e de direito, cada partido recorria à autoridade que era mais da sua feição, produzia documentos autênticos e testemunhas respeitáveis maiores de toda exceção; e em resultado fatos, que se excluía reciprocamente, eram declarados verdadeiros e reais por sentenças do poder judiciário.

Porém o derradeiro supremo, e absoluto grau de falsificação dá-se quando um só indivíduo, sem o auxílio de mais pessoa alguma, fechado no seu gabinete, fabrica todos os documentos necessários, e os assina por todos aqueles cujo concurso é indispensável.

Outras muitas espécies, formas, e maneiras de falsificação se costumam usar, que Timon se vê obrigado a omitir nesta já prolixa enumeração, confiado no douto suprimimento do experiente e benigno leitor.

Quanto fica referido é relativo às eleições primárias. Da reunião dos colégios eleitorais haverá certamente pouco que dizer, porque como vencesse um só partido, completamente, e por toda parte, é de esperar que tudo se passe na melhor ordem e harmonia. A história do

colégio da capital nos dirá porém a real verdade das cousas, e servirá ao conhecimento do que com pouca diferença se passou nos do interior.

Contar com a paz e harmonia nos colégios eleitorais era o mesmo que não contar com o seu hóspede, quero dizer, com a turba dos candidatos em número de quinze, quando os lugares a conferir mal poderiam acomodar uma terça parte deles. É verdade que destes honrados pretendentes, já alguns menos bem-apadrinhados e influentes se dariam por afortunados com a primeira ou segunda suplência, mas infelizmente mesmo neste terreno secundário a luta se travava com igual ardor. Por esta forma, a respeitável e compacta maioria *cangambá* logo nos primeiros dias do seu esplêndido triunfo se achava dividida em três facções consideráveis, e os bichos-do-mato seriamente ameaçados de prestarem os seus nomes ridículos e esquipáticos para designação das futuras recomposições.

Reunido o colégio, o presidente designou para formarem a mesa provisória, como os mais moços dentre os eleitores, a quatro indivíduos da sua íntima confiança, dous dos quais já começavam a pintar de um modo pouco congruente para as suas pretensões de rapazinhos solteiros. Uma das facções em minoria reclamou contra semelhante escândalo; a maioria respondeu com retumbantes apoiados à decisão do presidente que sustentava a designação. Trocaram-se insultos e palavras vergonhosas de todo o gênero. Na apuração do escrutínio para a mesa definitiva, e na das listas da eleição, foram os escrutinadores e secretários argüidos de trocar, substituir, engolir, e não contar os votos; e a esse propósito levantavam-se a cada passo novas e mais indecentes algazarras. O presidente ameaçou a alguns dos eleitores mais recalcitrantes de os fazer retirar ou expulsar do colégio, mas eles declararam que tratavam à ameaça com o merecido desprezo, e ir-se-iam embora sim, mas somente para não autorizarem com sua presença e assinatura a farsa escandalosa que se estava representando. E efetivamente recusaram-se depois a assinar as atas.

Na eleição dos deputados provinciais houve uma verdadeira anarquia e dispersão de votos. A rale a quem os chefes tinham conferido diplomas de eleitor, ou por necessidade, ou na esperança de dominá-la mais facilmente que a outras pessoas mais gradas, assentou de aproveitar a ocasião, e vozeando que nem sempre deviam servir de escada, barganharam ali os votos uns com os outros com tanto descaramento como boa fortuna.

Nos demais colégios as cousas correram, com pouca diferença, por este teor, com a única exceção do mais vizinho, onde a harmonia e união dos eleitores era real e perfeita, mas onde eles de indústria travaram altas questões, que consumiram dous dias, até que conhecido o resultado da eleição na capital, pudessem por ele pautar as suas, como melhor servissem ao triunfo dos seus candidatos prediletos. E as operações terminariam aqui, se não houvessem comparecido apenas setenta e dois eleitores, sendo aliás o colégio de noventa e oito, que figuraram todos como presentes. Tornou-se pois indispensável andar um postilhão de Fazenda em Fazenda a colher as assinaturas dos remissos, imitando-se porém com a maior perfeição as daqueles que de todo não foi possível encontrar.

Chegou enfim o dia da apuração final. Como as duplicatas eram numerosas, e não havia uma só ata que não fosse mais ou menos falsificada, a câmara da capital exercitou uma verdadeira ditadura, escolhendo e apurando as que bem lhe pareceu, e contando em separado os votos das rejeitadas. Entre as preferidas, observou-se com pasmo que fora uma da oposição, absolutamente falsa, e fabricada na capital nas vésperas da apuração; e a razão disso foi que, excluindo-se por este modo a ata governista do Pau-Deitado, ficava de fora um candidato já desavindo com a maioria da câmara, que naquele colégio obtivera unanimidade de votos. Para dizer tudo em uma palavra, foi a câmara municipal apuradora quem em último resultado fez as eleições, expedindo diplomas a seu bel-prazer, habilitada para isso pela multiplicidade de atas postas à sua disposição e escolha.

Entre os diversos indivíduos que obtiveram votos, Timon notou os seguintes:

O Ex ^{mo} presidente Dr. Bernardo Bonifácio	458
Secretário do Governo Dr. Afrânio	361
Dr. Chefe de Polícia Portocarrero	360
Dr. Bávio!	322
Coronel Santiago	301
Dr. Loiola, inspetor da tesouraria	280

Seguiam-se:

Comendador Saraiva.	200
Tenente-coronel Fagundes.	187
Dr. Azambuja.	160
Conselheiro Artur.	165
O Ex ^{mo} Anastácio Pedro.	1

E diversos outros que não importa declarar. Na multiplicidade de fatos que tinha de historiar, esqueceu-se Timon de referir que mal foi conhecida a votação do colégio da capital, e se soube que o único voto obtido pelo Ex^{mo} ex-presidente Anastácio Pedro lhe fora dado por seu amigo predileto, o Sr. coronel Santiago, toda esta cidade não teve mais que uma só boca para elevar até às nuvens este rasgo de heroísmo, amizade e fidelidade política; e conheceu-se então que não era tão verdadeiro como geralmente se supõe aquele conceituoso dito de um dos nossos mais práticos e profundos estadistas – *que em tempos de eleição ficam suspensas todas as garantias da honra e probidade*.

Estou já prevendo que muitos dos meus amáveis leitores hão de fazer numerosas objeções a esta minha fiel narração, argüindo-a de inexata, incoerente e contraditória. Como é que o doutor Bávio, *muruçoca* furioso, aparece um dos mais votados da chapa *cangambá*? Como é que se referem fatos eleitorais que ora presumem o regime das instruções de 26 de março de 1824, ora o da lei de 19 de agosto de 1846, dita a *Vestal*? Como é que sendo o aumento da nossa deputação tão recente, já na era de quarenta e tantos se dão seis eleitos?

Timon responderá ingenuamente à maior parte destas perguntas, – que não sabe; hão de sem dúvida ser desses mistérios e obscuridades históricas que os sábios de todos os tempos têm deplorado sem os poder decifrar e esclarecer. Ainda hoje se contende sobre qual fosse o primeiro e verdadeiro descobridor da América. Na história do cavaleiro da Mancha a mulher de Sancho ora se denomina Teresa, ora Joana Pança; e o seu ruço, de pacífica e estafada memória, que o autor deu furtado nas asperezas de Sierra Morena, daí a pouco aparece cavalgado pelo ilustre governador da ilha Baratária. E da longa e prodigiosa existência do povo romano, não faltam críticos de má morte que façam amputação

de todo o primeiro período dos reis, como apócrifo e fabuloso. Que muito é pois que aconteça outro tanto, e mais ainda, a quem se enreda no labirinto inextricável das nossas eleições, sem o novelo protetor de Ariadne? O que posso asseverar é que nas memórias que consultei tudo se acha ponto por ponto, bem e verdadeiramente como aqui o transcrevo.

Bem entendido, falo das outras pretendidas contradições, porquanto a que é relativa ao doutor Bávio, essa posso eu explicar naturalmente, e nem o leitor a teria capitulado de tal, se lhe eu houvera oportunamente noticiado uma das ocorrências mais importantes da administração do Sr. Mascarenhas, como foi a reunião da assembléia provincial, poucos meses antes do dia fixado para a eleição primária.

Por causa das últimas dissidências, não havia na assembléia partido decididamente preponderante, senão três ou quatro pequenos grupos; e posto que estes depois de bem trabalhados se refundissem em dous únicos, de governistas e oposicionistas, as forças todavia se equilibravam por tal modo, que a cada momento a maioria se deslocava, já pela falta momentânea de um dos membros, já pela súbita chegada de outro. Que trabalho não teve o pobre do Governo para afinal conseguir uma maioria dolosa e duvidosa de três ou quatro votos! Foi-lhe mister entrar em toda a casta de transações, e mostrar uma condescendência inesgotável. Cada um dos dignos membros fez aquela crise por ser homem; um pediu patente; outro, emprego; este enxertou no orçamento a compra de umas casas para cadeia e sessões da câmara na sua terra; aquele exigiu e obteve a indenização de dous contos de réis de prejuízos que nunca sofreu, em certo contrato, uma de cujas condições era a renúncia de qualquer reclamação desta natureza. Fizeram-se leis pessoais, ordenou-se o pagamento de dívidas ilíquidas, e houve sobretudo numerosos aumentos de ordenados, de 50 até 200 mil-réis, para este ou aquele vigário, professor, ou empregado de Fazenda. Os ilustres membros procediam na adoção destas variadas medidas, auxiliando-se reciprocamente, e segundo os seus ódios, afeições, interesses e caprichos, sendo que para muitas destas boas obras os dous lados inimigos, depondo no altar da pátria os seus indiscretos ressentimentos, ofereciam ao mundo o espetáculo da mais tocante e cordial inteligência. Escuso aqui dizer que a formidável cláusula – desde já – fulgurava com o costumado

esplendor em quase todos os artigos das disposições gerais da grande lei financeira.

Pois bem, o nosso doutor Bávio soube manobrar com tanta destreza no meio das flutuações do primeiro período da sessão, que na eleição da mesa para o segundo mês conseguiu fazer-se nomear presidente. O partido do Governo não podia sofrer maior revés, e resolveu-se a todos os sacrifícios para conjurar as suas conseqüências. Empregaram-se os meios costumados em tais ocasiões, e o doutor Bávio, que ocupava uma posição preponderante na assembléia, e ao demais tinha grande influência em um dos colégios mais numerosos do interior, passou-se com alguns amigos para o Governo, com a promessa de ser um dos candidatos à deputação geral. É certo que os seus abandonados companheiros afearam horivelmente esta nefanda defecção, e obsequiaram o desertor com tremendas descomposturas nos jornais; mas ele respondeu-lhes nobremente que estava farto de aturar uma turba de gritadores baldos de mérito, e não podia mais haver-se no meio de uma facção multicor, agregado incoerente e repugnante de grupos antipáticos, que unidos só pelos laços indecorosos do ódio e da ambição, cada dia se mostravam, pelos seus excessos e desmandos, mais avessos aos princípios de ordem que ele, doutor Bávio, sempre professara.

Esta transação não pôde efetuar-se, ou *ajeitar-se*, como se dizia em linguagem da época, sem o sacrifício do doutor Azambuja que foi *taboqueado* da maneira mais cruel e mais picante ao mesmo tempo. Guardaram-lhe segredo até a última hora acerca da sua resolvida exclusão; e tendo ele remetido em branco a ata do seu colégio, encheram-na os cabalistas da capital à sua custa com o nome do doutor Bávio.

Dous meses depois das eleições gerais, fizeram-se as municipais. Que contraste! Reinava por toda parte a tranqüilidade, ou melhor direi, a indiferença. Dir-se-ia que a cidade inteira ignorava que aquele dia era de eleição. Em cada freguesia compareceram apenas de quinze a vinte pessoas, do só lado dominante, e eram os candidatos aos lugares da eleição, ou pretendentes aos empregos que os eleitos dentro em pouco deviam distribuir. Foi com extrema dificuldade que se pôde arranjar eleitores e suplentes para a organização das mesas; o resto do trabalho, sim,

expediu-se com maravilhosa prontidão. O partido vencido absteve-se completamente, porque com a perda das eleições gerais, ficara quase aniquilado, desertando-lhe a maior parte das forças, de maneira que nem ao menos podia fazer uma simples demonstração que tivesse visos de seriedade. Neste extremo de fraqueza e importância clamavam, não obstante, os seus jornais que a grande maioria da província não querendo vindicar os seus direitos pela força, abstinha-se de tomar parte nas eleições, e deixava que o Governo e os seus *capangas* por si sós desempenhassem a ridícula farsa que estavam representando.

No seio da própria maioria, quero dizer, do partido vencedor, havia também inimigos recentes, e eram todos aqueles que haviam sido *taboqueados* em ambas as eleições, ou fraudados no cumprimento das promessas a que a elas tinham dado ocasião, o doutor Azambuja, por exemplo, que em vão lidara por *furar* a chapa no ato da apuração; e o nosso conhecido velho, o Sr. Quintiliano do Vale, que viu dar o suspirado lugar do açougue a um gritador e caceteiro mais danado que ele. Estes, e a turba inteira dos *mamados*, elemento esperançoso de futuras recomposições, se desfaziam em queixumes e imprecações contra a má fé, falta de palavra, imoralidade, e prepotência da rodinha diretora, e com uma franqueza digna de melhores tempos, bradavam ao Céu, à Terra, e talvez mesmo que estavam prontos a ligar-se, ainda que fosse com o Diabo, para darem por uma vez a queda em semelhante corja.

Mas já é tempo de terminar esta verídica história da campanha eleitotal sucedida na gloriosa administração do Sr. Bernardo Bonifácio Montalvão de Mascarenhas; mais tarde talvez continuaremos as notícias das grandes cousas que acabou e perfez este exímio administrador, mediante a valiosa e eficaz cooperação dos escolhidos da província. O que cumpre agora é apreciar mais de espaço os acontecimentos que acabamos de narrar sob o ponto de vista moral e político, a fim de que possamos tirar deles ocasião para ensino e emenda, se é possível haver emenda, em um estado tão caído e malparado como o nosso.

.

VII

ÚLTIMAS CENAS E ÚLTIMAS FEIÇÕES – OS INSTRUMENTOS DOS
PARTIDOS – AS ELEIÇÕES – OS GRANDES E PEQUENOS JORNAIS – A
LUZ DO INFERNO DE MILTON – OS PRESIDENTES – *FACIAMUS
EXPERIMENTUM IN ANIMA VILI.*

D

ESDE a demissão de um presidente e a posse de outro, desde as primeiras saudações até às últimas injúrias, desde o esboço do plano até a consumação da campanha eleitoral, Timon tomou os nossos partidos provinciais, e os deu em pública exposição, pela face mais trivial por que eles costumam mostrar-se e desenvolver-se, sobre o terreno que mais amam pisar, e no meio dos instrumentos de que mais usam para exercer a sua ação, que vêm a ser, as eleições, os presidentes e os jornais. O desmaiado das cores, e a pouca vivacidade e movimento da narração revelam sem dúvida o minguado talento do autor, e sobretudo o seu tédio e aversão para as cenas e caracteres que descreve e pinta; mas da frouxidão da pintura ninguém vá indiscretamente concluir contra a veracidade do quadro, salvo se o argüirem de omissão, pois em verdade ficaram ainda por dizer muitas cousas incríveis em outros tempos e lugares, umas abomináveis e torpes, outras simplesmente cômicas e risíveis.

Essa omissão porém que se deu forçosamente em uma longa narração, onde não era possível acompanhar o Proteu em todas as suas infindas transformações, cumpre agora repará-la, seja na exibição das cenas, fatos, circunstâncias, anedotas, tendências e fisionomias que escaparam, seja na apreciação moral com que se complete esta parte do trabalho que empreendemos.

Assim como os nossos partidos nas suas eleições passam do tumulto, da anarquia, quase da guerra civil, para o abandono, a solidão e o silêncio, assim passam às vezes das proporções colossais e das quantidades máximas, para as infinitesimais e homeopáticas. Em 1841 tivemos onze mil eleitores, senão reais e perfeitamente de carne e osso, ao menos bem e devidamente escriturados e aprovados nas atas admitidas à apuração, sem contar ainda os milhares que figuravam nas atas rejeitadas. Depois dessa época, porém, caímos na vergonhosa minoria de 400 a 500, e nem estes compareceram nos respectivos colégios, sendo às vezes difícil, senão impossível, organizar a mesa.

A lei manda publicar por editais e periódicos o resultado das eleições; e não era mister que o mandasse, por ser isso a cousa mais simples e natural sob o regime de publicidade, discussão e livre exame em que vivemos, ou devêramos viver.

Entretanto, sucede muitas vezes publicar-se a votação dos colégios mais remotos, como Brejo, Caxias, Pastos Bons, ao passo que se conserva sob o selo do mais rigoroso segredo a da capital, Alcântara, Viana, ou outro igualmente próximo. Pelo menos não aparece documento oficial do que neles se passou, nada se pode saber ao certo e com exatidão, e fica livre ao cabalista somar, diminuir, multiplicar e repartir os algarismos, a seu talento, e até à última hora.

Para que porém falar em lei? Logo que se publica algum novo código ou regulamento eleitoral, as nossas principais cabeças políticas se entregam a um minucioso e rigoroso estudo... de todos os seus defeitos

para aproveitá-los, e de todos os meios próprios e prontos de iludir e fraudar a execução. E é força confessar que os milhares de avisos expedidos para explicar e aclarar a lei, e sua genuína inteligência se torna tão obscura e difícil de penetrar, que com isso se suaviza grandemente a tarefa dos expositores e intérpretes a que há pouco nos referimos.

A violência parece ser uma das condições indeclináveis do nosso sistema eleitoral. Durante a crise, e sobretudo no dia da eleição, o espanto e o terror reinam nas cidades, vilas e povoações; os soldados e caceteiros percorrem armados as ruas e praças; há gritos, clamores, tumultos de todo o gênero; dir-se-iam os preparativos de uma batalha, não os de um ato pacífico, e a cena de feito termina às vezes com espancamentos, tiros e descargas.

E por mais que se espanque, fira e mate, não haja medo que se prendam e processem os delinqüentes, a menos que isso não sirva ao triunfo do partido que tem por si a autoridade; todos esses atentados são tidos e havidos como *legítimas conseqüências*, ou um mal irremediável que cumpre tolerar e dissimular. A um delegado ouvi eu já lastimar do fundo do coração que se encarecesse tanto o sangue de três ou quatro cabeças quebradas, quando em umas eleições de Lisboa o próprio ministro Costa Cabral fora publicamente esbofeteado. Presumo que este digno agente da polícia folgaria de ver importado e introduzido no nosso país este adorável melhoramento material, salvo a pequena modificação acomodada às nossas circunstâncias, de ser a bofetada impressa antes na face de algum revolto chefe opositorista, do que na de qualquer ministro ou presidente.

Se os criminosos ficam impunes, não é que haja minguagem de processos, pois em algumas épocas eleitorais se têm eles organizado por dezenas. Antigamente, findo o pleito e contenda política, as absolvições dos processados se faziam perante o júri, em massa, e quase sem exame, tal era o conceito que dos processos se formava. Assim, primeiro se encarnecia o direito do voto, depois a justiça.

Nos últimos tempos porém, e aperfeiçoando-se os partidos na virtude, nem todos os processados têm saído a tão bom barato das redes judiciárias. Alguns têm sido perseguidos com encarniçamento

muito além do prazo em que convinha tê-los inutilizados; outros são mortos ou feridos a pretexto de resistência nos varejos diurnos e noturnos que se fazem por esses ermos, com o fim de aterrar e afugentar. Porquanto, se infelizmente muitos criminosos e malfeitores dormem seguros à sombra da proteção política, não é menos certo também que o espírito de partido é quem ordinariamente acorda o zelo adormecido da justiça presidencial ou policial, quando ele efetivamente acorda do seu habitual letargo. Fecham-se os olhos a um roubo e a um assassinato; mas se o malfeitor, longe de servir à facção dominante, a empece e hostiliza – que bela ocasião para arredar e perseguir um adversário temível, e vozear ao mesmo tempo, justiça, repressão e punição! Este procedimento fornece temas admiráveis à defesa do crime, e daí vem não haver miserável farto de sangue e rapina a quem não lembre logo a alegação de que é uma vítima de partidos, e é força confessar que até certo ponto não lhes falta razão.

A indiferença em matéria de opiniões e princípios, ou antes o cinismo com que cada um manifesta e até alardeia a ausência absoluta de convicções, tem chegado a um termo verdadeiramente incrível. Nada há aí tão comum como ouvir dizer: – Se não me compram tal casa, se não fazem comigo tal contrato, se não me dão tal emprego ou patente, passo-me para o lado contrário. – De um coronel de legião sei eu que nas proximidades da eleição arrancava entranháveis suspiros, e entregue a todos os horrores de uma profunda angústia, exclamava dolorosamente: – Se eu pudesse adivinhar de que lado estava a maioria para decidir-me! – E um velho que pedia esmolas, e era não obstante, nesta boa terra, avaliador do conselho, que tanto monta como dizer juiz, perguntou-me um dia, depois de receber a costumada espórtula: – Em que partido estamos nós agora? – porquanto este pobre-diabo, em sua consciência de juiz-mendigo, tinha por uma coisa natural, e talvez como uma fatalidade indeclinável, o pertencer de necessidade a algum partido, pouco importando porém qual ele fosse.

Nos primitivos tempos sabia cada chefe ou cada partido com quem podia ou devia contar; uma apostasia e uma deserção eram verdadeiros acontecimentos, que causavam grande rumor e escândalo. Nos

tempos de agora porém, as deserções e transformações, quer dos partidos, quer dos indivíduos, são já sucessos ordinários que podem dar ocasião a tudo, menos à estranheza e admiração. Ninguém conta com um só voto seguro até o momento de ser ele lançado na urna virginal, e ainda assim não são raros os que, depois de haverem votado, ministram declarações contrárias ao voto que deram. O entrar qualquer indivíduo de um credo em casa de outro de credo oposto, uma simples conversa no meio da rua, um rápido aperto de mão, desafia para logo em quem os observa suspeitas aliás justificadas por exemplos tão numerosos como ilustres.

Já Timon referiu os diversos meios e modos por que se arrecadam e despendem quantias às vezes fabulosas no tráfego eleitoral. Quando a penúria dos particulares é grande, ou quando eles exercem um predomínio tão absoluto que ninguém lhes pode opor resistência, é com o tesouro, ou à custa da Fazenda provincial que o comércio e as transações se efetuam; compras de casebres para cadeias, arrematações de estradas, pontes e limpezas de rios, empreitadas de matrizes, pagamentos de dívidas questionáveis, tudo serve mas nada basta, para satisfazer a fome devoradora dos partidistas. O finado Rafael de Carvalho, que em sua qualidade de chefe do Tesouro via com desgosto e cólera dispor outros por este teor dos fundos que ele e os mais empregados fiscais arrecadavam tão laboriosamente, não se pôde ter que um dia não exclamasse em plena assembléia provincial: “Senhores, estas eleições custaram ao Tesouro para mais de quarenta contos!”

Do sistema combinado da trapaça, falsidade, traição, imoralidade corrupção e violência, resulta muitas vezes que quando os eleitos do partido vencedor se apresentam nas câmaras para tomar assento, apresentam-se igualmente com eles os eleitos do partido vencido, acompanhados e instruídos uns e outros com centenas de representações, justificações e atestações que provam o pró e o contra, o preto e o branco, que tal eleição é válida e nula ao mesmo tempo, não menos que o povo se reuniu e não se reuniu, em tal dia, em tal determinado lugar. Como as provas evidentemente se equilibram, os augustos e digníssimos

que têm de julgar o pleito, decidem-se quase sempre pelos eleitos do seu partido, dispensando todo e qualquer exame da matéria, fatigante e inútil, senão impossível. Impressionado por um procedimento igual e por ocasião de umas eleições da pequena província do Piauí, enredadas em mais de seiscentos documentos, o deputado Carvalho Moreira em um movimento de indignação e eloquência, exclamou que era melhor tirar os candidatos à sorte. E com efeito, não se pode negar que as eleições entre nós estão em parte reduzidas a uma espécie de jogo de azar.

Afonso Karr escreveu algures o seguinte: – “Há gente que em política não tem senão uma opinião, um partido, uma convicção; esta gente é numerosa, e morre de boa mente pela causa que abraçou. Esta opinião, este partido, esta causa, esta convicção é a algazarra; não há alguma outra fé que possa contar tantos mártires.” – E Timon acrescenta que em nenhuma outra parte do mundo este partido é tão numeroso como entre nós. Os fiéis secretários, que salvam todos os dias a pátria, à maneira dos gansos do Capitólio – grasnando, – podem muito bem ser mártires da sua religião, mas não se pode negar que são também algozes cruelíssimos dos que lhes caem nas mãos. Desgraçado do que deixa invadir a sua casa pela turba dos políticos ociosos e faladores! Não lhe deixarão mais um só momento de repouso ou ocupação séria, pois lhe há de ser forçoso ouvir, de sol a sol, e pela noite adiante, a exposição das calorosas disputas que tiveram, dos grandes serviços que prestaram, e dos soberbos planos que engenharam; nos quais a imprudência, a exageração, a fatuidade, a sandice e a loucura se disputam a primazia. Ai dele se ousa manifestar impaciência, e não imita a impassibilidade do mancebo esparciata que se deixava rasgar o seio, primeiro que desse a conhecer o furto legal! Para logo o qualificam e acusam de falta de tino e maneiras, de incapaz para chefe, desamparam-no de todo em todo, e vão buscar outros da sua estofa, sob cuja condescendente direção possam render um culto incessante à deusa.

Só estes sim lhes podem agradar, e parecem de feito nascidos e predestinados para sofrer a algazarra, e tirar dela todo o partido que é possível na nossa organização política. Timon admira tanto mais estes homens, quanto menos pode imitá-los, pois nem sequer compreende

como um indivíduo qualquer, que teve boa educação, e é dotado de tal qual merecimento, ame dissipar a melhor parte da sua vida no meio das cruéis obsessões da patulêia de alta e baixa condição quero dizer, de pé descalço, ou gravata lavada, só nisto distinta, mas igualmente esfaimada por dinheiro, comezainas, empregos, posições, condecorações.

Ouso agora perguntar aqui – o que fazem os nossos eleitores, ou pretendidos, tais, desde muitos anos a esta parte? Abrem mãos dos grandes, únicos e decorosos meios de influência política, e começando por desavir-se, eles que unidos e compactos assim mesmo pouco ou nada valeriam, se empecem e estorvam maravilhosamente uns aos outros. Não pelo talento e eloquência, ou pelo caráter ao menos, mas brilham com glória imortal nos pequenos manejos, e como Napoleão dizia dos soldados que os melhores eram os que mais batalhas ganhavam, dizem eles que os melhores representantes são os que mais serviços fazem à sua província, isto é, os que obtêm mais licenças, nomeações, demissões, remoções, a troco de concessões, transações, humilhações, sendo contudo, e no fim de tudo, logrados e burlados no mais essencial. Estes tais presumem que uma missão política consiste na recíproca troca de votos e favores entre os eleitores e eleitos, e envelhecem e morrem rodando de contínuo neste círculo vicioso, sem que os seus louros perturbem neste mundo o sono de pessoa alguma, nem mesmo o de Timon, o misantropo e o mais invejoso dos mortais.

Que direi do nosso glorioso sistema provincial de transações, câmbios e cunhas? Já se viu que o candidato eleito a troco de promessas feitas aos eleitores, vegeta obscuramente a cumpri-las, e sentir-se-á enleado e preso por elas, a cada nobre movimento que pretenda fazer. Os câmbios dos diversos colégios entre si, ou antes dos burgraves que os dominam, as denominadas *cunhas*, e as exclusões e depurações sucessivas de todos os homens de mais independência e ilustração, decotados como as papoulas de Tarquínio, para que não haja ninguém capaz de pensar e obrar por sua própria inspiração, dão em derradeira análise as escolhas mais estupendas e inauditas. Hoje em dia não há homem medíocre, incapaz, estúpido mesmo, que se não abaste das mais largas tensões, e não se julgue predestinado a ocupar os primeiros cargos do estado.

Com uma franqueza digna dos aplausos desta época sem igual, dizem eles voz em grito que não estão mais para servir de escada, que também são cidadãos brasileiros, tão bons como outros quaisquer, e todos iguais perante a lei. E ninguém imagina até onde têm chegado as esperanças e ousadia desta gente, em face de certos caprichos da fortuna e de certos abortos da cabala!

De depurações em depurações, de exclusões em exclusões, estreita-se o círculo às vezes por maneira tal que o denominado partido se cifra e concentra todo em meia dúzia de nomes ou cabeças, em que os cargos se acumulam por um todo escandaloso. De um indivíduo do interior que era ao mesmo tempo coletor, eleitor, vereador, juiz de paz, oficial da Guarda Nacional, e subdelegado, conta-se que interrogado sobre a causa de tamanhas e tão destemperadas acumulações, respondera com ingenuidade que o partido não tinha mais gente no distrito!

A par da estupidez, marcha feliz, descarada e ovante a corrupção, e a imoralidade; e pode-se sem exageração dizer que não há imundície e podridão que os nossos enxurros eleitorais não tenham trazido à superfície da sociedade. O Alceste de Molière, apesar do seu ódio sombrio e cego ao gênero humano, ficou ainda muito aquém da tremenda realidade, quando disse:

Da máscara através em toda a parte
O traidor se descobre, e denuncia;
Por mais que os olhos torça, a voz ameigue,
É sempre o mesmo réptil peçonhento,
De todos evitado e conhecido;
Por sórdido mister alçado às honras,
Cujo brilho mareia, indigna o mérito,
Faz corar a virtude; e injuriado,
Coberto de baldões por todo o mundo,
Não acha quem por ele a voz levante:
Chamai-lhe vil, infame, celerado,
Todos sem discrepar convêm que é justo.
Com sorriso acolhido apesar disso,
Em toda parte o másc'ra se insinua;

E se cargos pleiteia, dignidades,
 Cede-lhe sempre o passo o homem probó,
 A poder decabalasuplantado.²¹

Se a mediocridade, a nulidade, a estupidez e a corrupção triunfam, o mérito modesto e comedido deve sucumbir, não só diante da liga daquelas formidáveis potências, senão ante o bem combinado sistema de enganos, falsidades e traições que há tantos anos voga entre nós. Houve tempo em que certos pretendidos políticos de têmpera forte e grandes desígnios sacrificavam todas as afeições do coração, porque, diziam eles, devemos seguir princípios, e não pessoas ou nomes próprios. Havia nisso talvez mais aridez de coração que elevação de espírito, mas ao menos a linguagem era mais decente, e os pretextos mais especiosos. Hoje em dia calcam-se todas as considerações, rompem-se todos os laços, deslembram-se todos os benefícios, quebranta-se a fé jurada enfim, quando se trata de uma candidatura ou cousa semelhante; e é com o mais asqueroso cinismo que se ouve dizer por toda parte – *Cada um por si* – sem que a opinião pública, cúmplice ou indiferente, dê o mais leve sinal de comoção ou reprovação.

Para que perde Timon o seu tempo a falar no mérito? quem viu já entre nós homens dignos e capazes eleitos espontaneamente, por províncias outras que não a sua própria? qual tem sido o grande nome designado a um tempo pela urna das diversas províncias? como há de isso acontecer, se as mediocridades pejam todos os lugares, e ainda os julgam insuficientes? Vêde-me esse Sousa Franco que um ano inteiro lutou arca por arca, único e solitário, contra um tropel imenso de adversários que a cada momento recresciam sobre ele: de que lhe há de servir todo o lustre adquirido em tantos e tão renhidos combates, empenhados em nome e defesa de um partido forte e numeroso, ou pretendido tal, que atroa o Brasil de uma extremidade a outra com seus inúmeros jornais, e incessantes clamores? Se ele não conseguir suplantar as invejosas mediocridades que, na sua própria província, lhe disputarão o terreno palmo a palmo, a

21 Devemos ao obséquio do Sr. Francisco Sotero dos Reis a tradução desta passagem que quadratão perfeitamente à época.

tribuna, certo, ficará viúva desta grande voz. Em outro país, onde o sistema representativo fosse mais bem compreendido, o Governo respeitaria uma candidatura desta ordem; entre nós, é de presumir que a hostilize aberta ou rebufadamente, e em desconto faça impor pelos meios costumados os nomes mais obscuros e mais dignos de o serem.

Considerando na nossa degradação eleitoral, atribuindo-a a todas, ou a parte das diversas causas enumeradas, pensam alguns que o mal desapareceria, se conseguíssemos tornar as eleições verdadeiramente livres. Mas por que meios se alcançaria a suspirada liberdade do voto? em que ponto sólido e estranho a este globo de lama se firmaria o novo Arquimedes para mover a alavanca regeneradora? Entretanto, não é esta a maior dificuldade, porque vencida ela, o que sucederia? a Timon arrepiam-se-lhe as carnes e os cabelos só de o pensar e dizer. Se fosse lícito admitir a possibilidade de umas eleições perfeitamente livres e pacíficas, em que os votantes, descativados de quaisquer influências e sugestões estranhas, procedessem isoladamente, sem concerto, e em toda a liberdade e pureza de consciência, o resultado provável seria que apenas uma meia dúzia dos menos remissos iria à urna lançar votos verdadeiramente abomináveis. O grande número se deixaria ficar em suas casas, porque aos atuais estímulos para o mal sucederão o cansaço, o desânimo e a indiferença, primeiro que possam ter força e vigor os incentivos para o bem.

A imprensa é outro grande instrumento que os nossos partidos manejam de contínuo. Timon esforçou-se por dar uma idéia dela, imitando-a, extratando-a, copiando-a; mas além de se haver então referido à imprensa política tão-somente, nem desta mesma disse tudo.

Nunca o Maranhão teve mais jornais do que hoje em dia, mas também podemos afoitamente dizer que nunca o jornalismo esteve mais decadente e desanimado. Publicam-se atualmente não menos de seis jornais ditos de grande formato, em três ou quatro colunas de frente, e afora estes, temos quase sempre os pequenos jornais, em folha ou meia folha, que constituem as tropas ligeiras dos partidos, e em tempos de eleição, ou quaisquer outros em que as paixões se escandeam, pululam, como

os insetos malfazejos, de um modo prodigioso, e são, como eles, de uma vida mais que efêmera. Pouco mais duradouros e vivazes que estes, mostram-se também os jornais puramente literários ou pretendidos tais, revistas, almanaques, arquivos, ou cousa semelhante; mas estes são um acidente tão raro, que não há gastar tempo em apreciá-los.

Por via de regra cada grande jornal tem a sua tipografia própria, o que quer dizer, que quem se lembra de estabelecer uma tipografia, vê-se na necessidade de publicar também um jornal para dar-lhe que fazer. Mas a livre concorrência os prejudica reciprocamente; os jornais são em número e formato superiores às forças e gosto da província; a mercadoria excede evidentemente às necessidades e procura do consumidor.

Daí resulta que temos tipografias muito mal montadas, ruins operários, e piores jornais, mal-impessos, e escritos com pouca atenção e esmero. O minguado número de eleitores que tem a província, ou antes de subscritores que se repartem por tantos jornais, mal fornecem aos respectivos editores os recursos indispensáveis para poderem dar uma retribuição cômgrua e honesta a escritores de mérito e talento que exclusivamente dedicassem o seu tempo e trabalho e fazê-los florescer.

Daqui resulta mais que ainda nenhum empresário deste gênero de indústria fez fortuna, senão é que alguns se hão pelo contrário arruinado, conseguindo quando muito, eles e os seus jornais arrastar uma existência lânguida e descorada, ao som dos queixumes que fazem contra a míngua e pouca pontualidade dos assinantes, que por seu turno repriminam contra o mau papel, o mau tipo, a irregularidade da entrega, a demora da remessa, do desalinho, negligência, monotonia e pouco interesse dos artigos.

O segredo destes recíprocos agravos existe todo na pobreza e falta de meios e gosto de uns e outros, sendo sobretudo inegável que para se manter uma boa imprensa, como um bom teatro, ou outra qualquer coisa boa, há-se mister de muito dinheiro.

Os jornais propriamente políticos ou de partidos têm uma circulação ainda mais restrita que os outros e nem porque são algumas vezes distribuídos gratuitamente, avulta em demasia o número dos seus leitores. Os redatores destes são retribuídos indiretamente com a satisfação

de suas pretensões, e as despesas de imprensa pagas do produto das assinaturas dos partidistas em geral, senão à custa de dous ou três dos mais exaltados e empenhados na publicação, não sendo de todo sem exemplo que as tipografias lhe percam o feitio, quando a decadência do partido, ou a falta de brio dos chefes, passam além de toda medida.

Já demos a ver a nossos leitores a imprensa política em ação e nas fases mais importantes da sua existência, à chegada de um novo presidente, por exemplo, ou durante o curso de uma campanha eleitoral. Não ousa Timon asseverar que ela sempre conserve essa miserável fisionomia; ao contrário folga de reconhecer que tem às vezes atingido a uma elevação e nobreza de linguagem que nada teria a invejar aos estranhos, se pudesse sustentar-se por mais tempo nesse tom; mas o fugaz lampejo para logo se esvai, e tudo recai bem depressa nos costumados vezos.

Da nossa imprensa política é que se pode principalmente dizer que é um respiradouro por onde os partidos exalam e vertem os seus maus humores, porque mesmo quando não invectiva, insulta e calunia na rigorosa acepção dos termos, alimenta-se todavia de incessantes personalidades, despendendo exclusivamente no louvor e vitupério de certas e determinadas individualidades toda a seiva e vigor de que é dotada, e que melhor aproveitaria na discussão larga e nobre dos princípios e dos grandes interesses da sociedade.

Das invectivas ardentes e cruéis vê-la-eis passar às trivialidades mais ridículas, e aos mais incompreensíveis e inauditos disparates; da mais intemperante garrulice a um silêncio mais que sóbrio, da jactância e audácia enfim até ao desalento e à covardia. É assim que vemos às vezes os nossos grandes políticos recatarem cuidadosamente do conhecimento e circulação pública alguns artigos escritos e impressos de muitos dias, e que remetem quase secretamente para a corte, persuadidos do alto merecimento das suas produções, não menos que do prodigioso efeito que elas devem operar, estalando inesperadamente no meio das câmaras e dos ministros estupefatos.

A esta manobra admirável e triunfante, seguem-se a cólera, os convícios, e o pesar dos partidistas contrários, que, surpreendidos com tanta perfídia, não puderam mandar pelo mesmo vapor as refutações eloqüentes que por seu turno deviam operar efeitos não menos prodigiosos.

Doutras vezes porém perdem toda a confiança nas próprias forças, e por mais que as circunstâncias solicitem públicas e francas manifestações da parte dos chefes, por mais que os soldados clamem contra a falta de direção, nem um só artigo se publica, suspendem-se todas as hostilidades, e pode-se dizer que a própria respiração, até que chegue da corte neste ou naquele vapor, ou o presidente com a sua chapa já pronta e com todos os sacramentos, dispensada apenas a audiência dos votantes, ou certa e determinada notícia ou decisão, sem a qual os nossos gloriosos partidos provinciais não podem dar um passo mais para adiante.

A raiva hidrofóbica dos insultos e das injúrias que, por ser a enfermidade ordinária do nosso jornalismo, já não produz demasiada impressão, é todavia sujeita a umas certas exacerbações periódicas, que excedem toda medida, e tomam proporções verdadeiramente assustadoras. Falo dos ultrajes aos bons costumes, ao pudor, e à honra das famílias, na pessoa das mulheres ligadas pelos laços do sangue ou do himeneu aos campeões que andam travados na peleja, e que reconhecendo reciprocamente embotada toda a sensibilidade própria e pessoal, buscam ferir-se nesses entes delicados, expondo à irrisão pública os escândalos verdadeiros ou supostos da sua vida privada, e as fragilidades que são o condão inevitável, como o orgulho, o poder, a confusão e a vergonha dessa encantadora metade do gênero humano.

Este opróbrio, já quase infelizmente encarnado nos nossos costumes políticos, vertido por alguns a mãos plenas, e olhado com indiferença por muitos, tem não obstante encontrado às vezes algumas vozes eloqüentes e generosas que o estigmatizam severamente. “A mulher, ente delicado e fraco (escrevia a *Revista*,²² de 4 de julho de 1846), que está como fora da proteção da lei, por isso que a sociedade a pôs debaixo da proteção imediata do homem, que deve responder por ela, não tem outro poder para domar-nos senão as suas graças, nem outras armas para resistir-nos senão a sua mesma fraqueza. Negar-lhe a proteção devida já é, sobre injustiça, grande falta de generosidade. Mas atacá-la sem respeito ao sexo, e isto para vingar-nos do homem com quem se acha ligada pelos laços do parentesco, não sabemos que nome tenha,

22 Jornal redigido pelo Sr. Francisco Sotero dos Reis.

porque é, além de covardia, cega brutalidade. Nisto não há partidos nem política, senão frenesi e demência... Ter-se-á acaso calculado bem o alcance desses fatais escritos? quantas lágrimas terão eles feito derramar e em quanto sangue se podem converter essas lágrimas? Se não pretendeis barbarizar-nos, se tendes algum fim político em vossas dissensões, limitai aos homens a guerra sem generosidade nem quartel que vos estais fazendo. Mas poupem-se os inocentes, e sejam respeitadas, como cumpre, as nossas mães, as nossas esposas, as nossas filhas, as nossas irmãs.”

Dissemos ainda há pouco que a nossa imprensa atinge às vezes a uma elevação e nobreza de sentimentos e linguagem que nada deixa a desejar; folgamos de transcrever aqui este exemplo tão honroso como inútil, porque se o mal remite um pouco do seu furor, não creais que o faça pungido pela veemência destas e de outras iguais exprobrações, ou vencido pela força da razão, senão pelo cansaço e tédio dos combatentes, e para aparecer de novo e dentro em pouco, tão hediondo e asqueroso como dantes.

Tal tem sido a vida do nosso jornalismo desde que com as revoluções e o novo regime nos veio a liberdade da imprensa e da palavra. Celebram-se e preconizam-se até à exageração os nossos progressos em todo o gênero, e com especialidade os puramente literários e intelectuais, a profusão das escolas, liceus e academias, e essa multiplicidade de jornais que vertem quotidianamente torrentes de luz; mas lançai uma vista retrospectiva sobre a nossa imprensa nestes últimos trinta anos, e a vossa alma contristada recuará diante desse espetáculo horrível e ignóbil ao mesmo tempo. Em verdade, já não quero negar que a imprensa tenha vertido uma luz imensa; mas semelhante à flama lóbrega e baça do inferno de Milton que só servia para tornar visível e palpável o horror circunstante e sempiterno das trevas, o nosso jornalismo, estéril, impotente, maldizente e malfazejo, só tem servido para expor à grande Luz meridiana todos os vícios e misérias da sociedade.

Invoco agora o testemunho, e dirijo-me à própria consciência de todos os que se hão a este triste mister de escritor de jornais, como a

emprego e modo de vida estável e permanente. Que fizeram e conseguiram eles em todo o curso da sua vida? que ilustração, que outro proveito sólido alcançaram dissipando-a nessa multidão de artigos irritantes, de mesquinhas intrigas, de pungentes personalidades, de ataques e defesas, de afirmações e retrações? porventura um tardio arrependimento e uma profunda desconsolação.

Mas se a imprensa é tal como a descrevo, por outra parte também não pode ser maior o descrédito e desprezo em que ela tem caído, e de que é digna. Quem se não recorda ainda da prodigiosa influência que exerceram a *Aurora*, na corte, o *Astro*, em Minas, e o *Farol*, no Maranhão? Bem ou malinspirados, dirigidos e escritos, esses periódicos eram os órgãos verdadeiros e fiéis das idéias e sentimentos de uma grande parte da população, cuja fé e entusiasmo ardente esclareciam e dirigiam por seu turno, com uma autoridade quase absoluta. É que então ainda se não tinha abusado deste maravilhoso instrumento. Mas hoje – qual é o jornal que seja e possa chamar-se a sombra ao menos daqueles intérpretes possantes da opinião?

Finalmente e para dizer tudo em poucas palavras, quereis saber o que vale hoje a nossa imprensa propriamente política, nesta província ao menos? Suprimi-a, e vereis que a sua falta passará completamente despercebida, sem que uma só pessoa desinteressada dê fé do acontecimento, ou proteste contra ele.

Os presidentes são outro grande, e porventura o maior e mais robusto instrumento que manejam os partidos. Timon prostrado e reverente lhes pede mil perdões de começar esta parte do seu opúsculo com uma frase em aparência tão pouco respeitosa, mas a inexorável verdade não exige menos.

Salta um presidente nesta incomparável província, e para logo se torna fautor, protetor, chefe, adepto, sectário, servo, e escravo de algum dos partidos que encontra, se não é que ele próprio o manipula e orga-

niza, reunindo, aglomerando e disciplinando os ingredientes e frações que encontra dispersos. Digo – *para logo* – porque essas mostras de neutralidade de que temos tido alguns exemplos, não passam ordinariamente de um manejo fraudulento dos que, querendo desfrutar a terra por todos os meios, evitam um incômodo inútil por prematuro, e preferem apalpar primeiro o terreno, para depois manobram com mais perfeito conhecimento de causa.

Muitas vezes chega o presidente da corte ainda irresoluto sobre a qual dos partidos dará o seu apoio, e venderá a sua independência e liberdade, e aqui mesmo hesita por muito tempo na escolha, até que esporeado por qualquer urgente necessidade manifesta enfim a sua preferência; a este tempo de dúvidas e hesitações, que quase prendem em motivos menos decorosos, é que se chama época de imparcialidade.

O novo presidente ou segue em tudo e por tudo as pisadas do seu antecessor, ou pelo contrário, posto que mandado sob a influência da mesma política, e às vezes pelo mesmo gabinete e pelo mesmo ministro, revolve tudo de alto a baixo, nomeia, demite, prende, solta, processa, absolve, recruta, administra, clama e vocifera, tudo ao revés e de encontro ao que até então se fizera. *Faciamus experimentum in anima vili*, parece ser o seu único pensamento; e daí esses repetidos ensaios de nova política, que trazem tudo flutuante, instável, revolto e perturbado. Conta-se de um homem de meia-idade que casando com duas mulheres, uma moça e outra velha, dentro em pouco se viu calvo e despojado dos cabelos, arrancando-lhe alternadamente, a moça os brancos, e a velha os pretos, querendo cada uma pô-lo à sua imagem e semelhança. Tal tem acontecido à nossa província nos seus periódicos desposórios com estes doges de nova espécie, e na aplicação dos sistemas opostos que cada um deles tem a veleidade ou o capricho de ensaiar.

Seja que o presidente pleiteie de conta própria a sua candidatura pessoal, seja que tenha ajustado na corte desempenhar uma empreitada eleitoral completa, na convenção que lhe é mister fazer com os partidos vai expressa ou implicitamente sacrificada a um tempo a liberdade do povo e a do poder.

A do povo, ou pelo menos a do partido que toma o nome de povo, na preterição dos homens de algum mérito ou serviços que possa

ter a província, para se abrir espaço ao nome do presidente e de outros, que patrocina tão obscuros e nulos como o seu.

A do presidente, porque ele se identifica com o partido que adota, esposa todos os seus ódios e afeições, não vê senão pelos seus olhos, previne todos os seus desejos, e dobra-se aos seus menores caprichos. O único pensamento que o domina é o da sua eleição; absorvido por este grande cuidado, todos os seus outros deveres são transcurados, ou pelo menos subordinados a este fim principal; as forças que a sociedade lhe confiou para o bem comum de todos, ele as converte em seu particular benefício, ou no da parcialidade que o sustenta. Os cargos e dinheiros públicos são a recompensa e o salário, não dos serviços feitos à província, mas às facções ou à sua pessoa; pois para ele, todas as leis, todas as regras do dever, da justiça e do decoro, se transformam pura e simplesmente em meras combinações eleitorais.

Por elevada que seja a posição do presidente na sociedade antes da sua chegada à província, por mais que ele tenha brilhado no exército, na magistratura, no Parlamento, ou na alta administração do estado, e lhe reluzam nas fardas o ouro e o diamante dos galões e condecorações; por mais que a província se veja abatida, humilhada, prostrada e exausta pelas dissensões dos seus partidos ou mesmo pelos furores da guerra civil, esse grande miserável que vem a título de governá-la ou pacificá-la, sem dó nem piedade dos males sem conta que já a vexam, há de por força infligir-lhe o mal da sua candidatura; e na luta já travada entre as ambições intestinas, pesa com todo o seu peso, a sua ambição cruel e incontrastável de homem do poder. Estes tais sobre a província moribunda se me afiguram como abutres que se arrojam aos cadáveres em podridão, e não poucas vezes vão daqui alardear depois enfaticamente, em pleno Parlamento, por todo e único serviço, que deixaram organizado um possante e fidelíssimo partido com que o Governo pode contar para a vida e para a morte, bem entendido, enquanto outro agente do mesmo Governo não vem abatê-lo e derrocá-lo.

Nesta luta a autoridade perde todo o prestígio e consideração, e vendo-se exposta a ultrajes sem conta, vinga-se da sua decadência e degradação, demasiando-se em toda a casta de prepotências e malfetorias.

Os agentes subalternos, para atingirem a mil fins particulares, entregam-se sob sua tolerância a outros tais excessos, que geram por seu

turno novos excessos, embaraços, ódios e perturbações, ficando por fim a província inteira como enleada numa vasta rede de intrigas.

Então é já de uso alçar um presidente a voz contra os desregramentos da oposição, e contra os embaraços acintosos que ela a cada passo suscita à marcha da sua administração. Mas se eles seguissem os caminhos retos, sem se arrojarem na arena de caso pensado, e por motivos de ordinário tão fúteis como pouco decorosos, arcando braço a braço com os mais vis e obscuros gladiadores, nem as oposições lhe sairiam por diante, nem que saíssem, teria ele que recear delas cousa alguma, podendo fazer o bem só por só, sem elas, e apesar delas.

Bem entendido, não me refiro aqui àquela espécie de imparcialidade que sem excluir de todo o interesse pessoal ou de bando, se manifesta por um perpétuo sorriso, e por uma inesgotável condescendência, no meio de perenes divertimentos. Se fosse possível salvar e regenerar o país entre dous jantares e três bailes, podia-se afoitamente dizer que a política havia roubado à homeopatia a sua gloriosa e agradável divisa — *citó tutó et loete*; mas de mim confesso que não creio em tais milagres, antes estou firmemente convencido que alguém há de pagar o preço de todas essas cortesias, a justiça, o tesouro, os interesses públicos.

É força todavia confessar que as presidências folgazãs e brincalhonas são em tudo e por tudo preferíveis às presidências de partido, rancorosas e sombrias que, semelhantes a um céu sempre toldado e tempestuoso, nunca entreabrem um sorriso, nem desfranzem a torva catadura. Já César dizia que Bruto e Cássio, preocupados, pálidos e extenuados pelas vigílias, lhe inspiravam mais receios que Antônio e Dolabela, sempre garridos e rescendendo a cheirosos unguentos. Dos dous males, o menor. Além de que, as presidências alegres e recreativas são como um calmante aplicado à irritação dos partidos, e se não curam radicalmente o enfermo, fazem pelo menos uma diversão às suas dores, e dão-lhe tempo de respirar na luta incessante em que vive.

.

VIII

OS PARTIDOS CONSIDERADOS EM SI MESMOS – SUA FRAQUEZA, INSTABILIDADE E EFÊMERA DURAÇÃO – CARTAS DE *AMERICUS* – ILUSÕES DA INFÂNCIA – APLICAÇÃO EXCLUSIVA À POLÍTICA – ALGARAVIA E FANTASMAGORIA DOS PARTIDOS – A CARREIRA DOS EMPREGOS – PRESUNÇÃO E DESVANECIMENTO DA MOCIDADE – CONSELHOS DE DROZ – A MORALIDADE DA FÁBULA – O MAL PASSANDO DA VIDA POLÍTICA PARA A CIVIL – SUA GENERALIDADE, PUBLICIDADE E IMPUNIDADE – TRANQUILIDADE, BOA FÉ E CINISMO DO CRIME – JUÍZO UNÂNIME DOS PARTIDOS SOBRE A SUA PRÓPRIA CORRUPÇÃO.

T

EMOS até este ponto considerado os diversos instrumentos dos partidos, consideremo-los agora a eles mesmos.

Os nossos partidos provinciais quase não são dignos deste nome, na larga e verdadeira acepção política do termo; porque quais são os princípios, as idéias, e os interesses gerais que os distingam e dividam seriamente uns dos outros? Não quer isto dizer que eles não tomam denominações, e não arvoram as bandeiras dos partidos que militam na corte, e em outros grandes centros da população brasileira; mas além de que a estes mesmos e em grande parte aplicável o que dizemos dos nossos, torna-se manifesto que essa cópia servil de denominações e evoluções, não prende em conformidade alguma de princípios, nem na generalida-

de e comunidade de interesses legítimos. É, pelo contrário, um simples e cediço manejo com que procuram assegurar no presente, ou captar para o futuro a proteção do mais forte. Baldos de fé política, como de motivos importantes de luta que os possam elevar e enobrecer, todos os seus atos trazem o cunho do egoísmo e do personalismo; os meios que empregam são mesquinhos e nulos como o fim a que atiram, e se bem que por via de regra ostentem uma linguagem violenta, e pratiquem ações que quadrem perfeitamente com as palavras, toda essa cólera factícia é impotente para encobrir a incerteza e flutuação da sua marcha, e para tirar à sua existência quanto ela tem de efêmero e precário.

A tal respeito nem nos deve iludir a diuturnidade de certas denominações, adotadas como pretendidos talismãs, pois enquanto o nome perdura, o pessoal, a linguagem, os atos experimentam horríveis metamorfoses; nem o manejo oposto de batizar a cada passo os partidos, sem regenerá-los quanto ao fundo das cousas, porque os vícios permanecem sempre os mesmos.

Eis por que os nossos partidos, renovando a trama de Penélope com o fim moral de menos, fazendo e desfazendo, andando e desandando, num contínuo e monótono vaivém, se transformam, corrompem, gastam e dissipam inutilmente, nos esforços incessantes e estéreis da ação e reação, ou do fluxo e refluxo que os leva, traz, arrasta, confunde, baralha e submerge.

Sempre inúteis, estéreis e impotentes, quando não são positivamente nocivos ou perigosos, todos igualmente desonrados e aviltados por faltas comuns, e excessos imitados uns dos outros, os nossos partidos se tornam incapazes do menor bem, e perdem toda a autoridade e força moral. Mal ergue um deles a voz para exprobrar ao outro tal erro, tal falta e tal crime, para logo a exprobração contrária quase idêntica vem feri-lo no coração, e fá-lo-ia emudecer completamente e por uma vez, se a falta de pudor não fosse uma qualidade dominante de todos eles. Que lhes importa com efeito o pudor, a moral, o respeito e decoro próprio, contanto que triunfem, e levem ao cabo os seus mesquinhos desígnios?

Quando alguma dessas efêmeras combinações que entre nós se dá o nome de partido interessa por qualquer motivo na destruição ou modificação das combinações anteriores, e entra a vozear as palavras sonoras de união, fusão, conciliação e extinção de ódios, as combinações ameaçadas clamam logo, e sem falência, que os partidos são úteis, necessários, indispensáveis, essenciais à nossa forma de Governo para que se esclareçam, dirijam e contenham uns aos outros.

Timon, sem estar pelas generosas intenções de uns, ousa duvidar da infalibilidade das asserções de outros. Os partidos que serão fatais e inevitáveis, atenta à variedade e discrepância das opiniões, e os impulsos encontrados dos interesses e paixões; úteis e necessários, não. Os mais dos publicistas os consideram um mal; ora o mal pode ser irremediável; útil e proveitoso, nunca. E semelhante absurdo é impossível, se o mal proveitoso existe em alguma parte, certamente que não é aqui.

Os nossos partidos são intolerantes e insaciáveis; qualquer vitória lhes não basta, e ainda a completa aniquilação dos partidos contrários os deixaria talvez pouco satisfeitos e mal-seguros de si. Daí vêm essas intermináveis precauções que estão sempre a tomar, essas três e quatro camadas de suplentes, essas leis pessoais, essas infundas opressões e injustiças, a administração pública enfim desviada dos seus fins naturais e legítimos, e convertida em máquina de guerra, com que uma parte da sociedade combate incessantemente a outra. Mas tudo isso o que denota, senão a extrema fraqueza, e o extremo terror? Se os nossos partidos fossem mais fortes, mais cheios de fé, menos divididos e multiplicados, não teriam tamanho medo uns aos outros, poderiam andar de ombro a ombro, e em muito amigável companhia, procurando cada um alargar a sua influência, melhorar a sua posição, e fazer valer os seus direitos, sem negar os alheios. Nisto é que consiste a vida política; tudo o mais é, antes a ausência dela, ou para melhor dizer, a morte. E se não vede como esses partidos, por mais que multipliquem as precauções e as injustiças, por mais que triunfem e dominem absolutamente, se acham exaustos e moribundos ao cabo de três ou quatro vitórias sucessivas, e se esvaem ao menor sopro, como essas múmias do Egito, que numa aparente inte-

gridade têm triunfado dos séculos, e se desfazem em vil poeira ao simples toque do viajante curioso que ousa devassar a solidão das pirâmides.

A fraqueza é o seu grande mal, e nesta parte as presentes considerações alcançam porventura além dos limites da província. Nenhum deles tem sólido apoio na opinião pública, nem prende as suas raízes nas grandes massas da população. E como poderia isso ser, se a população já de fatigada e desenganada, se tornou indiferente; e nem sequer existe isso a que se chama *opinião pública*? Daí vem que quando à sabedoria imperial faz mudar de política, e a sabedoria ministerial busca operar a mudança, ao seu aceno, e no meio de vãs e impotentes algazarras, se esvai o fantasma de partido anteriormente dominante; procurando, conforme as suas tendências, confuso e envergonhado, rebuçar sua extrema fraqueza, ou nos mentidos protestos de uma resignação e amor à ordem que não é senão a impotência, ou nas convulsões ainda mais impotentes, porém mais fatais, da desordem e da anarquia.

Tenho observado que em regra geral, entre nós não é a mudança da opinião pública quem determina a mudança de política, antes é esta quem determina a mudança aparente da sombra de opinião que na realidade ou não existe, ou é muito fraca para que entre em linha de conta no exercício das faculdades e veleidades, que dão em resultados as mutações de cenas.

Há cousa de trinta anos, e estava quase em dizer, há pouco mais de um quarto de século, no gozo das esperanças que dava a inauguração do novo regime, e nas ilusões ingênuas da inexperiência e virgindade política, escrevia-se o seguinte: — “A primeira vantagem desta forma de Governo (a constitucional) é a tendência que se dá aos estudos, às inclinações e à educação das ordens superiores; ninguém deseja ser espectador silente nas assembléias públicas, e por isso todos se ressentem da necessidade de cultivar o talento e adquirir sabedoria, como

único meio de adquirir também a estima dos seus concidadãos. Isto forma as maneiras e o caráter de uma nação.

“*Nos Governos populares a estima pública não se ganha sendo por uma moral mais pura, e por um caráter intelectual mais elevado. Aquelas faculdades que qualificam os homens para as discussões públicas, e que são o fruto de sábias reflexões, e de muito estudo, serão suscitadas e melhoradas por aquela espécie de galardão, que mais que os de outra qualquer espécie, prontamente enamora a ambição humana: este galardão é a importância e dignidade política.*

“Depois disto, as eleições populares, ainda quando não abranjam o todo de uma população, procuram e granjeiam às classes inferiores a cortesia e consideração das superiores. Todos desejam não desmerecer a estima do maior número. Aquela altiva insolência dos cavalheiros e dos fidalgos mitiga-se muito, quando o povo se habilita a dar alguma cousa, e eles a receber. A assiduidade com que então se solicitam estes favores produz hábitos de condescendência, de respeito e de urbanidade; e como a vida humana se torna amarga pelas injúrias, e pelas afrontas dos nossos vizinhos, tudo quanto contribui para procurar a doçura e a suavidade das maneiras corrige no orgulho dos nobres e dos ricos o mal necessário da desigualdade, origem deste orgulho.

“De mais a mais a satisfação que o povo tem nos Governos livres de ser todos os dias informado de toda a casta de exemplo político, por meio da liberdade de imprensa, como v.g. do teor das discussões políticas de um Senado ou de uma assembléia popular – das disputas sobre o caráter ou sobre a administração dos ministros – das intrigas e das contestações dos partidos – tudo isto excita um interesse, que dá moderado emprego às idéias do homem de bom senso, sem lhe deixar no espírito uma penosa ansiedade. Estes tópicos excitam uma universal curiosidade, e habilitando todo o mundo a produzir a sua opinião, formam um grande cabedal de conversação pública, e substituem os hábitos do jogo, da mesa, e dos entretenimentos obscenos e escandalosos.”²³

Eternos deuses! Por que modo se hão realizado estas previsões e esperanças no longo curso do nosso aprendizado constitucional? Este povo que ia iniciar-se nos mistérios da nova vida e ciência política,

23 AMERICUS. *Cartas Políticas* impressas em Londres em 1825.

e dar honesto e moderado emprego às suas idéias, abandona em massa as eleições, os vereadores as suas câmaras, os eleitores os seus colégios, os jurados os seus tribunais! As assembleias provinciais, é certo, não interrompem de todo, e de um modo permanente os seus trabalhos; a isso obsta eficazmente o mesquinho subsídio, que atrai incessantemente os suplentes de um e dous votos; mas contemplai as suas galerias desertadas pelos espectadores; o silêncio — quase segredo — com que preenchem obscuramente o curso de suas abandonadas e menosprezadas sessões; atentai para a desenvoltura com que os partidos, cuidando ferir as pessoas dos adversários que as compõem, vulneram profundamente a própria instituição, expondo-a ao desprezo e irrisão pública; e dizei-me quantos anos não serão ainda necessários para habituar a massa da nossa população aos meneios da nova vida política?

Pelo que toca à recíproca deferência e consideração das diversas classes umas para com as outras, e sobretudo das classes superiores para com as inferiores, a corrupção, a pedintaria, os bródios e as comezainas, os cacetes, os espancamentos eleitorais, o recrutamento, e modo acerbo e exclusivo por que se ele faz, falam com mais eloquência que as mais ardentes declamações. A urbanidade, cortesia e aticismo que deveram resultar do trato freqüente dos cidadãos educados à sombra larga e benéfica da árvore da liberdade, o leitor já viu como brilham nos artigos dos grandes e pequenos jornais, de que Timon lhes deu uma sofrível amostra. E as estupendas escolhas que assinalam e salpicam as páginas da nossa história eleitoral, não consentem duvidar que *nos Governos populares a estima pública só se ganha por uma moral mais pura, e por um carácter intellectual mais elevado!*

A par da indiferença, apatia e abstenção das grandes massas da população para os misteres da vida pública, civil e política, mostra-se o mal contrário na camada superior da mesma população, que preterindo todas as mais profissões, não procura meios de vida senão na carreira dos empregos, não tem outro entretenimento que a luta e agitação dos partidos, outro estudo que o da ciência política, sendo tudo bem depressa arrastado pelo impulso cego das paixões para os últimos limites da exageração e do abuso. E porque as classes superiores são as que diri-

gem a sociedade, e a classe dos políticos supere entre nós todas as outras, suprimindo o número, pelo ruído que faz, e posição elevada que ocupa, é ela quem dá o tom e verniz exterior à nossa sociedade, e lhe faz tomar as aparências de um povo exclusivamente dado à política, e aos meneios, fraudes e torpezas eleitorais, quando a verdade é que o grosso da população, se nisso tem crime, é pela indiferença, antes conivência, com que contempla os abusos e escândalos da imperceptível, mas inquieta e turbulenta minoria. Em resumo: exuberância de vida política, tumulto, agitação, ardor febril, e paixões amotinadas numa pequena parte da população – silêncio, abandono, indiferença, ausência quase absoluta de vida, na outra parte que constitui a grande maioria.

Na ausência de motivos sérios de divisão, e de um verdadeiro antagonismo de idéias e princípios, os nossos partidos os inventam copiando e arremedando os estranhos, com toda a exageração própria de atores locais e mal-ensinados. Daí toda essa fantasmagoria e palavrorio de poder, oposição, coalizão, revolução, clubes, jornais, credos, propagandas, sistema parlamentar, a que a pobre da província se há de moldar como a vítima no leito de Procusto, contraindo, distendendo e deslocando os membros macerados, embora a sua índole, atraso, ignorância política, e pouca população a inabilitem para tão ambiciosas experiências. Apesar porém de todas essas mentidas aparências, nem por isso é menos profunda e geral a ignorância da genuína ciência política, e a falta do verdadeiro tato e inteligência dos negócios. Em uma das nossas câmaras, a dos deputados ou dos Senadores, pouco importa qual fosse, armou-se grave contenda sobre finanças, versando especialmente a disputa sobre o déficit ou remanescente da receita em certo e determinado ano. O ministro da Fazenda dizia que o déficit andava no referido ano por perto de três mil contos; o chefe da oposição porém, isto é, o ministro passado e futuro, sustentava que se as sobras não haviam chegado então a três mil contos, não tinham certamente sido inferiores a dous mil novecentos e noventa e nove. Quando um clamava que tal matéria não tinha que ver com argumentos mais ou menos especiosos, que nas cifras e algarismos estava tudo, acudia o outro que nos algarismos é que se ele fundava, que era também para os documentos do tesouro que apelava. E des-

te jeito tanto afirmaram e negaram, mostraram tanto ignorar e tanto saber, tal e tão estranha barafunda fizeram de contas e argumentos, que a nação que os ouvia, ou antes, que os não ouvia nem entendia, ficou como dantes a respeito dessa inextricável questão do déficit ou sobra. *Et adhuc sub judice lis est.* Henrique IV, ouvindo dous advogados sustentarem com igual vantagem e facúndia o pró e o contra, não se pôde ter que não exclamasse: *Parbleu messieurs! vous avez tous deux raison!* A consolação que nos resta é achar também razão em todos os nossos partidos. Mas se a dois dos nossos mais eloqüentes oradores e abalizados financeiros tal acontecia, que diríamos dessa turba de improvisados políticos que dissertam sem fim de tudo e de todos, em todo tempo e a todo propósito?

Repetimo-lo ainda, a carreira política e dos empregos é quase a única a que se lançam as nossas classes superiores.

Indivíduos há que abrem mão de suas profissões, deixam ao desamparo as suas Fazendas, desleixam o seu comércio, e se plantam na capital anos inteiros à espera de um emprego, consumindo improdutivamente o tempo, e o pouco cabedal que possuíam, e que não obstante, bem aproveitados por um homem ativo e empreendedor, dariam muito mais que todos os empregos imagináveis. Mas nem por que alcancem a primeira pretensão, se dão por pagos e satisfeitos, antes aspiram logo a outra posição melhor; e sempre inquietos e atidos à novidade, persuadidos que só as intrigas políticas, e não o mérito é que dão acesso na carreira, a única cousa de que não curam é de cumprir as suas obrigações, e de aperfeiçoar-se nos estudos e na prática necessária ao mister ou especialidade que adotaram. Raros são os que para subirem mais e mais não vejam com gosto o sacrifício dos colegas e companheiros, com cuja sorte aliás os conselhos mais óbvios da prudência os deviam levar a se identificarem; mas a desgraça alheia com que folgam é bem depressa a desgraça própria, porque o egoísmo e a cobiça são vícios universais, que se ofendem, neutralizam e embaraçam reciprocamente. A mania dos empregos é tal, o mal tão grave e profundo, que já não são somente os pobres e necessitados que andam após eles; os grandes, os fidalgos e os ricos fazem outro tanto, e sem pejo nem remorso, ajuntam aos contos e

contos dos seus bens patrimoniais, os magros emolumentos de ínfimos lugares, roubados porventura ao mérito modesto e desvalido. Que poderá entretanto haver no mundo de mais miserável que esta perpétua oscilação, que estas eternas vicissitudes, que esta vida precária enfim do pretendente e do empregado?

A História refere que Agesilau, rei da Lacônia, tão extremado guerreiro como profundo político, fora um dia surpreendido a brincar com os filhos em um cavallinho de pau, e pedira envergonhado ao indiscreto amigo que dera com ele naquela atitude lhe guardasse segredo até que também tivesse filhos. Deste rasgo tiro uma observação diferente da do comum dos historiadores, e vem a ser que já naquelas remotas eras as crianças brincavam em cavallinhos de pau. Sem remontar porém a tão venerável antiguidade, entre os nossos próprios contemporâneos acharemos muitos, e não dos mais idosos, que dêem notícia que as crianças e meninos do seu tempo montavam cavallinhos como os filhos do guerreiro esparciata, jogavam o pião, empinavam papagaios, ou faziam de soldados, capitães e generais, pois nada levava tanto após si os olhos dos meninos como as idéias e imagens belicosas.

Hoje em dia porém as cousas estão bem mudadas; qualquer marmanjo criado ao bafo de uma taverna, meneia-se à feição de um presidente, sendo que a própria mulher do quitandeiro vê nele o futuro administrador da sua província, e não se faz rogar para lhe dizer; os meninos de escola e de colégio escrevem, e imprimem jornais, e sonham presidências, deputações e Ministérios, como os seus antepassados da mesma idade sonhavam com bonecos, corrupios, doces e confeitos. Diria aqui também que escrevem e representam dramas sanguinolentos, frequentam os teatros e bailes, e fazem a diversos outros propósitos, de pequenos homens feitos, se me não tivesse circunscrito a só pintar costumes políticos.

Os pais de família, aproveitando e cultivando estas felizes disposições, sem consultarem nem as suas posses, nem a capacidade dos filhos, lá os vão mandando para as academias jurídicas de Olinda e S. Paulo, e para as de medicina da Bahia e da corte. Vós credes que ali se formam médicos e jurisconsultos; não o contesto até certo ponto; mas a

verdade é que sobretudo e principalmente formam-se, graduam-se, e doutoram-se homens políticos, quero dizer, deputados, presidentes, ministros e Senadores, continuando na juventude, na idade madura e na velhice, os sonhos e fantasias da primeira infância e puerícia.

Sonhos em verdade e fantasias para muitos, e nada mais. A educação literária e superior da raça dos pretendentes e candidatos, os eleva no próprio conceito, abasta-lhes o peito das mais largas tensões, e abre à sua ambição estimulada os mais vastos horizontes; quando porém das alturas e devaneios da imaginação caem nas realidades da vida prática, as decepções amargas e cruéis se sucedem umas às outras. Seja que aspirem aos cargos de magistratura tão-somente, ou aos políticos, eletivos e administrativos, seja que aspirem a uns e a outros ao mesmo tempo; aqueles como a um meio seguro da existência, a estes como a um meio de passatempo e dissipação nas capitais e na corte, ou como satisfação ao poder e ambição política, é certo que os lugares não bastam à superabundância dos pretendentes. Daí vem que um grande número deles vegeta longo tempo no seio das privações, agravadas pelo sentimento das esperanças fraudadas; entanto que outros fatigados de uma virtude inútil buscam, como o doutor Afrânio, no vício, na corrupção e nas transações, a satisfação de desejos tanto mais irritados e frenéticos, quanto mais tempo estiveram sem matéria em que cevar-se. Daí resulta ainda mais uma imensa perturbação moral na sociedade, mais funesta porventura em seus efeitos permanentes, que as perturbações materiais, de sua natureza rápidas e efêmeras. E em derradeira análise o patronado político, a cabala, a intriga, e ainda os cegos caprichos do poder e do acaso, elevam por fim, de preferência os mais íntegros, estúpidos ou corrompidos.

E pois que tratamos da vida política, da sua inquietação e exuberância, da corrupção e da imoralidade que assinalam a época, da inexperiência, enfatuação e petulância da mocidade, quando cada um se julga um Pitt e um Carlos XII, porque este vencia batalhas aos dezoito anos de idade, e aquele era ministro preponderante aos vinte e um, não será fora de propósito ouvir sobre estes diversos assuntos a um filósofo

que soube revestir austeridade dos princípios daquela graça e amenidade com que eles mais facilmente se insinuam e calam nos ânimos.

“Quanto mais amo os mancebos (diz ele) mais obrigado estou a lhes falar verdade. O primeiro defeito com que hoje em dia se lhes pode dar em rosto, é o de terem pretensão a uma velhice prematura. A madurez afetada é puro pedantismo, e eu antes quisera ver nos mancebos disposições mais alegres e prazenteiras, e um mais gracioso abandono.

“Havendo as revoluções dado ao espírito uma extrema atividade, acontece que muitos mancebos se dão aos estudos com um ardor e zelo outrora desconhecidos; porém desconfio que nos mais deles o amor-próprio faz ainda mais progressos que o amor da instrução. Nestes tais depara-se com aquela segurança e orgulho, que é o característico da época. Causa dó ver publicistas imberbes a regerem o mundo com frases de gazetas, tendo de si para si que são os campeões necessários de tal ou tal partido. Os seus estudos abrangem tudo, o seu tom é sempre dogmático; não conversam, lecionam; o pensamento de uma dúvida modesta os escandalizaria; estes pulverizam Locke, aqueles Platão, e o seu princípio cardeal é nunca hesitar sobre cousa alguma. Como se não arrepiaria hoje Fontenele que já no seu tempo dizia: *Apavora-me a horrível certeza que por toda parte encontro!* O maior obstáculo à indagação da verdade, é porventura a falsa persuasão de havê-la encontrado, e as nossas escolas sem dúvida floresceriam mais, se nelas andasse mais em voga o seguinte adágio: *Jactância é sinal de ignorância.*

“O orgulho é a perdição dos mancebos que cheios de si e do seu mérito são a presa inevitável dos partidos; por isso o primeiro conselho a dar-lhes acerca de política, é que se guardem bem de tomar nela uma parte demasiadamente ativa. Um mancebo pode primar em tudo aquilo a que bastem um coração reto, uma viva imaginação e uma meia ciência. Mas em política um coração reto não basta, uma imaginação viva é quase sempre funesta, e os conhecimentos incompletos conduzem a erros e tombos, ora ridículos, ora deploráveis. Para resolver um problema é mister possuir todos os seus dados, e não há certamente problemas tão complicados, como os que abrangem as necessidades, hábitos, recursos, luzes e preconceitos dos povos. Dizer de um mancebo que é um consumado político, monta tanto como dizer que aos vinte

anos é possível ter um perfeito conhecimento do homem e dos homens, o que é um grande absurdo.

“O conhecimento dos interesses da sociedade é um belo predicado em qualquer parte do mundo; nos Governos livres porém é até um dever. Causa admiração o número extraordinário de homens distintos que os ingleses sempre têm no meneio dos negócios públicos; e eles o devem à natureza dos seus estudos, donde colhem dados e conhecimentos mais positivos que os nossos. Já era tempo de imitar o seu exemplo. Meia dúzia de idéias metafísicas não bastam para iluminar as assembléias e os conselhos.

“Para dar unidade às idéias que adquirimos, e encaminhá-las a um fim determinado, é mister primeiro que tudo cultivar a moral e a virtude. Esta é a ciência primordial, e a que dá ao espírito justeza e extensão, e ao caráter elevação e firmeza. Platão queria que antes que os mancebos ouvissem as suas lições, aprendessem geometria. Nos que porém desejam adquirir idéias ajustadas em política, exigiria eu um preparatório menos difícil, e vem a ser, que profundassem certo princípio de Aristóteles, nutrindo com ele a alma e o espírito.

“Falo daquele princípio de moderação tão simples e admirável, que nos mostra cada virtude entre dous vícios, ensinando-nos que para atingir o bem, é mister fugir de contínuo aos dous excessos contrários. Por este modo a coragem desdenha a covardia e a temeridade; a justiça dista tanto da fraqueza como do rigor; a temperança é tão inimiga da devassidão como da austeridade; a religião levanta-se entre a impiedade e a superstição, a liberdade entre a escravidão e a licença; e assim por diante.

“A este princípio santo e sábio é que os partidos declaram uma guerra encarniçada, porquanto as idéias e sentimentos que lhes prazem, não podem, em seu conceito, transviar-se até à exageração e ao excesso. Entretanto o princípio de Aristóteles é verdadeiro e fundamental. A saúde conserva e desenvolve as forças e beleza do corpo; e a moderação é a saúde da alma.

“Não é a política uma ciência que se aprenda unicamente nos livros, ou no interior de um gabinete; é sobretudo a ciência do mundo, onde cumpre estudar os homens para recolher as lições da sua experiência, e aprender a conhecê-los e julgá-los. Infelizmente, neste segundo estudo da política, perdemos ordinariamente quanto havíamos adquirido no

primeiro, deixando apagar em nós o amor do bem e os doces sentimentos que ele gera.

“No mundo nunca faltam pretextos e motivos variados a uma multidão de indivíduos para negar acolhimento às doutrinas elevadas e nobres. Temos primeiro os homens frívolos e levianos, incapazes de prestar a menor atenção às cousas sérias. Estes tais basta que sejam abandonados à sua nulidade.

“Vêm depois os ambiciosos e intrigantes. As idéias generosas excitam a sua antipatia; e como sobretudo querem ser servidos, se alguém lhes fala em dever ou no bem público, tomam-no logo por uma hostilidade pessoal.

“Quando dizemos que são falsos os princípios por que se conduz esta casta de gente, podemos a tal respeito cair num engano, pois tais princípios são falsos ou verdadeiros, segundo o fim a que cada um aspira. E em verdade os caminhos tortuosos que amam trilhar os intrigantes, são os mais azados e seguros para os homens de talento medíocre que armam ao favor, à proteção e aos empregos, ou querem à força deixar de si no mundo algum rasto ou memória. Mas as vias retas são certo preferíveis para quem traz no coração o amor do bem, e sentindo-se capaz de exercer uma influência honrosa e benéfica, aspira a deixar um nome respeitado e glorioso. À vista disto, escolhei, mancebos.

“Não me leveis a mal que eu recuse admirar as vossas luzes, e ouse aconselhar-vos que andeis menos seguros de vós mesmos. Para que possais alguma hora ser úteis, cumpre que sem perda de tempo vos entregueis a trabalhos sérios, dando-lhes por fundamento a moral. Este estudo não deve limitar-se a um vão desenfado do espírito; pela honestidade dos costumes deveis fazer a provança dos vossos progressos. Quem aspira a ilustrar e dirigir os homens, deve começar por ser homem. Afronta e vitupério a esses detestáveis preceptores que fecham os olhos às faltas e erros da vida privada, opinando que na carreira política bastam os talentos. Abri a nossa história, e ela desmentirá com um estrondoso exemplo esta deplorável doutrina. Com a revolução, assomou na grande cena, um homem de gênio; os seus colegas eram sim dotados de talentos não vulgares; mas verdadeiro orador, ele só; que além de vastos e profundos conhecimentos, possuía em grau eminente aquela intrepidez de caráter que nas situações arriscadas inspira confiança, e ar-

rasta os demais homens. Um só fato basta para revelar-nos o alto conceito que de Mirabeau e da sua força se formava. A revolução devorou tudo quanto lhe embargava o passo; e dir-se-ia que os obstáculos eram o seu alimento. A imaginação espavorida no-la representa como um carro arrebatado ao despenhadeiro por fogosos corcéis; e Mirabeau deu ocasião a duvidar-se se seria possível à sua mão vigorosa suste e moderar a seu talante este carro impetuoso. Esta dúvida só é bastante para que aquele que a inspira avulte em nossa imaginação como um ente colossal. Pois bem, Mirabeau nada poderia fazer a bem da pátria, por causa de um único meio que lhe falecia. Maculado por uma vida dissoluta, impunha, sim, a admiração, mas não podia inspirar a estima; e ao passo que seus partidistas coravam de militar sob as suas bandeiras, os adversários opunham ao lustre dos seus talentos, o opróbrio dos seus costumes. Foi então que, amestrado pela experiência, e querendo pôr um freio às paixões populares, mitigar os régios infortúnios, e assegurar à pátria uma regrada liberdade, sentiu amargamente tudo quanto lhe faltava para poder alcançar uma confiança plena, e levar a efeito os projetos a que andavam ligadas a nossa ventura como a sua glória.

“Vede bem a quem imitais. Não basta ser ambicioso, cumprir saber sê-lo; os talentos que não assentam no pedestal da virtude, semeiam à estátua com pés de argila. Tomai por modelos na política e nas letras a um Fénelon e a um l’Hospital, e se quereis exaltar e sublimar as vossas almas, contemplai e reverenciai estes entes superiores. Empregai anos inteiros a colher úteis conhecimentos, e a aperfeiçoar costumes que possam acarear a estima.”²⁴

Mas enquanto o nosso bondoso e amável filósofo brada moral, prudência, moderação, trabalho, estudo, aplicação; a corrupção, a temeridade, a intemperança, a ociosidade, a ignorância e a dissipação marcham de mãos dadas e a passo igual, e transpondo a arena política, invadem todas as relações civis. E com efeito, quem no jogo dos partidos se habituou a falsificar listas e atas, a fraudar a lei, a trair amigos, a renegar princípios, a rebaixar-se e aviltar-se por todos os modos, após empregos e po-

24 DROZ – *Aplicações da Moral à Política*.

sições, resumindo toda a moral no triunfo e no bom êxito, esse tal ficará mais que muito habilitado para cometer na vida civil toda a qualidade de crimes. E como a escola é vasta, e os discípulos, ouvintes e espectadores numerosos, os vícios e os crimes, se têm multiplicado e generalizado de um modo espantoso.

Não é possível contemplar sem susto o grau de desmoralização a que tem chegado a nossa sociedade pelo que diz respeito aos atentados contra a propriedade, desde a falta de delicadeza e pontualidade, desde o simples calote até ao infame abuso de confiança e o roubo à mão armada. O mal nesta parte me parece mais profundo e irremediável do que em relação mesmo aos atentados contra a pessoa e a vida, que aliás tão lúgubre nomeada têm atraído à província; porque em derradeira análise, muitos dos assassinatos que se cometem derivam da cobiça desenfreada do alheio e nela prendem.

Lançai os olhos derredor de vós, e admirai o espetáculo que se vos oferece.

Uma quantidade inumerável de indivíduos gastam desordenadamente, e sem nenhuma proporção com as suas posses e meios; e para acudir aos vexames que daí resultam, recorrem primeiro ao expediente ruinoso dos empréstimos acrescidos juros e multiplicadas reformas: — depois, quando são executados, aos intermináveis enredos da chicana, às dolosas nomeações de objetos vis e sem preço para as penhoras, na esperança de que sejam adjudicados ao credor, que confiara na sua palavra de honra, e porventura os remiu com seu cabedal e dinheiro de algum grande aperto e vexame; — e finalmente, quando falham estes expedientes já vulgares, às hipotecas e vendas supostas, aos contratos simulados de todo o gênero, ao estelionato enfim!

Para todas estas infâmias é mister o auxílio de cúmplices e figurantes; e não é raro vê-los retorquir contra os maus devedores a fraude a que estes recorreram para não pagar a seus legítimos credores. É o abuso de confiança na intimidade do crime.

Há distritos inteiros em que os devedores se coligam em larga e vasta aliança ofensiva e defensiva para não pagarem as suas dívidas, e tendo por si os juízes pedâneos suplentes, que ordinariamente são da mesma classe, quase sempre levam por diante os seus intentos. E nos mesmos distritos, as famílias numerosas de indústria se repartem pelos

diversos partidos, para terem sempre justiça de casa, pertencendo constantemente por alguns de seus membros ao partido que for o dominante.

A usurpação de terras, o acoitamento de escravos, e o furto de gado parecem já costumes inveterados da população em certos outros lugares; como nas vilas e cidades a falsificação de gêneros, pesos e medidas, e a parceria dos vendeiros com escravos e domésticos.

A infidelidade dos comissários, as falências de má fé, as administrações pouco escrupulosas, a pública fabricação de moeda de cobre, a espantosa falsificação de títulos de dívida pública por ocasião da última guerra civil, a inundação de cédulas falsas, os repetidos alcances de tesoureiros, os multiplicados roubos de diversos cofres públicos, essas casas invadidas para serem saqueadas, mal expira o infeliz proprietário, senão é que são os próprios familiares que se lançam, por assim dizer, ao cadáver ainda quente e o despojam sacrilegamente de todos os objetos de algum preço; os testamentos falsos, que os previnem a uns e a outros, todos os crimes imagináveis enfim, completam e realçam o quadro horrível, que negreja diante dos nossos olhos.

Entretanto não é o crime só de per si considerado, que nos deve espantar; que não é só aqui que ele se comete, e por toda a parte as tendências perversas e os instintos do mal se revelam e manifestam mais ou menos. O que porém a justo título pode entre nós gerar o descorçoamento, e mesmo o terror ainda nos ânimos de mais forte têmpera, é o caráter de generalidade que vai tomando, é a publicidade e impudência com que ele se perpetra impunemente, em face das autoridades e tribunais, sem comover sequer uma população já embotada, fria e indiferente para o mal como para o bem; que a tal ponto nos havemos familiarizado com o crime que nos parece a cousa mais simples e natural fazerem o serviço de palácios os malfeitores condenados a galés, que em outros países são cuidadosamente seqüestrados e de todo trato e vida civil, e reclusos em grandes depósitos murados e aferrolhados; é sobretudo a horrível boa fé, o cinismo e a tranqüilidade de consciência dos criminosos, que ao praticarem os maiores atentados se desculpam a si mesmos por um raciocínio que o estado da nossa sociedade legitimaria, se cousa alguma fosse poderosa para legitimar o crime. O sofisma banal dos homens imorais do nosso país é e o que eles fazem, todos os outros fariam em seu lugar. E andam tão firmes neste conceito, que nada é com-

parável à estranheza que experimenta qualquer miserável quando algum homem de bem refusa aceder às solicitações do crime, parecendo-lhe, primeiro que se convença de ser a honra e a virtude uma cousa possível, que a resistência é apenas uma hipocrisia, ou um manejo calculado para alcançar mais amplos proveitos. Um destes miseráveis negociou em certa ocasião uma avultada soma em títulos falsos; descoberto (caso raro) e perseguido imediatamente pela justiça, cujo zelo fora aliás estimulado pelos particulares enganados, o delinqüente, obrigado a evadir-se, narra-va o *acontecimento* debulhado em lágrimas, lastimando-se, e dizendo a quem o queria ouvir que era o mais infeliz dos mortais; porque sendo imensa a quantidade de indivíduos que *negociavam* de há muito naquela espécie de papéis, só ele fora o malsinado, logo da primeira vez que procurou tentar fortuna! Vê-se como na *Fedra* de Racine, que era o pesar da malograda empresa, e não o remorso do crime que pungia.

*Ai! deste amor funesto
Meu triste coração não colheu fruto!*

Neste abismo de corrupção vieram pois a dar as famosas e risonhas esperanças que concebera *Americus* por ocasião da inauguração do novo regímen, e sistema constitucional! E eis aí como as palestras e misteres da nova vida política desviaram os cidadãos do jogo e da devassidão, dando honesto e variado entretenimento à atividade do seu espírito!

A Timon falecem os meios de verificar com rigor e exatidão qual era a vida íntima e a moralidade dos nossos maiores; mas é possível conjecturar com algum fundamento que se então havia crimes e vícios, como em todos os tempos e lugares, ao menos eram eles em sua generalidade isolados, quase individuais, recatados, cometidos e exercitados a medo, e nas sombras do mistério. Se não encontravam então uma severa repressão da parte da autoridade, não sei ao menos de algum grande e poderoso incentivo que os favoreasse e desenvolvesse; hoje em dia porém em que para cúmulo de miséria tendo a política comunicado a sua imoralidade a todas as relações civis, já a destas reage por seu turno sobre ela, auxiliando-se reciprocamente por este modo todas as variedades do mal; hoje em dia os vícios e os crimes entonam a cerviz, manifes-

tam-se com descaramento sem igual, prosperam e ousam tudo, sob a proteção coletiva dos partidos, excitam-se com o seu exemplo, e triunfam da frouxa resistência da autoridade, ora rebaixada sem força moral, seja que o descrédito lhe venha da ação dissolvente da difamação sistemática, que é uma das chagas do tempo; ou da sua própria participação na imoralidade política e privada que só deviam combater.

Dir-se-ia que o novo sistema de liberdade e independência, suscitado para corrigir e extirpar os abusos do antigo despotismo e escravidão, se fez cúmplice obsequioso deles, e lhes deu grande e solene entrada na sociedade atual, no meio dos aplausos dos comícios e assembleias, e à grande luz fúnebre da imprensa e publicidade.

Aos que porventura me acusarem de exageração e misantropia, e argüirem os meus quadros de sombrios e carregados em demasia, poderei responder que tenho por mim o testemunho de quase todos os escritores contemporâneos, órgãos dos nossos principais partidos, dos quais nesta parte só me distingo pela imparcialidade com que afronto e repreendo o mal onde quer que o descubra e ele esteja, quando eles só o vêem e condenam nos seus contrários.

“Não temos justiça no país! (exclama um) os jurados aqui mesmo na capital têm-se mostrado dispostos a absolver todos os crimes; até um parricida esteve a ponto de ir para o meio da rua; um escravo que matou outro nesta capital, havendo quatro testemunhas de vista no processo, três vezes foi *unanimemente* absolvido pelo júri, esgotaram-se todos os recursos, nada valeu; o réu foi solto e livre. Para que havemos de citar mais exemplos que provam a nossa degradação? Se crimes horroresos encontram no júri tanta compaixão; o que se pode esperar das calúnias quando logo se lança em rosto ao caluniado que quer perseguir a imprensa? O crime entre nós está tão altanado que já não precisa dos fatores do júri.”²⁵

“Tal é o lamentável estado em que se acha o Maranhão”, diz outro. “Há dez anos para mais, não há mal, humilhação e afronta, por que ele não tenha passado! A lei iludida, e tão desacreditada, que move o

25 *Estandarte* de 14 de janeiro de 1852.

riso invocá-la, porque a garantia da sua execução se tem tornado uma perfeita burla – pelo patronato e temor; os homens de inteligência, de mérito e patriotismo, postos de parte e substituídos pelos ineptos, que se prestam a ser dóceis manivelas dos que se revestem de mando; a Constituição, na sua parte a mais importante (a que diz respeito aos direitos políticos) de ordinário representada por homens da mesma plana, sem consciência do que devem fazer nem do que fazem, assinando de cruz os alvarás de seus amos; as eleições feitas com caráter de assalto e de saco, e reduzidas aos termos dessas cenas noturnas que se passam nas charnecas e azinhagas, nas quais a bolsa dada sem resistência é a garantia da vida do viandante acometido; os dinheiros públicos distraídos de seus fins legítimos para com eles se pagar serviços eleitorais, arranjar afilhados, e assoldadar-se asseclas; a divisão da família maranhense, outrora tão unida e feliz que se fazia por isto notar do estrangeiro; o desmoronamento enfim de todo o nosso edifício social, eis os funestos frutos do erro em que nos tem feito viver o pugilo de egoístas e ambiciosos que só eles lucram com os nossos males e discórdias!

“O que mais nos faz lamentar na contemplação deste triste quadro é ver que muitos maranhenses como que se comprazem em continuar na sua cegueira! Bem poucos são os que confidencialmente e nas conversações particulares não reconhecem e confessam tudo quanto havemos dito, e todavia esses mesmos ainda continuam a prestar-se para instrumentos da infernal política desses homens sem consciência e amor da pátria! É que, como já dissemos, o despotismo de uma causa tão mesquinha acaba por amortecer nos corações dos que o sofrem o brio da independência, e o fogo do patriotismo.

“Custa-nos dizê-lo! mas, enfim, quem o ignora? Esta bela e nobre província, que a todos os respeitos, merece de ocupar um lugar tão distinto entre as demais províncias do Império, se acha hoje tão desmoralizada, por efeito da cínica política desses egoístas, e tão desacreditada no conceito geral que parece estar, de muito, condenada a representar de escória de todas elas! Debalde quiseram-nos iludir a nós mesmos, supondo falso ou, ao menos exagerado, a este juízo, porque aí está a triste realidade dos fatos para nos tirar do engano!”²⁶

26 *Observador* de 20 de janeiro de 1852.

Timon, de resto, quando pinta o mal, sem exagerá-lo, é certo, mas sem dissimular também toda a sua grandeza e intensidade, não entende nisso estabelecer a negação absoluta do bem. Felizmente ainda respiram entre nós muitos homens igualmente dotados de sentimentos honestos e de grandes qualidades; nos partidos mesmo notam-se às vezes movimentos generosos; e em algumas épocas as tendências para a emenda e reformação têm sido manifestas e animadoras. E por mais que a corrupção, a imoralidade e o vício estejam generalizados e potentes, não é impossível fazer calar os bons princípios, se uma voz e uma ação poderosa se quiserem fazer ouvir e sentir, porque existem sempre secretas e simpáticas harmonias entre o homem de bem e de gênio que fala e obra, e a multidão que escuta e vê. Tudo se acha, é certo, acurvado de presente ao peso do mal, presos uns pelos outros, e contaminados do mau exemplo, da mesma forma que as pedras de uma abóbada comprimidas e arrimadas umas às outras se sustêm reciprocamente; haja porém uma mão vigorosa que aplicando-lhes o ferro destruidor faça saltar duas ou três, e para logo desabará todo o edifício que na robustez da sua construção parecia desafiar o tempo.

.

IX

ÉPOCA DE MARAVILHAS E CATÁSTROFES – OS TRIBUNOS E OS REIS JUSTIFICADOS PELA MÃO DO ALGOZ – O PODER IMPERIAL, ÚNICO PODER EFETIVO ENTRE NÓS – O IMPERADOR DEVE REINAR, GOVERNAR E ADMINISTRAR – GRANDEZA DO MAL E DO REMÉDIO – EXTIRPAÇÃO DOS PARTIDOS – PRESIDÊNCIAS POLÍTICAS E PRESIDÊNCIAS ADMINISTRATIVAS – O BEM, POR MEIO DO TRABALHO, DA INDÚSTRIA E DA RIQUEZA.

Q

UE A NOSSA situação é das piores, senão de todo péssima e desesperada, é cousa que já não pode sofrer dúvida e contestação. Donde porém lhe há de vir o remédio? quem oporá ao mal uma barreira assaz poderosa, senão para contê-lo de todo na sua marcha dessempeçada e vitoriosa, ao menos para embaraçá-lo e demorá-lo? donde e como partirá o impulso para o bem?

A época em que vivemos é fecunda em catástrofes, desastres e vicissitudes de todo o gênero, e será por isso assinalada entre todas nas idades futuras. Se por uma parte obscuros plebeus são dizimados pela perseguição, de outra os reis abdicam e fogem disfarçados, para evitarem as masmorras e os desterramentos, e ainda a mesma mão do carrasco já habituada a tatear régios pescoços. Nem a prescrição dos séculos, nem a consagração do direito divino, nem o prestígio da glória e do gênio, nem

os cálculos e precauções do bom senso, da habilidade e do talento, são títulos seguros de preservação e salvação. Luís XVI, Napoleão e Luís Filipe o atestam de um modo tão eloqüente como irresponsável. Londres viu há poucos anos, quase reunidos dentro dos seus muros, um rei de Argel, um imperador do Brasil e um rei de França, trazido assim para a vida real nesta era de prodígios um dos mais inverossímeis e arrojados devaneios da imaginação de Voltaire, quando no seu romance do *Otimismo* nos figura vários potentados decaídos, juntos pelos caprichos da fortuna em uma obscura estalagem de Veneza.

Montaigne dizia que por mais aveludado e dourado que seja o trono ninguém se pode nele assentar, a não ser sobre as próprias pousadeiras; e se houve tempo em que se faça bem-sentir a verdade deste pensamento do filósofo francês, cuja cínica expressão aliás adoço quanto me é possível, é certamente o tempo presente, em que a grandeza humana se nos apresenta humilhada na pessoa de um rei conduzido ao suplício com as mãos atadas para trás, e publicamente despojado das suas vestes e cabelos pelas mãos polutas do algoz.

Como contraste porém no meio da instabilidade e subversão universal, lá aparecem tempos, lugares e ocasiões em que a influência monárquica brilha em toda a sua força, e de um modo tão irresistível como espontâneo, posto que a causa do fenômeno não seja das mais puras e honrosas, visto não ser outra senão o servilismo e adulação dos súditos.

Um dos nossos estadistas asseverou em pleno Parlamento que só seis indivíduos tinham algum poder no Brasil, e eram os seis homens que se assentavam nas cadeiras de S. Cristóvão. Seria porém mais exato se subisse um pouco mais alto. A única força e poder real que atualmente temos existe no imperador. Os ministros só crescem ou vegetam à sua sombra; a força que têm, toda a tiram dele, e se algum tempo a tiveram própria, perderam-na, ou abdicaram-na voluntariamente, escarmentados nas longas abstinências de vaca magra, a que os levaram certas imprudentes veleidades de independência. A julgá-los hoje em dia pela sua resignação e longanimidade, dir-se-ia que como os lacaios de Gil Brás, juraram pela Estige nunca mais suscitar questões de gabinete; e esta jura terrível, é sabido que nem deuses nem ministros ousam impunemente quebrantá-la.

E se o poder real é o único, se na ausência e extinção do antigo religioso respeito para com o dogma quase sagrado da monarquia, o interesse e a adulação atraem nada obstante todas as homenagens e adorações ao trono, maior se torna por isso a responsabilidade dos reis e imperadores, e mais cresce neles a obrigação de se mostrarem peritos e zelosos no seu ofício, suprimindo com a boa vontade, com o zelo e com a prudência as grandes qualidades que porventura lhes faleçam, e que infelizmente nem sempre os preservam de quedas estrondosas e escarnecidas.

Nas alturas vertiginosas do poder e majestade e talvez indispensável a inspiração e ajuda do Céu para que a fraca força humana não desvaire, e se lance nos abismos da perdição, arrebatada pelo próprio peso. O menor descuido transformará as virtudes mais singelas nos vícios mais perigosos, mormente para um rei.

Segundo a expressão enérgica e pitoresca de Napoleão, certas ficções constitucionais são bem próprias para transformar o rei num animal tão egoísta e preguiçoso como inútil, espécie de cochino cevado a preço de milhões. De mim confesso que não sei admirar estas maravilhosas ficções; e menos ainda a prudência e imparcialidade, como as entendia e praticava Luís XVIII, que sacrificava alternadamente ora um, ora outro partido, deixando-se atoar ao capricho das maiores flutuantes, e pelos acontecimentos, que aguardava, sem nunca provocá-los e dirigí-los, preferindo sempre e a tudo, o seu repouso pessoal.²⁷

Em um país novo, e ainda renovado pelas instituições recentes, onde não há vícios nem virtudes, nem costumes de qualidade alguma profundamente arraigados, uma iniciativa vigorosa e franca se faz sobretudo sentir; o impulso partido do alto achará por toda parte matéria flexível e branca como a cera, pronta e disposta a amoldar-se em todos os sentidos, e ainda os mais opostos, assim para o bem como para o mal.

Ora, o nosso primeiro mal são os partidos, aliás meia dúzia de indivíduos que sob o nome de partidos se agitam na superfície da sociedade, e desviam toda a sua atenção e atividade para as contendas estereis da política, preteridos e abandonados todos os outros deveres e profissões. Um publicista argentino, escrevendo ultimamente das cousas da sua pátria, graduou os progressos que uma nação pode fazer, em quatro espé-

27 Chateaubriand – *Memórias de além-túmulo*.

cies, o moral, o industrial, o intelectual e o político. Ignoro se a classificação é justa, isto é, conforme a verdade e natureza das cousas; mas se houvermos de adotá-la, poderemos afoitadamente dizer em relação à nossa pátria que nada absolutamente temos de progressos morais e industriais; apenas alguma coisa do intelectual; em demasia porém do político, bem entendido, do progresso político vicioso, exuberante e desordenado, tal como o deixamos longamente descrito nas páginas anteriores.

A estes partidos, pois, como fonte e origem de todo o mal, senão única, a principal, cumpre declarar e fazer guerra incessante e a todo transe, até sua completa extirpação do solo que esterilizam e desdouram. Que significam essas eternas mascaradas e fantasmagorias de política plagiada servilmente, em pobres províncias de segunda e terceira ordem? Se as necessidades do sistema que a nação adotou exigem experiências e ensaios nos grandes teatros e centros de população, sejam eles dispensados, ou pelo menos consideravelmente reduzidos nos pontos de menor importância. Desenvolvam o Governo e os partidos a sua política nas grandes províncias; mas consintam, senão por outro qualquer sentimento, pelo da piedade e compaixão, que as pequenas curem de interesses mais sérios e palpitantes, sob pena de as vermos sem muita demora caídas no último abismo da miséria e perdição, de atrasadas e decadentes que já se acham. Haja embora províncias em que o Governo se ostente e seja efetivamente político, mas em outras o seu dever é mostrar-se exclusivamente administrativo, promovendo a agricultura e a indústria, e por elas, o bem-estar e a moralidade da população. Creio bem que este procedimento há de excitar o descontentamento e os clamores de não poucos, e mormente dos que interessam e ganham com a perpetuação dos abusos; não duvido mesmo que alguns ânimos retos e bem intencionados se associem à grande algazarra, bradando contra a distinção anticonstitucional das grandes e das pequenas províncias, e argumentando que todos os brasileiros são iguais perante a lei, sendo contra toda a justiça e sã política gozarem uns de todos os privilégios e vantagens da nossa forma de Governo, e outros reduzidos à condição de ilotes. Mas o Governo deve ir por diante sem fazer cabedal algum das contorsões do enfermo, dolorosamente operado sim, mas para sua melhora e salvação. Além de que, aos que se queixarem de boa fé, poder-se-á com sobeja razão responder que a guerra aos partidos não é feita a ferro

e fogo, pela violência material ou ainda mesmo pela intimidação, senão somente contrariando e reprimindo as suas tendências perniciosas, e a exuberância de vida e atividade política, e favorecendo por outra parte das tendências opostas para os trabalhos e empresas industriais de todo o gênero. Que na própria libérrima Grã-Bretanha a corrupção eleitoral e o abuso da política têm sido punidos com a privação do voto, infligida a distritos inteiros por largo número de anos; e que se outro tanto se praticasse conosco, como mais que muito merecemos, a punição não seria nenhuma novidade, atento o estado real da província; porque despojados do direito de voto estamos nós já de há muitos anos pelas fraudes e violências dos partidos, e nem o espírito mais obcecado poderá desconhecer que enquanto as cousas não forem radicalmente emendadas, não será possível que as eleições se façam por outro modo. As fraudes e as violências são elementos tão essenciais na nossa atual organização, que nenhum partido ousa abrir mão delas, e cingir-se aos meios legítimos, porque sabe que, se o fizer, será infalivelmente suplantado pelo partido adverso menos escrupuloso.

Assim que, o mal da reforma é todo aparente e imaginário, e a sua utilidade mais que evidente. As paixões que geram por toda parte as lutas políticas, e a ambição do mando e poder, são entre nós ainda exacerbadas pela situação e fortuna precária dos combatentes. Não é crível que o patriotismo desinteressado, a nobreza e independência de caráter se aliem facilmente com as preocupações vulgares e inexoráveis da subsistência, em indivíduos que não têm outra profissão e meio de vida senão a política, e as posições que com o seu auxílio se conquistam; e pode-se ter como certo que na mesma proporção em que afrouxam e desfalecem aquelas virtudes, tomam vigor e robustez os vícios contrários. E talvez o melhoramento, o bem-estar, a riqueza e opulência enfim, obtidos por meio do trabalho e da indústria, mitigando a sede devorante de gozos materiais que procura hoje satisfazer-se, ainda pelos meios mais ilícitos; e adoçando as paixões irritadas pela luta e concorrência, dêem grande e generoso impulso à moralidade pública, acalmando o ardor e a ambição da raça cruel e implacável dos candidatos e pretendentes, e acabando com a instabilidade dos empregos, tão pernicioso à classe dos funcionários, como ao mesmo estado que há mister os seus serviços.

Se nas grandes províncias, onde a riqueza a que atingiram, torna mais fácil, e menos perniciosa uma ardente aplicação aos debates políticos, trata-se não obstante de imprimir nesta época tão vigoroso impulso aos melhoramentos materiais, por modo que a riqueza já adquirida tome rapidamente as proporções gigantescas de uma verdadeira opulência; por que razão não se há de distribuir às pequenas uma parte, inda que mínima, do mesmo benefício?

Mas para que se arranque e extinga um mal tão inveterado, para que se alcance tamanho bem, é mister que o impulso parta não já de gabinetes efêmeros, contraditórios e oscilantes, senão do próprio chefe do estado, que sendo possível, deve não só reinar e governar, como administrar, e descer aos mais minuciosos pormenores do Governo destas pequenas províncias. Se nos faltar esse impulso superior, permanente e desinteressado, mal de nós e delas que irão de dia para dia piorando de situação.

Não basta mandar um presidente cuja falaz imparcialidade consista em poupar e cortejar a uma e outra banda a corrupção e o vício, que sabem mascarar-se e disfarçar-se por tão variados meios; não basta inverter e mudar certas posições, é preciso atacar o mal frente a frente, e destruir todos os antros em que ele se acolhe. A imparcialidade se há de revelar pela severidade e inteireza, não pelos sorrisos e complacências; pelos trabalhos, pelas fadigas, pelos sacrifícios, pelos ódios e perigos afrontados, não pelos prazeres e distrações. É mister sobretudo que os presidentes de uma vez para sempre se abstenham de intervir nos mesquinhos debates dos partidos, deixem de rebaixar todos os dias a própria autoridade, e representem e sirvam dignamente o imperador seu amo, que certo saberá e quererá galardoar dignamente os seus serviços.

A certeza da futura recompensa deverá apartá-los dos cuidados de sua conservação, e das cabalas a que nesse intuito ordinariamente se entregam; e a duração das presidências seja rigorosamente subordinada às vantagens e necessidades do público serviço. Se pelo cumprimento severo dos seus deveres, o presidente ferir interesses ilegítimos, suscitar animosidades e resistências fora do comum, ceda o passo a outro que continue o sistema de ânimo sossegado e espaçoso, e sem o embaraço das ofensas recebidas e dos ódios acumulados; mas ceda-o de boa sombra, sem pesar como sem desar, que certamente o não pode haver nas

circunstâncias figuradas. O sucessor, digo eu, continue o sistema começado, e acabe por uma vez esse espetáculo vergonhoso e incrível de um indivíduo constituído em autoridade a desacatar o nome e a pessoa de seu antecessor, e a inverter, violar e destruir todos os seus atos, sob o falso e mentido pretexto de uma política diversa que ninguém sente ou conhece, ou em satisfação às ridículas e ignóbeis intrigas de localidades. Renove-se a operação cinco ou seis vezes sucessivas, sempre no mesmo espírito e intenção firme e leal de corrigir os abusos. Convertam-se em uma palavra as presidências em cargos puramente administrativos e despojados de todo o caráter político; e eu fico que a província tomará subitamente um novo aspecto, em proveito comum do administrador e dos administrados.

.....

Timon a seus leitores

ARGÜIÇÕES A TIMON – SUA APOLOGIA – O SISTEMA DE INTERVENÇÃO E DE ABSTENÇÃO – O EGOÍSMO, OU A AMBIÇÃO – UMA ANDORINHA SÓ NÃO FAZ VERÃO – OS RETRATOS E A DIFAMAÇÃO DA PROVÍNCIA – O VÍCIO PUDIBUNDO.

P

POIS QUE TIMON, saindo do seu obscuro retiro, ousa erguer a voz para censurar e afiar o vício e o crime, fazer humildes advertências, e dar modestos conselhos aos que paulatinamente nos arrastaram à situação deplorável e vergonhosa em que atualmente nos achamos, pede a justiça que ele também por seu turno compareça perante o tribunal, responda às acusações que lhe fazem, e dê razão de sua pessoa, atos, palavras e doutrinas.

Tendo encontrado nos seus colegas da imprensa, e no público em geral, um acolhimento e favor que revelam mais indulgência que justiça, e vão em todo o caso muito além do acanhado merecimento do autor e da obra, Timon contudo tem dado assunto e ocasião a críticas, censuras, juízos e apreciações, mais ou menos benévolas, mas nem sempre exatas e fundadas.

Tal nota o tom de desalento que reina em suas páginas, e o desgosto que manifesta acerca das cousas e dos homens; tal outro o fa-

talismo de suas doutrinas. Este o argüe de implacável adversário, senão do sistema eletivo em geral, pelo menos das eleições democráticas e do voto universal; aquele critica o seu indiferentismo, egoísmo, *panteísmo político*, que sei eu? até não falta quem nos quadros que esboça da virtude oprimida e do vício triunfante, veja o oculto pesar de um coração ulcerado pela ingratidão dos partidos, e ouça os derradeiros gemidos de uma esperança que se fina...

O mal é patente, dizem, ninguém o contesta. Mas por isso mesmo que ele existe, é que há mister combatido, sempre, e por toda a parte. Se atarmos os braços a vãos receios e esperanças, deixando-nos atoar ao sabor dos acontecimentos, e aguardando que venha um novo Moisés com a mágica varinha abrandar o rochedo, e operar o milagre da regeneração, ficaremos para todo sempre transviados no deserto, sem jamais pôr os pés na cobiçada terra de promessa.

Tentemos responder a todas estas críticas amáveis e benévolas, que em nada alteram, antes redobram, se é possível, o profundo reconhecimento do autor.

Sem dúvida, a mais elevada filosofia nos ensina, e Timon não ignora, o homem foi nascido e criado para o trabalho e para a luta, com que desvie e vença o mal de um lado, e atinja o bem e feição de outro. E por mais que as decepções se multipliquem, nunca deve ele deslembrar que sendo a missão de servir aos seus e a pátria, quase imposta pelo Céu e pela Natureza, o descorçoamento vem a ser uma verdadeira impiedade. Para encher satisfatoriamente os nossos deveres, e achar na Terra a paz e quietação a que aspiramos, e a aprovação da própria consciência, é mister que desempenhemos a tarefa que nos foi dada, sem ter conta com o êxito dos esforços empregados, porquanto o dever é causa perfeitamente independente e distinta do resultado e bom sucesso. Além de que, a ineficácia das lutas do homem para o bem, é muitas vezes aparente, pois não é raro que uma estrondosa posto que tardia reparação venha por fim coroar as suas fadigas, e recompensá-lo das contrariedades, repulsas e baldões sofridos.

Fais ce que dois, advienne que pourra — diz o antigo provérbio francês. Não é pois sobre este ponto que podem ocorrer dúvidas; a dificuldade toda consiste em apurar, em certas circunstâncias dadas, onde esteja o dever, se na intervenção, se na abstenção.

Uma das características da época é a ambição arrojada, o orgulho, a temeridade, a presunção e o desvanecimento, imaginando cada um de si que nasceu e foi sorteado pela natureza para dirigir os outros, que é azado, cabal e poderoso para tudo tentar e pôr por obra. Estes tais, e os que se sentirem, e forem realmente animados do fogo divino, lancem-se muito embora na arena, e caminhem desassombrados onde os seus destinos os guiarem. É sem dúvida grandioso e digno espetáculo o do patriotismo e do talento que por meio de todas as dificuldades e perigos, procuram servir o país, satisfazendo ao mesmo tempo as aspirações de uma legítima ambição; e é certamente muito mais glorioso e nobre reprimir, moderar, dirigir e utilizar as paixões humanas, do que lhes votar um desprezo impotente e estéril, de que elas zombam em seu curso triunfante e desregrado; mas nisto como tudo mais, deve cada um, recolhido em seu conceito, pesar séria e maduramente as próprias forças, e verificar a sua aptidão e capacidade sob pena de não só perder-se inutilmente, como de prestar novos alimentos ao fogo devorador da imoralidade. A força sem conselho desaba com o próprio peso, disse o poeta.

VIS CONSILI EXPERS, MOLE RUIT SUA

Ora Timon, pouco confiado senão tímido e pusilânime por temperamento, algum tanto experiente em nossas cousas, e escarmentado em tantos exemplos alheios, não se sente de nenhum modo inclinado a associar-se aos nossos partidos, conhecendo que de todo lhe falecem as forças e aptidões indispensáveis para corrigi-los e guiá-los ao bem.

No meio destas pequenas facções não vejo a pátria. Pesar, sentimento de esperanças fraudadas, não os sente Timon; desalento e desgosto, sim, se o entendeis pelo tédio e repugnância que lhe inspiram o espetáculo e os atores.

Não que todos os homens políticos se arremessem na arena, arrastados pelos instintos de uma organização perversa, para darem satisfação às paixões desregradadas que os agitam; mas é que ninguém pode respirar impunemente a atmosfera corrupta dos partidos. Ela não fulmina instantaneamente com a morte, como no funesto Vale de Java, os desventurados que têm a imprudência e temeridade de penetrá-la; mas ficai crendo que manso e manso, e aos pedaços todos ali vão deixando o

brio, o pundonor e a virtude, que constituem a vida moral do homem. Os homens de bem que na carreira pública buscam dar emprego honesto a seus talentos e atividade, e arriscam a perigosa aventura dos partidos, reconhecem e confessam sim a imoralidade deles, mas sempre seguros de si, e confiados no influxo de uma estrela benigna, presumem que vão dar na balança um peso decidido contra o mal, e farão por fim tal e tamanho bem e serviço, que ficarão mais que muito compensadas as humilhações que são, e todos se antolham inevitáveis. Turvada a mente por tais idéias, fascinados por esta esperança falaz, e arrastados por uma doutrina perversa, pregada sem reboço, justificada por eminentes e numerosos exemplos, e coroada por tantos resultados felizes, ei-los caminhando de transação em transação, de concessão em concessão, sacrificando agora um, depois outro princípio, hoje os escrúpulos de uma simples delicadeza, e amanhã tudo quanto há de grave, respeitável e sagrado na vida. O mal que a princípio é encarado com estranheza e horror, já o toleramos, dissimulamos e desculpamos nos outros; depois o aprovamos, e por fim o cometemos de nossa própria conta e fazemos dele alarde e ostentação. Maculados de contínuo por contatos infames, a alma, o caráter, e ainda o mesmo talento se apoucam, depravam, aviltam e rebaixam a um grau tão ínfimo, que nos encheria de horror se desde o primeiro passo na carreira fatal tivéssemos podido entrevê-lo. E o fantasma que enxergávamos nos prestígios da diabólica miragem, e nos sustinha no curso destes vergonhosos sacrifícios, cada vez se afasta para mais longe, até de todo esvaecer-se, deixando-nos só o pesar e o remorso da fadiga e do crime, igualmente inúteis; senão é que endurecidos pelo mesmo crime, chegamos até a gloriar-nos da própria degradação!

Falta a Timon essa flexibilidade que sabe amoldar-se a todas as situações; e falta-lhe, sobretudo a mola poderosa de ambição, a força, energia e atividade, bem como todas as esperanças e ilusões que ela gera; e eis aí porque, no estado das cousas, e segundo o juízo que delas forma, entende ele que o seu dever é abster-se; que assim conserva ao menos intacto o único patrimônio que possui, o da integridade do seu caráter. Sem a orgulhosa pretensão de reprimir o mal, e convertê-lo em bem, que há de mais lógico e natural do que o seu retiro e apartamento dos públicos negócios, abandonado por uma vez o empenho perigoso e inútil de discutir e conciliar os interesses variados, recíprocos e encon-

trados de concidadãos que não solicitam, antes de muito bom grado dispensam o auxílio dos seus conselhos? No silêncio e retiro da obscuridade, ocupado, como Erasmo, a corrigir provas de imprensa, ou desempenhando outros deveres igualmente obscuros, e modestos da vida privada, esquivando o comércio da multidão, Timon, como em porto abrigado da tormenta, escapa mais facilmente ao turbilhão dos maus costumes, que à nossa vista, e à roda de nós, envolve e arrebatava tantos outros que fatigam as cem bocas da fama, e trazem cheio o universo do ruído dos seus nomes.

Quererá isto dizer que Timon é indiferente ao bem e ao mal, à opinião e estima dos seus contemporâneos, desprezador, enfim, de homens e deuses? Longe disso, ele presa e reconhece todas as provas de uma consideração fundada em motivos reciprocamente honestos, puros, desinteressados e espontâneos. Fazer-se, porém humilde solicitador e vil cortesão das paixões poderosas e triunfantes; prestar as mãos às torpes baixezas com que tantos se alçam às maiores honras; enredar-se em uma palavra nas tortuosas veredas que guiam ao poder, é o que lhe não sofre o ânimo. E todo o seu orgulho e egoísmo está em pedir de contínuo à Providência que o sustenta às bordas do vertiginoso abismo, e na próspera como na adversa fortuna lhe dê a força necessária para resistir às tentações do mal.

Porém, mesmo na pretendida inação e egoísmo de que o argüem, o seu proceder e isolamento podiam ser um exemplo; e são decerto, com as páginas modestas que pública, um protesto formal contra proceder oposto. Receiam acaso amigos e adversários que este exemplo seja contagioso, e que desencaminhado e seduzido por ele, o tropel dos combatentes abandone as armas, e deserte o campo? Temor vão e pueril! Nesta abstenção o que contemplam todos é um competidor de menos, e um lugar vago de mais, para ocupar o qual se mostram e oferecem de toda parte, e em cardumes, talentos não vulgares, eminentes capacidades, e corações ardentes de fé, entusiasmo e dedicação.

UNO AVULSO, NON DEFICIT ALTER

Seja. A nobre e verdadeira ambição, antes se veja frustrada, que satisfeita por tais meios; e àqueles que o suspeitam devorado pelo pesar, Timon responde que ama mais entranhar-se na rude, austera, apa-

gada, mas não vil tristeza de que nos falia o grande épico português do que evaporar-se nos gozos e alegrias dos efêmeros e ignóbeis triunfos que todos os dias passam diante de seus olhos, como fantasmas vaporosos que se dissipam ao menor sopro.

Não encerrarei o capítulo sem responder a duas outras acusações menos graves, posto que menos públicas. Timon, dizem, faz nos seus retratos alusão a personagens da época, e desdoura a sua pátria, pintando-a tão corrompida.

Meu Deus! que culpa tem o pobre escritor de que a ociosidade, malícia, e porventura a voz de algumas consciências pouco tranquilas, acusem alusões positivas e intencionais, onde não há senão pinturas gerais, em forma de retratos, dos costumes, extravagâncias e desconcertos da nossa sociedade? Timon nega toda intenção semelhante, que seria isso ir diretamente contra os seus fins, e frustrar com bem pouco aviso todo bom resultado que de seus esforços podiam razoadamente prometer-se.

Pelo que toca ao descrédito e difamação da terra que nos viu nascer, não tenho admiração para o vício pudibundo, que cora até a raiz dos cabelos, e cobre com as mãos ambas o rosto turvado de uma ingênua e amável confusão! Mas quem ousaria, a não serem os cúmplices do mal, os culpados impenitentes e relapsos, quem ousaria pegar, encobrir, ou ainda simplesmente dissimular a degradação e opróbrio a que temos chegado, e hão feito de nós a fábula e o baldão da corte e do Império todo, da corte especialmente, que a tantos respeitos nos trata com o desprezo de que somos dignos? Consiste porventura o patriotismo, ou o provincianismo, em negar impudentemente uma verdade conhecida por tal, ou antes, confessar nobremente o mal, e da grandeza dele tirar motivo e ocasião para reclamar a emenda e reforma a grandes brados? O que nos desonra e avilta é a corrupção e o vício, são as recriminações apaixonadas das facções, não exprobração severa, imparcial e desinteressada que Timon arremessa sem hesitar à face de todas elas, e da qual se sente por antecipação absolvido no tribunal de uma opinião esclarecida, como já o está pela sua própria consciência.

.....

Considerações gerais

A PROPAGANDA E A NEGAÇÃO DO DIREITO REVOLUCIONÁRIO – A
REALEZA E A DEMOCRACIA – AS REPRESSÕES E AS ANISTIAS.

COM PALAVRAS mais verídicas e duras que elegantes, foi Timon até agora condenando o abuso e excesso das tendências políticas; e entretanto o leitor o vê demorar-se, e como se deleitar nesta matéria, e já porventura sorri maliciosamente da flagrante contradição.

Há de notar também que além do antagonismo da doutrina e do procedimento do escritor, a nossa sociedade está atualmente se transformando, e não há para que condenar com tamanha tenacidade umas tendências de que ela se aparta visível e aceleradamente para entranhar-se com ardor novo e exclusivo nas veredas dos melhoramentos materiais, tão pouco trilhados até à época presente.

Empanai-vos a um e outro respeito. Timon não se deleita nestes debates; aproveita sim a ocasião, depois de um largo silêncio, para expender todas as suas idéias, desabafar todos os seus sentimentos, e despedir-se, senão por uma vez, ao menos por longo tempo, do já prolixo e cansado assunto.

E se é certo que por toda a parte se organizam empresas para estradas, navegação e colorização, ainda há em tudo isso mais ruído, afe-

tação e espírito de sistema que realidade, e verdadeira emenda e transformação. A propaganda política, não há de negá-lo, afrouxa e quebra visivelmente do seu antigo ardor; mas ainda não faz quatro anos que a guerra civil assolou um dos pontos mais importantes do Império, acompanhada e seguida de todos os rigores da repressão; e agora mesmo, diante dos nossos olhos, a luta eleitoral que acaba de travar-se não deixou de oferecer cenas odiosas de violências, de sangue e de luto. A preponderância demasiada e exclusiva de um partido, e a abstenção quase geral de outro, também encerram germens ameaçadores e funestos; e daí, não é impossível que dada uma súbita complicação, tudo volte ao antigo estado, e ressurgam mais vigorosas e obstinadas, todas as dificuldades que se supunham vencidas.

Não há precaução demasiada contra o excesso das paixões e das doutrinas, na previsão de acontecimentos, que à força de haverem sido tantas vezes repetidos, se hão tornado prováveis, e como ordinários, desde a nossa iniciação nas formas modernas de governo.

Realeza, democracia, revolução, repressão, anistia, meu Deus! que temas para dissertações tão vastas como profundas, e dignas só de ocupar as penas mais brilhantes, como as cabeças mais fortes e mais bem organizadas! Este pobre Timon recua, hesita, flutua e duvida; e confundido e perturbado pelas maravilhas que cada dia se lhe antolham, ou humilhado pela própria insuficiência, se esquivaria calado ante estes formidáveis assuntos, se lhe não acudisse o expediente de aventurar acerca deles, não as próprias, mas alheias idéias, fruto da alta sabedoria antiga e moderna, e de uma experiência mais sólida que a sua.

Porém ainda quando se escora em autoridades de tanto peso, nem por isso a dúvida o abandona, e eis aí porque estabelecendo tantas vezes certos fatos e premissas, nem sempre ousa chegar à segurança e suficiência da conclusão, coisa aliás tão fácil a tantos outros espíritos mais resolutos e positivos que o seu.

Puro ceticismo, dirão, falta de crenças e de religião política. Mas Timon entende que a timidez e irresolução, antes prudência e modéstia, nunca são demais em uma época que tanto se caracteriza pelo orgulho, jactância e temeridade; e como Cícero, conhece que é mais fácil

e seguro apontar o mal, e argüir os erros, do que achar-lhes o remédio, descobrindo a verdade. *Utinam tam facile possent vera invenire quam falsa convincere!*

No nosso país vê-se de um lado a negação absoluta do direito revolucionário, proclamando-se do outro a sua extensão e aplicação de um modo não menos exagerado. Os doutores da seita de conservação e centralização, no excesso de seu zelo, vão até a supor, como os doutores Sangrado e Tirte-fora, que se o doente lhes morre, ou pelo menos definha a olhos vistos, é só à míngua de copiosas sangrias, ou por não guardar uma rigorosa dieta de todas as iguarias liberais. Os da escola liberal por seu turno atacam uns a instituição da realeza, e outros a forma falsa e complicada do nosso governo misto, queixando-se todos da sua decadência, corrupção e falácia e clamando por uma mudança ou reforma mais ou menos radical. Estes reformadores divergem não só no alcance das suas reformas, senão ainda nos meios de realizá-la, – pelas armas, ou pela propaganda; – pelos meios prontos e violentos, ou pelos lentos e pacíficos.

Exageração, abuso e falsa doutrina por toda parte!

Começemos pelos conservadores a todo transe. Esta gente arrepia-se ao só nome da revolução; e no seu santo furor, proscree do mesmo lança a idéia como os homens que ousam propagá-la e defendê-la. Deles há que sustentam as vantagens e a excelência de uma eterna imobilidade; e destes é que disse Lamartine que podiam ser comandantes substituídos por simples marcos de pedra. Outros persuadidos que tal lei e constituição em vigor são a última expressão da sabedoria humana; – que todo o governo é bom por si mesmo; – que não é possível enfim, variar o modo de existência de uma sociedade, – tacham até de absurda a idéia de revolução, que vale tanto, dizem como insurgir-se um povo contra si mesmo, ou atentar contra a própria existência, e procurar a salvação no abismo, pois a revolução é sempre essencialmente perniciosa e criminosa, filha da violência da força brutal, contrária a toda idéia do direito, e igualmente inimiga do repouso e da ventura dos governantes como dos governados.

Para fazerem valer estas estranhas doutrinas, os nossos publicistas estadistas conservadores falsificam a História, desnaturam os ca-

racteres e enredam tudo em abomináveis sofismas; e já os tenho visto obrar complacientemente aos olhos da multidão as cenas mais atrozes da Revolução Francesa, e o retrato das personagens mais odiosas, nelas figuraram, como um argumento sem réplica, sem lhes lembrar que por uma crítica igual Nero, Calígula, Henrique VIII, Filipe II, Luís XV, e tantos outros seriam a condenação irremissível das monarquias.

Alguns destes conservadores, raríssimos, são levados a detestar as revoluções pela sua devoção e fidelidade à velha religião legitimista; muitos são arrastados por interesses de partidos, e ainda pelas excitações de uma controvérsia e polêmica calorosa; e não faltam outros que por único moveu o interesse pessoal, cuidam bem servi-lo, adulando por este modo as idéias em voga e as potestades dominantes.

Não ousou asseverar que estes últimos, a quem a ambição ora enfreia, ora desata a língua, vão completamente errados em seu propósito e porfia; bem vejo que quanto mais se abaixam mais se elevam; e deles é que se pode principalmente dizer que se alçam as maiores honras e aos lugares mais elevados, à maneira dos reptis, arrastando-se sobre o ventre. Ouso simplesmente recordar-lhes que não há poder ante quem a verdade deva acurvar-se; e que a obrigação de dizê-la com independência e isenção é maior ainda naqueles que o talento ou a fortuna tem aproximado do trono. Timon procurará suprir a falta que eles cometem.

Por mais que esta cruel verdade pese e amargue aos reis e aos cortesãos, como a toda a casta de adoradores dos poderes estabelecidos, a revolução é um fato dominante em toda a história da humanidade, e é mais que um fato constantemente reproduzido, é um direito fundado na justiça e necessidade, e na própria natureza do homem, que amorosa do bem e do aperfeiçoamento, o leva a aborrecer, combater e vencer o mal, revelado sob os acidentes da opressão e de um mau governo.

Licurgo, o grande exemplar dos legisladores, cujo nome ainda hoje é a significação mais completa da sabedoria política, regenerou a sua pátria, revolucionando-a, isto é, abolindo e reformando todas as leis e costumes antigos. Pedro o Grande, fazendo afrontosamente cortar as veneráveis e compridas barbas dos seus vaivodes, dizimando e licenciando a milícia turbulenta dos estrelitzes, e dessecando os pântanos do

Neva, em cujas margens, em vez do antigo e inóspito deserto, brilha hoje a civilização com toda a sua pompa nos diques, torres e palácios da moderna capital do Czar; Pedro o Grande, repito, foi outro grande revolucionário. E nenhum destes dois homens extraordinários, tão distintos, de resto, na época, no caráter e nas tendências de suas reformas, entendeu que as leis deviam adaptar-se aos costumes, antes fazendo leis novas, criaram novos costumes, perseguiram, aboliram e extirparam os antigos.

Entre essas duas épocas tão distantes, o cristianismo transformou completamente o mundo, abolindo a antiga sociedade pagã, e substituindo-a pela moderna. Espantosa e singular revolução que para triunfar não sacrificava os adversários, senão os próprios filhos, primeiro a Jesus Cristo, depois e sucessivamente, essas inumeráveis legiões de mártires que povoando o Céu, não despovoam, todavia a Terra de fiéis, cada dia mais numerosos, ardentes e devotados.

Na Inglaterra e nos Estados Unidos o novo regime se consolidou por meio de lutas sanguinolentas, mais ou menos prolongadas; e na França, como em tantos outros pontos menos assinalados do Globo, continuam ainda as terríveis provas.

O nosso primeiro Imperador D. Pedro, subindo ao Ipiranga em 7 de setembro, e sublevando-se a um tempo contra a autoridade do rei e do pai, mostrou-se e efetivamente foi grande e acerbo revolucionário, não menos na forma que no fundo, pois na divisa da separação proclamada, ao grito de – *Independência* – acrescentou a alternativa sanguinolenta da *Morte*.²⁸

E entre os diversos títulos que pouco depois tomou, a – *unânime aclamação dos povos* – tese sofrivelmente revolucionária, figura par da graça de Deus, igualados e confundidos assim o direito divino com o revolucionário.

Negar a revolução é negar a um tempo a razão e a história, isto é, o direito consagrado pela sucessão dos tempos e dos fatos, pela força e natureza das coisas, e pela marcha irresistível dos interesses, que afinal triunfam dessa imobilidade a que tão loucamente aspiram todos os partidos de posse do poder; desse poder conquistado sem dúvida em

28 *Independência ou morte* veja-se a proclamação aos paulistanos em 7 de setembro de 1822.

eras mais remotas pelos mesmos meios que debalde se condenam quando chega a ocasião de perdê-lo.

Épocas há em que o estado é tão mal dirigido, e caminha tão evidente a perdição, que a idéia de derrubar, mudar ou modificar o governo e as leis, acode espontânea a todos os espíritos; e em outras, o mal, muito grave e profundo, torna até necessário e indispensável revolver os íntimos fundamentos da sociedade.

Revolução suave e pacífica, se as idéias e interesses lentamente desenvolvidos alcançam o termo e madurez, sem encontrar tropeços sérios; violenta, inexorável e cruel, se a obstinação e cegueira da velha autoridade desafia a sua cólera, procurando opor-lhe uma resistência tão desarrazoada como imponente.

Assim, não é o acidente dos meios brandos ou violentos quem pode justificar as revoluções; que a força e a legitimidade delas está toda na sua necessidade e oportunidade, que vale tanto como dizer – na sua justiça. Porquanto, nestes casos a força é um simples acidente, a ocasião, não a causa eficiente e remota. Se um trono se alui, se uma constituição se rasga, e se um estado se transforma ao choque e pressão de uma só batalha, sublevação ou levantamento popular, porque as causas gerais, de longo tempo acumuladas, e operando lentamente, chegam enfim ao seu termo, fazem explosão, e completam a mudança.

O fato material rebuça a idéia que triunfa. Essa bela imagem da Antiguidade – Palas saindo armada do cérebro de Júpiter – que outra cousa é senão a força material brotando da inteligência para vida e ação as idéias, convertendo-as em fatos?!

Quereis porventura, neste grave e espinhoso assunto, ouvir a opinião, não de qualquer publicista da escola ultra-revolucionária, mas de um conservador ilustre e eminente, espírito tão sério e profundo, como caráter digno de respeito? “A insurreição (diz Guizot na *Vida de Washington*), era um ato mais que muito ponderoso para homens tão moderados como os americanos, bem como para todo o homem de siso e virtude: a insurreição, digo, que é a destruição da ordem estabelecida, e a

empresa de uma nova ordem. Os mais previdentes nunca medem todo o seu alcance; e os mais resolutos sentiram soçobrar toda a força de sua alma, se desde o primeiro passo na carreira pudessem conhecer todo o seu perigo. Mas era evidentemente chegado o dia em que, perdido para o poder o direito à fidelidade e obediência, nasce para o povo o de proteger-se pela força, não existindo mais na ordem estabelecida nem segurança nem recurso. Dia formidável e ignoto, que nenhuma ciência humana pode prever, nenhuma constituição regular, e que todavia se ergue a espaços, no horizonte, assinalado pela mão mesma da divindade. Se esta terrível provança por que às vezes passam os povos fosse absolutamente condenável e defesa; se do ponto misterioso onde reside, esse grande direito social não pesasse incessantemente sobre a cabeça dos poderes mesmos que ousam negá-lo, o gênero humano, curvado a um jugo aviltante e ignominioso, já de há muito teria perdido toda a dignidade, como toda a ventura!

“E notai que os colonos se não sublevaram para escapar a alguma atroz tirania; pois como os seus antepassados, fugitivos da Inglaterra, não disputavam sobre os primeiros bens da vida civil, a segurança de pessoa e a liberdade da fé. Também não eram excitados mobil algum pessoal e imperioso; que não havia despojos sociais repartir, nem paixões antigas e profundas a satisfazer. Tampouco se poderá dizer que foi o mesquinho interesse do imposto de seis soldos no chá; não, foi uma questão de justiça e pundonor, porquanto os colonos eram homens para quem os sofrimentos morais eram mais amargos e inoportáveis.”

Vós o vedes, uma ínfima questão de imposto deu uso a uma grande revolução, e existência a uma das nações mais poderosas que hoje dominam o mundo. E a razão era que nenhum grande e legítimo interesse prendia mais a América à Grã-Bretanha nos laços da união, dependência; a idéia amadurecera; o mancebo se tornará homem feito; a primeira faísca atacou fogo à mina latente; e o direito triunfou por meio da força.

Querirá isto dizer que a revolução é um instrumento para manejar todos os dias, e a todo propósito, que a qualquer cérebro escalado e ainda mal desenvolvido é permitido decidir dos destinos de um povo, pondo mão temerária em todas as leis e em todos poderes, à mais leve complicação, e ao menor embaraço que os partidos encontrem na marcha das suas idéias e interesses? Não, porque se o direito é incontestável, se há menos crime que inaptidão em negá-lo; não pode certo haver coisa mais grave e melindrosa que sua aplicação, quero dizer, a escolha do tempo, do lugar e dos instrumentos, a verificação enfim de todas as condições de necessidade, oportunidade e bom sucesso.

O carro do sol não se há de confiar a inexpertos Faetontes, sob pena de vermos abrasado o universo; e se não acertardes na escolha da hora tremenda, vereis a pátria afundar-se num abismo de misérias, ralado de pesar e de remorsos, se tendes um coração suscetível de experimentá-los.

Ainda quando a revolução triunfa, o manto deslumbrador, que os vencedores lançam sobre a face das cousas, mal pode disfarçar e encobrir as dores e pesares secretos e infinitos que a mudança produziu, nas vidas ceifadas, nas fortunas destruídas, nas posições perdidas. Que horrível soma de males não custa uma empresa desta à geração predestinada a levá-la adiante. Quantos obstáculos enormes e que esforços gigantesco para superá-los. E quantas vezes não parece, que apesar de tudo, o sobre-humano labor se malogra!

Imagine agora o que será, quando o malogro for real e efetivo. O sacrifício inútil de tantas dedicações viçosas e ardentes, em favor de uma idéia e de um interesse que queríamos adiantar, e vemos recuar e desfalecer, senão de todo extinguir-se, era bem para refrear leviandade com que tantos políticos da moda falam em revolução.

Nenhum destes revolucionários, creio eu, conta acabar pela corda ou pelo fuzil, nos árabes desertos de um segredo, ou sob as lôbregas abóbadas de uma masmorra. Se assim fosse, ainda eu ousaria lembrar-lhes que Décio precipitou-se armado no abismo, mas só e desa-

companhado, e para salvar os seus concidadãos. O sacrifício da própria liberdade, vida e fortuna cada um tem a faculdade, não direi o direito de fazê-lo; mas o dos outros?

Não são porém essas horríveis perspectivas da morte, do desterro e da prisão que os revolucionários ordinariamente antolham, senão as do triunfo e do poder que é a sua consequência; ao menos é o que se pode julgar e crer, ao vê-los tão satisfeitos e seguros de si, e tão pouco cuidadosos dos futuros perigos.

Um publicista ou jornalista revolucionário escreve em tom ameaçador e enfático: – Os tempos se aproximam. O povo tem esgotado até às últimas fezes o cálix amargo do sofrimento. Tremei! A sua cólera há de ser terrível! Não ouvis o ruído subterrâneo e espanoso do vulcão? A lava devoradora há de em breve abrasar, como o fogo do Céu, a nova Sodomia e a nova Gomorra! – Feito ou dito isto, envergam o ligeiro paletó, e com a bengalinha na mão e o sorriso os lábios, indireitam a divertir-se nos teatros e bailes, e se os fados consentem, às repartições públicas, onde os conserva e lhes paga o governo que insultam e difamam.

Vê-se bem que como crianças, brincam e folgam com um instrumento de morte, que não conhecem sequer; mas pela idade que têm, ofício que usam, já deveriam saber que quem não possui o aparelho maravilhoso de Franklin para subjugar o raio, não deve temerariamente provocar a tempestade.

Olhai para os franceses. Mal satisfeito do governo, pelo menos tolerável de Luís Filipe, essa nação brava e espirituosa se aventura a todo o vago e desconhecido das experiências revolucionárias; e se escapa por um lado à confusão e anarquia do socialismo e do comunismo, lá, cai pelo outro sob as garras cruéis do despotismo militar, esse povo a quem queriam regenerar e libertar de toda a espécie de jugo, aplaude sem pudor o regimento da espoliação, da deportação e do fuzilamento, e corre açodado a restaurar o Império absoluto do primeiro Napoleão, com a grandeza e a glória de menos. Dentre os revolucionários de boa-fé, que deram impulso ao prematuro movimento, qual seria o que metendo hoje a mão na consciência, não desejasse volver para traz de fevereiro de 1848?!

Nem é porém mister peregrinar por longes terras em busca de exemplos, quando os temos tão recentes, não menos palpitantes, diante dos nossos próprios olhos, e no coração do Império. – A civilização foi salva no dia dois de fevereiro! – bradou um ministro do alto da tribuna brasileira, referindo-se ao desfecho sanguinolento da sublevação pernambucana, nesse dia lúgubre e nefasto. E é força confessá-lo, o ministro tinha razão. O Império todo comovido esteve em risco de ver as suas atuais instituições subvertidas, e com elas a ordem, sem a qual não pode haver civilização. Igualmente fatal no triunfo como na derrota, vencedora, a revolução estragaria de todo o princípio de autoridade, aliás já tão enfraquecido pelos seus próprios excessos; e dando demasiada excitação às discussões estéreis ou nocivas da política, e desencadeando todas as paixões más e turbulentas, para entretê-las e contê-las, ver-se-ia obrigada a sacrificar-lhes a razão, a justiça e o bem público, porque entre nós e em relação às raças livre não existem essas grandes iniquidades sociais em que se houvesse de cevar o furor revolucionário. Vencida, como felizmente todas as probabilidades a condenavam a ser, ela deu causa à morte, prisão e desterro dos chefes; e senão à completa aniquilação de um grande partido, ao menos à sua longa inabilitação, e a cruéis sofrimentos, de todo o gênero. Sem dúvida, todo o mundo pôde admirar então a coragem, constância, dedicação e sacrifício com que alguns homens generosos enobreceram a causa que haviam abraçado, expondo-se na vida às perseguições e à morte que recebiam pela frente; – e ainda na morte, aos ultrajes e profanações do vencedor. Mas a par das virtudes e das brilhantes qualidades pessoais, e ainda abstraindo males já assinalados, quem não contemplava contristado o vácuo e a ausência de motivos fortes e legítimos para um movimento daquela ordem? Os agravos políticos não o eram assaz; e a revolução, sem repará-los, gerou outros muitos mais inoportáveis. Admiti por um pouco o Partido Liberal pernambucano resignado em 1848, não diremos à perda do Poder – nisso não haveria mérito algum – mas a todos os sofrimentos que ela devia arrastar consigo, nas deploráveis circunstâncias de então; e dissei-me se ele teria sido dizimado tão cruelmente, e em tamanha escala, e se ainda hoje estaria, à feição dos antigos romanos deportados e proscritos quase completamente privado da água e do fogo?

Ousareis ainda dizer, em face destes memoráveis exemplos, e de tantos outros – que a empresa revolucionária é fácil, e o êxito não duvidoso? Com quem, de resto, a cometeréis? Com este povo enervado pelo egoísmo e corrupção? Bem vejo como o elevais nos vossos artigos e declamações; a virtude está toda nele, o mal e o crime somente no poder. Mas as declamações não podem delir os fatos. Vede-o rebocado pelos vapores que vão e vêm, atido às notícias e transações da corte, baldado até da minguada energia que fora mister empreender a guerra eleitoral, pálida e enfraquecida imagem da verdadeira guerra civil. Vede-o precipitando-se aos pés de um transitório Presidente, evaporando-se em ridículas demonstrações, esperando dele não sei que salvação que a mais vulgar virtude proporcione pelo servilismo e avidez de cargos e distinções, desafiando a um tempo as apóstrofes injuriosas de Jugurta e de Tibério!²⁹

Que digo e penso eu de guerras eleitorais? São apenas memórias do passado. Antigamente os partidos, guiados pelos seus chefes naturais, votavam livremente, e como entendiam, desinteressados, sinceros entusiastas, senão mais ilustrados. Com o andar dos tempos já nenhum fiava a vitória das próprias forças, tornou-se necessária interferência dos presidentes que a preço do apoio que prestavam, impunham a própria candidatura, e afugentavam do sucesso a alternativa de triunfo ou de derrota; o êxito era antecipadamente conhecido. Mas ainda assim havia a luta. Hoje em dia nem isso. A corte traça uma lista, sem consultar sequer os próprios que são nela agraciados; e ao aceno do seu delegado, os recrutas eleitorais manobram com uma precisão e regularidade, que fariam honra aos veteranos do Exército.

Vede esse grande e antigo partido que trazia avassalados a urna e bilhete, o povo e o Poder, e peregrinando de opinião em opinião, agora saquarema, depois luzia, outra vez saquarema, parecia desafiar a fortuna e a sua instabilidade. Ei-lo que morre, sem poder invocar uma só opinião em seu auxílio, sem poder exalar um gemido sequer, açaimado,

29 *Ó urbem venalem!* exclamou Jugurta ao sair de Roma, donde conseguira escapar-se a peso de ouro... – *Ó homines ad servitutem paratos!* exclamava Tibério enojado das adulações do Senado.

abafado num saco, e arremessado silenciosamente ao mar, de uma maneira toda muçulmana. Os mudos encarregados da execução eram todos da mesma grei do pobre supliciado. E a oposição não fora admitida às honras de combater os seus adversários – rejeitados desdenhosamente os seus oficiosos oferecimentos, e fazendo tudo *ex officio*, por simples portarias ou ordens do dia –, a oposição concentrou-se na dignidade dos seus artigos de fundo, e não se arriscou sequer a que lhe tocasse no ombro a mão opressora de algum sargento de polícia.

Talvez não baste ainda o que venho de dizer-vos; vou pois desdobrar diante de vossos olhos, traçado por mão vigorosa e inteligente, o quadro das diversas espécies de patriotismo, e o da falta absoluta dele. Dir-me-eis depois qual assenta e cabe melhor a nossa situação, e se ainda ousareis fiar de um tal povo o desempenho das grandes cousas que ruminais e vozeais.

“Há uma espécie de amor da pátria que deriva sobretudo desse sentimento irrefletido, desinteressado e indefinível, pelo qual o coração do homem prende-se ao lugar do seu nascimento. Este amor instintivo se confunde com a paixão dos antigos costumes, a veneração dos maiores, e a memória do passado; quem o experimenta adora a pátria com o mesmo amor que votaria ao paterno alvergue. A tranqüilidade, os hábitos pacíficos contraindo à sua sombra as recordações que ela suscita, a vida doce que uma suave obediência facilita, eis os suas principais características. Mas não poucas vezes este amor da pátria se exalta pelo zelo religioso, e então gera prodígios. Ele mesmo é uma espécie de religião que sem raciocinar, crê, sente e obra. Muitos povos personificaram de algum modo à pátria acatando-a no soberano, dedicando à sua pessoa uma parte dos alimentos que constituem o patriotismo, honrando-se e glorificando enfim do seu poder e dos seus triunfos. Tempos houve, na antiga monarquia, em que os franceses, entregues sem recurso ao arbítrio do monarca, se enchiam de prazer e diziam com orgulho: Vivemos sob o jugo do mais poderoso príncipe do mundo!”³⁰

30 É o mesmo que se observou em Portugal, onde ao restaurar-se o absolutismo dizem que alguns camponeses bradavam entusiasmados: *Viva o nosso Capitão-mor que já nos pode mandar prender.*

“Enquanto os povos guardam a pureza e simplicidade dos primitivos costumes, e a fé de seus maiores, e a sociedade repousa brandamente em uma ordem de cousas antigas, e cuja legitimidade ninguém contesta, então, sim, reina este amor instintivo da pátria.

“Há outro porém mais racional, menos ardente e generoso, talvez mais fecundo e duradouro por certo que este, o qual nasce das luzes, desenvolve-se com o auxílio das leis, cresce com o exercício dos direitos, e termina por confundir-se com o interesse pessoal. Um indivíduo compreende como a prosperidade da paz influi sobre a própria; sabe que a lei lhe permite o contribuir para aquela prosperidade, e ei-lo que se interessa e inflama por ela, primeiro como por uma coisa que lhe é útil, e logo depois como por sua própria obra.

“Chega porém às vezes, na vida dos povos, uma época em que mudados ou destruídos os costumes e usos antigos, abaladas as crenças, desvanecido o prestígio das antigas recordações, as luzes todavia permanecem incompletas, e os direitos políticos mal seguros ou restritos. Então os homens não enxergam a pátria, senão por meio de uma luz fraca e duvidosa, e não a encontram mais nem no solo a que apenas consideram uma terra inanimada, nem nos costumes antigos que desprezam, nem na religião que descrêem, nem nas leis que não fazem, nem no legislador enfim que temem. E pois que a pátria lhes falta, eles se retraem a um egoísmo mesquinho e inimigo das luzes, escapando aos preconceitos sem reconhecerem o império da razão, baldos a um tempo do patriotismo instintivo da monarquia e do patriotismo refletido da república; parados e suspensos e os dois, no meio da confusão e da miséria.³¹

Se acaso esta última parte do quadro nos pudesse convir, a que destinos quereríeis conduzir, mediante as revoluções? Sem dúvida aos do México, e dessas repúblicas da nossa América meridional, sociedades misérrimas e deploráveis, igualmente incapazes da liberdade legal e forte, como de governos estáveis e regulares, que oscilam de contínuo entre o despotismo e a anarquia, do furor ao abatimento e do abatimento ao furor, numa interminável odisséia de opróbrios e de crimes.

31 TOCQUEVILLE – *Da democracia na América*.

Qualquer que seja o nosso, eu o prefiro a este abominável e horrível estado de povos, que antecipando os tempos, destruíram as antigas instituições, sem saberem fundar e consolidar as modernas.

Não venhas dizer-me que prego o desalento, e mato toda a honesta e sublime aspiração. E pois que estou em via de citações, ouvi e o que vos diz o intérprete porventura mais eloqüente e melodioso que tem tido a democracia, a soberania popular, a liberdade, as idéias modernas enfim; e conserve, se vos for possível, depois destas proféticas palavras, e da sua triste e funesta verificação, a orgulhosa segurança com que afetais tratar estes perigosos assuntos.

É Chateaubriand quem ergue a voz para mostrar as incertezas do porvir, depois de haver considerado a dissolução e as ruínas da antiga sociedade. Quando atingiremos nós (diz ele³²) a derradeira e última estação. “Quando é que a sociedade, composta outrora de agregações de famílias concêntricas, desde a choupana do lavrador até o paço do rei, se há de recompor em um sistema desconhecido, mais aproximado à natureza, segundo as idéias, e com o auxílio dos meios que ainda hão de brotar das entranhas do futuro? Só Deus o sabe! Quem pode calcular a resistência das paixões, o choque das vaidades, as perturbações, os acidentes da História? Uma guerra sobrevinda, a aparição de um homem de espírito ou de um homem estúpido à frente de um estado, o mais ínfimo acontecimento pode rechaçar, suspender ou apressar a marcha das nações. Mais de uma morte entorpecerá raças cheias de fogo, e verterá o silêncio sobre acontecimentos prestes a efetuar-se, como alguns flocos de neve, caídos durante a noite, sossegam o ruído de uma grande cidade.

“A falta de energia na época em que vivemos, a ausência das capacidades, a nulidade ou degradação dos caracteres, por via de regra esquivos à honra e votados ao interesse; a extinção do senso moral e religioso; a indiferença para o bem e para o mal, para o vício como para a virtude; o culto do crime; a incúria e apatia com que assistimos a acontecimentos que em outros tempos teriam revolvido o mundo; tudo isto inclinaria a crer que o desfecho se aproxima, vai levantar-se o pano, e

32 CHATEAUBRIAND – *Memórias d'Além-Túmulo*.

começar novo espetáculo: – de nenhum modo. Ninguém creia que atrás dos homens atuais se ocultem outros diferentes; não é uma exceção que fere os nossos olhos, senão o estado comum dos costumes, das idéias e das paixões; é a grande e universal enfermidade do mundo que se dissolve, se tudo mudasse amanhã com a proclamação de novos princípios, nada mais havíamos de ver, além do que estamos agora vendo; os devaneios destes, os furores daqueles, todos igualmente impotentes e infecundos.

Protestem muito embora alguns homens independentes, e retraiam-se arriba, enquanto escoia esta enchente de misérias. Lancem-se as gerações recentes e repletas de esperanças e ilusões contra a imunda torrente das baixezas e vilanias; caminhem de aventura para um porvir sem mancha, que cuidam de atingir e há de fugir-lhes incessantemente; nada ha de mais digno da sua corajosa inocência. Achando na sua dedicação a recompensa de tantos sacrifícios, e marchando de quimera em quimera até às bordas do túmulo, hão de ali depor o peso dos anos malogrados, transpassando-o a outras gerações igualmente ilusas, e por seu turno às campas vizinhas, e assim por diante.

“Um dia inda virá, porvir possante e livre em toda a plenitude da igualdade evangélica; mas ainda está bem longe, e muito, de todos os horizontes visíveis. Antes de ferir o alvo e de atingir à unidade dos povos e à democracia universal, será mister atravessar a decomposição social, tempo de anarquia, de sangue talvez, e de grandes sofrimentos por certo. A decomposição, sim, começou já; mas não está apta a reproduzir, dos seus germens ainda mal fermentados, o mundo novo e regenerado.”

Pois se tal é, se assim descorre um dos mais profundos pensadores modernos, se essa ideal perfeição e ventura não passam talvez de um sonho generoso, se para atingi-la é mister em todo o caso atravessar por combros de ruínas e rios de sangue, votemos um entranhável horror a essas funestas revoluções que devastam países inteiros, destroem as fortunas e propriedades, imolam os indivíduos, desnaturam os caracteres, corrompem a moral, pervertem a justiça, e atentando, em todos os casos, contra os direitos, substituem a força da razão e das leis pela força cega e brutal, e o arbitrário mesmo dos governos regulares

pelo grande arbitrário revolucionário, muito mais cruel e intolerável. Evitemos não menos esses apóstolos e reformadores que por leviandade, amor-próprio, orgulho, fanatismo ou perversidade, erigindo a revolução em doutrina e sistema permanente, nos impelem para o abismo, e como as filhas de Danao, imaginam remoçar e regenerar as nações, dilacerando-as sem piedade, e cozinhando os membros mutilados na sua grande caldeira revolucionária.

Desçamos porém destas generalidades, e examinemos por menor, senão todas, algumas das principais reclamações ao menos dos nossos inovadores. Eles nos dizem que a realeza fez o seu tempo, que é chegada à época da democracia.

Sem dúvida, a democracia, que é a intervenção de todos no governo de todos, e a igualdade que dali resulta entre os homens, tem tido um desenvolvimento patente, estrondoso, universal, duradouro, e apresenta todos os caracteres de providencial. As guerras das cruzadas, a abolição do feudalismo, a divisão das grandes propriedades territoriais, a invenção das armas de fogo e da imprensa, o descobrimento da América, o prodigioso incremento do comércio e da indústria, o aperfeiçoamento das artes e das ciências, o vapor e a eletricidade que aboliram quase o espaço e a duração, é certo, realçaram o poder e a dignidade do homem, delindo quase a desigualdade das condições. E cada dia o esto popular cresce e monta, e ameaça atingir as posições mais elevadas e sublimes. Mas a realeza subsiste apesar disso, e nos recentes e terríveis embates a que se viu exposta, triunfou por toda à parte dos seus formidáveis adversários. Deve-o aos canhões e às baionetas, direis vós. Mas por que razão o soldado, sabido das íntimas entranhas do povo, seguiu sempre as partes do forte e do opressor contra o fraco e oprimido? que força oculta e misteriosa só susteve os tronos, e paralisou o braço dos seus inimigos? É porque a realeza, instituição vigorosamente enraizada nas profundezas da atual sociedade, mantida antes pelas influências morais que pela força física, não cederá facilmente ao sopro de qualquer *efêmera* e vulgar tempestade.

“Sem dúvida teve a força grande parte na origem desta instituição”, diz Guizot falando da realeza; “e muito devia de concorrer para

o seu engrandecimento e poderio; mas sempre que deparardes com um resultado igual a este; sempre que virdes um grande acontecimento desenvolver-se e reproduzir-se durante uma longa cadeia de séculos, nunca o atribuais à força tão-somente. A força faz uma grande figura, e exerce uma enorme influência nos sucessos humanos; mas nunca é o princípio e o móvel superior delas, porque acima da força e da sua influência, existe sempre uma causa moral que decide o todo das cousas.

“Tal é a força na história da sociedade, como o corpo na história do homem. Em verdade preenche o corpo um grande lugar na sua vida, mas nem por isso é a origem dela, porque a vida circula no corpo, e não emana dele. Assim são as sociedades humanas; por grande que seja a influência da força, não é ela, quem dirige soberana e exclusivamente o curso dos seus destinos, senão as idéias e influências morais ocultas sob os acidentes palpáveis e visíveis da mesma força.”

Mas nem sempre é o grande antagonismo das duas instituições opostas da monarquia e da república que fere a atenção de certos publicistas amorosos das formas simples e absolutas: em outro ponto, eles vão bater, e bem vejo o soberbo desdém com que principalmente encaram as formas complicadas das monarquias mistas e temperadas, argüindo-as de experiências mal aceitas, espécie de jogo fraudulento, onde o poder do monarca sempre preponderante, leva tudo após si, e frustra sem regresso todas essas aparentes e mentirosas garantias de liberdade e independência popular.

Eu vo-lo concedo até certo ponto. A Inglaterra, é certo, oferece apenas um documento solitário; e esse mesmo ainda não consagrado pela prescrição dos séculos; e em todos os outros países a experiência é demasiadamente recente, e tem estado sujeita a tão cruéis provações, que dela se não podem tirar argumentos concludentes e definitivos. Mas, o exemplo oposto da União Americana não é muito mais recente e menos concludente?

E onde se encontram experiências bem aceitas da forma republicana? O que vemos nós nos outros países? Em que achar preferível o Governo do Chile ao de Leopoldo e Luís Filipe? Buenos Aires e o México são porventura para antepor-se à Áustria e à Prússia?

Esta forma mista tão desdenhada, já era entretanto a aspiração ardente da oposição ilustrada dos filósofos e letrados, e da partição da nação nas turbulentas repúblicas da Grécia, vítimas alternativamente dos furores da demagogia, das ambições da oligarquia, ou da tirania de um só. “É necessário”, dizia Arquitas, “que o estado se componha da reunião de todas as outras formas políticas, encerrando ao mesmo tempo uma porção de democracia, outra de oligarquia, outra enfim de aristocracia e realeza.” Com muito mais desenvolvimento foi esta idéia emitida por Hipódamo. As leis serão estáveis se o estado for de uma natureza mista e composta de todas as outras constituições políticas, bem entendido, daquelas que são conformes à ordem natural das cousas. A tirania, por exemplo, nunca é de préstimo algum para os povos, e tampouco a oligarquia. O que se há de depois assentar como base fundamental é a realeza, e logo depois a aristocracia. A realeza com efeito é uma espécie de imagem da Providência, e é difícil a fragilidade humana conservar-lhe este caráter divino, porque nas mãos do homem a instituição pára e logo degenera nas demasias da pompa e da violência. Não se há de depois usar dela sem limites, senão aceita-lá forte e possante quanto for mister, e na proporção mais justa e útil ao estado. Não importa menos admitir a aristocracia, porque os seus chefes, divididos pela emulação travam combates, e renovam freqüentemente o poder, cuja longa perpetuação é perniciosa. A presença da democracia é também indispensável; o simples cidadão, como membro essencial da associação, tem o direito ao seu quinhão de honra e poder; mas, nisto cumpre que haja grande comedimento; porque a multidão é arrojada e se precipita facilmente.”

“Este trecho extraordinário (diz Villemain no seu admirável discurso preliminar à tradução da *República* de Cícero), escrito há mais de dous mil anos, e que parece uma predição completa do governo britânico, não só na estrutura exterior dos seus elementos, ainda no jogo secreto das suas molas, e na luta salutar das ambições que exercita, atalaiando-as umas pelas outras, e fazendo-as alternadamente subir ao poder; esta passagem que traduzimos com uma fidelidade igual à surpresa com que a tínhamos lido, explicará facilmente as idéias quase semelhantes que Cícero e Políbio tinham sobre a matéria.”

“A maior parte dos que professam estes estudos”, diz Políbio, “reconhecem três espécies de governo; a realeza, a aristocracia, e o estado popular. Não me parece fora de propósito inquirir se eles propõem estas formas políticas como as únicas existentes, ou tão-somente as melhores. Porém mesmo nesta última hipótese, estariam em erro evidente; porque pela melhor constituição se há de ter aquela que participa de todas as formas já mencionadas.”

E Cícero depois de resumir em uma bela imagem toda a instabilidade das formas absolutas e exclusivas,³³ conclui com estas palavras tão notáveis: “Em vista de tantos males, a realeza me parece preferível aos outros três governos corrompidos; mas, o que ainda havia de superar a realeza, seria um governo composto e misto dos três melhores modos de constituição, reunidos e reciprocamente ponderados uns pelos outros. Parece-me com efeito razoável que haja no estado um princípio eminente e real; que outra porção de poder se devolva à influência dos grandes; reservadas, nada menos, umas tantas cousas à escolha e vontade da multidão. Esta constituição oferece à primeira vista um caráter grandioso de igualdade, condição essencial à existência de todo o povo livre; e o que não é menos que isto, uma grande estabilidade. E de feito, os primeiros elementos de que falei, se existem isolados, degeneram facilmente para os opostos extremos por maneira que ao rei sucede o déspota, aos grandes, a oligarquia facciosa, e ao povo, a turba-multa e a anarquia. E não poucas vezes são substituídos ou expulsos violentamente uns pelos outros. Mas, nesta feliz combinação que os reúne e confunde a todos com sabedoria e moderação, não haja medo que tal suceda, a menos que os chefes do estado não cometam graves erros; porquanto falece todo e qualquer pretexto para a revolução no estado em que, seguro cada um dos seus direitos e de sua posição, nem sequer enxerga abaixo de si espaço vazio em que possa cair.”

33 “Deste modo, semelha o poder a uma pela que todos se disputam e arrancam alternativamente, passando dos reis aos tiranos, dos tiranos aos nobres e ao povo, e destes enfim às facções e aos tiranos outra vez, sem que jamais se possa consolidar forma alguma de governo.” Demoramo-nos e estendemo-nos nestas matérias e citações, para dar aos nossos leitores uma idéia mais cabal do estado da ciência antiga a respeito desta parte da política. Os que pretenderem todavia mais amplos esclarecimentos, remetemo-los para o curioso trabalho de Mr. Villemain.

E Tácito, muito depois, achava esta combinação de tal excelência e primor que desesperava de obtê-la, e a julgava, senão impossível ao menos de pouca dura. *Nam cunctas nationes et urbes populus, aut primores, aut singuli regunt; delecta ex his, et consociata, republicae forma, laudari facitius quam evenire; vel, si evenit, haude diuturna esse potest.*

Tratemos agora da última hipótese reformista; e é aquela em que os descontentes, sem atentarem contra a essência das instituições, sem buscarem feri-las no coração, aspiram só à sua reforma, contando os abusos, reprimindo os excessos, e equilibrando os poderes, que se esmagam pela enorme desproporção das forças. Ainda nesta parte experimento o desprazer imenso de não compartilhar nem as suas idéias nem os seus votos e esperanças.

Timon não quer, nem pode negá-lo, as nossas instituições têm caído em um profundo descrédito. Bisonhos e noviços no jogo e memento deste complicado maquinismo, os nossos partidos se hão tornado impotentes, pela sua mesma multiplicidade, e pelos excessos declináveis a que se entregam, promovendo a divisão dos ânimos, enfraquecendo a administração, agitando incessantemente o país, acendendo os ciúmes e a animosidade de umas com outras províncias, fomentando as desordens e as sublevações, e estorvando-se finalmente, e em último resultado, uns aos outros, em vez de se prestarem um auxílio eficaz e recíproco, o fim único e razoável, por que o sistema constitucional tolera a sua incômoda existência, e para o qual os habilita e lhes dá meios.

Admitida a existência dos partidos, como inevitável e inerente aos governos livres, era contudo de rigorosa necessidade que se não estorvassem reciprocamente. Compreendo um partido forte no poder livre, desempeçado e armado de todos os meios para executar idéias e desígnios; compreendo porém na oposição um partido menor, bastante para advertir, esclarecer, aconselhar, exprobrar e denunciar, mas não poderoso para embaraçar, ainda mesmo o mal, pois o que a uns se afigura ser o mal, outros o tomam pelo bem. A imobilidade e paralisação do governo é um absurdo e monstruoso contra-senso; enquanto existir como tal, o governo deve funcionar e marchar desempeçadamente, ou nesta ou naquela direção. A paralisação pode ser um expediente mo-

mentâneo, nunca um sistema permanente e regular. Entretanto, as nossas oposições têm sido sempre e essencialmente paralisadoras, até onde podem chegar as suas forças; e nunca consultam se estão seriamente aparelhadas para transformar-se em poder no dia em que o poder que combatem a todo transe, cai e tomba de paralisado e impotente.

É pela palavra e pelas discussões, na imprensa e na tribuna, que o abuso sobretudo se revela. Não que a palavra tenha feito entre nós essas devastações que a assinalaram em outros grandes teatros revolucionários, onde os homens tendo-se reciprocamente espoliado, e havendo vertido o sangue uns dos outros, tinham a exprobrarem-se muitas verdades duras e cruéis. Aqui, transformada em garrulices e declaração, desacreditada e inútil, tem simplesmente gerado o tédio e a indiferença; e a nós outros é que se podia aplicar com mais justiça que dos estados-gerais reunidos na França há cerca de três séculos disse o cantor de Henrique IV.

Que monta leis pro por? Não se exe cu tam,
Abusos enumeram inutilmente
O vão palrar de deputados cento;
Que de conselhos tais o certo efeito
É ver todos os males que nos vexam
Sem dar sequer remédio ao menor deles.

Tudo isto é infelizmente verdadeiro, e deve-se a justiça de confessar que não procuro paliar o mal; mas que monta? que remédio lhe hão de dar os descontentes? a quem passarão as atribuições que se desfalcarem dos poderes atuais? que garantias de melhora poderão oferecer as novas combinações? o que lucraremos com a temporalidade do Senado, por exemplo, a não ser uma instabilidade de mais no meio de tantas outras que já nos vexam e importunam? a que fim a extensão do sufrágio? já não é ele quase universal na lei? serão as leis novas e multiplicadas, sinal característico de corrupção, segundo Tácito,³⁴ as que hão de dar realidade a esses nomes e fórmulas vãs? Ampliada a faculdade de eleger, e multiplicados os objetos de eleição, sabeis se podereis usar do

34 *Plurimoe leges, corruptissima república*

voto com liberdade, ou presumis que terás capacidade para dá-lo com critério? E sobretudo, podeis ter certeza de que o curso dos acontecimentos, mudando em breve o das vossas idéias e desejos, não traga bem depressa o arrependimento, detestando-se e proscrivendo amanhã como a última expressão do mal, o que hoje se cobiça e reclama como o sumo bem? Se tendes tal certeza, se alimentares pelo menos a dúvida, Timon vo-las nega, a certeza como a dúvida, porque sem haver mister revolver as profundezas da História, mesmo na nossa recente vida política acha numerosos exemplos dessas esperanças infundadas ou prematuras, seguidas de amargas decepções.

Se não tivermos a democracia real pela efetiva intervenção do povo nos públicos negócios, por meio das eleições, do júri e das assembleias, debalde será o aspirar à democracia nominal ou de forma, esquivando o povo todos os ônus públicos, e desamparando em geral todas as funções que não fundem como resultado imediato, honras ou dinheiro.

A bondade das leis é relativa, absoluta nunca. Sociedades profundamente diversas podem viver igualmente sob a monarquia ou a república, e a mesma sociedade pode sofrer uma completa metamorfose, se quem deixe de existir sob uma ou outra daquelas formas, adotada anteriormente. É erro gravíssimo dar uma importância demasiada à mecânica política, porque exercendo a liberdade humana tamanha influência nos negócios sociais, por fim de tudo vem a ser dos homens que as instituições dependem. Consegui, se vos for possível, estabelecer o domínio da moral, da razão e da justiça, e para logo tornar-se-á indiferente a forma de governo sob que ele se exercite. A única lei essencial e indispensável, é a de que nos fala Cícero com tanta eloquência: _ “Há uma verdadeira lei, a da boa razão, conforme a natureza, aplicável a todos, imutável, eterna, que ordenando, nos convida ao dever, e vedando, nos aparta do crime; a qual não pode ser contraditada, nem ab-rogada em parte ou no todo. É lei de que nem o Senado nem o povo nos pode desligar, e que escusa todo e qualquer intérprete. É, e será sempre, a mesma em Atenas ou em Roma, tanto hoje como amanhã, em todos os tempos, e em todos os lugares, vigorando sempre, única, imutável e eterna. E foi o pai comum, o supremo senhor da natureza, Deus, em uma palavra, quem a legislou, sancionou e promulgou. O homem não poderá infringi-la, sem renegar a sua própria natureza, e mentir aos seus destinos; e

por isso só, curtirá os mais amargos sofrimentos, inda que consiga evitar os rigores de suplícios dos tribunais humanos.”

A diversidade de opiniões, as formas calorosas e ainda acerbadas de exprimi-las, não devem nos adversários excluir a estima, fundada na suposição de uma recíproca boa fé. Acredito pois que os que aspiram às reformas consideráveis não só a nossa organização política, como até no nosso estado social, têm consultado as luzes do seu espírito e obedecem aos ditames de uma consciência pura; mas bem que estes reformadores se abstenham do emprego dos meios violentos, nem por isso, julgo que tenham acertado na escolha dos de propaganda, organizada como tem sido nestes últimos tempos. Os gritos atroadores de uma propaganda organizada como tem sido nestes últimos tempos. Os gritos atroadores de uma propaganda revelam sim o concerto e conspiração dos partidos não porém uma legítima opinião nacional, madura e refletida, pois faltam-lhes os caracteres de entusiasmo, generalidade, espontaneidade e constância. Se a opinião factícia, simulada pelos clubes e jornais, consegue usurpar aqueles caracteres da verdadeira, tanto pior, porque transviados os espíritos, suprimida toda razoável controvérsia, e desprezados os conselhos da prudência, o Estado, antecipando o tempo, se precipita em novidades e experiência para que não estava preparado.

O meio da propaganda, que é quase tão pernicioso, senão tão criminoso como o das armas, porque também arma os espíritos exaltando-os e exacerbando-os, já deu entre nós frutos bem amargos. A ele devemos as instituições de câmaras municipais e assembléias provinciais com poderes amplíssimos e superiores à capacidade dos que tinham de ensaiá-las. À sua prematura introdução, devemos muitos excessos, desperdícios, imoralidades, lutas e desordens; a arena já aberta às grandes ambições alargou-se indefinidamente para dar espaço às pequenas; e de excesso em excesso, a confusão veio a ser tal, que foi mister recuar, e mutilar atribuições indiscretamente concedidas, nos acessos de um falso entusiasmo, mais ardente que esclarecido. Mas no progresso e no regresso, quem não vê que esses corpos têm caído em profundo descrédito, senão em uma completa impotência e esterilidade?

A conclusão que tiro de tudo isto é que o mais tolerável e preferível, senão o melhor, é o que existe, quando mais não fosse, porque nos poupa os incômodos, trabalhos, perigos e sofrimentos atrozes que costumam acompanhar as mudanças.

Tácito escreveu o seguinte: – “Os homens devem respeitar o passado, submeter-se ao presente, desejar bons princípios, e suportá-los tais como eles são.” E Maquiavel, citando-o, acrescenta que esta máxima é de ouro, e que proceder de outro modo, é trabalhar para a própria ruína e a da pátria. Bem que não acolha sem restrições a opinião destes dois graves pensadores, digo sem hesitação que ela é perfeitamente aplicável ao estado atual do nosso país. Temos um monarca qual nos pode convir; não que brilhem nele o gênio e a grandeza, como sem dúvida lhe dirão os seus cortesãos; mas em vez desses dons fatais do destino, que servem à glória e engrandecimento das nações, como aos seus desastres e ruína, não lhe faltam as qualidades modestas de um chefe constitucional, a moderação, a prudência, a reserva, a temporização, a longanimidade, a constância e paciência, a aplicação e o estudo, e uma certa capacidade e ilustração, realçadas pela moralidade dos costumes, e decorosa temperança do porte e das maneiras. Se lastimo alguma coisa, é não vê-lo tomar com mais decisão e energia, com mais fogo e simpatia, aquela vigorosa iniciativa pessoal que as circunstâncias solicitam e reclamam dele em altos brados.

Com tal príncipe, e no estado em que nos achamos em relação aos costumes e ao espírito público, com uma Constituição que se não é perfeita, é a última expressão da sabedoria política, perdura ao menos há trinta anos, e permite que à sua sombra vivamos abrigados das tormentas em que os nossos desventurados vizinhos soçobram cada dia, e cada instante em tais circunstância, digo eu, toda a empresa revolucionária, sendo em si mesma funesta e criminosa, pois que é inútil, tem de mais a mais mil probabilidades de malogar-se. Quanto porém à alternativa do seu triunfo, desterremo-la até, se for possível, do nosso pensamento, e arredemo-la sem hesitar com os nossos mais fervorosos votos.

No curso que os acontecimentos têm seguido depois dos sucessos de 1848 e 1849, o governo, seja virtude ou simples habilidade, conhecendo o tédio e indiferença da nação para esses assuntos exaustos e desacreditados, inclinou o propósito, e envidou todos os esforços para animar e desenvolver o espírito de empresa e associação; e hoje em dia é evidente que em presença desse vigoroso movimento industrial, a política arrefece algum tanto do seu ardor e exaltação habitual. Não vedes vós certos grandes e austeros republicanos fechar o catecismo revolucionário, para se empregarem exclusivamente no manejo do comércio, na exploração dos rios e sertões, na abertura das estradas, e no estabelecimento das linhas de vapor?

Enriquecei-vos! Clamava Guizot aos eleitores de Lisieux, e este dito tão caluniado não significa em meu conceito outra coisa senão que devemos empregar laboriosamente as nossas faculdades em cultivar os dons da Providência. Só assim se conseguem os bens que a fortuna dá, e o bem-estar e abastança, salvaguarda e antemural poderoso contra as tentações do vício e do crime.

Em uma época em que a fé se extingue, e se apagam lentamente todas as noções do sacrifício e dedicação, em que é mister basear o dever no interesse, a riqueza e a prosperidade são meios poderosos de aplacar e satisfazer as paixões, e só por eles nos poderemos fazer caminho, primeiro à moralidade, e depois à capacidade política. O país e a opinião devem pois sustentar de preferência os estadistas e partidos que melhor e mais habilmente souberem desenvolver, favorecer e dirigir as tendências que começam a despontar, e arrancar-nos mais prontamente do abismo de misérias e opróbios em que até agora nos havemos debatido. É neste terreno que de hoje em diante se devia estabelecer a luta.

Surpreendo-me às vezes a desejar de um modo um pouco vago, é certo, que a opinião dita conservadora perdure largos anos no poder. Por que razão? Ninguém dirá certamente que Timon vive acurva-

do ao peso das honras e favores, ou que satisfeita a sua pessoal ambição, faça bom barato de tudo mais. Bem longe disso, por certo; e quanto a opiniões, entre as duas que desde a origem do mundo lutam para obter a preponderância, entre a que procura restringir, e a que procura alargar a esfera da autoridade, ele prefere a que é mais conforme e favorável à dignidade, independência e liberdade individual do homem. Mas aflige-o, contrista-o, fatiga-o até o espetáculo que há tantos anos tem diante dos olhos; e levado por uma tal qual analogia, ama alimentar a esperança de que aqui, como nos Estados Unidos, pertencendo o poder à opinião conservadora por um tempo razoável, as novas instituições o tenham para consolidar-se, completando entretanto a opinião do movimento a sua educação, e habilitando-se todos os partidos, pelo desenvolvimento da riqueza pública e privada, para entender nos negócios do estado com mais desinteresse e virtude, e sem as vulgares e mesquinhas preocupações do interesse individual.

Na União Americana, concluída a guerra da independência, os conservadores, com Washington à sua frente, dirigiram os destinos do povo nascente por espaço de doze anos; e quando, findo o tempo da iniciação e da experiência, entregaram, porventura sem regresso, o poder político aos seus adversários que o exercem quase exclusivamente há coisa de cinquenta anos, as novas instituições tinham já lançado profundas raízes, e se achavam tão seguras, que apesar de todas as agitações próprias de um regime tão livre, e dos grandes elementos de divisão que encerra aquela nação prodigiosa, ela tem atravessado em paz, crescendo e prosperando em progressão espantosa, este século terrível, e tão assinalado por vicissitudes e catástrofes de todo o gênero.

Não que haja uma perfeita analogia entre aquele e este país; infelizmente não, pois, como os norte-americanos, não tínhamos feito um longo aprendizado do regime representativo sob o antigo regime colonial. Mas desta diferença mesma deduzo eu a necessidade de um aprendizado mais longo; e este só se pode utilmente fazer, em tempos de mais sossego, moderação e comedimento. As novas experiências, temerárias e arrojadadas, essas não só o tornam ineficaz, como o impossibilitam totalmente.

A abstenção do poder é uma obrigação e dever rigoroso para todos os partidos desmantelados de pessoal e doutrina; porquanto toda essa força de ambições e grupos diversos, contraditórios e repugnantes, coligados um momento pelo ódio contra o adversário comum, mal passa pela prova do poder, se transforma em fraqueza e impotência. A mudança só se assinala então por odiosas inversões pessoais, porque essas facções inconsistentes, a pretexto de que não podem tudo, e de que a sua primeira necessidade é viver, usam e abusam sem pudor e sem remorso das mesmas leis que, na oposição, as irritavam, e excitavam os seus clamores. É portanto do próprio interesse dos talentos nobres e elevados que no nosso país ilustram a oposição, o evitar essa prova, que um triunfo prematuro traria, renovando o espetáculo indecoroso que já por vezes temos presenciado, com tão profundo descrédito das instituições. Sem força para destruir ou fundar coisa alguma de um modo estável e proveitoso, os partidos efêmeros e desmantelados a têm muitas vezes de sobra para impedir que outros mais bem organizados o façam, resultando daí a paralisação que já tivemos ocasião de indicar e condenar.

É mister trabalhar, pacientar e esperar até que se organizem mais robustamente, e possam governar com segurança e isenção, satisfazendo os instintos da liberdade, sem assustar os da ordem.

Reconheço que os nossos partidos, à força de se proclamarem radicalmente opostos em obras e princípios, têm com efeito contraído feições diversas, mas nem por isso o seu antagonismo é tão profundo como alardeiam, pois que com auxílio do personalismo e do interesse individual, os liberais se fazem conservadores no poder; e os conservadores, na oposição, não desdenham nem a linguagem e porte revolucionário, nem mesmo o recurso à ultima razão dos povos e dos reis, se a longa especiação lhes esgota a paciência. Nestas circunstâncias, julgo que lhes não será muito difícil a todos eles viverem em boa companhia, tolerando-se reciprocamente, por pouca que seja a moderação que queiram guardar entre si.

Mas é mister sobretudo que o supremo poder, o único verdadeiramente real e forte entre todos os poderes, assentado no cume do nosso edifício político, de toda a altura da sua superioridade, se faça efetivamente o supremo regulador de tudo e de todos, reprimindo e moderando o vencedor prepotente, amparando o fraco e o vencido, adoçando os azedumes da desgraça, e alimentando sempre em todas as esperanças, pela observância de uma justiça severa e imparcial.

Justiça, moderação, prudência, e tolerância; sem estas grandes virtudes, nada se pode fundar que útil, estável e glorioso seja. Mas notai-o bem, elas são necessárias – indispensáveis – em todas as situações e em todas as posições. Timon censurou a impolítica e absurda negação de todo o direito revolucionário; condenou também o abuso contrário; resta-lhe agora condenar o abuso não menos funesto e criminoso das repressões implacáveis e cruéis.

Efêmeros ou prolongados, ameaçadores e terríveis ou simplesmente incômodos, casuais ou premeditados, infundados e loucos enfim, ou justos e indispensáveis, o certo é que de vez em quando, na vida de todos os povos rebentam esses movimentos, espécie de convulsões de enfermo e sintomas de um mal qualquer, e a que, segundo a sua gravidade, e a convenção dos publicistas, se dá o nome de motim, sedição, sublevação, revolta, rebelião, revolução, guerra civil. Dado porém o caso, o que cumpre fazer? Os estadistas da escola do doutor Sangrado, e de ordinário aqueles que pela sua imoralidade, abusos e vexações mais concorreram para a exasperação do povo e dos partidos, alçam então a voz, e clamam que a impunidade é a perdição dos estados; – que as anistias e a brandura do código penal nos vão levando ao abismo, que a salvação pública requer mais energia e severidade – que era com sangue enfim, e não com água de rosas que Richelieu abatia o pó das conjurações.

Pois bem. Timon ousa pensar de outro modo, e fundado em autoridades maiores de toda a exceção, sustenta que em falta de melhor ainda, a brandura das leis criminais e o exercício do direito de anistiar nos têm poupado trabalhos sem conto, sustentando-nos à borda do

abismo em que à nossa vista se debatem o México, Buenos Aires e tantas outras repúblicas da língua espanhola, onde os vencedores implacáveis e cruéis, nunca conheceram regras e limites nesse pretendido direito de punir pretendidos crimes políticos.

Com não menos verdade e eloquência, Lamartine proclamou do alto da tribuna francesa, nos tempos mais ditosos em que daquele foco cintilante se irradiava a luz que esclarecia o universo inteiro: *Nas discórdias civis a batalha é o processo, e a vitória é a sentença*. A ciência pretensiosa dos doutores deu então este axioma como um puro devaneio do poeta; mas o exame refletido, a experiência, a razão, a verdadeira sabedoria em uma palavra, estão por ele.

A expressão – *crimes políticos* – é filha de uma falsa terminologia, e porventura da pobreza da língua; e tendo simplesmente por fim extinguir os atentados cometidos contra a ordem, contra as constituições e contra os poderes estabelecidos, dos crimes vulgares e comuns, conduz-nos em derradeira análise, e tudo bem averiguado e ponderado, à rigorosa conclusão de que as primeiras daquelas contravenções à lei escrita não têm paridade alguma com as segundas, para que se hajam de designar promiscuamente pela palavra genérica – *crimes*.

O crime propriamente dito, o mal, filho da vontade e deliberação do homem, isto é, o malefício, o assassinato, por exemplo, o roubo, o perjúrio, o incêndio e a destruição da propriedade alheia, sempre se tiveram como atos danosos e imorais, contrários ao bem e à virtude, em todos os tempos, em todos os lugares, qualquer que fosse a constituição política, e a forma do governo dominante. E os autores de atentados deste gênero sempre e por toda a parte inspiraram desprezo e ódio ao gênero humano.

Dos denominados *crimes políticos* poder-se-á dizer outro tanto? Como, se eles variam a cada passo, segundo os tempos, os lugares, e ainda segundo outras mínimas circunstâncias de cada tempo e de cada lugar?

Pascal o disse: “Três graus de elevação do pólo transtornam toda a jurisprudência; um meridiano decide da verdade e uns poucos de anos constituem a posse. As leis fundamentais mudam, e o direito tem suas épocas. Engraçada justiça que um ribeiro ou uma montanha limita, verdade aquém dos Pirineus, erro além!” Pretende-se que este filósofo eminente, estava em um dos momentos de ceticismo e misantropia, quando negava assim a justiça; mas restringi o seu dito, e aplicai-o tão-somente aos denominados crimes políticos, e a verdade dele sobressairá de um modo irresistível.

Abri a história, e contemplai as atrocidades enormes que a justiça política tem cometido, levantando uma voz, e invocando uma lei diferente, a cada recanto do globo, e em cada época da vida das sociedades. Enquanto Londres, a protestante, fazia decapitar Carlos I, Luís XIV, senhor absoluto em Versalhes, revogava o edito de Nantes, e exterminava os protestantes do Meio-Dia da França. Luís Filipe pelos seus pares declara a Luís Napoleão convicto de *crime* político, e o encerra nos calabouços de Ham; vem depois *Fevereiro* derriba o trono, dissolve os juízes, rasga a sentença, e exalta o prisioneiro, que por seu turno, e usando sempre da mesma justiça política, prende, deporta e fuzila os seus malavisados concidadãos, e o que não é menos, espolia da herança paterna os filhos do antigo rei.

E se a história, como realmente passou, vos não convence, invertei-a, e mudai por um pouco a fortuna das armas e o êxito dos acontecimentos. Washington, nome que ofusca toda a antiguidade, e glória dos tempos modernos, Washington teria sido fuzilado por um cabo-de-esquadra e seis granadeiros ingleses; e o nosso primeiro imperador, o rebelde fundador da independência e do império, pudera ter sido executado dentro dos muros silenciosos de uma prisão, como os filhos de Filipe II e do moscovita Pedro o Grande.

Os caracteres da punição, o seu fim especial, são a reparação e satisfação do mal causado e a prevenção dos delitos futuros, pelo exemplo e pela intimidação; e esse fim se atinge mais ou menos nos crimes comuns. Mas nos políticos os criminosos morrem glorificando-se dos seus atentados, e levando após si os aplausos e as simpatias de

populações inteiras, em vez da aversão e desprezo que acompanha os malfeitores vulgares na sua expiação.

Camilo Desmoulins, atraído já pela guilhotina fatal, escrevia não obstante: “Um milhão de bravos soldados, obscuros e ignorados arrostam cada dia novos perigos nas fronteiras; e nós, representantes do povo, cuja morte recebida em público cada falso, em presença da Europa e do Universo, não pode ser senão solene e gloriosa, nós é que temos de temê-los?” E Ratcliff, o nosso condenado de 1825, escrevia nas paredes do oratório a que fora recolhido:

Quid mihi mors nos cit? Vir tus post fata vi res cit,
Nec soevi gladio perit illa tyranni.³⁵

E todos esses protestos, todos esses apelos dos condenados, acham como a imprecação de Dido moribunda,³⁶ um eco fúnebre no futuro, e mais tarde ou mais cedo as sanguinolentas represálias se fazem sentir.

Então, como tantas vezes, e bem recentemente se tem visto, trava-se a luta, monótona e invariável em si, mas cheia de cruéis alternativas para os combatentes; os proscritores de ontem são os proscritos de hoje; cada facção que triunfa vota a sua hecatombe de cabeças humanas aos deuses infernais; cada dia se honra e assinala com funéreos sacrifícios; dir-se-ia que embriagados pelas exalações de sangue derramado, e tocados de uma funesta vertigem, vão todos precipitar-se, uns depois dos outros, no abismo sempre aberto e insaciável.

No meio desse abominável delírio que produz a aplicação da justiça política, os inimigos que se imolam alternativamente atingem de ordinário a uma boa fé e sinceridade, que não é menos abominável, e isto quer quando dão, quer quando recebem a morte. Conta-se dos juizes de Carlos I, que fazendo-o subir ao cadafalso, e tratando-o como ele

35 A morte em que me empece? Além da campa
Reverdece a virtude, e não se extingue
Sob o cutelo do feroz tirano.

36 *Exoriare aliquis nostris ex ossibus ultor.*

certamente os teria tratado, ficaram todavia com a consciência tão tranqüila, como ficaria o próprio Carlos, se usasse contra eles de uma fortuna diferente. E quando mais tarde, Carlos II, vingou neles o suplício do pai, mesmo sobre o cadafalso os regicidas mostraram que a morte não era a seus olhos a punição de um crime, mas a consequência inevitável de um revés de fortuna; pois segundo a confissão mesma dos escritores realistas, todos eles honraram a sua causa pela intrepidez e dignidade com que receberam o martírio.

A estas vinganças chamam sempre as facções vitoriosas, e os covardes que se lhe associam, atos de justiça, e exemplos estrondosos e necessários. Mas no meio delas, onde vão a verdadeira reparação, a expiação e a prevenção pelo temor?

Timon o repete uma e mil vezes, não há *crimes políticos*; e esta asserção por mais que vos pareça blasfematória e paradoxal, não parte só de grande poeta, ou de um filósofo cético, antes decorre logicamente dos princípios dos publicistas mais eminentes, sensatos e bem aceitos. E nem a diuturnidade do direito que consagra a existência de crimes desta espécie deve prevalecer contra a boa razão, porque outras grandes iniquidades sociais não perduram há menos tempo, a escravidão por exemplo, e nem por isso a sua antiguidade, contemporânea quase da criação do mundo, as justifica ou escusa ao menos aos olhos da religião e da filosofia.

Não escrevo um tratado, aventuro apenas rápidas reflexões, que possam pôr de sobreaviso governantes e governados. E se todavia sou forçado a alargar-me algumas vezes em citações, o leitor benévolo sem dúvida me relevará, atendendo à necessidade que tenho de fundar-me em opiniões autorizadas.

Montesquieu escreveu o seguinte no seu admirável livro do *Espírito das Leis*: “Não permita Deus que eu procure diminuir a distância

infinita que há entre os vícios e as virtudes. O que pretendo fazer compreender é que nem todos os vícios políticos são vícios morais, e vice-versa; e isto não devem esquecer os que fazem leis, que encontram o espírito geral. Que significa tudo isto, pergunto eu agora, senão a dúvida que confusamente atormentava este grande publicista acerca da existência dos *vícios* ou *crimes* políticos? Porquanto desde que os atos políticos a que se refere não eram ofensivos da moral, não podiam certamente merecer as qualificações de vícios e crimes.

Nesse caso, dir-me-ão, e prevalecendo as nossas estranhas doutrinas, a sociedade estará de contínuo exposta à enterprises das facções, e perecerá sem regresso sempre que qualquer ambicioso se resolva a tomar as armas para derrubar o governo, vexar e oprimir a pátria; quando a simples razão ensina que as sociedades e os governos, como os simples indivíduos, têm o indisputável direito de defender-se contra as agressões da força. O crime não consiste em sustentar-se em tese uma forma de governo intrinsecamente boa, e que de feito se aplica neste ou naquele país; o crime consiste em perturbar a ordem, atentando o delinqüente contra as leis do seu respectivo país, quaisquer que elas sejam, e sendo tão criminoso o que numa república diz – Viva o rei! – como o que em uma monarquia diz – Viva a república!

O *crime*, sim, repetirei convosco, varia conforme os lugares, e perturba a ordem respectivamente neles estabelecida, enquanto a vitória não lhe imprime a sanção do direito, e o não transforma em virtude e heroísmo. Então, é a ordem e lei antiga que se tornam crimes, e é o poder derubado que pode cometê-los. Não vedes vós que é uma falsa terminologia quem vos enreda e embaraça? Toda a confusão e dificuldade desaparecerão instantaneamente, tirando-se a denominação de crimes aos atos políticos, e concedendo-se aos poderes estabelecidos, o direito, não de puni-los, mas de resistir-lhes pelas armas, quando não tenha podido preveni-los, até que a vitória decida a contenda, e ponha termo ao processo. Aplicai, em uma palavra, nas discórdias civis, não o direito criminal, e sim o direito das gentes.

Ouçamos a Vattel, a esse grande mestre da ciência, entre tantos outros que trataram do direito das gentes. Escrevendo um tratado sobre esta especialidade, este eminente publicista dedicou um dos seus capítulos à guerra civil. Quando mais não fosse, isto só revelaria as dúvidas e hesitações do seu espírito; mas a prova da existência delas é em verdade muito mais clara e evidente.

Tratando dos atentados que se podem cometer contra a autoridade de qualquer governo estabelecido, ou dos seus agentes, Vattel os classifica em simples comoções populares, em sedições e em sublevações, conforme a natureza, gravidade, as forças e extensão do movimento, e as causas mais ou menos justas que para ele houve; e reconhecendo nos chefes do estado o direito de os punir, ensina como se há de exercer esse direito, e aconselha a moderação e a brandura, por maneira que os castigos só recaiam nos principais fatores e cabeças, poupadas as grandes massas.

Ao chegar porém à que ele denomina propriamente *guerra civil* (L. 3º. Cap. 18 § 292, e seguintes). Vattel se exprime por este modo: “Quando no estado se forma um partido que já não obedece ao soberano, e se sente com sobejas forças para resistir-lhe; ou quando em uma república, a nação se divide em duas facções opostas, cada uma das quais apela para o recurso das armas, então dá-se aquilo a que chamamos *guerra civil*. Reservam alguns este nome às justas armas que os súditos opõem aos soberanos, para distinguir esta resistência legítima, *da rebelião*, que é uma resistência injusta. Mas como chamarão eles à guerra que se levanta em uma república, declarada por diversas facções, ou em uma monarquia, entre dois pretendentes à coroa? O uso aplica o termo de guerra civil a toda e qualquer guerra feita entre os membros de uma mesma sociedade política; se ela se faz entre uma porção de cidadãos de um lado, e o soberano com os que lhe obedecem do outro, basta que os descontentes tenham alguma razão para tomar as armas, para que esta desordem se chame antes *guerra civil* do que *rebelião*. Esta última qualificação só se pode dar às sublevações contra a autoridade legítima, inteiramente destituídas de fundamento. É certo que o príncipe nunca deixa de chamar *rebeldes* a todos os súditos que lhe resistem abertamente – mas quando os súditos se tornam assaz fortes para lhe poderem fazer

frente, e obrigá-lo a fazer-lhes guerra de um modo regular, então não terá ele remédio senão acomodar-se com o termo de – *guerra civil*.”

“Mas não se trata aqui de pesar as razões que podem fundar e justificar a guerra civil, que em outra parte tratamos já dos casos em que aos súditos é lícito resistirem ao soberano. Pondo pois de parte a justiça da causa, só nos resta considerar as máximas que se hão de guardar a guerra civil, e averiguar se o soberano em particular está obrigado a observar nela as leis comuns da guerra.

“A guerra civil rompe os laços da sociedade e do governo, ou suspende pelo menos a sua força e efeito, dando existência, no seio da nação, a dois partidos independentes, que se consideram inimigos, e não reconhecem juiz algum comum. É pois de rigorosa necessidade considerar estes dois partidos, temporariamente ao menos, como dois corpos separados, e dois povos diferentes. Embora andasse um deles mal em romper a unidade do estado, e em resistir à autoridade legítima, caso é que nem por isso estão menos divididos de fato. Além de que, quem os havia de julgar, pronunciando de que lado se achava a justiça ou a sem-razão, quando nenhum deles reconhece superior comum na Terra, e efetivamente o não têm? Estão pois no caso de duas nações que entram em contestações, e não podendo vir a um acordo, apelam para as armas.”

“Sendo isto assim, fica bem evidente que as leis comuns da guerra, essas máximas de humanidade, moderação, retidão e honestidade, que já deixamos expostas, devem ser observadas de parte a parte nas guerras civis. As mesmas razões que estabelecem as obrigações de um para outro estado, as tornam tanto ou mais necessárias, quando dois partidos obstinados dilaceram a pátria comum. Se o soberano se julga com direito de fazer punir os prisioneiros como rebeldes, o partido oposto usará de represálias; se ele não observar religiosamente as capitulações e todas as convenções feitas com os seus inimigos, estes nunca mais se fiarão na sua palavra; se um emprega o incêndio e a devastação, os outros farão o mesmo; e deste jeito a guerra tornar-se-á cruel, terrível, e cada vez mais funesta à nação. São bem sabidos os excessos vergonhosos e bárba-

ros do Duque de Montpensier contra os reformados de França. Ele entregava os homens ao algoz, e as mulheres à brutalidade de um dos seus oficiais. Que resultou daí? Os reformados exasperaram-se e tomaram espantosa vingança destes bárbaros tratamentos; por maneira que a guerra, já de si cruel a título de guerra civil e de guerra de religião, veio a tornar-se ainda mais funesta. A final foi mister abdicar essas pretensões de *juiz* contra homens que sabiam defender-se com as armas na mão, e tratá-los, não como a *criminosos*, mas como a *inimigos*.

“Assim, sempre que um partido numeroso se julgar com direito de resistir ao soberano, e se achar com forças para lançar mão das armas, a guerra deve fazer-se entre eles da mesma maneira que entre duas nações diferentes, buscando ambos reciprocamente os mesmos meios para prevenir os seus excessos e restabelecer a paz.”

“Quando os súditos tomam as armas, sem que todavia deixem de reconhecer o soberano, e tão-somente para obter a reparação de alguns agravos, há duas razões que aconselham a observância das leis comuns da guerra a seu respeito: 1ª O temor de tornar a guerra civil mais cruel e mais funesta pelas represálias que o partido sublevado há de opor às severidades do príncipe, como já observamos; 2ª O perigo de praticar grandes injustiças, precipitando-se a punição daqueles que se tratam como rebeldes. O fogo da discórdia e da guerra civil não é favorável aos atos de uma justiça pura e santa; cumpre esperar tempos mais tranqüilos. O príncipe obrará com grande acerto se guardar os seus prisioneiros até que, restabelecida a paz, esteja em estado de os fazer julgar segundo as leis.

“Mas quando a nação se divide em dois partidos absolutamente independentes, que não reconhecem mais superior comum, o estado dissolve-se, e a guerra entre os dois partidos cai a todos os respeitos sob a sanção do direito aplicável a uma guerra pública entre duas nações diferentes. Dado o caso que uma república se divida em dois partidos, cada um dos quais aspire a formar o corpo principal do estado; ou que um reino seja disputado entre dois pretendentes à coroa, sempre a nação fica repartida em dois bandos, que se tratam reciprocamente de rebeldes, inculcando-se como corpos absolutamente independentes, e a quem falece

todo e qualquer juiz. A contenda se decide entre eles, como entre duas nações distintas. A obrigação pois que ambos têm de guardar as leis comuns da guerra é absoluta e indispensável para os dois partidos, e a mesma que a lei natural impõe a todas as nações, do estado a estado.”

Copiamos textualmente a Vattel, com todas as suas repetições e prolixidade; e confiamos que o resultado da citação seja favorável à opinião que sustentamos. Este distinto escritor, é certo, admite a punição dos *crimes políticos*; mas quem não vê que subjugado pela idéia falsa e dominante da existência de tais crimes, recua todavia ante as conseqüências odiosas que derivam de um tal princípio? Admitida a idéia errônea, talvez só pela razão de andar em voga, e de ser muito antiga, procura ele nada menos atenuar imediatamente os seus efeitos; e daí vem que se põe a distinguir entre as sublevações fundadas ou infundadas, tumultuárias e efêmeras, ou permanentes e bem reguladas, fracas, isoladas e restritas a pequenos pontos de um estado ou generalizadas por todo ele, fortes e ameaçadoras. E ainda para poder-se aplicar a doutrina dos crimes e da punição, o autor, dentre as diversas alternativas de uma luta, só prevê a que dá a vitória ao governo anteriormente estabelecido, ou ao príncipe; mas o que será, quando os antigos poderes são os vencidos? A justiça política sacrificará então a Carlos I e a Luís XVI.

De resto, que importam os pretextos, a época, a extensão e as forças de um movimento revolucionário, para fazer variar o direito que lhe é aplicável – conceder ou negar a punição – se em substância, e no essencial, os fatos são sempre os mesmos? Tudo isso são tangentes por onde o senso íntimo e moral do autor procura esquivar as conseqüências do falso princípio, que o seu espírito admitiu talvez, só pelo ver consagrado por uma longa prática.

Digamo-lo ainda uma vez, a sociedade, ou melhor os poderes que a representam, tem direito à sua conservação, e quando alguém o contesta, o de recorrer ao juízo de Deus, porquanto, onde falece outro juízo comum, só as armas podem liquidar a questão. Mas findo o pleito e celebrada a paz, os prisioneiros devem ser soltos e livres. Executá-los, é usar o direito dos selvagens que devoram os seus; condená-los à en-

carceração, é usar o de Tamerlão, que encerrou Bajazeto em uma gaiola de ferro.

Este meio das armas, ao demais, sobre ser o verdadeiramente preponderante, já é de si acerbo e duro para os vencidos, sem que haja mister agravar a sorte destes com crueldades inúteis; e completado com todas as outras medidas que o direito das gentes admite, a internação, e a detenção por exemplo, restritas ao tempo da guerra e do perigo, já não será simplesmente preponderante, tornar-se-á efficacíssimo e decisivo.

A necessidade da aplicação do direito das gentes nas guerras civis tornar-se-á talvez mais evidente, se argumentarmos com a aplicação da justiça política às guerras públicas de nação a nação. Nestas guerras, há de necessariamente um agressor ou provocador injusto. Imaginai o vencido. Que causa mais razoável do que punir o vencedor juridicamente pelos seus juizes e tribunais? Não foi traída a fé dos juramentos e dos tratados? Não se quebrantaram as leis da moral, e não foi o país acometido e posto a ferro e sangue? Isto não é porém uma simples suposição; tempos houve, sobretudo na Antiguidade e ainda hoje entre os povos bárbaros, em que os vencidos eram ou passados à espada, ou reduzidos à escravidão, transportando-se populações inteiras de umas para outras regiões; e as formas e aparatos judiciários vinham às vezes agravar estes horrores para dar uma certa cor de legalidade ao suplício dos chefes. Entretanto a humanidade e a civilização têm abolido esse abominável direito. Por que pois não ousaremos esperar que os progressos da razão universal venham por fim a conseguir o mesmo resultado, em relação as guerras civis?

E antes das armas que sopeiam as revoluções, está a sua prevenção não pela polícia somente que rastreia e descobre as conjurações, apreende as armas, e impede ou dissolve os ajuntamentos populares, mas pela boa e alta polícia que, contentando e ilustrando os espíritos, os inclina à paz e à concórdia. «Como é possível (diz Ganih) haver ainda quem desconheça que o meio de conter a parte viciosa e desmoralizada das grandes populações deve ser menos repressivo que preventivo, me-

nos material que moral, menos penal que exemplar? A educação, a religião, os bons exemplos, a abundância e as comodidades da vida, eis aí a verdadeira polícia da sociedade civil, vez que, para que produza todo o efeito, seja confiada aos cuidados de autoridades vigilantes e paternais. Lancem os olhos sobre a Irlanda, esses que não sabem governar senão com a polícia que corrompe e desmoraliza, com a força que fere mas não persuade, com os castigos que aterram os bons mas só irritam os maus, e digam-nos se é possível, em certas épocas da civilização, governar os homens mais que por meio da razão, da justiça e da prosperidade geral. Ai! dos governos que não conhecem o poder das luzes, da educação, da religião e do trabalho, e procuram por outros meios a extirpação dos vícios e dos crimes nos países que administram!»

Salústio, o grande historiador que assistiu à conjuração de Catilina, e viveu entre as prescrições de Mário e Sila, e as de Augusto e Antônio, escrevia como homem experimentado – que o que tem deitado a perder os grandes estados, é querer cada partido vencer outro, seja por que modo for, e faltar-se de vingança nos vencidos. – *Quae res plerumque magnas civitates pessum dedit, dum alteri alteros, vincere quovis modo, et victos acerbius ulcisci volunt.* Assim, tornai primeiramente o povo próspero e feliz; e se isso não bastar para contê-lo, reprimi muito embora pelas armas os faciosos e turbulentos; mas tomai tento, a vossa tarefa deve terminar com a vitória, e por nenhum caso cuideis de faltar-vos de vingança nos vencidos, que outra coisa não é senão a vingança, essa afetação odiosa das formas judiciárias, mentira obrigada do forte contra o fraco nas lutas dos partidos!

Nestes terríveis assuntos, e para prevenir e arredar essas cenas cruéis que têm enlutado o mundo e a História em diversas épocas, nunca a insistência e as precauções serão de sobra. Citemos outra grande autoridade. Por ocasião do processo dos girondinos, Thiers nos fala deste modo: “Se os partidos fossem mais francos, seriam também pelo menos muito mais nobres. O vencedor poderia dizer ao vencido: ‘– Levastes o a ferro ao vosso sistema de moderação, até ao ponto de declarar-nos a

guerra, e de pôr a república a dois dedos da sua ruína; fostes vencidos, toca morrer.’ – Da sua parte os girondinos podiam nobremente responder: ‘– A uns celerados como vós, que perdeis a república, e a desonrais pelas vossas atrocidades, certamente que pretendíamos combater e destruir. Não há dúvida, somos todos igualmente culpados. Fostes vencedores, venha pois a morte.’ – Mas o espírito humano não é tal que procure assim simplificar tudo pela franqueza. O partido vencedor quer convencer, e mente; ‘um resto de esperança leva o vencido a defender-se’, e este mente também; vendo-se assim nas discórdias civis, esses processos vergonhosos, em que o mais forte ouve sem crer, e o mais fraco fala sem ‘persuadir, e pede a vida ou a liberdade sem obtê-la.’”

Justiça política, meu Deus! Processo, isto é, acusação, defesa, juiz e sentença! Que abominável irrisão! No dia em que resolvem sacrificar o seu prisioneiro para devorá-lo, os selvagens antropófagos pintam-no, enfeitam-no, armam-no de uma massa enorme, e também lhe dizem que se defenda; mas se o desventurado, pungido pelos insultos dos seus algozes, arremete furioso contra eles, para logo as mil cordas que o sostêm e enleiam de todos os lados, lhe fazem sentir que tudo aquilo é uma simples representação, e que não lhe resta mais nada, senão entoar o cântico fúnebre. Vem por derradeiro a sentença, isto é, o golpe mortal, e põe termo à cena.

Tudo conspira para que a justiça política nunca seja outra cousa senão a satisfação das paixões triunfantes, mascarada em fórmulas hipócritas e odiosas. Os juízes são os vencedores, os réus os vencidos. Os primeiros, tendo por si a força e a vitória, arremessam a espada na balança, e clamam como Breno: *Voe victis!* Os segundos têm contra si o ódio e a vingança que buscam satisfazer-se a todo preço, e ainda o egoísmo e a ambição do vencedor que aspirando eternizar-se no poder, só encontra segurança na completa exterminação dos seus adversários – *Il n’y a que les morts qui ne reviennent-pas* – dizia Barrère, o famoso membro da comissão de salvação pública, cognominado o Anacreonte da guilhotina, pelo estilo adocicado e florido com que redigia os seus fúnebres re-

latorias. A nação dividida em bandos inimigos perde a serenidade do juízo, e entra numa espécie de delírio; e em tal estado não é mais possível nem proferir nem aceitar julgamentos conscienciosos e justos.

Entre outros muitos que refere a história, citaremos um formidável exemplo dessa espécie de demência que se apodera das nações no meio das discórdias civis: quero falar do incrível e formidável embuste que inventou uma conspiração papista na Inglaterra, no reinado de Carlos II. Viu-se então uma grande nação, impelida pelo fanatismo religioso, pelo temor, e pelo amor do desconhecido e maravilhoso, como ceder a uma cega e imperiosa necessidade de acreditar na veracidade de um conto monstruoso e absurdo, sob a fé de só dous grandes miseráveis, Tito Oates e Bedlow, cujas denúncias eram de resto um tecido de contradições. A estranha vertigem aturou largo tempo; muitas cabeças ilustres e inocentes caíram sob o ferro do algoz, e o que ainda é mais doloroso, nem uma só voz se erguia para estigmatizar estas atrocidades, paralisados mesmo os ânimos mais generosos, pela geral cumplicidade da opinião.

Assim ainda admitida em tese a legitimidade da justiça política, as dificuldades, ou melhor, a impossibilidade da sua aplicação, demonstraria bem depressa toda a vaidade e falsidade de semelhante sistema. Mas de muito embora superada esta nova dificuldade, ainda assim a humanidade e a retidão aconselham a maior prudência e sobriedade no exercício desse terrível direito, mormente em países, a tantos respeitos, tão mal administrados como o nosso.

Timon escusa repetir aqui o que já tão longamente tem demonstrado: o grande e pequeno arbitrário, sob mil formas variadas, é quem nos governa. Desde o presidente de província até o último inspetor de quarteirão, e ainda o último capitão-do-mato, cada qual usa absolutamente de suas vontades. Nem segurança de vida, nem de liberdade individual, nem de propriedade. As garantias e direitos políticos são verdadeiros fantasmas: as eleições regulam-se quase por ordens-do-dia. Quando é do simples cidadão que partem a opressão, a violência e as vexações de todo gênero, aí estão as autoridades para absolvê-lo e protegê-lo, se é da sua parcialidade, ou para persegui-lo, muito além do que permitem as leis, se é seu contrário. A linguagem corresponde aos atos;

cada um alardeia o desprezo com que encara a moral, as leis e os direitos mais sagrados. Bem entendido, falo da linguagem que se usa nos pequenos círculos, entre amigos, e de superior para subalterno; porquanto a dos jornais e ofícios é outra, não em deferência a uma opinião que não existe, mas filha dos hábitos antigos e das fórmulas consagradas, ou talvez só empregada para ostentar-se um vício de mais – a hipocrisia.

Este estado quase intolerável não é certamente cabal para justificar as revoltas que o agravam; mas se acontece que contra os conselhos da moderação e da prudência as revoltas rebentem, os que governam devem lembrar-se das causas onde elas prendem. A sua impunidade não vem a ser mais que uma simples compensação; e as anistias deixam de ser meros atos de clemência e magnanimidade, para serem antes um dever e uma justiça rigorosa.

Tanto mais que durante o estado de guerra e de pacificação, e antes que comecem a funcionar as máquinas judiciárias, o mais forte usa do direito de punir as revoltas de um modo tanto mais cruel como implacável, quanto arbitrário e caprichoso. Nestes nossos obscuros combates de guerra civil, é freqüente no interior e nos sertões, e não de todo sem exemplo nas grandes cidades, focos de civilização, matar-se não só a quem resiste, senão a quem foge, ou ainda a quem se deixa estar quedo, confiado na sua inocência e na proteção das leis. Quando se invade qualquer povoação, qualquer fazenda, qualquer habitação isolada, a presença do invasor é denunciada pelo ruído das descargas da mosquetaria, logo depois seguidas de espancamentos, da pilhagem, e de extorsões, embora o lugar e os habitantes acometidos estejam inermes e indefesos. O vencedor apropria-se dos despojos, e ordinariamente qualquer facinoroso arvorado em oficial, ainda que sem patente, manda à sua vista flagelar os prisioneiros pela chibata até que morte se siga. Os prisioneiros são não somente os que se rendem ou apreendem em combate, mas quantos se colhem dispersos e ao acaso. Os que escapam do suplício da chibata, acabam em marchas violentas, extenuados de fadigas, ou nas masmorras e porões, ceifados pela fome, pela miséria, pelas moléstias que nesses focos de infecção se geram, pelos maus-tratos enfim de todo o gênero. As últimas relíquias vão servir no exército, sob o regime dessa

mesma chibata, ainda há pouco instrumento do algoz, sem que lhes valham as isenções legais de idade, moléstias, cargos, profissões, estado civil, pois todos envergam a farda, os velhos, os adolescentes, os enfermos, os casados, os viúvos com filhos, os lavradores, os proprietários, os mestres de artes e ofícios. Isto pelo que toca às grandes massas. Quanto aos chefes, uns acabam nos combates, buscados por pontarias certas, outros expatriam-se, e todos sofrem em suas fortunas, e perdem por largos anos as posições políticas e civis. Deste modo, a ferocidade atinge quase às cenas que Tácito deixou descritas nos seus livros imortais; mata-se, rouba-se, espolia-se, devasta-se, despoeira-se, e quando tudo está consumado, proclama-se que a ordem se acha restabelecida e a província pacificada. *Auferre, trucidare, rapere, falsis nominibus imperium; et ubi solitudinem faciunt, pacem appellant.*

Timon julga mais que sobeja esta punição, e à vista do quadro que acaba de esboçar em traços tão rápidos, está persuadido que as revoltas não são um jogo em que os revolucionários tenham tudo a ganhar e nada a perder, como ordinariamente se diz, porque contam com a infalível anistia. Não, a anistia não repara os imensos danos causados ao vencedor como ao vencido, mas ao vencido principalmente; ela apenas põe os destroços do naufrágio ao abrigo de outras tormentas de um gênero novo.

O que é a anistia? O esquecimento do passado, o sono das leis, o perdão desses movimentos populares, desses grandes fatos coletivos, que a lei qualificava criminosos, e mandava punir. Inventada a *criminalidade política*, foram bem depressa conhecidas as suas funestas consequências; e então em vez de romper-se abertamente e de frente com o erro, abolindo-a, inventou-se também a anistia, para atenuá-la e embarcá-la. A anistia é pois uma negação da *criminalidade política* – como poder concedido ao chefe do estado para suspender ou anular as leis que a punem. A nossa constituição quando confere esta atribuição ao monarca, no exercício do Poder Moderador, diz em modo de restrição – que ele usará dela – em caso urgente, e quando assim o aconselhem a humani-

dade e o bem do estado. – Quer isto dizer, nem mais nem menos, que em certos casos a justiça política é bárbara e prejudicial ao estado – ou em termos mais claros – que não é justiça, senão verdadeira iniquidade. Quanto ao *caso urgente*, esta expressão não significa outra cousa senão o perigo, ou a impossibilidade de exercer o direito de punir.

Não é possível negá-lo, a consciência perturbada do gênero humano refugiou-se na anistia como num meio de salvação para escapar à iniquidade da justiça política; eis aí porque a história, aplaudindo sempre a negação dessa abominável justiça, anistia também a César pela sua clemência, e glorifica a Henrique IV, herói que soube vencer e perdoar, ao passo que recomenda ao opróbrio e à execração da posteridade esse imperador romano que desejava em Roma uma só cabeça para decepá-la de um só golpe, a esse duque de Alba que se vangloriava de ter feito cortar vinte mil cabeças nos Países-Baixos, a todos esses algozes da humanidade enfim, Henrique VIII, Filipe II, Jeffryes, Fouquier-Tinville, Soulouque, Rosas, Haynau.

“Os monarcas”, diz Montesquieu, “têm tanto a ganhar pela clemência, em cuja prática acarreiam tanto amor, e tanta glória, que é sempre uma felicidade para eles o terem ocasião de exercitá-la, e essas ocasiões nunca faltam nas sociedades organizadas como a nossa. Disputar-lhe-ão talvez, não o negro, algum ramo da autoridade plena e absoluta; mas se eles algumas vezes tiverem de combater pelas prerrogativas da sua coroa, jamais combaterão pela própria vida.”

A primeira vez que se aplicou a anistia de um modo solene, foi 412 anos antes de J. C., em Atenas, depois da expulsão dos trinta tiranos por Trasíbulo. As facções tinham abusado tanto do seu efêmero poder, era tamanho o número dos comprometidos, que se houve com melhor acerto por perpétuo silêncio em tudo, antes do que entrar em odiosas e intermináveis indagações e devassas, que perpetuariam as discórdias; pois, ao revés dos crimes ordinários, têm este caráter os denominados políticos, que quanto mais complicados e agravados são por

certas circunstâncias de atrocidade, concerto ou conluio, mais urgentemente reclamam o remédio do indulto.

Cerca de quarenta anos depois, Agesilau, rei de Esparta, aplicou o mesmo princípio, por ocasião da derrota de Leuctres, batalha em que pereceram o Rei Cleombrotos com cerca de mil esparciatas, fugindo o resto vergonhosamente. Nesta república militar e belicosa o crime de deserção do campo da batalha, havido quase como impossível, era punido com a nota de infâmia. Excluídos de todos os empregos públicos, podiam os fugitivos serem impunemente espancados, sendo-lhes defesa toda e qualquer resistência contra os seus agressores; deviam andar vestidos de andrajos e retalhos de cores variegadas, traziam a cabeça baixa, eram obrigados a rapar metade da barba somente. Como os fugitivos de Leuctres eram em crescido número, e exerciam grande influência na cidade, temia-se que infligindo-se-lhes o castigo ordenado pelas leis, não suscitassem eles algum movimento perigoso. Agesilau, a quem se cometeu então a decisão deste caso gravíssimo, achou maneira de prevenir o perigo que se temia, sem todavia nada acrescentar ou suprimir nas leis, ou fazer-lhes sequer a menor alteração; apresentou-se na assembléia do povo, e declarando que era mister deixar aquele dia dormir as leis, para no seguinte restituir-lhes todo o seu vigor e autoridade, salvou efetivamente a república, conservando-lhe esse grande número de cidadãos, cuja honra soube conciliar com a justiça.

Fazendo o paralelo de Agesilau e Pompeu, Plutarco diz com grande louvor que na vida do segundo não há nada que se possa comparar a esta invenção política toda nova do rei espartano.

É de notar porém que em tal conjuntura esta grande medida parece que foi sugerida, menos pela natureza do crime, que pela multidão dos delinqüentes e pela salvação do estado em perigo.

Mais tarde, e por ocasião da morte de César, Cícero, citando o exemplo de Trasíbulo propôs e fez decretar uma anistia geral. Não penso porém que mereçam o nome de anistia os famosos atos de clemência do mesmo César, pois nunca tiveram o caráter de generalidade que distingue aquela medida.

A história comemora ainda honrosamente outras anistias, sobretudo as de Henrique IV; e quanto ao nosso próprio país, especialmente durante o atual reinado, e há vinte anos a esta parte, as anistias

são como uma medida permanente, e os respectivos decretos concorrem não pouco para avolumar as nossas coleções de leis. E prescindindo dos decretos excepcionais, o nosso próprio código criminal é quase uma anistia permanente, pois em certos e determinados movimentos políticos só punem os cabeças ou fautores. Todas as opiniões as têm alternativamente concedido e recebido, e dado que os interesses de partido tenham muitas vezes clamado contra elas, preconizando os sistemas falazes de severidade e rigor, a alta prudência e humanidade do monarca, e a brandura do caráter nacional têm posto insuperável barreira ao triunfo de tais sistemas, que traria em resultado a recíproca ferocidade dos caracteres e das instituições.

Mas o sistema de brandura que hoje voga não se encarnou nos nossos costumes, formando quase uma espécie de direito consuetudinário, sem que no Primeiro Reinado se fizessem alguns ensaios terríveis em sentido contrário. Por ocasião da célebre revolta de 1824, em Pernambuco, o decreto de 7 de março de 1825, que só por uma cruel irrisão se chamou de anistia e clemência, mandou executar prontamente todos os réus sentenciados pelas comissões militares, sentenciar os pronunciados, e dar livres e absoltos, tão-somente os que não tivessem sido até então pronunciados, isto é, os inocentes, poupados até pela sede insaciável dos tribunais de sangue, que substituíam naqueles calamitosos tempos as justiças ordinárias.

A Corte, Bahia, Pernambuco e Ceará presenciaram então sanguinolentas execuções. Seis anos e um mês depois, dia por dia, em 7 de abril de 1831, o imperador D. Pedro descia do trono, como paralisado e impotente ante a oposição brilhante e vitoriosa de Costa Carvalho, Vasconcelos, Carneiro Leão, Cavalcantis, Regos Barros, e tantos outros, hoje viscondes e barões, glória e sustentáculo do reinado atual.

O sangue derramado nesses cadafalsos, o luto, a tristeza, a longa impopularidade, os ódios que ele gerou, não seriam porventura a causa primeira dessa funesta abdicação, que deixou o país entregue a tantas outras facções e revoltas, durante uma longa menoridade?

Mas não basta estabelecer a anistia em princípio, e promulgá-la em decretos, sempre que a ocasião se ofereça; é mister que na execução da medida se não desnature o princípio.

Primeiramente não se há de confundir anistia, medida essencialmente política, com os indultos concedidos aos crimes privados, ainda que de um caráter geral, e dos quais a nossa história oferece muitos exemplos: e muito menos com o perdão de criminosos já sentenciados, ato que ordinariamente prende em circunstâncias particulares e pessoais, ou algum motivo de regozijo público, e remetindo a pena, reconhece e firma por isso mesmo a criminalidade; quando a anistia, na generalidade da sua aplicação, tem menos que ver com os indivíduos que com o grande ato em que eles tomaram parte, e bem fora de consagrar a existência do crime pelo mesmo perdão dele, tem antes por fim direto e principal aniquilar e apagar toda a idéia de crime.

A anistia deve partir diretamente do alto do trono, abranger todos os indícios sem exceção, ser concedida enfim com verdadeira magnanimidade, franca, clara, generosa, sem restrições e cláusulas tenebrosas, como sem exceções ou condições odiosas.

Com que direito delegar uma tão alta atribuição do chefe do estado aos generais e presidentes, e destes sucessivamente ao chefe, delegado, até aos mais obscuros e ignóbeis malsins da polícia?! A clemência real ou imperial é então a clemência de um presidente ou de outro qualquer agente subalterno, ou mais simplesmente, é um instrumento que as facções manejam a seu sabor.

O dom da anistia, deve ser claro, franco e leal. Se é exercido por meio de delegações, e houver de ser transmitido por mãos impuras, as restrições mentais, e as cláusulas dolosas hão de chicanar, sofismar e fraudar a palavra sagrada do príncipe; e o cidadão que nela indiscretamente confiar, há de receber, em vez da honrosa liberdade que esperava, a morte, a prisão ou o desterro.

Com que direito as exceções? Já dissemos que a nossa lei criminal só pune os cabeças e absolve as massas. Excetuar pois aqueles, é o mesmo que anistiar os que a lei declara sem culpa, é repetir a cruel irrisão de 7 de março de 1825. De resto, concluída a guerra, e reconhecida a necessidade de uma anistia geral, as exceções individuais só serviriam para dar uma importância demasiada aos cidadãos excetuados, tornando-os daí, e por isso mesmo, muito mais perigosos.

Essa alta atribuição, já desnaturada por meio da delegação, converter-se-ia pelas exceções em patronato, e seria o preço vergonhoso da fraqueza, da apostasia, da delação e da espionagem.

As condições indecorosas e humilhantes, postas à concessão de uma graça, cujo principal característico é a grandeza e a generosidade, em vez de adoçar, irritam os ânimos, e lançam neles os germens de futuras discórdias. Impô-las, é ajuntar inutilmente o opróbrio das forças caudinas a todos os males da guerra civil; e a História atesta que foram os romanos momentaneamente humilhados os que afinal venceram, e exterminaram os samnitas. “Os ultrajes”, diz Maquiavel, “feitos à honra, e os prejuízos causados à fortuna dos súditos, os ferem e sensibilizam profundamente. O príncipe deve pôr todo o cuidado em os não praticar, considerando que, por mais que despoje um homem de seus bens e lhe abata todos os sentimentos, sempre lhe há de ficar o da vingança, e com que compre um punhal para satisfazê-lo.”

Dir-me-ão talvez que ao súdito não fica mal o suplicar a graça do soberano. Concedo, se a súplica parte espontaneamente do que a faz, e não lhe é duramente imposta como condição essencial. Neste último caso pode até impossibilitar a graça, ou adiá-la indefinidamente, agravando inutilmente cruéis sofrimentos, e travada uma luta horrível e dolorosa entre o amor-próprio do vencido e o orgulho e sobrançeria do vencedor. Compreendo num pobre prisioneiro, azedado pelo infortúnio, e encerrado numa masmorra, os sentimentos de pundonor e despeito, e mesmo de ódio que lhe não consintam curvar-se à fortuna; mas naque-

les a quem a fortuna favorece, esses mesmos sentimentos, em conjunturas tais, são intoleráveis e incompreensíveis.

Amo citar os grandes mestres da ciência política: permiti pois, que a este propósito vos repita o que disse Plutarco, falando de Coriolano: “Uma certa e feliz mistura de gravidade, de brandura, de razão e de temperança, é indispensável à perfeição da virtude política. O defeito de que mais se devem precaver aqueles que governam, e tratam com os homens, é a obstinação, e uma das suas primeiras virtudes há de ser a paciência ou resignação. Homem de caráter franco e aberto, mas duro e inflexível, entendia Coriolano que o apanágio da força era levar tudo de vencida; quando esse é ordinariamente o característico da fraqueza e da covardia que, da parte enferma do ânimo, deixam rebentar e surgir fora a cólera e o despeito, como um tumor que não tiveram a força de resolver e dissipar.”

Mas talvez me digam que quando os nossos grandes políticos procedem nestes assuntos, nunca se deixam dominar de paixões violentas, antes portam-se com calma e guiados só pelo interesse do estado. Pois bem! Ainda há pouco custava-me a compreender e tolerar a sua cólera; agora digo que em face do prisioneiro condenado às angústias do desterro ou da prisão, o seu sangue-frio seria muito mais horrível e incompreensível!

Timon terá sido prolixo de mais nestes assuntos, mas não será porventura de todo inútil em um país a quem já se ofereceu o espetáculo dos cadafalsos políticos, que é tão vizinho dos estados de Oribe, de Urquiza e de Rosas, e que ouvia quase diariamente o ruído das suas descargas e fuzilamentos. Escarmentemos nesses deploráveis e tristes exemplos; e mostremos a todos esses monstros de iniquidade e ferocidade, pela prática de um governo tão humano como estável, pelo contraste da civilização e da prosperidade com a miséria e a barbária, que não é com sangue que se fecunda o solo, se afinam as inteligências, e se aplacam os ânimos.

.....
Índice Onomástico

A

ADAMS, John Quincy – 87, 88, 89, 90
 AFRÂNIO – 47, 61
 AFRÂNIO (Dr.) – 116, 117, 120, 150, 151,
 152, 153, 154, 155, 156, 163, 169, 171, 172,
 174, 175, 176, 186, 189, 190, 206, 214, 246
 AGESILAU – 28, 245, 315
 AGIS – 27
 AGRIPA, Asínio – 60
 AGRIPA, Menênio – 33
 AGRIPINA – 64
 ALBUQUERQUE, Anastácio Pedro de Moura e – 107, 108, 109, 113, 114, 115, 117, 118,
 119, 122, 123, 124, 126, 127, 128, 156, 163,
 170, 173, 179, 215
 ALEXANDRE V – 75
 ALEXANDRE VI – 74
 ALEXANDRE VII – 75
 ANASTÁCIO – Ver ALBUQUERQUE,
 Anastácio Pedro de Moura e
 ANASTÁCIO Pedro – Ver ALBUQUER-
 QUE, Anastácio Pedro de Moura e
 ANSELMO (vereador) – 120, 190
 ANTA – 201
 ANTÔNIO – Ver MARCOANTÔNIO
 AMERICUS – 241, 253
 ÁPIO – 34
 AQUILES – 27
 ARISTIDES – 27, 34
 ARISTÓTELES – 248
 ARQUIMEDES – 228
 ARQUITAS – 289
 ARSÊNIA (Dona) – 175
 ARTUR (Conselheiro) – 161, 215
 ÁTICO – 47, 51

AUGUSTO – 58, 59, 61, 71, 309
 AZAMBUJA (Dr.) – 161, 177, 215, 218

B

BARRÈRE – 310
 BARROTS, Odilons (os) – 95
 BÁRTOLO (Dr.) – 157, 158, 169, 170, 191
 BÁVIO (Dr.) – 118, 126, 128, 155, 157, 158,
 161, 214, 215, 216, 217
 BAZAGETO – 308
 BEDLOW – 311
 BENTON – 91
 BERNARDO – Ver MASCARENHAS, Ber-
 nardo Bonifácio Montalvão de
 BERNARDO BONIFÁCIO – Ver MASCAR-
 RENHAS, Bernardo Bonifácio Montalvão
 de
 BERRYERS (os) – 95
 BEZERRIL – 201
 BIBÁCULO – 61
 BÍBULO – 48, 199
 BONIFÁCIO – Ver Mascarenhas, Bernardo
 Bonifácio Montalvão de
 BÓRGIA, César – 74
 BÓRGIA, Lucrecia – 74
 BOURBONS (os) – 95
 BRAGANÇA (duque) – 65
 BRENO – 310
 BRITÂNICO – 64
 BRUTO – 34, 61, 195, 236

C

CLÁUDIO – 57, 63, 65
 CLAY, Henry – 89, 90
 CLEMENTE IV – 73, 75

322 João Francisco Lisboa

CLEMENTE VII – 75
CLEOMBROTOS (rei) – 315
COCHRANE (lor de) – 83
CORDE, Cremúcio – 60, 62
CORIOLANO – 27, 33, 319
CORMENIN – 102
CORNÉLIA – 35
CORTEZ – 105
CORVINO, Messala – 61
COSSA, Baltasar – 75
COSSO, Cornélio – 60
COSTA CABRAL – 221
COSTACARVALHO – 316
COUTINHO (comandante) – 179
CRASSO – 42, 43, 44
CRAWFORD – 90
CREMÚCIO – Ver CORDO, Cremúcio
CURIÃO – 56
CURSOR – 35
CABRAL [Pedro Álvares] – 195
CADAVAL (tenente) – 138, 139
CALÍGULA (Caio) – 57, 62, 63, 274
CAMÕES – 59
CARLOS I – 300, 301, 307
CARLOS II – 302, 311
CARLOS IV – 105
CARLOS XII – 140, 245
CARNEIRO LEÃO – 316
CARVALHO, Rafael de – 223
CARVALHOMOREIRA – 224
CÁSSIO – 60, 61, 236
CATÃO – 41, 42, 44, 45, 46, 48, 49, 50, 51, 52, 195, 199
CATILINA – 39, 48, 49, 51, 52, 54, 56, 309
CATULO – 50, 61
CAVAIGNAC – 96
CAVALCANTIS (os) – 316
CÉSAR (Júlio) – 41, 42, 43, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 55, 56, 58, 61, 63, 68, 114, 195, 236, 314, 315

CÉSARES (os) – 56, 61
CHATEAUBRIAND – 71, 102, 259, 284
CHATHAM (lor de) – 78
CÍCERO (Marco Túlio) – 32, 39, 41, 42, 47, 48, 51, 55, 56, 59, 61, 199, 272, 289, 292, 315
CIPIÃO – 35, 52, 61
CIPIÃO AFRICANO – 40

D

DÂMASO – 73
DÉCIO – 278
DEMÓSTENES – 25, 30
DERBY (conde de) – 80
DESMOULINS, Camilo – 23, 60, 301
DICKENS, Carlos – 81
DIONÍSIO DE SIRACUSA – 68
DOLABELA – 236
DOMÍCIO – 44, 52
DROZ – 250
DUPONTS DE L'EURE (os) – 95

E

ESPERANÇA, Benigno Amado da – 116
ESPÍINTER – 52

F

FÁBIO – 35
FAGUNDES (tenente-coronel) – 136, 138, 139, 161, 163, 168, 177, 215
FAUCHER, Léon – 79
FÉNÉLON – 250
FÍDIAS – 100
FILIPE II – 74, 274, 300, 314
FILOPÊMEN (comendador) – 201
FIÚZ (comendador) – 201
FÓCION – 28, 29, 35
FOOT – 91
FOUQUIER-TINVILLE – 314
FRANCISCO I – 105

G

GALBA – 57, 65, 66, 67
GANITH – 308
GARCIA, Ricardo – 161
GRACO, Caio – 40, 53
GRACO, Tibério – 36, 37, 38, 39, 40, 41
GRACOS (os) – 32, 34, 35, 36, 41, 73, 199
GREGÓRIO X – 74
GUIZOT – 102, 276, 286, 295
GUIZOTS (os) – 95

H

HÁRPALO – 25
HAYMAU – 314
HENRIQUE IV – 244, 291, 314, 315
HENRIQUE VIII – 274, 314
HERAULT-DE-SÉCHELLES – 20
HOMERO – 90, 100
HORÁCIO – 101
HUGO, Victor – 102

I

ISABEL (ra i nha da Ingla ter ra) – 78

J

JACKSON (Andrew) – 88, 90
JEFFERSON (Thomas) – 89
JEFFRYES – 314
JUGURTA – 281
JÚLIA – 47, 48
JÚLIO – Ver César (Júlio)

K

KASR, Afonso – 224

L

LAFITE, Carlos – 94
LA FONTAINE – 152
LALAN (juiz de paz) – 201

LAMARTINE – 95, 102, 273, 299, 300, 301
LAMENNAIS – 102
LEOPOLDO (imperador) – 287
LÉPIDO – 58
L'HOSPITAL – 250
LICURGO – 18, 19, 20, 21, 28, 274
LOIOLA (Dr.) – 214
LONGE, To más – 78
LUCULO – 48
LUÍS FILIPE – 63, 94, 95, 195, 258, 279, 287, 300
LUÍS NAPOLEÃO – 59, 94, 95, 96, 300
LUÍS IX – 300
LUÍS XV – 274
LUÍS XVI – 258, 307
LUÍS XVI – 258, 307
LUÍS XVIII – 259

M

MADEIRA (general) – 195
MALCHER, Félix Cle men te – 207
MALCO – 70
MÂNLIO – 34
MAQUIAVEL – 31, 34, 40, 294, 318
MARCO ANTÔNIO – 55, 56, 58, 59, 61, 195, 236, 309
MARCO BRUTO – 60
MARCO OTÁVIO – 37
MARCO TÚLIO – ver CÍCERO
MÁRIO – 53, 309
MASCARENHAS (Dr.) – Ver MASCARE-NHAS, Bernardo Bonifácio Montalvão de
MASCARENHAS, Bernardo Bonifácio Montalvão de – 113, 114, 115, 120, 121, 122, 123, 124, 127, 132, 133, 136, 138, 139, 140, 145, 148, 149, 163, 165, 169, 170, 173, 175, 176, 181, 189, 190 203, 207, 214, 216
MELO, Joaquim de – 134
MÊMIO, C. – 47, 53, 199
MESSALINA – 64
METELO – 49, 50, 159

324 João Francisco Lisboa

MÉVIO (Dr.) – 118, 161, 191
MILCÍADES – 34
MILTON – 232
MINOS – 20
MIRABEAU – 102, 116, 250
MITRÍDATES – 53
MOLIÈRE – 226
MONTAIGNE – 258
MONTALVÃO – Ver MASCARENHAS,
Bernardo Bonifácio Montalvão de
MONTESQUIEU – 31, 32, 68, 80, 302
MONTEZUMA – 105
MONTPENSIER (du que de) – 306
MOURA E ALBUQUERQUE – Ver ALBU-
QUERQUE, Anastácio Pedro de Moura e
MURENA, Licínio – 50, 199

N

NAPOLEÃO – Ver NAPOLEÃO I
NAPOLEÃO I – 102, 114, 146, 225, 258, 279
NASICA, Cipião – 39
NERO – 57, 64, 65, 66, 67, 274
NICOLAU II – 73
NICOMEDES – 53

O

OATES, Tito – 311
OLIVARES (*conde-duque de*) – 65
OLIVÉRIO (major) – 118, 190
OPÍMIO – 40
ORIBE – 319
OTÃO – 66, 67
OTÁVIO – 58

P

PAMPLONA – 201
PANTALEÃO (coronel) – 118, 160, 190, 191
PASCAL – 300
PASQUINO – 75
PASSOS MANUEL – 26, 34

PEDRO O GRANDE – 274, 275, 300
PEDRO [I] (imperador) – 275, 316
PÉRICLES – 58, 100
PETRONILHA (dona) – 178
PILATOS, Pôncio – 71
PITÁGORAS – 65
PITT [William] – 78, 246
PIZARRO – 105
PLATÃO – 248
PLUTARCO – 20, 29, 33, 42, 46, 51, 68, 315
POLIÃO, Asínio – 61
POMPEU – 41, 43, 44, 45, 47, 48, 49, 52, 56,
61, 195, 315
PORTOCARRERO – 214
PROCUSTO – 243

Q

QUEREA, Cássio – 62, 64

R

RACINE – 253
RATCLIFF – 301
REGOS BARROS (os) – 316
REIS, Francisco Sotero dos – 58, 227, 231
RICHELIEU – 298
ROSAS – 314, 319
RUFO, Lúcio – 39
RUFO, Virgínio – 68
RUSSEL, John – 78, 80

S

SABINO, Ninfídio – 65
SABÓIA – 201
SALÚSTIO – 54, 199
SANTIAGO (coronel) – 117, 159, 178, 179,
214, 215
SARAIVA (co men da dor) – 159, 215
SALÚSTIO, Públio – 39
SEJANO – 60
SE MÍRAMIS DA ENCARNAÇÃO – 160

SEMPRÔNIO – 66

SERVÍLIA – 52

SILA – 309

SIMIÃO PEDRO – 70

SIMÕES (os) – 170

SISTO V – 75

SÓCRATES – 35

SÓLON – 22

SOULOUQUE – 314

SOUSA FRANCO – 227

T

TÁCITO – 56, 57, 58, 60, 62, 63, 65, 290,
294, 313

TAMERLÃO – 308

TARQUÍNIO – 225

TARQUÍNIOS (os) – 32, 34

TEMÍSTOCLES – 27, 34

TERÊNCIO – 46

TERMO – 50

THIBAUDEAU – 95

THIERS – 102, 309

TIBÉRIO – 57, 59, 62, 63, 65, 281

TIGELINO – 65

TIMON (pseudônimo de João Francisco Lisboa) – 34, 46, 48, 57, 93, 99, 114, 116, 118, 119, 121, 126, 132, 136, 140, 150, 155, 157, 159, 161, 177, 180, 199, 207, 210, 212, 215, 223, 224, 225, 227, 228, 242, 253, 256, 265,

266, 267, 268, 269, 270, 271, 272, 274, 290,
292, 295, 298, 313

TITO LÍVIO – 34, 60-1

TOCQUEVILLE – 283

TRASÍBULO – 315

TREBÔNIO, Caio – 45

U

URBANO VI – 75

URQUIZA – 319

URRACA (Dona) – 176

V

VALE, Quintiliano do – 160, 161, 218

VATÍNIO – 45

VATTEL – 304, 307

VIEIRA, Antônio – 75

VILLEMAIN – 289

VINAGRE – 207

VINDEX – 68

VIRGÍLIO – 98

VIRGÍNIA – 34

VITÉLIO – 66, 67

VOLTAIRE – 102, 258

W

WALPOLE – 81

WASHINGTON [George] – 87, 91, 296, 300

Jornal de Timon, de João Francisco Lisboa,
foi composto em Garamond, corpo 12, e impresso em papel
vergê areia 85g/m², nas oficinas da SEEP (Secretaria Especial
de Editoração e Publicações), do Senado Federal, em Brasília.
Acabou-se de imprimir em junho de 2004, de acordo com
o programa editorial e projeto gráfico do Conselho
Editorial do Senado Federal